

**CAROLINA CABRAL RIBEIRO DE ALMEIDA**

**“O MUSEU SOU EU”? - AS PERIPÉCIAS DE LADISLAU NETTO (1838 - 1894)**

**Niterói**

**2022**

CAROLINA CABRAL RIBEIRO DE ALMEIDA

“O MUSEU SOU EU”? - AS PERIPÉCIAS DE LADISLAU NETTO (1838 - 1894)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em História.

Aprovada em 02 de fevereiro de 2023.

Banca:

Larissa Moreira Viana, UFF (Orientadora)

Carolina Vianna Dantas, FIOCRUZ (Arguidora)

Ivana Stolze de Lima, Casa de Rui Barbosa/PUC-Rio (Arguidora)

Martha Campos Abreu, UFF (Arguidora)

Ynaê Lopes dos Santos, UFF (Arguidora)

Renata Figueiredo Moraes, UERJ (Suplente)

Renata Torres Schittino, UFF (Suplente)

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG Gerada com  
informações fornecidas pelo autor

C117" Cabral, Carolina  
"O Museu sou eu"? : As peripécias de Ladislau Netto (1838-  
1894) / Carolina Cabral. - 2023.  
309 f.: il.

Orientador: Larissa Moreira Viana.  
Tese (doutorado)-Universidade Federal Fluminense, Instituto  
de História, Niterói, 2023.

1. Ladislau Netto, 1838-1894. 2. Museu Nacional - Brasil. 3.  
História da Ciência. 4. Abolicionismo. 5. Produção  
intelectual. I. Viana, Larissa Moreira, orientadora. II.  
Universidade Federal Fluminense. Instituto de História. III.  
Título.

CDD - XXX

*À minha saúde mental e a de todos aqueles  
que seguem buscando luz nestes tempos  
sombrios.*

## AGRADECIMENTOS

De todos os trabalhos acadêmicos que produzi sem sombra de dúvidas, este foi o mais desafiador. Concluí esta tese em meio a muitas tormentas, e por esse motivo tenho muito a agradecer!

Sendo assim, a primeira pessoa a quem devo toda a minha gratidão, amor e respeito é a minha mãe. Sem ela eu não teria forças para suportar todas as intempéries da vida e deste doutorado. Rosângela, esse trabalho é seu também. À minha família, em especial ao meu padrasto, Dailton, minha tia Eunice, à Tânia, à dinda Maria de Fátima, e minha afilhada Lívia, por serem alicerces, por respeitarem cada uma de minhas crises, pela paciência e afeto. Vocês dão sentido à vida e deram a esse trabalho também! Amo vocês!

Como diria Emicida, “O amigo é um mago do meigo abraço. É mega afago, abrigo em laço. Oásis nas piores fases quando some o chão e as bases, quando tudo vai pro espaço”. Quantas vezes tudo foi pro espaço nesses últimos anos?! À Alessandra, Alexandre, André, Catarina, Jessicka, Lívia, Mariana, Pamela, Pedro, Filipe, Yve e Vitor, amigos e suportes inestimáveis de minha saúde mental, deixo aqui meu muito obrigada!

A sorte sorriu para mim e me deu muitos parceiros pela vida acadêmica. Diante disso, tenho muito a agradecer aos meus malungos, Alessandra Tavares, Luara, Caio Sérgio e Thiago. Eu sou porque vocês são! Muito obrigada pelo conhecimento compartilhado durante essa jornada. Aproveito para agradecer aos que também fazem parte disso, os malungos do *Podcast Atlântico Negro*, Djamila, Felipe, Marcus, Nathalia, Shelida e Vitor Hugo. A potencialidade de nossos programas e conversas me trouxeram até aqui.

Juliana e Lissa merecem um agradecimento à parte. Minhas malungas, amigas, coorientadoras, coautoras! Pensei em tanto para agradecer... Contudo, qualquer coisa que eu possa escrever não fará jus à importância de vocês durante esses anos loucos de doutorado. É um prazer inenarrável caminhar ao lado de vocês. Oh sorte!

No meio desse turbilhão acadêmico, comecei a trabalhar na parte administrativa do Centro de Tecnologia Mineral - CETEM. Quando iniciei lá em janeiro de 2021, não tinha ideia do quão importante seria estar naquele lugar, não só para mim, como também para o desenvolvimento deste trabalho. Nele conheci pessoas que têm o dom de alegrar o meu dia e me dar a força e energia necessárias para escrever depois de oito horas de trabalho. À Flávia, Luciana, Maiquel, Marcelo, Carla, Jorge Souza, meu muito obrigada! Também à Dailza ao William, que são chefes extraordinários, pacientes e meus maiores incentivadores. E à minha irmã Rosana e ao querido Jorge Dias pelas gargalhadas diárias, pelo acalento e pela ajuda na construção deste trabalho.

Esta tese é fruto de resistência, e nesses últimos anos, mulheres incríveis e das quais sinto imenso orgulho e admiração estiveram ao meu lado. Por isso, agradeço à minha orientadora Larissa Viana, pela paciência, pela sensibilidade, pela empatia, pela leitura atenta, pelo conforto e cuidado comigo e com este trabalho. Assim como devo agradecer às bancas de qualificação e defesa por participarem da construção deste trabalho. Carolina Viana, Ivana Lima, Martha Abreu e Ynaê Lopes, se meus passos chegaram longe, foi por meio do caminho que vocês traçaram. MUITÍSSIMO obrigada!

*Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes  
Se isso é sobre vivência, me resumir à sobrevivência  
É roubar um pouco de bom que vivi  
Por fim, permita que eu fale, não as minhas cicatrizes  
Achar que essas mazelas me definem é o pior dos crimes  
É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nóiz sumir  
Emicida*

## RESUMO

Nascido em Alagoas, Ladislau de Souza Mello Netto transitou nos mais distintos espaços em seus 56 anos vividos. Botânico, foi diretor do Museu Nacional e lá consolidou sua carreira e contribuiu na construção e desenvolvimento de diversos campos científicos. Concomitante à resistência e luta da população negra da Corte brasileira pela liberdade, Netto foi simpatizante e ativista da causa abolicionista. Por meio da análise de mais de mil aparições do nome de nosso personagem na imprensa brasileira, conseguimos traçar alguns dos caminhos escolhidos por ele ao longo de sua história. Intelectual, o botânico nos deixou uma gama de trabalhos que nos possibilitou compreender parte de seu pensamento científico. Suas habilidades variavam naturalmente entre a Arte, as Letras, a Ciência e a Política. A singularidade e complexidade deste homem são questões que fundamentaram este trabalho. Partindo desse pressuposto, esta tese tem como objetivo central apresentar algumas versões da trajetória de vida deste sujeito.

**Palavras-chave:** Ladislau Netto; História Intelectual; Museu Nacional; Abolicionismo; Trajetória de Vida;

## **ABSTRACT:**

Born in Alagoas, Ladislau de Souza Mello Netto transitioned in the most different areas in his 56 years. Botanist, he was director of the National Museum and there he consolidated his career and contributed to the construction and development of various scientific fields. Concomitant with the resistance and struggle of the black population of the Brazilian Court for freedom, Netto was a sympathizer and activist for the abolitionist cause. Through the analysis of more than a thousand appearances of our character's name in the Brazilian press, we were able to trace some of the paths chosen by him throughout his history. Intellectual, the botanist left us a range of works that enable us to understand part of his scientific thinking. Their abilities varied naturally between Art, Letters, Science and Politics. The singularity and complexity of this man are issues that underpin this work. Based on this assumption, this thesis has as its main objective to present some versions of the life trajectory of this subject.

**Keywords:** Ladislau Netto; Intellectual History; National Museum; Abolitionism; Life Trajectory;

## RÉSUMÉ

Né à Alagoas, Ladislau de Souza Mello Netto a traversé les espaces les plus distincts au cours de ses 56 années de vie. Botaniste, il a été directeur du Musée national, où il a consolidé sa carrière et contribué à la construction et au développement de divers domaines scientifiques. Parallèlement à la résistance et à la lutte de la population noire de la Cour du Brésil pour la liberté, Netto était un sympathisant et un militant de la cause abolitionniste. Grâce à l'analyse de plus d'un millier d'apparitions du nom de notre personnage dans l'apresse brésilienne, nous avons pu retracer certains des chemins qu'il a choisis tout au long de son histoire. Intellectuel, le botaniste nous a laissé un éventail d'ouvrages qui nous ont permis de comprendre une partie de sa pensée Scientifique. Leurs capacités variaient naturellement entre l'Art, les Lettres, la Science et la Politique. La singularité et la complexité de cet homme sont des questions qui fondent ce travail. Partant de cette hypothèse, cette thèse a pour objectif principal de présenter quelques versions de la trajectoire de vie de ce sujet.

**Mots clefs:** Ladislau Netto; Histoire Intellectuel; Musée National; Abolitionnisme; Trajectoire de vie;

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Pelas costas do Imperador .....	16
Figura 2 - Objetos Resgatados .....	18
Figura 3 - Ladislau Netto .....	37
Figura 4 - Sr. Mello Netto.....	39
Figura 5 - Sra. Mello Netto .....	40
Figura 6 - Soneto à Leonor .....	61
Figura 7 - “À Mademoiselle Ladislau Netto” .....	62
Figura 8 - Laurentina Muniz Freire .....	70
Figura 9 - Polianteia de Inauguração das Aulas para o Sexo Feminino .....	77
Figura 10 - Exposição Antropológica de 1882 .....	106
Figura 11 - Charge de Ladislau e Botocudos.....	112
Figura 12 - Charge Ironizando a Exposição e o Imperador .....	121
Figura 13 - A Chegada do Bendegó.....	130
Figura 14 - O Meteorito do Bendegó.....	131
Figura 15 - O Museu Nacional de Ladislau Netto .....	143
Figura 16 - O Museu Nacional sonhado por Ladislau Netto .....	144
Figura 17 - A Revista do IIFA redigida por Netto.....	166
Figura 18 - A Inscrição Apócrifa .....	176
Figura 19 - A Inscrição Apócrifa em Hebraico .....	178
Figura 20 - Insígnia Dignitário da Imperial Ordem da Rosa .....	206
Figura 21 - Ladislau condecorado com a Ordem da Rosa.....	207
Figura 22 - Deus da Educação .....	267
Figura 23 - Abebé, objeto ritual de Oxum .....	277

Figura 24 - Abebé resgatado .....	277
Figura 25 - Ofá de Oxóssi .....	278
Figura 26 - Ofá de Oxossi resgatado.....	278
Figura 27 - Argolas .....	279
Figura 28 - Argolas resgatadas .....	279
Figura 29 - O Bendegó no Teatro de Revista .....	281
Figura 30 - Bendegó entre escombros .....	282

### **LISTA DE DESENHOS**

Desenho 1 - Vista da cidade de Sabará na margem do Rio das Velhas.....	43
Desenho 2 - A Vista de Sabará .....	44

### **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1 - Ladislau Netto nos periódicos brasileiros .....	31
Gráfico 2 - Ladislau Netto por periódicos .....	32
Gráfico 3 - Árvore Genealógica da Família Souza Mello Netto .....	66

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Temáticas relacionadas à Ladislau Netto na Imprensa.....	33
Tabela 2 - Os diretores do Museu Nacional no período Monárquico.....	140
Tabela 3 - Publicações de Ladislau Netto em língua estrangeira .....	101
Tabela 4 - Publicações de Ladislau Netto em português .....	102
Tabela 5 - O Museu Nacional em Exposições na Direção de Netto.....	115
Tabela 6 - Ladislau Netto e o Associativismo no Brasil.....	163
Tabela 7 - Ladislau Netto e o Associativismo no Exterior .....	199
Tabela 8 - Honrarias à Netto.....	208

## LISTA DE ANEXOS

Anexo 1 - O Jovem Ladislau Netto.....	304
Anexo 2 - O Maduro Ladislau .....	305
Anexo 3 - Ladislau em Charge .....	306
Anexo 4 - Auguste Saint Hilaire.....	307
Anexo 5 - Ladislau virou capa de livro.....	308

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AAL - Academia Alagoana de Letras

BN - Biblioteca Nacional

IIFA - Imperial Instituto Fluminense de Agricultura

IHGB - Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

MN - Museu Nacional

SSGL - Seção da Sociedade de Geografia de Lisboa no Brasil

SAIN - Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional

SBCE - Sociedade Brasileira Contra a Escravidão

SGL - Sociedade de Geografia de Lisboa

## Sumário

<b>Introdução .....</b>	<b>14</b>
<b>1 Versões da vida de um alagoano .....</b>	<b>29</b>
<b>1.1 A Família Netto.....</b>	<b>57</b>
<b>1.2 A Prole.....</b>	<b>58</b>
<b>1.3 Laurentina Muniz Freire (Netto).....</b>	<b>68</b>
<b>1.4 Laurentina na Imprensa Carioca .....</b>	<b>72</b>
<b>1.5 A Figura da Esposa .....</b>	<b>87</b>
<b>1.6 A administração alagoana .....</b>	<b>91</b>
<b>2 O intelectual em seu principal habitat: o Museu Nacional.....</b>	<b>135</b>
<b>2.1 A casa de Ladislau Netto, o Museu Nacional.....</b>	<b>136</b>
<b>2.2 Nova política, nova casa.....</b>	<b>142</b>
<b>3 O entusiasmo associativista.....</b>	<b>156</b>
<b>3.1 O associativismo em sua terra natal .....</b>	<b>161</b>
3.1.1 Imperial Instituto Fluminense de Agricultura.....	164
3.1.2 Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.....	173
3.1.3 Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional.....	189
3.1.4 Sociedade Brasileira Contra a Escravidão .....	194
3.1.5 Sociedade Vellosiana .....	196
<b>3.2 O associativismo mundo afora .....</b>	<b>199</b>
3.2.1 Sociedade de Geografia de Paris.....	201
3.2.2 Sociedade de Geografia de Lisboa.....	202
<b>3.3 Consequências de suas ações dentro e fora do associativismo: as honrarias...204</b>	
<b>4 Assumindo uma Nova Versão: a de Inimigo da Escravidão.....</b>	<b>212</b>
<b>4.1 A crença de Ladislau na “Ciência” .....</b>	<b>220</b>
<b>4.2 O ativista político e social .....</b>	<b>242</b>
<b>4.3 Toda luta tem o seu fim.....</b>	<b>264</b>
<b>5 Considerações Finais .....</b>	<b>270</b>
<b>6 Epílogo .....</b>	<b>276</b>
<b>6.1 Relato de uma historiadora encantada.....</b>	<b>276</b>
<b>7 Referências Bibliográficas .....</b>	<b>284</b>
<b>8 Anexo .....</b>	<b>304</b>

## INTRODUÇÃO

Antes de começar a falar da tese, gostaria de pedir licença ao leitor. Em primeira pessoa, clamo a necessidade de contar um pouco da minha história, ela que está emaranhada com o rumo que tomou essa tese. E com esse consentimento, e com a promessa de tentar ser breve, eu começo...

Entre os anos de 2011 e 2014, fui estagiária e bolsista do Setor de Etnologia e Etnografia do Museu Nacional - SEE. Lá tive a oportunidade de trabalhar com pesquisadores e projetos incríveis. E foi nesta oportunidade que descobri a existência e iniciei meus estudos sobre uma das coleções do acervo do SEE, que à época contava com aproximadamente 42 mil peças.

Tal coleção foi nomeada por Mariza Soares e Rachel Lima<sup>1</sup> como *Polícia da Corte* e recentemente fora citada por Michele Agostinho<sup>2</sup> como *Quintino Pacheco*. Se fosse eu a nomeá-la, chamaria de *Rainha Mandinga*<sup>3</sup>. Nomenclaturas à parte, o número de objetos dela era inexato, a conta pairava sobre setenta peças. Entre elas encontravam-se flechas; argolas; tambores; armas; colares; pentes; fetiches; tais objetos fazem parte da história da repressão à cultura negra na cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX. São coisas que foram apreendidas violentamente de seus donos num período em que o Brasil caminhava para a abolição. Aqueles objetos que eram confiscados pela Polícia da Corte, no intuito de impedir

---

<sup>1</sup> Cf. SOARES; LIMA, 2013.

<sup>2</sup> AGOSTINHO, 2020, p. 239.

<sup>3</sup> Trata-se de Leopoldina Jacome da Costa, uma mulher negra, africana de nação mina-jeje, símbolo de resistência, dona de uma casa de “dar fortuna”, mãe de todos os santos, chefe da mandinga e rainha. E que teve sua casa invadida pela truculência policial, ela foi presa enquanto grávida e seus objetos foram levados pela polícia da Corte e posteriormente, enviados ao Museu Nacional, a pedido de Ladislau Netto. Para saber mais da História da Rainha Mandinga, cf. CABRAL, 2017.

que as práticas das casas de “dar fortuna”<sup>4</sup> perdurassem, faziam parte da cultura material desta gente oprimida.

Em meio à estúpida truculência exacerbada à cultura negra carioca, havia o desejo da polícia de se livrar daqueles objetos, por vezes incinerados, e havia também Ladislau de Souza Mello Netto. Cientista e diretor do Museu Nacional, Netto acreditava que essas coisas, inúteis aos olhos das autoridades policiais, tinham um *grande valor etnológico*<sup>5</sup>. E assim, a partir da estima de Ladislau e de sua persistência, os objetos eram apreendidos e levados ao Museu Nacional no período entre 1880-1887<sup>6</sup>.

Bem, foi por meio desses objetos, símbolos da resistência na história das religiões afro-cariocas, que eu conheci o Senhor Ladislau Netto. Apesar de incomum, a priori, seu nome me remetia a um lugar de conforto. Coincidentemente, meu bisavô e tio-avô maternos, se chamavam Ladislau. Embora, não os tenha conhecido, o sentimento vinha das tantas boas memórias e histórias que ouço sobre eles desde que me entendo por gente.

Familiaridades e memórias afetivas à parte, depois de estudar tal coleção, tive a pretensão de iniciar meu doutorado analisando outras coleções que este senhor, de nome familiar, teria coletado ao longo de sua vida, mas principalmente enquanto diretor do Museu Nacional, instituição essa que fazia parte da história dele e da minha também.

Em março de 2018 ingressei no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense - PPGH-UFF, e iniciava meu plano de pesquisa sobre o assunto. Tinha o objetivo de estudar outras coleções iniciadas por Ladislau de Souza Mello Netto. O sujeito faria parte de minha futura tese, que teria as peças como objetos principais da pesquisa. Foi quando no dia dois de setembro de 2018, inopinadamente, enquanto escrevia um relatório a respeito do que eu iria pesquisar nos arquivos do MN no próximo semestre, recebo uma ligação que me

---

<sup>4</sup> Espaços de sociabilidades, onde africanos e seus descendentes compartilhavam experiências e encontravam formas de proteger sua cultura, eram também recintos onde eles se sentiam confortáveis para exercerem suas práticas religiosas.

<sup>5</sup> BR.MN.RA7 D7 p. 154-155 – 27.08.1880.

<sup>6</sup> Para saber mais da história dessa coleção, conferir CABRAL, 2017.

alertava sobre um incêndio na casa do Ladislau Netto e aquela que havia se tornado também a minha casa, havia se tornado vítima de uma tragédia. Em um ano de celebração, onde completou 200 anos e que virou samba-enredo<sup>7</sup>, o Museu Nacional foi protagonista de uma perda inenarrável e inacreditável.



Figura 1 - Pelas costas do Imperador

Fonte: Uanderson Fernandes – Museu Nacional pega fogo – 02/09/2018 – Agência O Globo

A casa que Ladislau tanto lutou para conseguir, ganhou um novo destino. De costas para o fogo, D. Pedro II figurava a tragédia da instituição criada pelo seu avô. O imperador com vasto interesse científico, mecenas, amigo, investidor de Ladislau e do MN, estaria devastado. Assim como certamente estariam Netto e eu. Hoje, quase quatro anos após a

---

<sup>7</sup> No ano de 2018 o Grêmio Recreativo Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense desfilou na Marquês de Sapucaí com o samba *Uma Noite Real no Museu Nacional*, homenageando os 200 anos da instituição.

tragédia, ainda não consigo expressar a dor da perda. Parece que parte de mim também virou cinzas.

Por ironia do destino, por inúmeros descasos, os objetos foram incinerados “novamente”. Não quis acreditar. Precisei ir à Quinta da Boa Vista no dia seguinte para olhar de perto e assim “cair a ficha”. Naquele momento eu desabei. Para alguns, pode ser pouca coisa, ou pouco tempo. Mas para mim, era a minha vida acadêmica, minha formação como pesquisadora, uma monografia, uma dissertação, dois títulos e uma tese a caminho. Minha história. Ao ver o prédio arruinado em cinzas, foi como se parte de mim estivesse virado cinzas também. E foi ali que me vi sem chão e desisti. Achava que não havia mais maneiras de continuar na vida acadêmica e tranquei o doutorado no semestre seguinte à catástrofe.

Foi então que entre os dias 26 de fevereiro, após um lindo trabalho de resgate, realizado pelos funcionários do Museu Nacional, foi inaugurada no Centro Cultural Banco do Brasil – CCBB, a Exposição *Museu Nacional Vive*, com mais de 100 peças resgatadas do incêndio. Tal exposição ficou aberta para o público até o dia 29 de abril de 2019. Em 16 de março daquele ano, tive coragem de ir à exposição e me deparei com tal imagem:

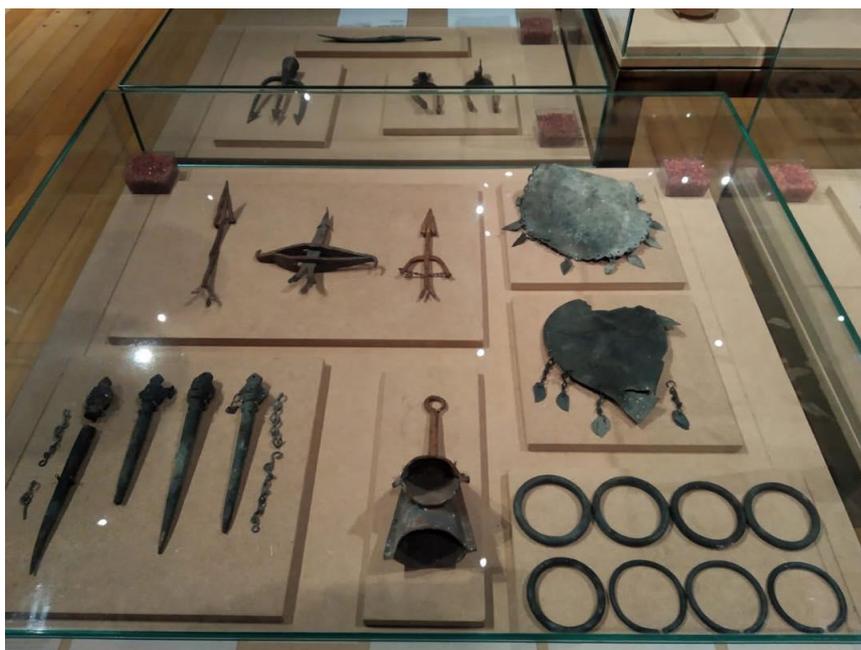


Figura 2 - Objetos Resgatados

Fonte: Foto Amadora de uma pesquisadora apaixonada. Acervo Pessoal.

À primeira vista a lágrima caiu. E após me recuperar do pranto de alegria, pude notar que no canto superior direito da imagem pode ser reconhecido dois *abebés* e ao lado deles três *ofás*<sup>8</sup>. Ainda estavam lá oito argolas. Da primeira vez que as vi, estavam todas entrelaçadas e eu tive o trabalho de separá-las. Ver todos os objetos ali me deu um misto de sentimentos muito grande. A emoção estava à flor da pele. Sentia orgulho de ter separado as peças para exposição, me senti privilegiada em ter trabalhado com a coleção e por fim senti orgulho mais uma vez, agora da história e resistência desses objetos.

Aqueles que antes permaneciam em ótimo estado de conservação, agora se encontram em “bom” estado, se comparado aos objetos que foram perdidos. A foto também ilustra outras peças da mesma coleção, que resistiram e sobreviveram ao atroz incêndio. Todavia, podemos notar que a resistência deles não começou no fatídico episódio. As peças que compõem a fotografia iniciaram sua trajetória de resistência enquanto ainda estavam sob posse de seus verdadeiros donos nas casas de “dar fortuna”. Em seus primeiros passos, elas

<sup>8</sup> Sobre as peças e a coleção, conferir. CABRAL 2017; 2018.

foram partes fundamentais na conservação da religiosidade e da cultura negra no Rio de Janeiro.

Ao serem apreendidas, a resistência girava em torno da remanescência das práticas, e como vítima da ignorante violência das autoridades, e da *boa sociedade*<sup>9</sup> sobre o espaço ao qual elas pertenciam. Sob a guarda do Museu Nacional, as peças estavam seguras das chamas, à época procedentes da brutalidade policial. Ledo engano. O fogo as atingiu. Entretanto, a brutalidade era outra, o grande descaso à Ciência no Brasil. E mais uma vez, resistiram. Mostrando a força de uma cultura, religiosidade e das casas de “dar fortuna”. E foi essa força que me impulsionou a continuar. Se os objetos resistiram, agora era a minha hora de resistir, bem cá estamos.

Hoje consigo dizer que foi Ladislau quem me resgatou do luto, e foi sua figura, sua história que me possibilitou à duro esforço, construir esta tese. As coleções que pretendia estudar, mesmo que resgatadas do incêndio, seria quase impossível contar, sua procedência, proveniência, sua história. Uma vez que as peças e os documentos não estavam mais lá, restava o Ladislau.

A priori, o tema desta tese abordaria as coleções de Ladislau Netto enquanto diretor do Museu Nacional. Meu envolvimento com a instituição e todos os objetos da reserva técnica do Setor de Etnologia e Etnografia do museu era tão grande, que não estudar objetos do acervo sempre foi algo fora de cogitação. Entretanto, após a fatalidade, tive que rever tudo. Mesmo com o Setor de Memória e Arquivo do museu incinerado, entendi que dar continuidade aos estudos sobre parte da história de Ladislau Netto, era quase que uma missão que eu deveria realizar.

Como bem destacou Marcia de Almeida Gonçalves:

contar/narrar a história de uma vida é produzir um registro, ordenação, significação;  
vencer a mortalidade da condição humana; permitir alguns a transcendência de “um

---

<sup>9</sup> Cf. MATTOS, Ilmar Rohloff de. O Tempo Saquarema. São Paulo: Hucitec, 1987.

ser para sempre”, salvo, a princípio da morte do esquecimento, digno de um ir além de si pelos feitos tomados como glória e como dignidade e assim reconhecidos e conhecidos por outros<sup>10</sup>.

As cinzas de um incêndio nos dão a impressão de que tudo aquilo acabou. Olhar o MN um dia após a tragédia me deu essa sensação também. Entretanto, a vida não para. E o que já não está mais entre nós, não pode cair em esquecimento. A citação de Gonçalves me fez pensar. No final do século XIX, Ladislau havia feito muito pela instituição que passei a enxergar como minha segunda casa. Escrever sobre a vida do sujeito era uma maneira de relembrar e contar também a história da instituição pela qual me apaixonei e que definitivamente, não se pode esquecer. Agora mais do que nunca essas histórias precisam ser lembradas e valorizadas.

Formador de uma coleção de suma importância para mim, Netto sempre foi uma figura intrigante. Primeiro, pela coincidência do mesmo nome incomum, com os membros da minha família. E depois, sempre me perguntei como na década de 1880, um cientista simpatizante às teorias raciais decide guardar objetos da religiosidade negra no Rio de Janeiro? Porque o “inimigo da escravidão” era racista? O abolicionismo que Ladislau dizia defender, era representado de forma genuína ou o diretor do Museu Nacional defendia a causa por aparências? Como conseguiu uma planta nomeada em sua homenagem no início de sua carreira? Apesar de ter respondido algumas delas num dos capítulos da minha dissertação, não me contentei com as respostas, nem sei se conseguirei respondê-las neste trabalho.

Dentro de sua complexidade, o diretor do museu me permitiu encontrar uma coleção linda e potente. E conseqüentemente, suas vontades e atitudes no período de sua direção, foram substanciais para sustentar o brilhante acervo que me proporcionou tanto conhecimento e alegrias. Minha trajetória enquanto pesquisadora nasceu por meio dele e

---

<sup>10</sup> GONÇALVES, 2020, p. 70.

mesmo que de forma super indireta, foi por intermédio dele que me tornei bacharel, licenciada e mestra em História. Diante disso, estudar a trajetória deste homem, assim como construir uma narrativa sobre parte da vida dele, me pareceu uma forma de agradecer por toda a alegria e pelas conquistas que ele, indiretamente, me proporcionou. Foi assim que decidi fazer de Ladislau meu sujeito de pesquisa. E agora, grata pela sua licença, continuemos.

Como a gama de trabalhos que analisam a produção de Netto é vasta, optei então por tratar parte da história dele dentro e fora das paredes do Museu Nacional. Ainda sobre os rumos que tomou a tese, devemos considerar que, enquanto ela estava sendo redefinida, uma pandemia arrebatou o mundo. Se iniciou então mais um capítulo terrível e triste da história. O isolamento social se fez necessário. Junto ao isolamento, veio então o fechamento de inúmeros estabelecimentos, do comércio, lazer, e entre eles estavam as instituições de pesquisa, os arquivos e as bibliotecas.

Esta autora que teve a doença, mesmo isolada, sabe bem como ela transforma as pessoas, física e psicologicamente. A calamidade, o desespero, a melancolia, passaram a fazer parte das nossas vidas. Em meio a tanta desgraça e caos, mudanças foram estabelecidas no mundo inteiro, e também neste trabalho. A pesquisa que já havia sofrido mudanças no caminho, precisou tomar outro rumo. Dizemos tudo isso, pois devido ao fechamento, muitas das fontes que estavam previstas para consulta e análise, não puderam ser visitadas. Além da devastação à humanidade, a pandemia modificou a maneira de trabalhar do(a) pesquisador(a).

A restrição da pesquisa *in loco* limitou substancialmente o desenvolvimento desta tese. Por conseguinte, as fontes utilizadas neste trabalho foram reduzidas àquelas adquiridas em outros momentos de pesquisa desta autora, a exemplo temos o estágio no Museu Nacional, e a produção da monografia e dissertação de mestrado, mas principalmente,

naquelas em que o acesso online se fez possível. Isto posto, a Hemeroteca da Biblioteca Nacional se tornou a principal proveniência de nossas fontes.

Conforme ressaltaram Eric Brasil e Leonardo Fernandes Nascimento, as ferramentas digitais têm sido um caminho comumente e crescentemente utilizado pelos historiadores. Concordamos com os autores quando mencionam a ampliação de maneira exponencial da possibilidade de fazer novas perguntas à fonte, a partir dessa tecnologia<sup>11</sup>. A enorme quantidade de páginas digitalizadas dos mais distintos periódicos nacionais e a busca nominal nos permitem atingir novos resultados, que por intermédio da leitura exaustiva de milhões de laudas numa era não digital, não seriam exequíveis.

Desta forma, a ferramenta da Biblioteca Nacional, nos possibilitou encontrar aproximadamente noventa periódicos com mais de 1200 ocasiões nas quais a figura de Ladislau Netto foi mencionada entre os anos de 1860 e 1900. Nesta pesquisa foram considerados jornais produzidos na Corte, assim como em outras regiões do país. Nessa busca algumas palavras-chave foram utilizadas. A principal delas, “Ladislau Netto”, que devido a quantidade de menções encontradas, foi a única grafia do nome do alagoano utilizada neste trabalho.

Ainda foram pesquisados o nome da esposa de Netto, Laurentina Freire, assim como o de seus filhos, e das associações das quais Ladislau se fez membro. Durante a pesquisa, toda a documentação de jornal recolhida foi classificada por ano, jornal e assunto. As menções à Ladislau Netto foram contabilizadas e registradas em gráfico, assim como foram fichados os temas onde predominam as citações ao sujeito, também em uma tabela apresentada no primeiro capítulo desta tese.

Todas as menções foram substanciais no auxílio para a construção das versões de Ladislau que serão evidenciadas na tese. Por meio delas foi possível revelar alguns dados da

---

<sup>11</sup> BRASIL; NASCIMENTO, 2020, p. 205.

sua vida pública, identificar trabalhos, dados familiares, opiniões da imprensa a respeito do alagoano e seus projetos, e principalmente verificar os espaços por onde passou Ladislau de Souza Mello Netto.

A biografia de Ladislau Netto escrita em 1950, pelo médico alagoano, Abelardo Duarte, nos servirá como fonte primordial deste trabalho. O conterrâneo de Ladislau Netto, escreveu tal registro após se encantar com as obras científicas daquele que um dia foi diretor do Museu Nacional. O biógrafo desenvolveu admiração por Ladislau à medida que foi reconstituindo os passos de sua existência. Seu encanto por Netto foi tanto, que ele o considerava “um autêntico homem da ciência e um combatente intemorato”<sup>12</sup>. Duarte nos ofereceu uma das biografias mais completas a respeito de Ladislau Netto. Dela utilizaremos dados cruciais da vida do botânico, de seus escritos e de sua família.

Antes de formalizar o início deste trabalho, devemos desde já pontuar que não está em nossa pretensão dar conta da vida completa de Ladislau de Souza Mello Netto. Nem acreditamos que isso seja possível. Portanto, nosso objetivo é contar uma versão da história do intelectual alagoano, e por isso iremos apresentar alguns momentos de sua vida que julgamos ser destaques na trajetória do intelectual.

Ressaltamos que essa “escolha” se deu também pela já mencionada escassez de fontes, e acrescentamos aqui também a falta de acesso à grande parte da bibliografia, devido às restrições da pandemia. Apesar da facilidade do “pdf”, o fechamento das bibliotecas foi prejudicial a este trabalho. Uma vez que a pesquisa não foi fomentada por nenhuma instituição destinada a isso, foi limitada a aquisição de alguns livros. E com isso, algumas obras, que seriam de grande importância para a pesquisa, foram por vezes substituídas por artigos ou conferências a respeito do tema a ser tratado.

---

<sup>12</sup> DUARTE, 1950, p. 17.

Dito isso, podemos finalmente abordar do que concerne este trabalho. Com o objetivo de destacar alguns momentos e eventos da trajetória de Ladislau de Souza Mello Netto. Partindo desse pressuposto, devemos notar que esta tese possui caráter historiográfico e biográfico e uma produção de texto com estilo mais literário, em comparação àquele que estamos acostumados na historiografia. Construimos essa narrativa das versões do sujeito de forma semelhante à uma biografia, que assim como apontou François Dosse, se faz como um verdadeiro romance<sup>13</sup>.

Iniciaremos o primeiro capítulo desta tese, intitulado *Versões da Vida de um Alagoano*. Assim como aponta o título, apresentaremos uma versão do início da história de vida de Netto. Neste primeiro contato, nos deparamos com informações básicas da vida do nosso personagem principal. Dialogando com a biografia feita por Duarte e com o *Dicionário Bibliográfico Brasileiro* de Augusto Victorino Alves Sacramento Blake, o objetivo aqui é dar início a trajetória de Ladislau desde o berço familiar, passando pelo início de seus estudos e da vida intelectual, até a formação de sua própria família.

Na tentativa de construir a árvore genealógica de Ladislau, foram realizadas buscas nas páginas do *Diário Oficial da União* e nas certidões de nascimento, casamento e óbito do *Family Search*. Assim como na Hemeroteca da Biblioteca Nacional, a busca nesses sítios eletrônicos é realizada por meio do nome e sobrenome de cada sujeito. Essa pesquisa resultou na construção da árvore genealógica de Ladislau, apresentada nesta tese.

No mesmo capítulo, ganhou destaque a figura de Laurentina Muniz Freire Netto, que foi casada com Ladislau. O objetivo central foi apresentar o modo como essas trajetórias intelectuais se encontravam na vida cotidiana. Durante muito tempo a historiografia observava as companheiras desses intelectuais apenas como um objeto a parte ou como uma sombra de seus maridos. Logo, nesta parte do trabalho demonstraremos de que maneira

---

<sup>13</sup> Cf. DOSSE, 2015.

Laurentina conseguiu agir e demonstrar sua intelectualidade dentro de uma lógica patriarcal em meados do século XIX. Reconhecida intelectual, ela também frequentava espaços onde eram realizados debates significativos para a Corte e posteriormente para a República Brasileira.

Na construção da versão da vida de Laurentina destacada nesta tese, demos prioridade para as fontes produzidas pela imprensa nacional e obras que relatam a presença das mulheres na vida pública, a exemplo, o texto de Bárbara Figueiredo Souto, *Francisca Senhorinha e a inserção das mulheres no espaço público: imprensa, educação e feminismo no Brasil oitocentista*, como peça crucial para a compreensão do papel de Laurentina na sociedade da Corte.

Após dissertar uma acanhada versão da vida de Laurentina e sobre parte da trajetória acadêmica de Ladislau Netto, nos preocupamos em explicar sua dedicação ao museu. E este então é o enredo do segundo capítulo, *O Intelectual em seu Principal Habitat: o Museu Nacional*. Como supracitado anteriormente, a priori, esta tese não contaria a trajetória de Netto enquanto diretor devido a tal história ter sido contada tantas vezes na historiografia e em diversos trabalhos que abordam a Ciência no Museu Nacional do século XIX.

Entretanto, Ladislau foi figura importante para tal instituição, afinal de contas ele foi o responsável por divulgar o estabelecimento para o restante do Brasil e do mundo durante o final do oitocentos. O período da sua direção ficou conhecido como a *Idade de Ouro* do Museu Nacional, logo, este não pode ser dispensado. Seria também injusto não incluir essa parte da trajetória quando levamos em consideração que foi no e pelo Museu, que conhecemos o nosso personagem principal. Destarte, o objetivo deste capítulo é explicar os principais projetos do alagoano, assim como algumas coleções e batalhas museológicas e políticas que ele travou durante sua administração no Museu Nacional, que durou cerca de vinte anos.

O *Fastos do Museu Nacional*, escrito por João Batista de Lacerda<sup>14</sup>, assim como os trabalhos de Adriana Keuller, Maria Margaret Lopes, Karoline Carula, Lilia Schwarcz e Aprígio da Silva todos eles envolvendo a história do Museu Nacional e em partes sua relação com Netto, serão primordiais para as discussões em torno desses interesses do diretor. Além disso, as obras escritas por Ladislau, assim como o material da imprensa brasileira, são a base para este capítulo.

Saindo dos aposentos do Museu Nacional, observamos outros lugares em que atuou Netto. Seja como membro, secretário, sócio fundador, podemos afirmar que Ladislau era um entusiasta do associativismo, e por isso, dedicamos o terceiro capítulo, *O Entusiasmo Associativista*, aos espaços frequentados por Netto, para além dos muros do Museu Nacional. Após expor as sociedades, instituições, iremos considerar o associativismo como algo que impulsionou a ciência e carreira do botânico no final do século XIX.

Na construção do capítulo optamos por utilizar como referência textos que abordavam as associações das quais Ladislau era membro. Para a compreensão do crescimento das associações no Brasil oitocentista, dialogamos com Maria Amélia Mascarenhas Dantes, Heloisa Maria Bertol Domingues, Angela Alonso, Milena da Silva Pereira, Claudio Batalha e Marcelo Cord.

Membro de muitas delas, as associações encontradas durante a pesquisa nos jornais brasileiros e nas biografias de Netto foram classificadas entre nacionais e internacionais. Ainda, demos prioridade para as entidades em que pudemos observar uma contribuição do diretor do MN. Para isso, utilizamos registros deixados por ele, pelas instituições oitocentistas e pela imprensa.

A circulação de Netto em determinados espaços foi substancial para sua projeção enquanto cientista e figura pública. E foi por meio dessa e de seu trabalho no Museu Nacional

---

<sup>14</sup> João Batista de Lacerda (1846-1905) foi um médico e cientista brasileiro, nascido em Campos do Goytacazes. Nomeado funcionário do Museu Nacional em 1876, lecionou o primeiro curso de Antropologia da instituição. Foi diretor do Museu Nacional entre 1895-1915. Em 1905 escreveu a obra pública *Fastos do Museu Nacional*.

que Ladislau recebeu algumas honrarias. Uma vez que optamos por contar tantas versões da história deste alagoano, compreendemos ser interessante destacar sua “versão premiada”. Dito isso, destacamos tais condecorações ao final deste capítulo.

O quarto e último capítulo da tese, nomeado *Assumindo uma Nova Versão: a de Inimigo da Escravidão*, é destinado a abordar a relação entre Ladislau e os abolicionismos. A fim de assumirmos a versão de Netto que lutava a favor da liberdade dos escravizados, faremos um panorama histórico do movimento abolicionista no Rio de Janeiro oitocentista, apontando tanto a resistência da população negra ao sistema escravista, assim como o abolicionismo de elite ao qual pertenceu Ladislau.

Para a melhor compreensão desta versão de Ladislau Netto, consideramos necessário entender a forma como o alagoano concebia a população negra, para isso, iremos analisar alguns artigos publicados por ele na *Revista da Exposição Antropológica de 1882*. A análise da obra publicada por Netto, será realizada a fim de obtermos melhor compreensão sobre a concepção científica do sujeito. Com esse intuito, iremos dialogar com autores tais como Adriana Keuller, Maria Margaret Lopes, Karoline Carula, Lilia Schwarcz, Raquel Braun Figueiró, Lúcio Menezes Ferreira, junto a finalidade de articular a Ciência<sup>15</sup> de Ladislau e aquela que era desenvolvida por seus pares, em meados do século XIX.

Além de relatar a crença de Ladislau na Ciência e sua concepção a respeito da “raça” negra e do desenvolvimento das teorias raciais, iremos retratar também os indícios e as declarações que nos fazem afirmar o caráter abolicionista de Netto, assim como iremos conhecer alguns casos que nos mostram sua participação enquanto ativista da causa. Neste caso, a produção da imprensa carioca servirá como fonte primordial para salientar a versão abolicionista do cidadão.

---

<sup>15</sup> Como Ciência de Ladislau, leia-se sua produção científica.

Explorada sua luta abolicionista, em epílogo encontraremos o fim das lutas de Netto, o encerramento de sua carreira enquanto diretor do Museu Nacional, e possivelmente, o fim de sua vida enquanto um intelectual ativo. Tal espaço foi reservado também para apresentar um relato da autora deste trabalho, mostrando alguns dos objetos que resistiram à calamidade de setembro de 2018.

Após esta breve apresentação da tese, conheçam algumas versões de quem foi e do que fez Ladislau de Souza Mello Netto...

## 1 VERSÕES DA VIDA DE UM ALAGOANO

Todos nós conhecíamos o nosso amável Ladislau, moço vivo e curioso, cheio de habilidades para o desenho... (...) essa audaciosíssima encarnação da fofice humana, que se chama Ladislau de Souza Mello Netto<sup>16</sup>.

Com essa fala sarcástica de Sílvio Romero<sup>17</sup>, daremos início à nossa história. Um senhor que todos conhecem, deve merecer destaque em sua trajetória. Aqui falaremos de um homem distinto, que deixou um legado e marcou seu nome na história. Após sua morte, no estado nordestino em que nasceu, foi considerado digno de algumas homenagens. Nome de uma escola estadual em Maceió, foi escolhido como um dos maiores ambientalistas de Alagoas<sup>18</sup>.

Em outras homenagens póstumas se tornou CEP. No estado do Rio de Janeiro, local onde Ladislau Netto passou a maior parte de sua vida, encontramos ruas com o seu nome em três municípios: na cidade do Rio de Janeiro, no bairro do Andaraí; em Cangulo, Duque de Caxias; e Portão da Rosa, em São Gonçalo. O nome do alagoano também é rua em outros cantos do Brasil, como por exemplo, no bairro Ipanema, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul; no município de Indaiatuba, em São Paulo e, é claro, na sua cidade natal, Maceió, em Alagoas.

---

<sup>16</sup> ROMERO, 1888, p. 134; 149.

<sup>17</sup> Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero (1851-1914) foi um crítico, ensaísta, folclorista, polemista, professor e historiador da literatura brasileira. Na ocasião do sarcasmo, Romero fazia duras críticas ao trabalho de Ladislau Netto, Couto de Magalhães, Barbosa Rodrigues e Theóphilo Braga, todos cientistas do século XIX. Cf. ROMERO, 1888.

<sup>18</sup> Segundo a série *Os Maiores Ambientalistas de Alagoas*, suplementada pelo Diário Oficial do Estado em 2011.

Apesar de tantos logradouros, hoje, a figura deste homem branco pode não ser das mais conhecidas. Paulo Vinícius Aprígio da Silva, ao escrever sua tese de doutorado, apontou um silêncio em torno desta figura. Nas palavras do historiador, o silenciamento da personagem, “o *apagamento* de sua figura, ou ainda da *memória* não é isolado e tampouco deve ser entendido como gratuito: o *esquecimento* é uma ferramenta prática para projetos que se sobrepõem<sup>19</sup>”. Se sua memória foi um dia dada como esquecida, esse é o momento de resgatá-la.

Se é feita uma pesquisa sobre o sujeito na internet, pouco se encontra. Até a página do *Wikipedia* é limitada. Concordamos com Aprígio da Silva quando ele sugere que dois trabalhos indispensáveis para conhecer a trajetória de Ladislau Netto são o *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, obra de Augusto Victorino Alves Sacramento Blake<sup>20</sup>, publicado entre 1883 e a biografia produzida por Abelardo Duarte, escrita em 1950.

Se procurarmos pelo alagoano em sites de busca, as poucas aparições nos fazem imaginar que Netto não era uma figura tão conhecida. Entretanto, são suas menções na imprensa nacional, que nos mostram a relevância do sujeito no período em que viveu. Para a construção desta tese utilizamos a palavra-chave “Ladislau Netto”, em jornais da Corte, no período entre 1860-1909, já estabelecido pela Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Num período de 49 anos, foram encontradas diversas notícias em mais de 75 jornais. A aparição de Ladislau nas páginas dos jornais brasileiros é notável no último quartel do século XIX. O sujeito foi citado aproximadamente 1.230 vezes, nesse período. Pelo grande volume de citações, optamos por não utilizar outras grafias referentes ao nome do alagoano. O intelectual foi mais citado, entre as décadas de 1870-1890, somando um total de 258 vezes só no *Gazeta de Notícias*, seguido do *Gazeta da Tarde*, com 39 menções.

---

<sup>19</sup> APRÍGIO DA SILVA, 2017, p.114.

<sup>20</sup> Augusto Victorino Alves Sacramento Blake (1827-1903) foi um médico, escritor, biógrafo, poeta e historiador brasileiro.

Gráfico 1 - Ladislau Netto nos periódicos brasileiros

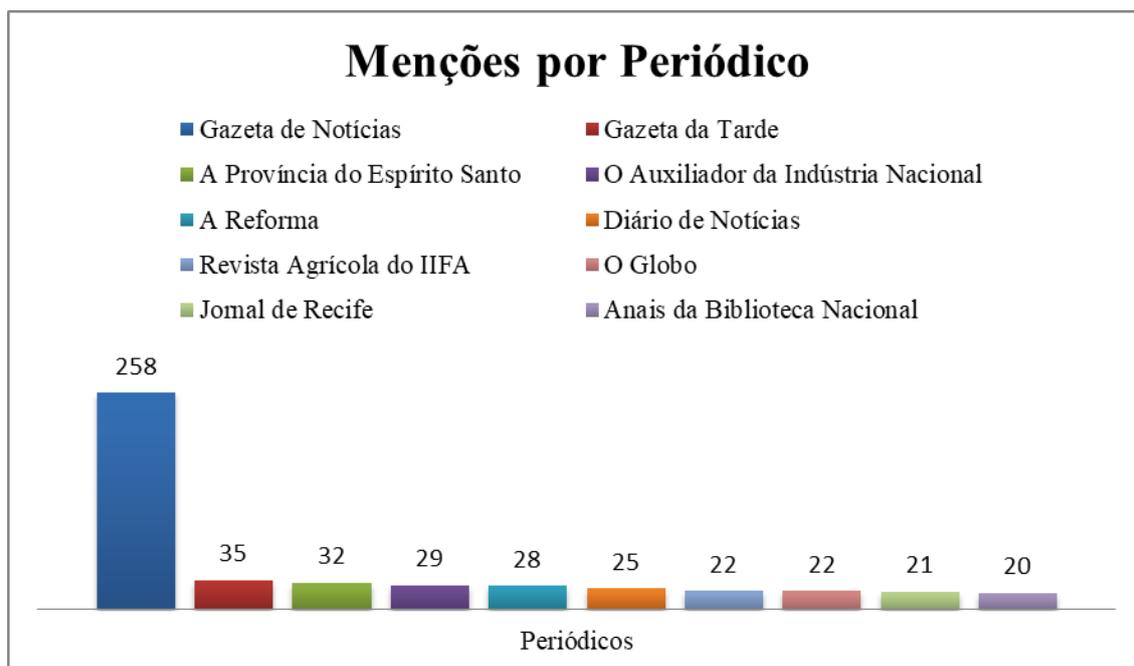


Fonte: A autora. Gráfico construído com documentação da Hemeroteca da Biblioteca Nacional, 2022

As torres do gráfico fazem uma alusão à quantidade de vezes que “Ladislau Netto” apareceu nas páginas dos jornais brasileiros, de acordo com as décadas correspondentes. Portanto, devemos notar que, com 709 citações e representada por mais de 50% das menções à Netto, a década de 1880 certamente caracterizou o auge de sua carreira como cientista. E naturalmente, antagônico ao ápice de sua vida pública, na virada do século, após sua morte, o nome de Ladislau vai desaparecendo da imprensa brasileira.

As discrepâncias diante dos dados de Netto registrados na imprensa nacional não são restritas às menções por décadas, quando observamos as citações por periódicos elas aparecem novamente. No *Gazeta de Notícias*, periódico popular, liberal, folhetim de atualidade, encontravam-se artes, literatura, teatros, modas e acontecimentos notáveis, é que Ladislau é mencionado mais vezes.

Gráfico 2 - Ladislau Netto por periódicos



Criado em 1875 por José Ferreira de Souza Araújo, o *Gazeta de Notícias*, com cunho abolicionista e republicano, além do conteúdo de informações, tentava ganhar leitores com páginas leves e bem-humoradas. Foram nessas páginas que Ladislau Netto apareceu 258 vezes, ao longo de cinco décadas. A soberania do jornal carioca vem seguida do *Gazeta da Tarde* e d'*A Província do Espírito Santo*.

Assim como o *Gazeta de Notícias*, o *Gazeta da Tarde*, circulava pelas ruas cariocas, fundado em 1880 por Ferreira de Menezes, teve sua direção também por José do Patrocínio. Já o terceiro lugar do gráfico, junto ao *Jornal de Recife*, são os únicos que não circulavam nas ruas do Rio de Janeiro. Curioso notar que entre os dez periódicos brasileiros dos quais Netto foi mais citado, nenhum pertencia à sua terra natal.

Os periódicos nacionais, além dos trabalhos realizados no Museu Nacional, ofereciam minibiografias<sup>21</sup> dele, dados da vida social, familiar e política do alagoano. O nome de Ladislau Netto era relacionado a temáticas diversas. Desde críticas aos trabalhos do diretor até notas sobre o incentivo do alagoano ao plantio de coca<sup>22</sup>. Entretanto, alguns temas eram recorrentes. Para ilustrar tal reincidência, elaboramos a seguinte tabela:

Tabela 1 - Temáticas relacionadas à Ladislau Netto na Imprensa

<b>Década</b>	<b>Assuntos</b>
1860	Botânica; Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional;
1870	Arqueologia; Arquivos do MN; Beija-mão; Cursos públicos no MN; IHGB; IIFA; Inscrição Fenícia; Prelação de Botânica; Sociedade Velloziana;
1880	Exposição Antropológica de 1882; Exposição Continental de Buenos Aires; Exposição Universal de Paris; SBCE
1890	Mudança do Museu Nacional para a Quinta da Boa Vista

Fonte: A autora. Baseado na documentação da Hemeroteca da Biblioteca Nacional, 2022.

Os assuntos representados nesta tabela nos permitem projetar um breve panorama da trajetória do sujeito. No início de sua aparição, se dedicava à Botânica e iniciava sua vida associativa. Na década de 1870, mostra seu ingresso como funcionário do Museu Nacional. Nos anos seguintes, percebemos o foco nas exposições, seus feitos enquanto homem da

<sup>21</sup> Como o caso do periódico nova-iorquino *O Novo Mundo - Periódico Ilustrado do Progresso da Idade* em 23 de novembro de 1872 e o paulistano *O Brazil Contemporaneo* em 27 de março de 1887.

<sup>22</sup> *Jornal do Agricultor: Princípios Práticos de Economia Rural*, tomo XIII, 1885, p. 256. Sobre o plantio, Ladislau afirmava que esta representava importante papel na terapêutica geral, com grande proeminência na medicina brasileira. E ainda que estava reservado para ela o mais próspero futuro no grande inventário das plantas mais úteis à humanidade.

ciência e reconhecido nacional e internacionalmente. Já na última década, o enredo monotemático consegue reproduzir o início do fim de sua carreira<sup>23</sup>. Em vista disso, fizemos dessas menções, principais fontes, além das biografias, para o desenvolvimento desta tese.

Recentemente, outras versões da trajetória de Netto podem ser encontradas em trabalhos sobre arqueologia, desenvolvimento das teorias raciais, exposições do século XIX, ou sobre o Museu Nacional. Entretanto, nenhum desses trabalhos possui a figura de Ladislau como questão principal. Sua figura é eventualmente sobreposta à da principal instituição da qual se dedicou<sup>24</sup>.

O trabalho mais recente em que a história de Ladislau foi considerada questão central, foi defendido em sua terra natal, Alagoas, no primeiro semestre de 2021. Trata-se da dissertação de mestrado de Almiraci Dantas dos Santos. Nela a autora enfoca a trajetória do sujeito no Museu Nacional, reconstruindo a memória do diretor e da instituição. A partir disso e dessa tese, podemos considerar que a figura deste senhor está saindo da zona do esquecimento, tal qual mencionou Aprígio da Silva.

Dito isso, devemos notar que ele foi uma imagem importante em debates cruciais do Brasil no século XIX, uma vez que sua presença era frequente nos salões da alta e boa sociedade<sup>25</sup> brasileira, assim como nas salas de importantes instituições científicas oitocentistas no Brasil e mundo afora. Presença registrada na História da Ciência e carimbada nos jornais brasileiros, este era o nosso figurão.

Para contar a nossa versão da história deste homem, iremos levar em consideração suas questões, tensões e complexidades, tentando evitar assim um viés apologético. Parte da trajetória do alagoano será exposta e articulada junto ao contexto histórico e social em que o

---

<sup>23</sup> Ao longo deste trabalho, muitas destas temáticas serão revistas e desenvolvidas.

<sup>24</sup> O Museu Nacional.

<sup>25</sup> Constituída por brancos livres e proprietários de terras. Cf. MATTOS, 2004.

personagem viveu. Usando as palavras de Kalina Vanderlei Silva, Ladislau será considerado aqui como uma testemunha privilegiada de seu tempo<sup>26</sup>.

E ainda, iremos comungar com a ideia de Benito Bisso Schmidt quando ele defende que o propósito de uma biografia não pode estar fixado em realizar uma coerência fixa e linear para a vida do personagem. O que deve ser feito é a exposição das variadas facetas de sua existência, “transitando do social ao individual, do inconsciente ao consciente, do público ao privado, do familiar ao político, do pessoal ao profissional”<sup>27</sup>. Esse diálogo entre as distintas esferas da vida de Netto será fundamental na construção não só deste capítulo, mas desta tese. Afinal, como sublinhou Schmidt e apontou Michel de Certeau, cada homem é “um locus no qual uma incoerente e frequentemente contraditória pluralidade de determinações relacionais interagem”<sup>28</sup>. E assim, contraditório e plural, era Ladislau Netto.

Embora tenha exercido papel notável para a Ciência brasileira e para o Museu Nacional, devemos destacar que nossa intenção não é fazer de Ladislau um herói intocável e nem um exemplo a ser seguido. Nosso desígnio é mostrar parte da trajetória de uma pessoa protagonista da própria história, estudiosa e extremamente dedicada ao trabalho. Entre as distintas façanhas de Netto, atentamos que ele era um alagoano, intelectual, pai de família, cientista renomado, conselheiro do imperador, abolicionista e racista<sup>29</sup>.

Para iniciar nossa história, devemos fazer uma apresentação lacônica do nosso personagem principal. Numa das muitas passagens em que retrata Ladislau Netto, João Batista de Lacerda proferiu:

Mui lido era também nos clássicos portugueses, razão por que a sua frase, fosse escrita, fosse falada, ressentia-se da estrutura quinhentista, e da abundância de arcaísmos. Falando, ele escolhia os termos com os quais havia de se expressar: por isso a sua exposição era lenta, pausada, titubeante, sem brilho e sem fluência. As

---

<sup>26</sup> SILVA, 2009, p. 14.

<sup>27</sup> SCHMIDT, 1998, SCHMIDT p. 12.

<sup>28</sup> Cf. DE CERTEAU, 1984.

<sup>29</sup> A figura de Ladislau Netto enquanto abolicionista e racista será debatida no quarto capítulo deste trabalho.

suas descrições, porém, primavam pelos traços incisivos e vigorosos, pela saliência dos contornos, pois ele descrevia como se estivesse desenhando, tendo a coisa ou o objeto bem à vista. Ele tinha muito desenvolvido o instinto da forma, como insigne artista que era, no desenho e na pintura<sup>30</sup>.

Lacerda foi um dos diretores do Museu Nacional. Trabalhou diretamente com Ladislau nos muitos anos em que o alagoano administrou a instituição. Com certo azedume, se abstinha de qualquer neutralidade ao falar de seu colega de trabalho, sem abnegar sua admiração. Nas palavras de Edgard Roquette Pinto<sup>31</sup>, também diretor do Museu Nacional entre 1926-1935, Ladislau Netto foi:

...uma das figuras mais impressionantes do Brasil. Vigor de inteligência, pertinácia, amor à arte e à ciência deram-lhe toques de brilho inextinguível. Seu nome foi um dos primeiros, se não foi o primeiro, a aparecer nos círculos científicos da Europa, representando este país<sup>32</sup>.

Seguindo a mesma linha de elogios de Roquette Pinto, o periódico nova-iorquino *O Novo Mundo* apresenta Netto como um jovem que era “de certo um dos mais belos espécimes da nova geração de brasileiros”<sup>33</sup>. Já o jornal paulista *O Brazil Contemporaneo*<sup>34</sup>, anunciava o rapaz alagoano como um “entusiasta, corajoso e paciente” e ainda que quando jovem era “sonhador de glórias, de cujas mãos ressaltaria, anos depois, abundante e opulento cabedal de gemas de ouro do mais fino quilate”<sup>35</sup>. O jornal ainda aponta alguns dos predicados confiados ao sujeito pelos seus professores na Europa, sábio naturalista, distinto botânico e habilíssimo observador, eram alguns deles<sup>36</sup>. Para o arqueólogo Anyone Costa<sup>37</sup>, Netto cresceu como

---

<sup>30</sup> LACERDA, 1905, p. 46.

<sup>31</sup> Edgard Roquette Pinto (1884-1954) foi um médico legista, professor, escritor, eugenista, antropólogo e etnólogo.

<sup>32</sup> ROQUETTE-PINTO, apud DUARTE, 1950, p. 3.

<sup>33</sup> *O Novo Mundo*, 23 de novembro de 1872, p. 33.

<sup>34</sup> Em meados da década de 1880, este periódico paulista publicou retratos com “minibiografias” de algumas personalidades, dentre elas José Bonifácio, Quintino Bocaiuva, Gonçalves Dias, Dom Pedro II, Carlos Gomes, Visconde do Rio Branco, Joaquim Nabuco, Ladislau Netto.

<sup>35</sup> *O Brazil Contemporaneo*, 27 de março de 1887, p. 2.

<sup>36</sup> *O Brazil Contemporaneo*, 27 de março de 1887, p. 2.

<sup>37</sup> Anyone Costa (1888-1954) foi professor e arqueólogo brasileiro.

uma “criança bem-dotada, de inteligência fora do comum”<sup>38</sup> e no ápice de sua vida, se tornou “uma das figuras mais singulares do Brasil, em todos os tempos”<sup>39</sup>.

Mas afinal de contas, quem era esse tal Ladislau? Acreditamos que esta figura tão impressionante e singular, aos olhos de Roquette Pinto, tinha muitas características, identidades, virtudes e defeitos. Assim como todo ser humano que viveu neste planeta, era passível a falhas e cometia erros. Em biografia publicada na década de 1950, Abelardo Duarte<sup>40</sup> julga o sujeito como temperamental, impetuoso, autoritário<sup>41</sup>, por exemplo, e, por essa possibilidade de diferentes interpretações, não pretendemos colocá-lo num pedestal. Já dizia o velho ditado, quem nunca errou, que atire a primeira pedra. A ideia deste primeiro capítulo é então contar uma versão de um pouquinho da história de vida deste homem da ciência e quiçá compreender como era construída a imagem dele por aqueles que conviviam e/ou admiravam seu trabalho, assim como fez Roquette Pinto.

Em 56 anos de vida, Ladislau de Souza Mello Netto teve a oportunidade de viver distintas versões de um mesmo ser. De filho obrigado a seguir a profissão do pai, à pai que dedica poesias em nome da filha. De estudante de arte à diretor do Museu Nacional. Iremos contemplar algumas das muitas faces deste cientista. Aparentemente sério e respeitado, de avantajados bigodes, que na meia idade já apontava fortes indícios de calvície. A esta altura, acreditamos que não devemos mais ter curiosidades sobre o semblante do sujeito ao qual escolhemos conhecer um pouco mais...

### Figura 3 - Ladislau Netto

---

<sup>38</sup> COSTA, 1941, p. 51.

<sup>39</sup> Idem, p. 60.

<sup>40</sup> Abelardo Duarte (1900-1992) foi um médico e escritor alagoano. Professor emérito da Universidade Federal de Alagoas, Secretário Perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, Sócio Honorário do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e membro de inúmeras outras instituições, escreveu a biografia de Ladislau Netto, publicada pela Imprensa Oficial de Maceió – Alagoas em 1950.

<sup>41</sup> DUARTE, 1950, p. 18.



Fonte: Carneiro & Tavares, sucessores de Carneiro & Gaspar. Ladislau de Souza Mello Netto, 1887.

Domínio Público. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=57449066> Acesso em:

08/01/2021

Este é um retrato feito em 25 de abril de 1887, provavelmente por Joaquim Feliciano Alves Carneiro<sup>42</sup>, no Rio de Janeiro. Aos 49 anos de idade, esta era então uma das visagens deste intrigante personagem, que nasceu em 18 de março de 1838. Ladislau de Souza Mello Netto, era o primogênito de seis filhos - três mulheres, Maria, Balbina e Ana e dois homens, Antônio e Francisco - de Maria da Conceição Mello Netto e de Francisco de Souza Mello Netto.

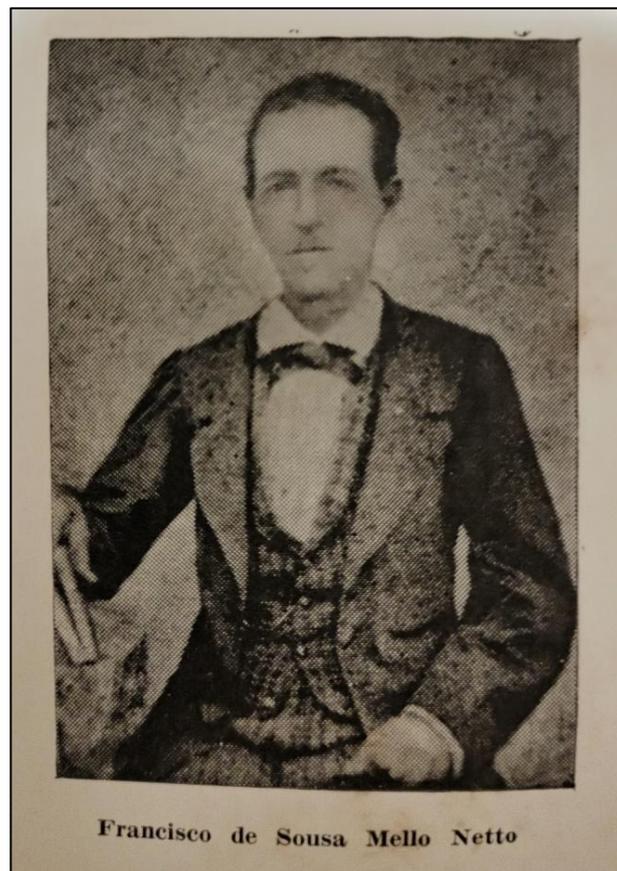


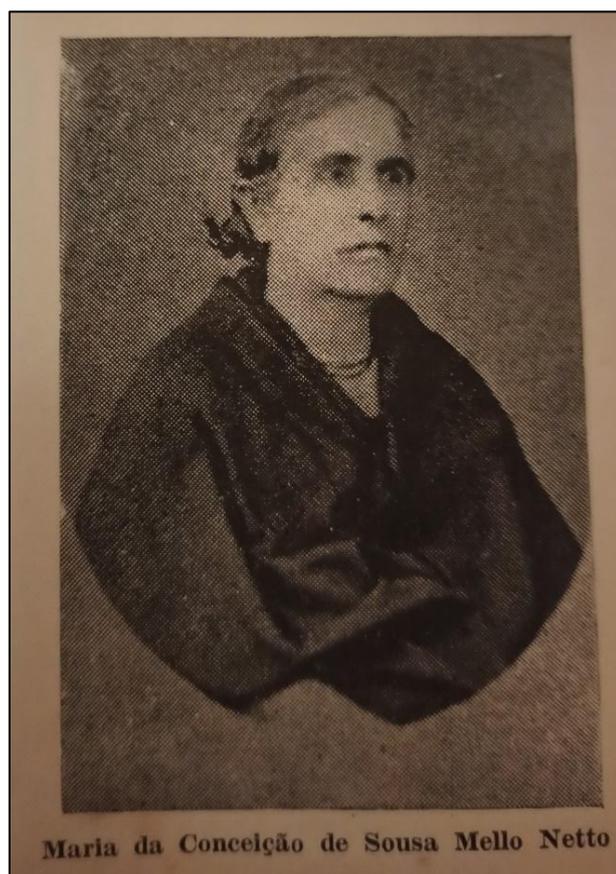
Figura 4 - Sr. Mello Netto

Fonte: DUARTE, 1950.

---

<sup>42</sup> Joaquim Feliciano Alves Carneiro era uma das pessoas responsáveis pelo desenvolvimento da fotografia no Império do Brasil. Junto a um de seus sócios Gaspar Antônio da Silva Guimarães, se anunciavam “os reis dos fotógrafos”. E tinham entre os seus principais clientes a família imperial.

Figura 5 - Sra. Mello Netto



Fonte: DUARTE, 1950.

Dona Maria era brasileira, filha de Felícia Maia de Sá, também brasileira, e José Francisco de Sá, um negociante português descendente de uma família abastada. E o Senhor Francisco era um comerciante português, dono de um armazém de “secos e molhados” na principal rua de Maceió, trazendo para eles uma boa condição financeira.

Cumprindo a tradição de uma família católica, no dia oito de julho de 1838, a Dona Maria da Conceição e o Sr. Francisco batizaram seu primogênito na capela de Nossa Senhora do Rosário, em cerimônia realizada pelo vigário Joaquim José Domingues. E o menino

recebia como padrinhos o casal Maria Rios Sardinha e Manuel Gonçalves Duarte<sup>43</sup>, certamente amigos da família, já que não constam com o mesmo sobrenome.

O Sr. Francisco Netto tinha anseios de que o filho seguisse seus passos e assumisse os negócios da família. Já sua esposa agia em oposição ao marido e incentivou os estudos do primogênito, para que ele fugisse dos planos do pai. Segundo Duarte, Dona Maria enviou o menino para a casa de parentes em Alagoas, para que ele seguisse com os estudos. Após voltar para casa, sua educação ficou a cargo do militante político, literato e padre João Barbosa Cordeiro<sup>44</sup>. Ladislau tinha então aulas de latim, grego e retórica. E muito curioso, aprendeu. E, com isso, despertou seu interesse pela literatura. Foi a leitura dos clássicos que incentivou o menino a despertar sua curiosidade pelas civilizações<sup>45</sup>. Conforme o tempo passava, o jovem se dedicava e nutria sua sede de saber.

Em 1854, aos 16 anos, Ladislau parte para a Corte. O rapaz tinha anseios de crescer fora dali e de fugir “à pressão da autoridade paterna que tentava fazer dele um caixeiro”<sup>46</sup>. Já na infância, o menino detinha o desenho como principal passatempo. De acordo com o periódico *O Brazil Contemporaneo*, o menino tinha apenas doze ou treze anos quando “retratou-se a si mesmo, ao espelho, e com tão admirável semelhança e perfeição o fez que esse foi o primeiro passo da sua orientação técnica e ao mesmo tempo o da sua iniciação na sociedade”<sup>47</sup>. O jornal de São Paulo já anunciava aquilo que ressaltou Angyone Costa, o menino “tinha talento, tinha inventiva e flama”<sup>48</sup>. E foi com sua grande aptidão para o desenho, que em 1857, ingressou na Academia Imperial de Belas Artes.

Na academia o jovem também desenvolveu estudos matemáticos e de história natural. Foi o seu interesse pelo desenho que o levou para Pernambuco, onde trabalhou como

---

<sup>43</sup> DUARTE, 1950, p. 47.

<sup>44</sup> Angyone Costa afirma que o nome do Vigário era Joaquim. Ficamos aqui, por falta de fontes, sem preencher esta lacuna.

<sup>45</sup> COSTA, 1941, p. 51.

<sup>46</sup> DUARTE, 1950, p.59.

<sup>47</sup> *O Brazil Contemporaneo*, 27 de março de 1887, p. 2.

<sup>48</sup> COSTA, 1941, p. 52.

desenhista e cartógrafo da comissão astronômica e hidrográfica do litoral pernambucano. A partir do contato com esta comissão, aos 21 anos, o jovem alagoano pôde ter seu primeiro contato e interesse pelas ciências naturais.

Conforme mencionou Duarte, nesse período da vida o rapaz se destacou pelos desenhos. Seu biógrafo conterrâneo afirma ainda que, por isso, se tornou conhecido nas rodas artísticas do Rio de Janeiro como artista do lápis<sup>49</sup>. Não foi só Duarte que se preocupou em exaltar tal destreza de Ladislau, Aprígio da Silva, em sua tese, descreve Netto como um “inequívoco desenhista”<sup>50</sup>. Vale mencionar que, além das artes, Ladislau também tinha interesse pela literatura. E ainda jovem, ele se destacou pela sua produção de trabalhos literários “ora descritivos, ora poéticos”<sup>51</sup>. Em sua versão desenhista, o rapaz chegou a publicar alguns de seus escritos nas páginas dos jornais da Corte brasileira.

Na década de 1860, trabalhava como tipógrafo na Corte e anos mais tarde, Ladislau teve a oportunidade de trabalhar como ajudante de botânica em uma exploração do Vale de São Francisco em Minas Gerais e com isso, pode conviver com Emmanuel Liais, um astrônomo francês do Observatório de Paris, que em 1858 veio para o Brasil e assumiu a direção do Observatório Imperial do Rio de Janeiro. Na ocasião, Netto ficou incumbido de registrar e classificar as espécies botânicas da expedição. A ocasião também rendia a Netto alguns desenhos:

---

<sup>49</sup> DUARTE, 1950, p. 75.

<sup>50</sup> APRÍGIO DA SILVA, 2017, p. 115.

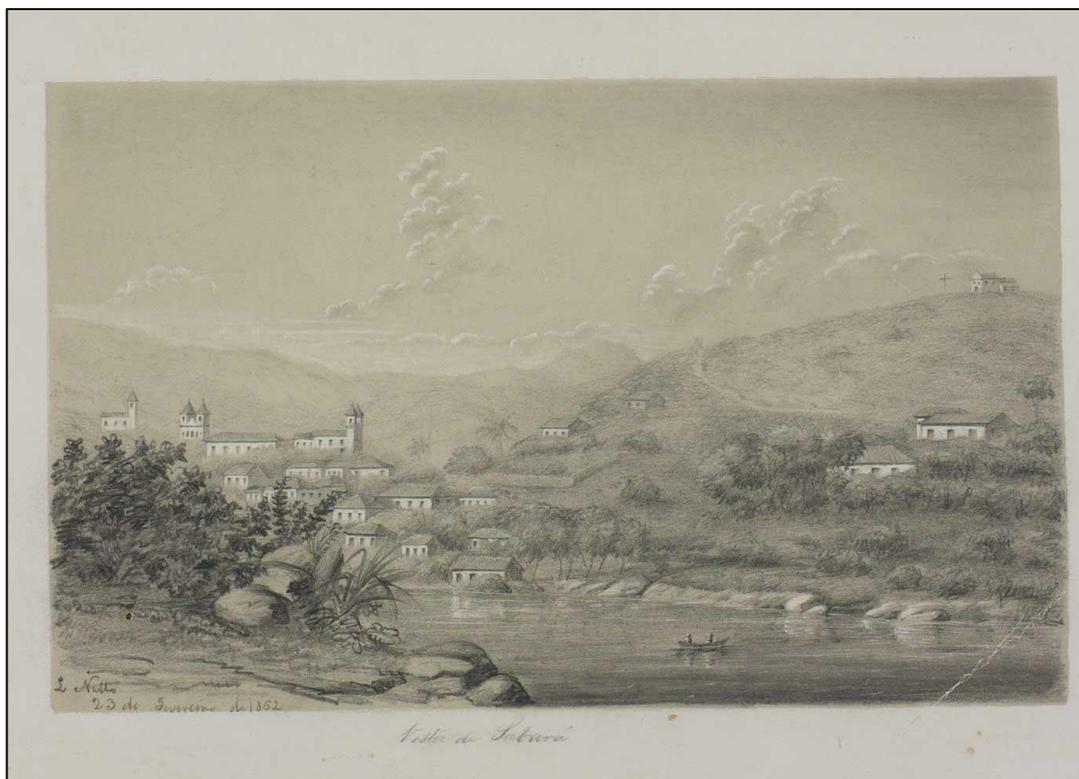
<sup>51</sup> *Almanack Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial*, 1895.



Desenho 1 - Vista da cidade de Sabará na margem do Rio das Velhas

Fonte: NETTO, Ladisláo. Vista da cidade de Sabará na margem do rio das Velhas 25 de Fevereiro de 1852 (Sabará). Acervo Digital da Biblioteca Nacional - Iconografia.

## Desenho 2 - A Vista de Sabará



Fonte: NETTO, 1862. Acervo Digital da Biblioteca Nacional - Iconografia.

Os desenhos conseguem nos mostrar que Ladislau era um bom desenhista, com técnica e apegado aos detalhes. Como podemos notar nestas imagens, as ilustrações de Netto neste período foram além da botânica. Foi na viagem para Sabará também que lhe surgiu a oportunidade de estudar e publicar artigos na Academia de Ciências, do Instituto de França, e nos *Annales des Sciences Naturelles*. E a carreira do alagoano estava só começando. Conforme ressaltou Costa, o conhecimento adquirido junto a Liais, também possibilitou que Ladislau realizasse suas

primeiras pesquisas de cerâmica e de líticos, que mais tarde encheriam grande parte das suas atividades, voltadas para a questão do povoamento americano, questão que

o levaria a estudar, organizar e classificar, o escasso material arqueológico de nosso país<sup>52</sup>.

De fato, com este pouco de sua trajetória, podemos identificar a figura curiosa do sujeito. O desenho o levou para outros rumos. E foi descobrindo novos caminhos que, posteriormente, Netto foi considerado Pai da Arqueologia Brasileira, depois de ter sido o primeiro que “procurou reunir e estudar sob um critério de escola as atividades de cerâmica de Marajó”<sup>53</sup>.

Após as primeiras vitórias longe de casa, Netto retorna à sua terra natal. Além de mostrar os triunfos à família, o “filho pródigo” levou seus irmãos mais novos para estudarem no Rio de Janeiro. De acordo com Duarte, Ladislau custeou e orientou os caçulas para a vida pública, assim como o tinha prometido<sup>54</sup>. Anos mais tarde, já como diretor do Museu Nacional, proporcionou a participação de ambos na sua jornada intelectual. Antônio e Francisco de Souza Mello Netto, assim como o primogênito, trabalharam no Museu Nacional<sup>55</sup>.

Voltando à formação de Ladislau Netto, em 1864, após saber por cientistas franceses das produções do rapaz alagoano, o governo imperial decidiu investir em seu potencial. Aos 26 anos, financiado por Dom Pedro II, iniciou seus estudos na Universidade de Sorbonne e nos *Jardins de Plantes*<sup>56</sup> de Paris, onde o botânico se formou doutor em Ciências Naturais. Conforme mencionou o *Almanack Laemmert*, Ladislau foi “o primeiro brasileiro cujos escritos figuraram nos *comptes-rendus* da Academia de Ciências de Paris”<sup>57</sup>. Além da publicação, com esta oportunidade, Netto teve o proveito de se relacionar com grandes

---

<sup>52</sup> COSTA, 1941, p. 52.

<sup>53</sup> COSTA, 1941, pp. 52-53. Tratava-se da cerâmica marajoara, encontrada na Ilha de Marajó no estado do Pará. Tal cerâmica já era produzida no período pré-colonial.

<sup>54</sup> DUARTE, 1950, p. 75.

<sup>55</sup> Antônio, trabalhou como praticante, secretário e subdiretor da Seção de Antropologia, Etnologia e Arqueologia. Deixando o MN, Antônio se tornou Engenheiro Civil e diretor da Estrada de Ferro de Paulo Afonso, no Estado de Alagoas. Francisco trabalhava para o Museu como coadjuvante.

<sup>56</sup> O Jardim de Plantas, era considerado o centro de cultura botânica mais famoso daquele período.

<sup>57</sup> São os anais da academia francesa. Publicado desde 1835. *Almanack Laemmert - Administrativo, Mercantil e Industrial*, 1895, p. 105.

homens da ciência daquele período, como Pierre Étienne Simon Duchartre<sup>58</sup>, que muitas vezes chamando-o de sábio, o citou em seu tratado de botânica<sup>59</sup>.

A citação de Duchartre é também revelada em anedota n’*O Brazil Contemporaneo*. De acordo com o periódico, o botânico francês falava sobre a anomalia dos caules das lianas intertropicais quando Netto adentrou o anfiteatro. Avistando-o, o professor acrescentou em sua fala que tinha “tanta maior satisfação em continuar a tratar daquele assunto por estar ali presente a maior autoridade em tal matéria”. Após tal exposição, Ladislau optou por esquivar o quanto pôde aos olhares que lhe foram direcionados. O episódio salienta a admiração do professor francês pelo aluno dedicado ao estudo. Contudo, anedotas à parte, retomemos.

Conforme constatou Blake, ainda faziam parte do time de célebres botânicos, com os quais Ladislau convivera na França: o sábio Decaisne<sup>60</sup>, que em dado momento indagando o jovem botânico a respeito de seus desenhos “admiravelmente executados”<sup>61</sup> interpelou “*Avec quel outil avez vous fait ça?*”<sup>62</sup> ao que replicou muito seriamente Netto: “*Avec l’œil américain*”<sup>63</sup>. O aprendiz começava a ganhar reconhecimento e firmava sua origem brasileira no Velho Mundo.

Dando continuidade ao time de botânicos, estava o célebre Brongniart<sup>64</sup>, decano da academia e professor de botânica do *Jardin de Plantes*, que conseguiu um lugar para Netto trabalhar em seu laboratório e o propôs como membro da sociedade botânica. Por fim, Blake

---

<sup>58</sup> Pierre Étienne Simon Duchartre (1811-1894), foi um importante botânico francês, professor da Sorbonne. Em 1854, foi co-fundador da Société Botanique de France, da qual foi presidente.

<sup>59</sup> BLAKE, 1970, p. 281.

<sup>60</sup> Joseph Decaisne (1807-1882) foi um botânico e agrônomo francês. Foi presidente do Departamento de Agricultura Estatística do College de France e fundador da Sociedade Botânica da França junto a Duchartre.

<sup>61</sup> *O Brazil Contemporaneo*, 27 de março de 1887, p. 2.

<sup>62</sup> *O Brazil Contemporaneo*, 27 de março de 1887, p. 2.

<sup>63</sup> Em uma tradução livre, o professor francês perguntou a Ladislau com qual ferramenta ele havia feito os desenhos, e o alagoano logo respondeu: com o olho americano.

<sup>64</sup> Adolphe Théodore Brongniart (1801-1876) foi médico, botânico e paleobotânico francês. Fundador e primeiro presidente da Société Botanique de France. Também foi professor de Botânica do Museu Nacional de História Natural de Paris.

aponta o professor Henri Ernest Baillon<sup>65</sup>, da faculdade de medicina de Paris, que dedicou ao cientista brasileiro um novo gênero de plantas da Nova Zelândia, que intitulou de *Nettea*, da família das Bixáceas<sup>66</sup>. De acordo com publicação d'*O Brazil Contemporaneo*, o professor Baillon era um homem de “raras expansões, de poucos elogios a quem quer que seja e de pouquíssimos amigos”<sup>67</sup>, o que tornava notável sua ação. Acreditamos ser esta singela homenagem um reconhecimento respeitável e marcante na carreira do botânico brasileiro, afinal, seu professor marcava o nome de Ladislau para sempre na disciplina à qual se dedicavam.

Ainda na França, o jovem naturalista foi convidado por Descaine a fazer parte de um concurso de histologia vegetal. Tal disputa foi realizada pela Academia das Ciências e pelo Ministério da Instrução Pública da França. Nele, Ladislau junto a outros naturalistas foi escolhido pelo governo francês para estudar a flora da Argélia. No continente africano o estudante teve a oportunidade de estudar não só parte da flora local, como também permitiu que Netto examinasse “raças” humanas, interpretasse a história de povos antigos e conhecesse algumas línguas orientais. Isto posto, podemos sugerir que a experiência no Velho Continente e África se responsabilizaram pelo crescimento intelectual do rapaz.

Conforme disse João Batista de Lacerda, no período em que viveu em Paris, Ladislau teve na convivência e no trato íntimo os “luminares da ciência daquele centro civilizado”<sup>68</sup>. Netto aproveitou sua estadia para visitar diversos museus, frequentar associações literárias e científicas e se deleitou com as lições de grandes mestres da Ciência. Isso fez com que o estudante brasileiro tivesse contato com diversas faces científicas, o que lhe proporcionou uma grande soma de conhecimentos.

---

<sup>65</sup> Henri Ernest Baillon (1827-1895) foi um botânico e médico francês. Foi professor de História Natural na Universidade de Paris e diretor do Jardin des Plantes de Paris.

<sup>66</sup> Op. cit. 1970, p. 282.

<sup>67</sup> *O Brazil Contemporaneo*, 27 de março de 1887, p. 2.

<sup>68</sup> LACERDA, 1905, p. 31.

Foi lá também onde fortaleceu sua carreira e se tornou um cientista de renome. O alagoano estava então na caminhada para se tornar Doutor. De acordo com nota da *Revista da Exposição Antropológica de 1882*<sup>69</sup>, o período em que passou na França foi também um momento em que o alagoano trabalhou muito. Em consequência do árduo trabalho e da satisfação de ter realizado “os seus mais dourados sonhos”<sup>70</sup>, Netto teve sua saúde profundamente alterada, e foi então por incentivo de seus mestres e amigos, decidiu voltar ao Brasil. Aparentemente essa decisão esteve também relacionada ao convite que recebeu.

Enquanto “fazia seu nome” do outro lado do Atlântico, no decreto de 22 de março de 1865 foi nomeado pelo imperador para dirigir a Seção de Botânica do Museu Nacional, a respeito de sua nomeação Ladislau relatou que à época já se ocupava da História Natural, e “especialmente da Botânica, havia três anos”<sup>71</sup>. E provavelmente se via pronto para o cargo. O botânico só começou suas atividades como diretor da Seção no ano seguinte, após dois anos de estudos na França. Nesse mesmo ano, entrou também para a direção da casa, Francisco Freire Allemão de Cysneiros<sup>72</sup>.

Comungando de diversas ideias, com o passar do tempo, Ladislau se tornou o principal assistente de Freire-Allemão durante seu mandato. Anos passados, já com certa idade e dificuldades na administração do museu, devido a problemas de saúde, Freire-Allemão permitiu que Ladislau Netto tomasse algumas decisões em seu nome. Como explicitou o historiador Veloso Júnior, o médico-botânico acreditava ter sido “afligido por

---

<sup>69</sup> Discorreremos a respeito desta revista em outros capítulos da tese. A *Revista da Exposição antropológica de 1882*, possui em suas páginas iniciais imagens, assim como notas biográficas de três servidores do Museu Nacional, sendo eles, Ladislau de Souza Mello Netto, João Batista de Lacerda e Carlos Frederico Hartt. Como não há assinatura nos textos, acreditamos que eles tenham sido escritos pelo dirigente da revista, Mello Moraes Filho.

<sup>70</sup> REVISTA DA EXPOSIÇÃO ANTROPOLÓGICA DE 1882, 1882, p. 9.

<sup>71</sup> NETTO, 1870, p. 131.

<sup>72</sup> Diretor do Museu Nacional entre 1866 e 1874. Formou-se médico na Academia Médico-Cirúrgica do Rio de Janeiro. Na década de 1840 foi nomeado médico do Imperador. Era também botânico e membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - IHGB. Foi fundador da Sociedade Velloziana.

moléstia grande, sem esperança de restabelecimento”<sup>73</sup>. Por isso, em 23 de janeiro de 1872, foi feito um aviso que designava Netto para substituir o diretor nos seus impedimentos. Nestas condições, o alagoano já tinha em poder todas as decisões do Museu e Freire-Allemão se tornava diretor apenas por honra. Doente, Freire-Allemão faleceu em 11 de novembro de 1874, no mesmo ano em que Ladislau assumiu oficialmente o cargo de seu amigo e antecessor<sup>74</sup>.

Ainda sob o mando do Imperador D. Pedro II, Ladislau Netto aos 36 anos, iniciou sua direção no Museu Nacional. Depois de oito anos como chefe da Botânica, ele ficou à frente da instituição no período de 1874-1884 como diretor interino e de 1884 a 1893 como diretor efetivo. O imperador tinha o intuito de fazer do então museu, uma instituição de grandes exposições e extenso aprendizado científico. Assim, com o apoio do Império, Ladislau se tornou um dos cientistas mais influentes de sua época no Brasil.

Aquele que antes se dedicava à diretoria apenas da Seção de Botânica, passou a se dedicar não só à parte administrativa do museu, como também ao setor científico. Segundo relatório realizado pela Seção de Museologia do Museu Nacional - SEMU<sup>75</sup> Ladislau Netto “foi um exemplo de eficiência do Museu, estruturando a instituição baseando-se nos moldes europeus. Dedicou-se à administração sem negligenciar o setor científico”<sup>76</sup>.

Netto era naturalista, botânico, arqueólogo, etnólogo, e muito ocupado, pois as atividades do alagoano não se restringiam às paredes do Museu Nacional. Como um intelectual do século XIX, Ladislau Netto era um homem extremamente ligado a diferentes associações. Frequentar esses espaços era o *modus vivendi*<sup>77</sup> deste senhor. Ele fazia parte da

---

<sup>73</sup> Carta de Freire-Allemão ao presidente do IHGB, janeiro de 1874. BN, Coleção Freire-Allemão, doc. I-28,2,20 Apud. VELOSO JÚNIOR, 2013.

<sup>74</sup> LACERDA, 1905, p. 36.

<sup>75</sup> O relatório foi produzido pelo SEMU no ano de 2008, em comemoração aos 190 anos do MN. Tal relatório tinha a intenção mostrar as principais realizações dos diretores do museu, assim como ressaltar a importância dos mesmos no desenvolvimento da Ciência.

<sup>76</sup> OS DIRETORES DO MUSEU NACIONAL, 2008, p.15.

<sup>77</sup> Modo de vida ou meio de viver, em latim.

Sociedade Vellosiana, criada por Freire-Allemão em 1850. O criador ansiava reunir os “curiosos da natureza” em uma associação de naturalistas destinada a estudar a Ciências Naturais, com ênfase nos produtos do solo e posteriormente, a Etnografia<sup>78</sup>.

Além da Sociedade Vellosiana, o botânico foi membro da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional – SAIN; foi consócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB; membro da Sociedade Antropológica de Washington, da American Geology Society, da Societé Botanique de France, da Sociedade Linneana de Paris, da Sociedade de História Natural de Gherburgo, da Sociedade de História Natural de Ratisbona, da Academia de Ciências de Lisboa, do Instituto de Botânica do grão-Ducado de Luxemburgo, do Instituto Arqueológico e Geográfico Alagoano; da Sociedade Filomática do Pará<sup>79</sup>; foi presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa<sup>80</sup>; secretário da Associação dos Homens de Letras do Brasil<sup>81</sup>. Foi também membro do Pantheon Escolar do Conselho Diretor da Instrução Primária e Secundária do Distrito Federal, colaborador do Pedagogium<sup>82</sup>. E sócio fundador da Sociedade Brasileira Contra a Escravidão<sup>83</sup>.

Outrossim, foi comendador da Ordem Portuguesa da Conceição de Villa Viçosa; oficial da Ordem Francesa da Legião de Honra e oficial da Instrução Pública da Academia de França. Ostentando honra, o alagoano fazia parte do Conselho do Imperador D. Pedro II, recebeu a condecoração da Ordem da Rosa. E a malha de relações, honrarias e atuações de Netto só aumentava.

---

<sup>78</sup> Sobre a Sociedade Vellosiana, Cf. VELOSO JÚNIOR, 2013.

<sup>79</sup> Sociedade que deu origem ao Museu Paraense de História Natural, hoje Museu Paraense Emílio Goeldi. Cf. SCHWARCZ, 1993.

<sup>80</sup> *A Folha Nova*, 31 de maio de 1883.

<sup>81</sup> *Brazil*, 01 de setembro de 1883.

<sup>82</sup> Criado em agosto de 1890 pelo ministro Benjamin Constant, tinha como seu principal objetivo reformas e melhorias na educação nacional. A instituição tinha como planos a criação de um museu pedagógico, cursos, conferências, laboratórios, exposições escolares anuais e a publicação de uma revista pedagógica. Cf. BASTOS, 2000.

<sup>83</sup> *O Abolicionista*, 01 de junho de 1881.

Em 1888, após representar o Brasil no VII Congresso Internacional de Americanistas, realizado em Berlim, foi condecorado em 1890 com uma medalha honorífica de Guilherme II, imperador da Alemanha. Entretanto, Netto não aceitou essa distinção pois “o proibia a constituição da República<sup>84</sup>, o soberano alemão, querendo provar-lhe acatamento ao seu saber, mandou-lhe o seu retrato em tamanho natural”<sup>85</sup>. De fato, Ladislau era um sujeito interessado e perspicaz, e conquistou seu espaço em Sociedades e Institutos que traçaram debates importantes para o destino do país, da América e da Europa. E assim se engajava nas principais discussões de seu tempo.

A exemplo disso, o diretor do Museu Nacional teve participação em importantes eventos científicos do século XIX, como: a Conferência em Buenos Aires em 1882, a Exposição Industrial de Nova Orleans em 1884, a Exposição Universal de Paris em 1889 e a Exposição Universal de Chicago em 1893. Segundo publicação do *Almanack Laemmert*, a última ocasião se fez como oportunidade para Netto “mostrar o grande amor que tinha pelo país, trabalhando dia e noite, para que todo o trabalho preparatório fosse regular e perfeito”<sup>86</sup>. Se Ladislau amava realmente o seu país, não sabemos, mas podemos observar que ele se esforçou para ser uma figura relevante para a Ciência.

Sendo um bom pesquisador, Ladislau era um homem também da escrita. Conforme nota biográfica sobre o sujeito na *Revista da Exposição Antropológica de 1882*<sup>87</sup>, as primeiras publicações de Netto foram algumas “poesias populares, fragmentos de viagens e trechos de críticas artísticas e literárias”<sup>88</sup>. Com o passar dos anos, conforme citado anteriormente, é certo afirmar que ele ainda produziu muitas publicações científicas ao longo do século XIX. A *Revista Arquivos do Museu Nacional*<sup>89</sup>, criada pelo mesmo, tinha Netto

---

<sup>84</sup> Provavelmente, não deveria ser possível a uma pessoa pública receber medalhas de um governo imperial.

<sup>85</sup> *Almanack Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial*, 1895.

<sup>86</sup> *Almanack Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial*, 1895.

<sup>87</sup> Discorreremos sobre a Exposição Antropológica de 1882, assim como sua *Revista* no capítulo 2 desta tese.

<sup>88</sup> REVISTA DA EXPOSIÇÃO ANTROPOLÓGICA DE 1882, 1882, p. 9.

<sup>89</sup> Sobre a Revista Arquivos do Museu Nacional, falaremos mais adiante.

como redator. Outra que teve este homem como diretor-redator, no período entre 1888-1891, foi a *Revista Agrícola do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura*, material trimestral de Ciências Agrárias, agia como um dos principais veículos de divulgação científica do Instituto.

Todavia, é importante frisar que o interesse dos escritos do alagoano não era unicamente voltado para a Ciência. Antes de se tornar diretor do Museu Nacional, Ladislau se dedicava à literatura. Seus textos eram então reconhecidos e seu talento destacado no *Hemerodromo da Juventude*, o nome de Netto é destacado entre uma lista de jovens brilhantes que, segundo a publicação, reservavam um grandioso futuro às letras<sup>90</sup>. No final da década de 50 e no decorrer dos anos de 1860, podemos encontrar em alguns jornais do Rio de Janeiro, poesias<sup>91</sup> elaboradas por ele. A exemplo delas está *Canção de Guerra*.

Canção de Guerra

(Á Lembrança da Itália)

Marchemos, alegres, viçosos guerreiros,

Avante, ligeiros, a guerra ali está!

Mancebos, corramos as armas tomemos,

Coragem guerreiros, a pátria salvemos

Por nós por Tupá!

Além, - muito além, uma nuvem de balas

A voz de mil falas se estende no ar:

- Pharol de batalha - esta nuvem nos chama

E noss'alma briosa do brado se inflama

Qual onda do mar.

As baias d'embate nos peitos grosseiros

De nossos guerreiros nos pedem furor!...

Se um grito alguém solta na liça turvada,

---

<sup>90</sup> *Hemerodromo da Juventude: Periódico Literário e Recreativo*, 10 de junho de 1861.

<sup>91</sup> Uma delas está no Apêndice desta tese.

Nos silvos da bala, nos golpes da espada,  
Lá morre um traidor!

Marchemos alegres, viçosos guerreiros  
Avante, ligeiros, a guerra ali está!  
Mancebos, corramos as armas tomemos,  
Coragem, guerreiros, a pátria salvemos  
Por nós por Tupá!

Nossa'arma valente não há de curvar-se,  
Não há de quebrar-se no peito impostor:  
Forjada no sangue dos mártires d'outrora,  
Não dobra-se à voz do tirano d'agora  
Do infame traidor.

Nossa'arma é mais forte que a flecha ligeira  
Da Índia guerreira da tribo Tupi!  
Com ela lutemos, ousados, na guerra  
Que em breve inimigos de rojo por terra  
Veremos aí!

Marchemos, alegres, viçosos guerreiros,  
Avante, ligeiros, a guerra ali está!  
Mancebos, corramos as armas tomemos,  
Coragem, guerreiros, a pátria salvemos  
Por nós por Tupá!

Nossa'arma tão forte, sabeis, jovens bravos,  
O Cristo dos cravos pendentes nos deu!  
Nós todos a temos no peito liberto!...

Dos ferros de escravo n'um simples aperto  
Tinindo se ergueu!

Guerreiros ouvistes?...lá d'entre as espadas  
Mil vozes cortadas chamaram por nós;  
Se sois brasileiros - os nossos salvemos,  
Morramos com eles e a glória teremos  
De nossos avós!

Marchemos, alegres, viçosos guerreiros,  
Avante, ligeiros, a guerra ali está!  
Mancebos, corramos as armas tomemos,  
Coragem, guerreiros, a pátria salvemos  
Por nós por Tupá!

Ladislau Netto

Rio - 1859

Acreditamos tratar da Guerra de Unificação da Itália, do mesmo ano do poema. Todavia, não sabemos a relação de Netto com ela. Notamos também que a todo momento o alagoano faz referência à divindade Tupi, o deus do trovão Tupá/Tupã. Se realizado na década de 1880, teríamos algumas indagações das escolhas de Ladislau ao compor o poema, contudo, esta primeira relação estabelecida por nós, nos faz imaginar que o interesse de Netto pelos povos autóctones surgiu antes mesmo de sua direção no Museu Nacional.

Indagações à parte, em poucas páginas conseguimos notar a extensa agenda de Ladislau Netto. Entretanto, havia algo que o alagoano fez questão de retirar de seus planos. Pela carreira que estava seguindo, pelos locais que frequentava e debates que enfrentava, Ladislau se fazia uma pessoa de influência e prestígio. Na década de 1870, sem sua consulta, foi eleito deputado pelo 2º Distrito à 21ª Legislatura da Assembleia Provincial das Alagoas.

Conforme publicação d'*O Brazil Contemporaneo*, “lhes escreviam parentes e patrícios influentes da mesma província”<sup>92</sup>, contudo, resignou o mandato declarando que não seria possível atender aos interesses políticos de sua terra natal e, simultaneamente, às exigências do MN<sup>93</sup>.

Ser deputado não era um dos anseios de Ladislau. Ao publicar uma breve biografia a respeito do sujeito, um periódico paulista, anunciava que, apesar da recusa à vontade de seus conterrâneos, o botânico lhes servia de outra maneira. Na segunda página do jornal encontramos a informação de Netto era “patrocinador dos estudantes alagoanos pobres na Corte, e nunca se esquivava aos serviços que lhe exige a província”<sup>94</sup>. Nessa conjectura, ainda nos é dada a informação de que o diretor do Museu Nacional era tão benquisto e popular em sua terra natal, que raro era “na mesma cidade o estabelecimento de instrução pública onde não se encontre o retrato de Ladislau Netto”<sup>95</sup>.

Com fotografias ou não, podemos sugerir, que foi esta popularidade que fez com que anos depois, com a República em vigor, surgisse uma nova chance para Netto ingressar na carreira política. Mais uma vez sem sua anuência, foi eleito por seus conterrâneos, deputado na Constituinte Federal de 1891. O botânico recebeu 6.755 votos, se tornando o quinto mais votado na ocasião<sup>96</sup>. E mais uma vez foi declínada. Ladislau não tinha planos de deixar seu posto no Museu Nacional e enviou sua renúncia no dia oito de novembro de 1890, antes mesmo da abertura da Constituinte<sup>97</sup>. Neste caso, o alagoano foi substituído pelo seu patrício, o advogado Rodrigo Corrêa de Araújo<sup>98</sup>.

---

<sup>92</sup> *O Brazil Contemporaneo*, 27 de março de 1887, p. 3.

<sup>93</sup> DUARTE, 1950, p. 188.

<sup>94</sup> *O Brazil Contemporaneo*, 27 de março de 1887, p. 3.

<sup>95</sup> Idem.

<sup>96</sup> *Jornal de Penedo*, 31 de outubro de 1890. O primeiro dos eleitos com 9.057 votos, era Bernardo Castello; o quarto mais votado era Francisco Oiticica e obteve 8.220 votos.

<sup>97</sup> Op. cit. p. 189.

<sup>98</sup> Cf. BARROS, 2005b.

O periódico *Gazeta da Tarde*, no dia dezessete do mesmo mês, comentou a respeito da resignação de Ladislau. O jornal dirigido por José do Patrocínio<sup>99</sup> anunciava que ao declinar sua cadeira, o alagoano

revelou assim mais uma bela face de sua personalidade; um dos primeiros na parte científica a que se dedicou, e sendo como tal apreciado até Europa pelas autoridades competentes, mostrou que é homem de verdadeiro bom senso (...)

O Sr. Ladislau Netto preferiu ser o primeiro, como efetivamente é em sua especialidade no Brasil, do que ser um dos últimos em parlamento onde poucos boiarão<sup>100</sup>.

A gazeta revelava a dedicação de Ladislau em sua carreira como cientista, e fazia elogios a sua personalidade e bom senso. Ainda, celebrava sua desistência e o fato de que ele ao recusar, não iria desaparecer no anonimato do parlamento. Além disso, a publicação reconhece a qualidade de Netto enquanto cientista e o desperdício que seria perdê-lo para a política.

Como vimos anteriormente, a carreira política não foi algo que apeteceu Netto. Em contrapartida, outros interesses lhes eram despertados. Ele se desdobrava nos papéis de filho, literário, desenhista, cientista, mas sobretudo diretor do Museu Nacional. Segundo Duarte, ele mesmo confessava que os interesses do museu haviam de ser os seus próprios interesses e a existência dele como que a sua própria existência<sup>101</sup>. O posterior diretor do Museu, João Batista de Lacerda (1895-1915), “seu rancoroso desafeto”<sup>102</sup> foi sarcástico ao escrever o *Fastos do Museu Nacional* quando relatou que, no íntimo de sua consciência, Ladislau Netto parafraseou o dito célebre de Luís XIV – o Museu sou eu<sup>103</sup>.

---

<sup>99</sup> José Carlos do Patrocínio (1853-1905) foi farmacêutico, jornalista, escritor, orador e ativista político brasileiro. É considerado hoje uma das figuras mais importantes na luta em prol da abolição dos escravizados no Brasil.

<sup>100</sup> *Gazeta da Tarde*, 17 de novembro de 1890.

<sup>101</sup> DUARTE, 1950, p. 103.

<sup>102</sup> DUARTE, 1950, p. 115.

<sup>103</sup> LACERDA, 1905, p. 46.

De fato, o museu recebeu grande atenção do botânico. A dedicação a ele pode ser identificada em inúmeros registros deixados por Netto. Desde cartas a trabalhos realizados, a pedidos de objetos nos jornais da Corte. Se ele parafraseou mesmo Luís XIV, podemos entender a relevância do Museu Nacional em sua vida. O prestígio de um, era também o do outro. Entretanto, Ladislau tinha outra instituição que requeria e deveria receber bastante da sua atenção.

## 1.1 A Família Netto

Embora não saibamos ao certo a data, podemos supor que foi por volta do segundo quinquênio de 1860 a 1870 que Ladislau Netto casou-se com Laurentina Muniz Freire, baiana, nascida no ano de 1847. Segundo Abelardo Duarte, ela tinha um temperamento dócil, era cheia de virtudes cristãs, finamente educada<sup>104</sup>. Na intimidade do lar e nas cartas endereçadas aos parentes, a moça adotava “Iaiá” como apelido.

E Ladislau a citava sempre como “minha mulher” e “minha dona” entre os amigos<sup>105</sup>. Em cartas a seu amigo João Francisco Dias Cabral, médico, jornalista e historiador alagoano, o diretor do Museu Nacional escrevia: “eu e minha dona muito nos recomendamos aos seus e em particular à sua senhora”<sup>106</sup>; “Como vai sua senhora? Não quer ela dar um passeio a esta cidade? O Museu oferece-lhe um excelente cômodo e minha mulher terá o maior prazer em hospedá-la”<sup>107</sup>. Esses fragmentos das cartas nos indicam que João Francisco e Ladislau tinham uma amizade íntima.

---

<sup>104</sup> DUARTE, 1950, p. 193.

<sup>105</sup> Idem, p. 194.

<sup>106</sup> Carta de 19 de setembro de 1883 Apud DUARTE, 1950, p. 194.

<sup>107</sup> Carta sem data Apud DUARTE, 1950, p. 194.

Como pode ser notado, Ladislau tinha muita estima pelo seu amigo, e principalmente pela “sua senhora”. E tinha o hábito de citar Laurentina, talvez como um ato de carinho, e assim, dava-lhes importância. Os consortes poderiam ser vistos juntos nos eventos da *boa sociedade* da Corte e, por muitas vezes, estavam presentes no beija-mão do Imperador D. Pedro II<sup>108</sup>, de quem Ladislau era amigo e conselheiro.

## 1.2 A Prole

O casal morou alguns anos entre as dependências do Museu Nacional, nos arredores do Campo do Santana, e em Todos os Santos, na Rua Goiás, numa “mansão de paz, franca e acolhedora”<sup>109</sup>. Essa união rendeu frutos. Com um marido extremamente ligado ao associativismo, e de tantos trabalhos e aparições, suspeitamos da falta de tempo de Ladislau para se dedicar à vida familiar. E por isso confiamos em falar dos filhos do casal, neste espaço dedicado à Laurentina, que certamente era a pessoa que mais zelava por eles. De que temos notícia, o casal teve seis filhos: Leonor de Souza Mello Netto, Ladislau Netto Júnior, Luiza de Souza Mello Netto, Lavinia de Souza Mello Netto, Lucilia de Souza Mello Netto e Laura de Souza Mello Netto.

Leonor era a primogênita do casal, nascida em 12 de setembro de 1871. Pública era a vida de seus pais, e por isso, o que ocorria na família era digno de nota. E com isso, todos os dados obtidos sobre a menina constavam nas folhas dos periódicos da Corte. A doença sofrida por Leonor foi muito noticiada e posteriormente se tornou recorrente na família Netto. Notável foi o esforço dos pais em prol da melhora de Leonor.

---

<sup>108</sup> *Gazeta de Notícias*, 11 de junho de 1879, p.1.

<sup>109</sup> *Ibidem*.

No dia 21 de novembro de 1886, temos a notícia de que estava restabelecida de grave enfermidade, a “gentil Mlle<sup>110</sup>. Leonor Netto, estremecida filha do Sr. Dr. Ladislau Netto”<sup>111</sup>. Esta foi a primeira vez que o nome da menina apareceu na imprensa, à vista disso, não conhecemos a data de início da doença. Entretanto, notamos que, de certa forma, era aqui comemorada sua melhora. Em dezembro do mesmo ano, Ladislau embarcou para Palmeiras, onde, a conselho médico, foi levar sua “Exma. filha D. Leonor Netto”<sup>112</sup>. A jovem era vítima da tuberculose, à época, a doença era tratada com boa alimentação, repouso, e incorporação do clima das montanhas<sup>113</sup>. A moça tinha então piorado, e a viagem feita pelo pai mostrava que a família estava seguindo as orientações dadas pelo médico.

Em janeiro do ano seguinte, Ladislau tinha a intenção de transportá-la para São João del-Rei e para isso, seu “aflito pai conduziu-a para a Barra do Piraí, esperando que melhorasse o seu estado e minorasse a sua debilidade”<sup>114</sup>, para só então, seguir para a cidade mineira. A menina ficou em São João del-Rei para recobrar sua saúde, logo, acreditamos que sua família não negligenciava os cuidados de Leonor. Depois de meses de tratamento, o Sr. Dr. Cândido Barata Ribeiro<sup>115</sup> seguia para a cidade para examinar Leonor, “cuja moléstia se tem consideravelmente agravada nesses últimos dias (...) o professor da Faculdade de Medicina da Corte, ele tem esperanças de salvar a distinta enferma”. Infortunadamente, mesmo com todos os cuidados da família, a menina piorava, mas isso não fez com que nem ela e nem o médico desistissem da cura de Leonor.

O diretor do Museu Nacional, a essa altura de sua vida, era uma pessoa influente. E não se privou desta influência para investir no tratamento de sua filha. O médico professor

---

<sup>110</sup> Mademoiselle, senhorita em francês, usado para se referir a mulheres jovens e solteiras.

<sup>111</sup> *Diário de Notícias*, 21 de novembro de 1886.

<sup>112</sup> *Diário de Notícias*, 19 de dezembro de 1886.

<sup>113</sup> Portal Fiocruz. Tuberculose. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/es/taxonomia-geral-doencas-relacionadas/tubercuolse>. Acesso em: 08/02/2021.

<sup>114</sup> *Diário de notícias*, 15 de janeiro de 1887.

<sup>115</sup> Cândido Barata Ribeiro (1843-1910) foi médico, escritor e político brasileiro. Era abolicionista e republicano.

saiu da cidade que residia para examinar a menina. Ainda assim, lamentavelmente, no dia 13 de maio de 1887, faleceu Leonor Netto, “moça notável pela instrução e bondade de coração”<sup>116</sup>. Seu sepultamento ocorreu em São João del-Rei, onde compareceu grande número de pessoas das mais graduadas da cidade, cuja população tinha “pela jovem enferma a mais viva estima”<sup>117</sup>.

Dias depois da morte da menina, o periódico *A Semana* lança a seguinte nota:

Há alguns dias foi o Dr. Ladislau Netto, o ilustre diretor do Museu Nacional e cavalheiro estimabilíssimo, ferido no mais fundo de seu coração, pela perda de sua talentosa e gentilíssima filha Leonor, que faleceu em São João del-Rei, vítima de terrível tuberculose, contra a qual nada pode a ciência médica, representada por homens da estatura do Dr. Barata Ribeiro.

Como sincera manifestação do nosso pesar e do grande apreço em que temos o Dr. Ladislau, publicamos hoje uns lindos e sentidos versos, dirigidos em francês à sua Exma. esposa, e um belo soneto em que soluça, estrangulado de dor, um coração de pai. Nossos pêsames<sup>118</sup>.

Esta foi uma das duas mensagens de conforto à Ladislau e à esposa após a morte da filha. Leonor deixou a família muito jovem, aos dezesseis anos de idade. Lastimavelmente, os esforços familiares e médicos não foram suficientes para salvá-la. Como relata a própria publicação, o jornal que demonstrava os pêsames à família ainda trouxe consigo um soneto escrito pelo próprio Ladislau e uma carta destinada à Laurentina, ou como eles chamaram, “Mademoiselle Ladislau Netto”. A redação também se destaca por ser a única a citar a mãe de Leonor. Em todas as outras, vimos Ladislau como figura familiar única no tratamento da filha. Outro periódico que noticiou a perda da menina, só ofereceu pêsames ao alagoano, ignorando completamente a dor da mãe e dos demais familiares.

---

<sup>116</sup> *Gazeta de Notícias*, 18 de maio de 1887.

<sup>117</sup> *Idem*.

<sup>118</sup> *A Semana*, 29 de maio de 1887, p. 7.

Já o soneto escrito por Ladislau se intitulava “Mais uma filha morta<sup>119</sup>”, mostrava a dor do pai ao perder uma filha. O Título do poema dava a entender que já não era a primeira filha do diretor que fenecia. Contudo, os filhos apresentados nesta tese são os únicos que tivemos registros durante a pesquisa. Voltando ao soneto, deixamos aqui sua imagem.

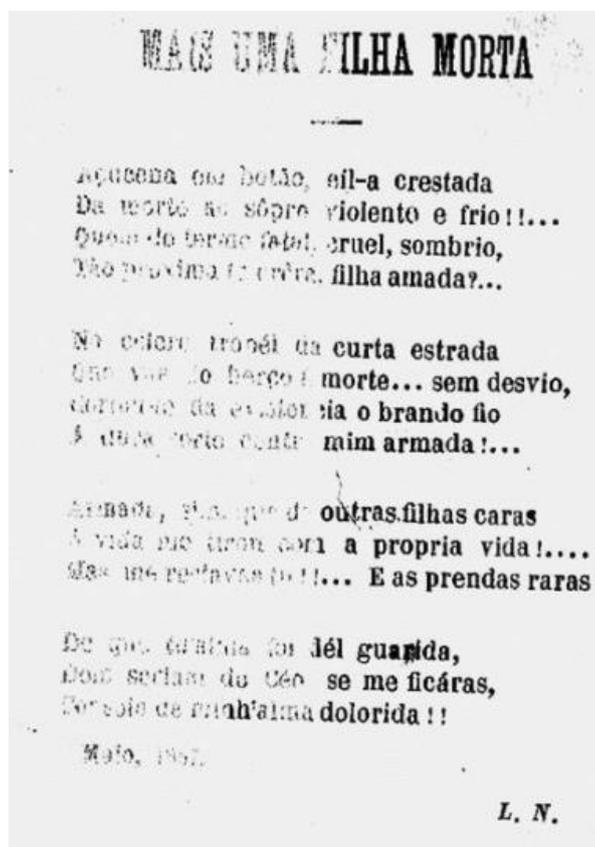


Figura 6 - Soneto à Leonor

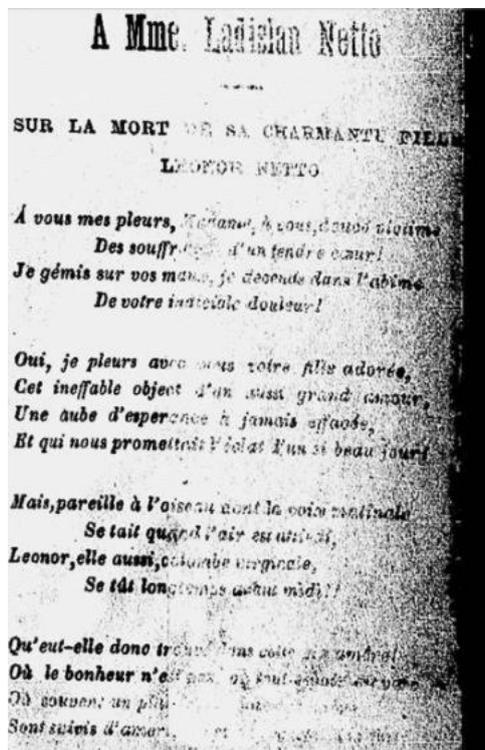
Fonte: A Semana, 29 de maio de 1887, p.5. Hemeroteca da Biblioteca Nacional

Embora parte da leitura seja incompreensível, podemos notar a sensibilidade de Ladislau ao escrever palavras em homenagem à filha. Mesmo com a “alma dolorida”, ele conseguiu expressar a forma como a morte, “violenta e fria”, “cruel e sombria”, havia levado

<sup>119</sup> Julgamos aqui ser o título do Soneto “Mais uma filha morta”, por identificarmos o “mais” como palavra mais coerente ao texto. Entretanto, devemos notar que não desconsideramos a hipótese de não ser. O precário estado do texto, lamentavelmente, não nos permite ser precisos. Deste modo, não descartamos a possibilidade do nome da poesia ser “Mãos uma filha morta”, já que a impressão permite que, a letra “i” seja confundida com “o”. A suspeita do segundo título também se dá quando levamos em consideração que a grafia de mal/mau, pode ser realizada com “o” no Brasil do século XIX.

a sua Açucena, o seu amor, a sua filha. Ainda na mesma página d'A *Semana*, encontramos os versos em francês, dirigidos à Laurentina.

Figura 7 - “À Mademoiselle Ladislau Netto”



Fonte: A Semana, 29 de maio de 1887, p.5. Hemeroteca da Biblioteca Nacional

Seguindo as mesmas condições do soneto, não é possível saber ao certo a mensagem destinada à mãe que acabara de perder uma filha, e que deveria, assim como o seu marido, estar devastada. Nada obstante, temos o conhecimento de que era assinada por uma amiga e que certamente se tratava de palavras de carinho e conforto.

Voltando à prole do casal, o único nascido homem recebeu o nome do pai. Ladislau Netto Júnior nasceu a tantos<sup>120</sup> de janeiro de 1872. Infelizmente, não conseguimos muitas informações sobre ele. O *Gazeta de Notícias* aponta que em 1888, o menino passou em um

<sup>120</sup>"BRASIL, Rio de Janeiro, Registros da Igreja Católica, 1616-1980", database with images, *FamilySearch* (<https://www.familysearch.org/ark:/61903/1:1:8BF3-DYZM> : 8 Nov. 2020), Ladislau Mello Netto, 1873.

exame preparatório<sup>121</sup> na matéria de corografia<sup>122</sup>. Porém, não foi possível identificar mais sobre o assunto, ficamos limitados a essa informação.

Contudo, é sabido que o rapaz teve uma vida curta. Aos dezenove anos de idade faleceu de tuberculose pulmonar aguda, em três de fevereiro de 1891 na cidade de Barbacena, Minas Gerais<sup>123</sup>. No *Jornal do Comércio*, ainda é possível encontrar informações sobre o convite de Ladislau e Laurentina para a missa de sétimo dia, na igreja de São Francisco de Paula, pela alma de “seu muito prezado filho”<sup>124</sup>.

Assim como foi o caso de Ladislau Netto Júnior, não foi exequível conseguir muitas informações<sup>125</sup> a respeito de suas demais irmãs. Apesar de Leonor e de pais frequentemente presentes nas laudas da imprensa, assim não eram demais os filhos. Desta forma, citaremos então os dados encontrados:

Luiza nasceu no ano de 1876. Casou-se com Antônio José de Azevedo no dia dez de março de 1897 e teve sete filhos: Aracy Azevedo da Rocha Paranhos, Atalá Azevedo de Siqueira, Alba de Azevedo, Altair de Azevedo, Lucilia de Azevedo, Laurentina de Azevedo e Ladislau Netto de Azevedo. A moça fez então uma homenagem à sua irmã e aos seus pais. Bem, se o diretor do Museu era um bom pai, não sabemos ao certo, pois um homem tão ocupado talvez não tivesse tanto tempo para se dedicar à família. Mas, indubitavelmente, o prestígio que ele tinha na Corte e fora dela, o fazia digno de homenagem. E esta, passara de pai para filho e neto. Já Laurentina, pela educação e instrução que eram prometidas às mulheres na época, imaginamos que era uma boa e dedicada mãe, fazendo ser merecida a sua homenagem.

---

<sup>121</sup> *Gazeta de Notícias*, 30 de novembro de 1888, p.1.

<sup>122</sup> Corografia era uma especialidade da Geografia que se dedicava a estudar um país ou uma região particularmente, de forma detalhada.

<sup>123</sup> Tentamos encontrar mais informações a respeito da família de Ladislau. Entretanto, devido à limitação na consulta aos arquivos, conseguimos apenas as informações que estão aqui inseridas na tese.

<sup>124</sup> *Jornal do Comércio*, 10 de fevereiro de 1891.

<sup>125</sup> O nome de todos os filhos de Laurentina e Ladislau Netto, foram pesquisados no Diário Oficial da União, nos sites *Family Search* e *My Heritage*, assim como na Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Na Hemeroteca o período da pesquisa foi delimitado entre os anos de 1870-1899.

Nos jornais da Corte, encontramos a notícia de que Luiza Netto, enquanto jovem, havia ganhado menção honrosa na escola de São Cristóvão, mantida pela Associação Promotora da Instrução<sup>126</sup>, associação benemerita na qual Laurentina era sócia e diretora. Devemos supor que, apesar da posição de sua mãe, seguramente, a menina herdou a inteligência dos pais. Findadas as notícias<sup>127</sup>, apontamos que, ao que consta no atestado de óbito de Luiza, ela era doméstica, natural do Rio de Janeiro, faleceu de septicemia estreptocócica<sup>128</sup> no dia 25 de maio de 1935 e deixou cinco filhos adultos.

Lavínia nasceu em sete de agosto de 1877, e foi batizada no ano seguinte, no dia 30 de maio. Seus padrinhos foram Manoel Gonçalves Duarte e sua esposa Dona Paulina Guimarães Duarte. A respeito dos padrinhos da menina nada encontramos. A falta de informação sobre o casal, não foi exclusiva. Sobre Lavínia, só encontramos o registro de batismo. Ao contrário da maioria dos irmãos, que se tem notícias do registro de nascimento e óbito, ou casamento, sobre ela, a única referência de sua existência é o documento paroquial. Partindo desse pressuposto e da ausência de Lavínia na imprensa, podemos supor que ela pode ter falecido precocemente ainda quando bebê.

Lucilia nasceu em 1881 no Rio de Janeiro. Aos dezesseis anos de idade, casou-se com Oscar Chaves Ferreira Campos, baiano de 22 anos, no dia 15 de janeiro de 1898. Desse enlace nasceram: Lucilia Chaves Ferreira Campos e Marina Chaves Ferreira Campos. No dia 28 de março de 1902, em Santa Tereza<sup>129</sup>, aos 21 anos de idade, Lucilia faleceu de tuberculose miliar aguda e deixou uma filha. Já era a terceira filha que, lamentavelmente, o casal perdia para esta doença.

Laura, a última das filhas de que temos notícias, é uma grande incógnita. Ao contrário de seus irmãos, que mesmo que poucas, nos deixaram pistas de suas vidas, Laura nos levou

---

<sup>126</sup> *O Paiz*, 23 de janeiro de 1885.

<sup>127</sup> Foram visitados todos os periódicos nacionais que citaram Luiza Netto, entre os períodos de 1870-1899.

<sup>128</sup> Infecção bacteriana na corrente sanguínea.

<sup>129</sup> *Jornal do Brasil*, 29 de março de 1902, p.1.

“a ver navios”. Nem o registro de batismo, tal como Lavínia ela tem. Os únicos registros em que aparece o nome da menina foram publicados nos periódicos *Gazeta da Tarde*<sup>130</sup> e *Folha Nova*. O primeiro, ao mostrar uma doação da família Netto à Quermesse da Confederação Abolicionista<sup>131</sup>, cita a senhorita. Já o segundo, aponta, junto a uma lista com vários nomes, o aniversário da menina no dia 21 de fevereiro de 1884<sup>132</sup>. A falta de mais documentos dela nos faz duvidar de sua existência. Não podemos ignorar a possibilidade de ser um simples erro de digitação do redator. Ou até mesmo, a confusão entre os nomes Laura e Lucilia ou Laura e Lavínia, mesmo que tão diferentes, afinal, tudo é possível.

Ladislau e Laurentina construíram uma família. Se compararmos aos moldes familiares atuais, diríamos que foi uma grande família. Apesar do falecimento precoce de alguns dos filhos, os progenitores tiveram nove netos. Para melhor visualização da descendência de nossos personagens, construímos sua árvore genealógica.

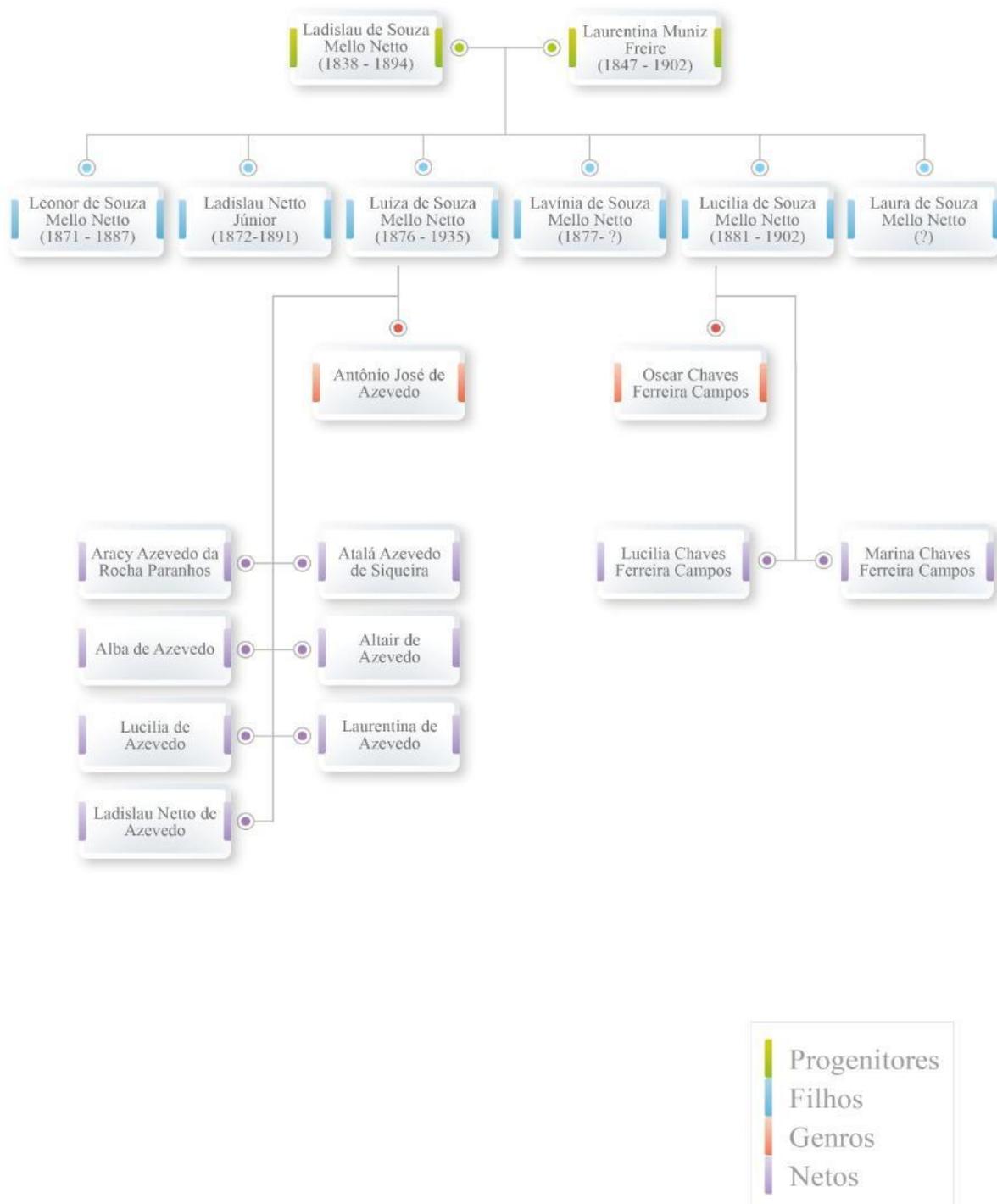
---

<sup>130</sup> *Gazeta da Tarde*, 11 de março de 1884.

<sup>131</sup> Essa publicação será analisada em outro momento da tese.

<sup>132</sup> *A Folha Nova*, 21 de fevereiro de 1884, p. 1.

Gráfico 3 - Árvore Genealógica da Família Souza Mello Netto



Fonte: Árvore genealógica criada com base na documentação do *Family Search*, 2022.

Consoante a legenda, destacamos Ladislau e Laurentina em verde como progenitores do núcleo familiar. Em azul destacamos cada um de seus filhos. Somente Luiza e Lucilia se

casaram, deste modo, os genros foram destacados em vermelho e os netos em roxo. Os pais e filhos possuem as datas de nascimento discriminadas pois fazem parte do núcleo principal desta família. O progenitor não conheceu nenhum de seus netos uma vez que, ambas as filhas casaram anos depois de seu falecimento.

### **1.3 Laurentina Muniz Freire (Netto)**

Conforme assinalou Emília Viotti da Costa, na primeira metade do século XIX o retrato da mulher brasileira de classe média e classe alta poderia ser aludido ao de uma criança, que vivia os primeiros anos de sua vida sob a tutela de um pai despótico e posteriormente, estaria sob o controle estrito do marido, ao qual, de acordo com a lei, a religião e os bons costumes, deveria ter cega obediência<sup>133</sup>.

Estas mulheres eram reprimidas, vigiadas, e tinham seus horizontes aos cômodos de sua casa. Assim como apontou Karolina Dias da Cunha, havia grande insistência para que a mulher fosse afastada da vida social e que considerasse a reclusão do lar como seu único espaço<sup>134</sup>. A religião oficial do império, o catolicismo, assim como o pensamento positivista, eram duas variantes que levavam as mulheres para este papel doméstico e subalterno.

Todavia, ao longo dos séculos, tais mulheres foram ganhando espaço fora do teto domiciliar. De acordo com Costa, elas passaram a frequentar teatros, bailes, confeitarias, visitavam amigos, iam às compras e à praia. Entretanto essa pequena amostra de liberdade não as absteve da figura da mulher dependente e muito menos as livraram da teia patriarcal<sup>135</sup>.

---

<sup>133</sup> COSTA, 2010, p. 493.

<sup>134</sup> CUNHA, 2014, p. 3.

<sup>135</sup> COSTA, 2010, p. 494.

Conforme notou Josette Lordello, “a mulher brasileira branca do século XIX aparecia como um ser despersonalizado, com atividade circunscrita ao lar e à Igreja, salvo pouquíssimas exceções (...)”<sup>136</sup>. Em consoante a historiadora devemos notar que, à sombra do casamento, a esposa deveria ser representada pelo marido em atos judiciais e extrajudiciais. Nesta subserviência, o esposo teria direito a administrar propriedades que fossem da mulher, assim como todas as suas finanças. Por muito tempo a mulher não pôde trabalhar fora do lar, abrir conta bancária e nem mesmo ficar com a guarda de seus filhos se houvesse separação. A posição da mulher na sociedade deste período era de alta dependência patriarcal e por vezes, humilhante.

Em concordância com Costa, devemos notar que diante da lei, a mulher das classes mais abastadas estava permanentemente num estado de menoridade<sup>137</sup>. A mesma menoridade que para Immanuel Kant era a preguiça e covardia que impediam ao homem atingir o esclarecimento<sup>138</sup>. Deste modo, devemos entender que o estereótipo feminino não deveria ter independência e nem esclarecimento.

No final do século XIX, as mudanças ocorridas na vida das mulheres se deram principalmente com o desenvolvimento do capitalismo<sup>139</sup>. As das classes mais altas tiveram oportunidades de um estudo que não fosse tão voltado para os afazeres domésticos, tiveram contato com o mercado consumista e tiveram acesso a modelos de comportamento de países mais desenvolvidos. Segundo Costa, “assim como o capitalismo se desenvolveu no Brasil dentro de uma trama de patronagens múltiplas, a independência e autonomia das mulheres cresceram dentro da teia patriarcal”<sup>140</sup>.

Desta forma, ainda que submetidas à autoridade masculina, tais mulheres estavam conseguindo se desvencilhar da menoridade, com boas instruções e estudos, saíam da esfera

---

<sup>136</sup> LORDELLO, 2002. p. 43.

<sup>137</sup> COSTA, 2010, p. 495.

<sup>138</sup> Cf. KANT, 1985, p. 100.

<sup>139</sup> Cf. COSTA, 2010.

<sup>140</sup> COSTA, 2010. 501.

privada participavam da vida pública na Corte, de confrarias, instituições de caridade, falavam outros idiomas, sabiam tocar piano, cantar, bordar, recitar, desenhar... Esse novo modelo de vida social feminino carregava junto consigo um ideal de moralidade. De acordo com Cunha, “as mulheres que poderiam frequentar o espaço público deveriam fazer de forma educada, eram elas a base moral da sociedade e as responsáveis pela formação de uma decência saudável”.

Este estava longe de ser o ideal de independência dessas mulheres que tinham agora um novo modelo a seguir. Muitas, apesar da instrução não tinham profissão e continuavam tendo dependência financeira de seu marido. Contudo, estes foram pequenos avanços da vida feminina que iam em contramão ao patriarcado. E é nesse grupo de mulheres que se encontra a nossa atual personagem.

As biografias e diversos trabalhos a respeito de Ladislau Netto não se propõem a falar um pouco mais da história de sua esposa. Quando o fazem, pouco se fala e as informações se tornam repetitivas. Sabemos que este espaço não faz jus à história de Laurentina. Seu nome não deveria estar atrelado somente à imagem de seu esposo.

Entretanto, levando em consideração seu esforço e protagonismo em alguns episódios significativos da história da educação de mulheres no Rio de Janeiro, reservamos esse pedaço da tese para ela. Ainda que de forma breve, e insuficientemente digna da imagem da moça, achamos necessária a aparição dela aqui. Com isso, iremos deixar a história do homem da ciência de lado um pouquinho para conhecermos mais dessa mulher, que além de tantas coisas, foi sua esposa. Por isso, optamos por usar o seu nome de solteira.

Figura 8 - Laurentina Muniz Freire



Fonte: DUARTE, 1950.

Nasceu no Rio de Janeiro em 1847 e tinha como pais o Doutor Reginaldo Muniz Freire e Dona Laurentina Julia Muniz Freire. Como uma mulher nascida no Brasil oitocentista e filha de uma família que contava com ilustres homens públicos<sup>141</sup>, podemos sugerir que o casamento de Laurentina Muniz Freire com Ladislau de Souza Mello Netto foi arranjado. Um funcionário público, homem da ciência, era certamente um partido que a família almejava para a menina. A influência do esposo asseguraria o prestígio social da família. E assim o foi. O novo casal cumprindo seu papel na sociedade, contemplava os letrados da Corte com muitas notas a seu favor. Na imprensa carioca, os cônjuges apareciam com frequência. E seja acompanhada pelo nome de seu esposo ou não, lá estava Laurentina.

---

<sup>141</sup> DUARTE, 1950, p.193.

Duarte apontou em sua obra, que a senhora não “foi a animadora de sua obra, isto é, no sentido de encorajamento, de impulso, de exaltação; não tinha jeito, mesmo, para essas coisas”<sup>142</sup>. Não obstante, escolhemos desacreditar da fala do biógrafo alagoano. A trajetória de Laurentina não foi tão restrita ao lar. Ao contrário dos estereótipos e imaginário da imagem e da honra das mulheres de elite do Brasil do século XIX<sup>143</sup>, a nossa personagem não contentou sua jornada ao bordado, à saúde da família, à atuação religiosa e ao mundo doméstico. A vida da baiana enquanto solteira não parece interessante aos jornais da Corte. Como foi dito anteriormente, não conseguimos identificar a data do casório entre Laurentina e Ladislau, mas é depois do casamento que, notadamente, conseguimos localizá-la.

#### 1.4 Laurentina na Imprensa Carioca

A maioria das publicações realizadas que citam o nome da nossa personagem foram feitas após seu casório com Ladislau. Ainda enquanto solteira, temos duas notas<sup>144</sup> referentes a ela. Ambas relatam a participação da baiana na Sessão Comemorativa da Sociedade Ensaio Literários em sete de setembro de 1864. Aos 17 anos, Laurentina junto a Adelaide Muniz Freire Moreira, tocava piano na tal sessão. Segundo o *Diário do Rio de Janeiro*, ambas foram “vivamente aplaudidas”<sup>145</sup>. Supomos que Adelaide era parente de Laurentina, provavelmente, sua irmã, contudo, não conseguimos descobrir nada a seu respeito.

No Brasil oitocentista, era possível notar uma divisão nos espaços sociais, principalmente quando se tratava das classes mais abastadas da sociedade. Achava-se que esfera pública era um lugar “onde se trabalhava, discutia-se política, desenvolvia-se o

---

<sup>142</sup> Idem.

<sup>143</sup> Cf. HABNER In PINSKY; PEDRO, 2013, p. 47.

<sup>144</sup> Vale mencionar que para adquirirmos informações sobre a vida de Laurentina, foram todos consultados os periódicos da Hemeroteca da Biblioteca Nacional, no período entre 1860-1909.

<sup>145</sup> *Diário do Rio de Janeiro*, setembro de 1864, p. 1.

intelecto, frequentava-se cafés e bordéis”<sup>146</sup> e era exclusivamente masculina. E enquanto isso, a esfera privada era destinada a ser um lugar feminino por excelência. E nela as mulheres tinham que dar conta da “administração das economias do lar, dos afazeres domésticos, da criação dos filhos, da perpetuação da moralidade, da reclusão, da obediência e do culto à intimidade”<sup>147</sup>. Partindo desse pressuposto, podemos entender que os papéis femininos e masculinos eram muito bem delimitados dentro da sociedade da Corte. Sair um pouco desse esquema não era a regra e sim, exceção.

Apesar de ser uma mulher na Corte do século XIX, casar-se com um homem público fez com que Laurentina fosse notada pela imprensa. Sua vida não era restrita à esfera privada, e aos poucos ganhava certa notoriedade. Embora a vida de Laurentina não fosse tão pública quanto a de seu esposo, nas páginas dos periódicos cariocas foram possíveis identificações de alguns de seus feitos enquanto cidadã ativa. Como mulher letrada e da boa e alta sociedade, ela participava de projetos sociais e de filantropia. Como por exemplo, fazer parte da comissão que organizava a *soirée*<sup>148</sup> musical da Associação Mutuação Filantrópica Protetora. A noite em questão, angariava fundos para o asilo dos meninos desvalidos<sup>149</sup>.

Nas páginas da *Gazeta de Notícias*, dia 08 de janeiro de 1879, Laurentina foi mencionada, depois de ter tocado a Sinfonia do Guarani<sup>150</sup> a dois pianos, junto a Bertha Koeller e aos senhores Dr. Bastos e Dr. Geraldo Ribeiro, em um sarau musical organizado pela comissão de senhoras que “tomaram sob sua imediata proteção a Exposição Industrial Fluminense”.

---

<sup>146</sup> SOUTO, 2016, p. 99.

<sup>147</sup> SOUTO, 2016, p. 100.

<sup>148</sup> Reunião social que ocorre à noite.

<sup>149</sup> *O Repórter*, 1879, p. 1.

<sup>150</sup> A ópera “O Guarani”, criada por Carlos Gomes e baseada no livro homônimo de José de Alencar, foi o primeiro sucesso de uma obra musical brasileira no exterior. Carlos Gomes começou sua composição entre 1867 e 1868, mas só foi finalizada mais tarde, e teve sua estreia no dia 19 de março de 1870, no Teatro Alla Scalla de Milão, na Itália. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/explore/destaques-do-acervo/guarani-carlos-gomes>.

Tal exposição aconteceu nos Jardins e Salões da Velha Guarda, contíguos ao Theatro Pedro II<sup>151</sup> e foi organizada e dirigida pela mesma associação da qual Laurentina tocava na *soirée*. Entre as seções da Industrial Fluminense encontravam-se: matérias primas – minerais, animais e vegetais; tecidos, produtos manufaturados fibras; móveis; máquinas; motores e meios de transporte; modelos e métodos para aumento e difusão do ensino; engenharia, obras públicas, arquitetura; artes plásticas e gráficas; “objetos ilustrativos dos esforços empregados no melhoramento da condição física, intelectual e moral do homem; invenções e melhoramentos industriais privilegiados pelo governo imperial”<sup>152</sup> e por fim um aquário.

A exposição tinha como objetivo a amostra e valorização de alguns dos produtos mais notáveis da indústria nacional, visando o progresso industrial. Mostrando a genialidade dos brasileiros, alguns produtos expostos poderiam ser vendidos. Era o grande momento de publicizar esses objetos, o telefone e o para-raios estavam entre eles. Era a hora do Brasil mostrar suas riquezas e tecnologias.

Os expositores participaram de um concurso no fim da exposição e ganharam medalhas pelo bom serviço ao país. Ainda teve um júri especial de senhoras para premiar os “trabalhos de bordados e outras obras apresentadas pelas diretoras de colégios públicos e privados”<sup>153</sup>. Além da indústria, a educação fazia parte da preocupação dos organizadores da exposição.

Seu marido, e diretor do Museu Nacional, também fazia parte da comissão que a organizava. A mesma, além de incentivar a progressão nacional, também tinha um caráter beneficente, em cinco de dezembro de 1878, fizeram um bazar filantrópico. Este bazar tinha como propósito realizar doações em benefício de escolas para os filhos dos associados da Mutuação Filantrópica e Protetora, do Asilo dos Meninos Desvalidos, do Hospital da

---

<sup>151</sup> Foi inaugurado em 1871, localizado na Rua Gonçalves Dias, em 1890, com a Proclamação da República passou a se chamar Teatro Lírico.

<sup>152</sup> *Gazeta de Notícias*, 04 de agosto de 1878, p.1.

<sup>153</sup> *Idem*.

Sociedade Portuguesa de Beneficência, dos Asilos de Dr. Ibiapina e manumissão de escravizados. Com um fundo emancipador, a Associação distribuiu ao público, principalmente o comprador dos produtos, “os *anúncios libertadores* (grifo deles) que dão opção, reunidos, a manumissão de escravos”<sup>154</sup>. Talvez o interesse abolicionista dele tenha começado por aqui, mas sobre isso, falaremos mais à frente.

E não era só o seu esposo uma pessoa influente e inteligente, também era a Laurentina. A Corte brasileira buscava a modernidade no século XIX. Indícios dessa procura podem ser notados na própria Exposição Industrial Fluminense, que citamos anteriormente. Laurentina estava envolvida nessa busca.

Em outubro de 1881, o Liceu de Artes e Ofícios abria a sua primeira turma feminina. Como um dos objetivos da Sociedade Propagadora das Belas Artes<sup>155</sup>, o Liceu foi criado em 1856, e tinha como propósito proporcionar um ensino profissionalizante, com base nas artes, e indústria. As aulas eram voltadas principalmente para classes operárias, sendo exclusivas para o gênero masculino<sup>156</sup>. Era necessário qualificar mão de obra para atender à grande demanda industrial, que estava se expandindo, como já foi visto.

No seu primeiro vintênio, essa exclusividade masculina fez parte da história do Liceu, e só no dia 11 de outubro de 1881, foi aberta a primeira turma que concedeu às mulheres um lugar nele. A modernidade da Corte dependia da educação das mulheres. Conforme assinalou Juliana de Oliveira, “o Liceu refletia e integrava o movimento mais amplo de formação e desenvolvimento da modernidade capitalista, a partir da constituição simultânea do Estado e do mercado”. Sendo assim, a indústria, crescente no país, necessitava de mão de obra subalterna, e viram nas mulheres essa oportunidade.

---

<sup>154</sup> *Gazeta de Notícias*, 04 de agosto de 1878, p.1.

<sup>155</sup> A Sociedade Propagadora das Belas Artes foi criada em 23 de novembro de 1856, em uma das salas antigas do Museu Nacional. Na ocasião, 99 homens se tornaram membros dela, após a assinatura da ata da fundação.

<sup>156</sup> LELIS, 2016, p. 33.

Desse jeito, a educação disponibilizada era profissionalizante. Além da profissionalização, a ideia de educar e instruir mulheres estava também pautada na noção de que eram elas, as responsáveis por passar conhecimento para seus filhos. Ser mãe era, e ainda é, a primeira profissão feminina. O curso feminino então, contava com disciplinas como: desenho de figura, desenho de ornatos, música, português (leitura e gramática) e aritmética.

As aulas para as mulheres eram noturnas, assim as interessadas poderiam trabalhar de dia nas fábricas e estudar após o expediente, o que causou incômodo à parte da sociedade. A noite oferecia muitos perigos e perdições às meninas. Porém, para amenizar a situação e assegurar a moralidade e honra das alunas, a instituição separou duas salas de espera, para que familiares as esperassem até o fim de suas lições<sup>157</sup>.

O fim da era exclusivamente masculina do Liceu foi marcado pela publicação da *Polyantheia Commemorativa das Aulas para o Sexo Feminino do Imperial Lycêo de Artes e Offícios*. Segundo o Dicionário Aurélio, uma polianteia é uma antologia de obras de um homem ilustre, organizada em sua homenagem, ou referente a algum evento notável<sup>158</sup>. E essa fazia jus ao nome. Nesta comemoração, pouquíssimas mulheres e “os mais distintos homens de letras da sociedade”<sup>159</sup> contribuíram.

---

<sup>157</sup> LELIS, Idem, p. 56.

<sup>158</sup> AURÉLIO. Dicionário Online de Língua Portuguesa. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/polianteia/>. Acesso em: 04 de fev. de 2021.

<sup>159</sup> BERNARDES, 1988, p. 21.

Figura 9 - Polianteia de Inauguração das Aulas para o Sexo Feminino



Fonte: BERNARDES, 1988, p. 20.

Foram publicados textos de 131 escritores. Eram exatamente quatro mulheres e 127 homens, entre eles André Rebouças<sup>160</sup>, Machado de Assis<sup>161</sup> e Ladislau Netto. Os textos produzidos pelas figuras masculinas mostravam o que pensavam de intelectuais ativos na sociedade sobre a educação e o papel da mulher na Corte. Segundo Maria Thereza Bernardes, as ideias poderiam ser divididas em seis concepções distintas:

---

<sup>160</sup> André Pinto Rebouças (1838-1898) foi bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas e engenheiro civil brasileiro. Foi segundo-tenente do Exército Brasileiro. Sócio da SAIN. Oficial da Ordem da Rosa, era também abolicionista e monarquista.

<sup>161</sup> Joaquim Maria Machado de Assis (1839 - 1908). É considerado o maior nome da literatura brasileira.

1. A educação deve preparar a mulher exclusivamente para o lar e jamais contribuir para sua emancipação intelectual ou profissional;
2. Ideias evasivas que não chegam a definir educação feminina;
3. A educação deve completar a formação feminina;
4. A educação da mulher consiste, sobretudo em sua preparação moral e religiosa;
5. Educar a mulher é contribuir para a dignificação da família, da nação e do mundo;
6. A educação da mulher representa sua emancipação<sup>162</sup>;

Sobre isso, Bernardes ainda afirma que a minoria dos autores acreditava na educação como complemento da formação feminina. Entre os adeptos, podemos citar: Machado de Assis, Artur Azevedo<sup>163</sup> e João Baptista de Lacerda. Já a maioria dos escritores, acreditava na quinta percepção, seguindo um total de 63 textos. Entre os quais podemos destacar André Rebouças, Nicolau Moreira<sup>164</sup>, Sílvio Romero e Joaquim Nabuco<sup>165</sup>. Partindo do pressuposto de que a publicação só contava com homens distintos, podemos imaginar que essas ideias principais influenciavam toda a sociedade brasileira. Estava evidente o papel feminino na Corte, que deveria ser estritamente ligado a moral, aos bons costumes, à família e à religião.

De acordo com Bernardes, o marido de Laurentina tinha seu texto configurado no quarto grupo de ideias. Afirmando assim, que a moral e a religião eram bases fundamentais para a educação feminina, Ladislau negava às mulheres a liberdade do esclarecimento. De fato, ele não rejeitava a instrução, mas mostrava fazer parte da sociedade patriarcal, que condenava essa pedagogia ao limite moral e familiar. E enquanto isso, sua esposa tinha outras sugestões para o ensino dedicado às mulheres. A baiana parecia não se enquadrar nos anseios de seu marido e não parecia depender de sua permissão para atuar. Isso não a impediu de

---

<sup>162</sup> BERNARDES, 1988, p. 23.

<sup>163</sup> Artur Nabantino Gonçalves de Azevedo (1855-1908) foi um jornalista, poeta e dramaturgo brasileiro.

<sup>164</sup> Nicolau Joaquim Moreira (1824-1894) foi farmacêutico e médico brasileiro.

<sup>165</sup> Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo (1849-1910) foi um político, jurista, diplomata, historiador, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras e abolicionista.

seguir sua trajetória na vida pública. Laurentina discordava do marido e isso se tornava claro em sua participação no Liceu.

Prosseguindo com os autores da Polianteia, citaremos agora as distintas mulheres a quem se destinavam os primeiros textos da publicação. Eram elas: Guilhermina de Azambuja Neves, Adelina Lopes Vieira, Anna Machado Nunes Penna e Laurentina Muniz Freire Netto. Ao contrário dos cento e tantos homens que se destacavam na sociedade por conveniência, já que a cultura patriarcal faz parte desse país desde os tempos mais primórdios, das mulheres temos poucas informações. À vista disso, sabemos que Guilhermina e Adelina eram professoras<sup>166</sup> e que Anna e Laurentina faziam parte do conselho da Associação Protetora da Infância Desamparada<sup>167</sup>.

Concordamos com Francismara Lelis quando a historiadora sugere que tais mulheres estavam presentes na obra pois representavam o grupo social que seria beneficiado com o novo curso do Liceu. E que a escolha dessas mulheres, talvez viesse com a ideia de exemplaridade<sup>168</sup>. Eram mulheres que receberam a educação adequada e deveriam ser modelos morais de bom comportamento, conduta e boas relações e de impecável imagem dentro da Corte brasileira.

Como citado na introdução desta tese, a pandemia mudou a nossa forma de pesquisar e com isso, ficamos restritos a algumas fontes. A Polianteia foi uma delas. Não sabemos se foi o texto inteiro ou só um fragmento, mas notamos, a partir da dissertação de Francismara Lelis<sup>169</sup>, que as palavras que Laurentina preparou para a publicação comemorativa foram parar no *Gazetinha Águia de Ouro*<sup>170</sup>, no ano de 1882. O jornal nos apresenta o seguinte discurso:

---

<sup>166</sup> Cf. LELIS, 2016.

<sup>167</sup> *Brazil*, 28 de fevereiro de 1884.

<sup>168</sup> LELIS, 2016, p. 71.

<sup>169</sup> LELIS, 2016, p. 81.

<sup>170</sup> Publicação mensal dedicada aos fregueses da Imperial Alfaiataria *Águia de Ouro*.

Os desvios das mulheres perante as leis sociais devem ser atribuídos na maior parte dos casos, à sua falta de cultura intelectual.

Aos arroubos de um coração extremo sensível, de uma ardente imaginação, convém, pois, que se anteponha o culto da razão.

Harpa-eólia, cujos sons acordam ao mais leve sopro das brisas, não deixemos que suas harmoniosas cordas se distendam às intempéries do relento.

Venham afinar-lhas a instrução e proteger-lhas o recato do saber.

É mister que a luz do ensino seja para o ardente coração da mulher o que a prata e o cobre são no crisol do joalheiro para o ouro puro, cuja extrema ductilidade, sem essa liga, não se prestaria nunca às exigências da indústria e das belas artes.

Laurentina Netto<sup>171</sup>

Sugerimos que estes desvios sociais de que ela cita possam estar relacionados a questões da moralidade, que regia o bom andamento da *boa sociedade*. Estes desvios eram um problema. E concordamos com Lelis, quando a historiadora supõe que, de acordo com Laurentina, o desenvolvimento intelectual seria a cura para tal. Seria então o culto à razão o responsável por evitar esses desvios<sup>172</sup>.

Já na parte em que cita os corações sensíveis, nossa escritora faz uma alusão a um pensamento da época de que práticas de suicídio e outras fragilidades e comportamentos ligados à saúde mental sucediam às mulheres pois eram consideradas emocionalmente fracas e sensíveis<sup>173</sup>. Como discorreu De Oliveira, Laurentina foi ao encontro das ideias da medicina e higienistas que rondavam o Brasil oitocentista, e que “orientavam sobre a necessidade de uma educação apropriada, que assim evitaria malefícios e vícios”<sup>174</sup>. Neste caso, além do bem-estar, a boa imagem, a moral e os bons costumes, aparecem mais uma vez, prevalecendo no universo feminino do século XIX.

---

<sup>171</sup> Gazetinha Águia de Ouro, 1882, p.3.

<sup>172</sup> LELIS, 2016, p. 81.

<sup>173</sup> DE OLIVEIRA, 2019, p. 53.

<sup>174</sup> Idem.

A segunda metade do oitocentos foi marcada por grandes transformações no Brasil<sup>175</sup> e como uma entusiasta da educação e membra da *boa sociedade*, Laurentina incentivava o desenvolvimento de seu país. Nele, faltava um papel maior dedicado ao poder feminino. A fala da escritora soava como um manifesto, que convidava as mulheres a suprir essa carência. O convite para as aulas do Liceu seria a oportunidade de se instruírem e se prepararem para o mercado de trabalho.

Um ano depois, o mesmo texto é encontrado nas páginas do Grêmio dos Professores Primários, que era um órgão da Sociedade dos Professores Primários de Pernambuco. À ocasião, as ideias de Laurentina vinham com o título de *Pensamentos Progressistas*. Dito isso, podemos observar que o manifesto dela não circulou somente pelas ruas da Corte. Suas palavras atravessaram a região Sudeste e foram parar no centro-leste da região Nordeste e quiçá em outras regiões do Brasil.

As ideias de Laurentina não foram usadas só na Polianteia, a mesma ainda se encontrava na relação dos autores de outra publicação do Liceu. Travava-se da *Democrotema Comemorativa do 26º Aniversário de Fundação do Lycêo de Artes e Offícios*, publicada em 1882. Infelizmente, não achamos muitas informações sobre a publicação, mas sabemos que mais uma vez, foi realizada com a colaboração de muitos autores. E além de Laurentina, outras cinco mulheres contribuíram na elaboração, entre elas, Adelina A. Lopes Vieira.

Depois da sua ligação com o Liceu, a Sr<sup>a</sup> Muniz Freire, participava de outra instituição com valores educacionais. Em 04 de dezembro de 1883, Laurentina participou de uma sessão como conselheira do Museu Escolar Nacional<sup>176</sup>, na ocasião, ela e os demais conselheiros indicavam sócios para completar o quadro do lugar. O Museu Escolar Nacional

---

<sup>175</sup> Como a abolição da escravidão, a crise e queda do Império, o desenvolvimento das Ciências, o início das teorias de branqueamento e práticas higienistas, desenvolvimento da indústria...Tratava-se de transformações sociais, políticas, econômicas e culturais.

<sup>176</sup> A *Folha Nova*, 05 de dezembro de 1883.

foi criado em 02 de dezembro de 1883 e foi o primeiro museu pedagógico brasileiro<sup>177</sup>. Os museus pedagógicos eram espaços dedicados à formação de professores. Depois de sua fundação, ele passou a funcionar no andar superior da Imprensa Nacional. Além das aulas, o museu, entre os anos de 1884 e 1887, exibiu exposições escolares anuais<sup>178</sup>.

Já em 1885, Laurentina apareceu como parte da comissão superior do museu<sup>179</sup>. Ainda na categoria de conselheira, ela era membra da Associação Protetora da Infância Desamparada<sup>180</sup>, criada em 29 de julho de 1883 com o objetivo de levar instrução primária às crianças rurais livres e libertas. É evidente o interesse dessa mulher nas atividades educacionais do país. Devido ao envolvimento de Laurentina em tantas associações e eventos voltados para a educação, insinuaremos aqui que a moça além de mãe, esposa, filantrópica, escritora, tivesse sido professora. Entretanto, não excluimos a possibilidade de ela não ter lecionado, frente à posição do marido e de seus compromissos domiciliares e sociais, embora seu esposo fizesse tantas e todas as coisas ao mesmo tempo.

Continuando com a pesquisa sobre a vida desta mulher, nos deparamos com uma interessante informação nas páginas de um periódico carioca. No dia 6 de agosto de 1892, o *Jornal do Comércio* lançava uma notícia sobre a Exposição de Chicago. A Exposição Universal de Chicago ou Exposição Colombiana Mundial podia ser chamada também de Feira Mundial de Chicago. Foi realizada no mesmo período que marcou os 400 anos da chegada de Cristóvão Colombo às Américas e foi também um dos eventos mais importantes dos Estados Unidos no final do século XIX.

O evento deveria ser grandioso e mostrar a modernidade, evolução do pedaço de terra estadunidense. Esta exposição contava com o Conselho Diretor de Senhoras (Board of Lady Manager), que foi criado e autorizado por influência do Congresso Norte-Americano e da

---

<sup>177</sup> Cf. PETRY; SILVA. 2013.

<sup>178</sup> PETRY; SILVA, 2013, p. 83.

<sup>179</sup> *Diário de Notícias*, 29 de julho de 1885.

<sup>180</sup> *Brazil*, 28 de fevereiro de 1884.

Comissão Colombiana, para garantir os interesses das mulheres na Exposição. Para isso, o conselho precisou junto com as principais comissões de cada país participante do evento, estabelecer comissões femininas. Diante disto, nas páginas do jornal da Corte, nos deparamos com a seguinte informação:

A comissão brasileira de Chicago, já elegeu a comissão de senhoras brasileiras que devem tomar parte na mesma Exposição (...) a escolha recaiu sobre as esposas dos membros da comissão brasileira, a fim de melhor garantir a harmonia de vistas e solidariedade que deve haver entre as duas comissões brasileiras<sup>181</sup>.

Dado exposto, o senhor diretor do Museu Nacional fazia parte desta comissão como vice-presidente. Não à toa, o nome de Laurentina aparecia entre a lista de mulheres. Nossa personagem ocupava então o mesmo cargo de seu marido, era vice-presidente deste comitê. Em outubro do mesmo ano, uma publicação da *Gazeta de Notícias*, nos deixa saber que Laurentina não foi a única mulher da família Netto a participar dessa comissão. Luiza Netto, uma das filhas do casal, seguindo os passos de sua mãe, também estava presente na lista composta por dezoito mulheres:

- Josina Peixoto, presidente honorária;
- Mariella de Oliveira, presidente;
- Laurentina Muniz Freire Netto, vice-presidente;
- Maria José de Mello Paes Leme, secretária;
- Maria Dodsworth de Frontin, secretária;
- Marieta de Paica Coutinho;
- Jozephina Rocha de Toledo;
- Carlota Cardozo Osório de Almeida;
- Maria Augusta Viveiros Brandão;
- Francisca Coutinho Buarque de Macedo;
- Lina Lemos Bastos;
- Guilhermina Werneck de Niemeyer;

---

<sup>181</sup> *Jornal do Comércio*, 06 de agosto de 1892.

- Luiza de Souza Mello e Netto;
- Baroneza de Quartin;
- Mathilde de Albuquerque Aschof;
- Francisca de Rezende Barroso;
- Maria Gabriella de Souza Aguiar;
- Luiza de Aguiar Moreira<sup>182</sup>;

Todas elas, mulheres instruídas, integrantes da *boa sociedade*, e guardiãs da moralidade. Além desse time extenso, a fim de concorrer com a “maior soma possível de iniciativa feminina”<sup>183</sup>, para melhor representar o Brasil na Exposição, o comitê decidiu promover a organização de comissões auxiliares de senhoras em todos os Estados da República<sup>184</sup>. É certo que dedicadas e obstinadas, essas mulheres almejavam um trabalho impecável. Elas tinham como principal objetivo realçar a representação do país na Exposição, assegurando o lugar que, com toda dignidade, competia às brasileiras no progresso da civilização universal.

O Conselho, junto à comissão feminina, tinha o propósito de assinalar a primeira participação de mulheres num evento tão significativo quanto este. Promovendo com:

exata precisão, os progressos atingidos pela mulher em todos os países do mundo, no decurso do século em que lhe foram garantidos certos privilégios de educação e outros, ficando assim provada crescente utilidade que d’ái resultou para o desenvolvimento de suas aptidões<sup>185</sup>.

Neste caso, entendemos que a exposição estava buscando valorizar o trabalho feminino em diversas esferas, como por exemplo, as artes, as ciências e a indústria. A ideia patriarcal de que a mulher estava fadada ao serviço doméstico era aqui deixada de lado. E abria-se com isso um espaço para o protagonismo. E não era um lugar onde teriam quatro

---

<sup>182</sup> *Gazeta de Notícias*, 20 de outubro de 1892.

<sup>183</sup> *Idem*.

<sup>184</sup> Vale notar que apesar da maior parte da vida de Laurentina ser contada durante o Império do Brasil. A Exposição de Chicago ocorreu já no Regime Republicano, uma vez que a Proclamação da República ocorreu em 15 de novembro de 1889.

<sup>185</sup> *Gazeta de Notícias*, 20 de outubro de 1892.

mulheres e mais de cem homens escrevendo como deveria ser realizada a educação feminina, como foi ocorrido na Polianteia. Aqui eram mulheres organizando algo para mulheres. Acreditamos que, ainda que houvesse uma comissão masculina, essa tinha outras preocupações, e não tinham intenções de interferir nas ações delas.

A exposição prezava mostrar os novos horizontes que estavam sendo continuamente franqueados à mulher. E revelar quais eram os melhores cursos a seguir “em virtude de sua natural adaptabilidade, seu temperamento impressionável, sua intuição artística e gosto individual”. Apesar da estereotipização do feminino, o intuito era mostrar qual educação elas deveriam seguir, de acordo com seus gostos e habilidades.

O evento entendia que não convinha separar os produtos dos trabalhos femininos e masculinos, pela razão que, em quase todas as fábricas do mundo, as tarefas de ambos os sexos eram as mesmas, e por isso se tornava praticamente impossível, na maioria dos casos, “chegar a fazer-se uma distinção final de trabalhos depois de assim confundidos e avaliar o mérito correspondente”<sup>186</sup>. A ideia dos organizadores era de que as mulheres ficariam satisfeitas com o sentimento de que seus trabalhos seriam premiados, pois estariam entre os melhores. Neste quesito, a exposição buscava a igualdade entre os dois gêneros citados.

Contudo, o evento ainda contava com um júri que daria prêmios aos trabalhos feitos pelas mulheres, devido ao grande número de trabalhos. O comitê feminino era o responsável por escolher os membros deste. O registro dessa banca iria demonstrar de “uma maneira impressiva, a larga produção de trabalho de peso universalmente executado pelo sexo fraco”<sup>187</sup>. Isso nos mostra que a ideia de igualdade, de que o trabalho do homem e da mulher era o mesmo dentro da indústria, se restringia exclusivamente ao espaço industrial. Havia uma comissão feminina voltada para mulheres, havia um prêmio para elas, de fato havia

---

<sup>186</sup> Idem.

<sup>187</sup> *Gazeta de Notícias*, 20 de outubro de 1892.

reconhecimento do talento e esforço praticado por elas, entretanto, tudo isso não era (e ainda não é) suficiente, para que eles não se referissem ao feminino como o “sexo frágil”.

A comissão das senhoras, composta por duas mulheres da família Netto, deveria escolher apenas os objetos de “suprema excelência”. Os trabalhos escolhidos seriam expostos no Palácio das Senhoras. Diferente de uma exposição comum onde os objetos selecionados são expostos em salas, nesta eles eram expostos em diferentes edifícios.

A arquitetura do prédio feminino foi selecionada em um concurso onde participaram senhoras arquitetas. E quase tudo no edifício era resultado do esforço feminino, desde jardinagem, esculturas, trabalhos de pinturas. E a maioria deles foi escolhida por meio de concursos. Ainda sobre a mão de obra feminina, a exposição contava com uma biblioteca onde foram expostos livros feitos por escritoras, um hospital modelo, onde trabalharam enfermeiras e médicas e uma cozinha modelo.

A Exposição de Chicago deu esse espaço ao comitê feminino, que tinha Laurentina como vice-presidente, pois seus organizadores acreditavam que as mulheres estavam se tornando um “poderoso fator no mundo industrial”. A elas cabiam essencialmente a arte da paz e do progresso. Era por meio das muitas instituições educativas e beneficentes que as mulheres combatiam as injustiças e negligências sociais. Com isso, as mulheres detinham uma grande influência para o bem. Conseguindo assim:

diminuir o vício, a transformar os mal-aventurados e depravados em aptos cidadãos, a elevar o nível da moral da sociedade, a aumentar finalmente a soma de felicidade humana, secundando destarte, eficazmente, as mais altas aspirações de todos os governos, a par dos mais nobres esforços que lhe possam ser prestados<sup>188</sup>.

O papel feminino era aqui desenhado assim como foi feito na Polianteia, sob o viés da educação. Embora sejam projetos diferentes, ambos apontam para o papel social da mulher.

---

<sup>188</sup> *Gazeta de Notícias*, 20 de outubro de 1892.

Não só esses, mas todos os espaços em que Laurentina fora citada refletiam bem este dever com a sociedade. A moral, os bons costumes e a “felicidade humana” dependiam delas.

## 1.5 A Figura da Esposa

É com a Exposição de Chicago que termina a breve história da passagem de Laurentina na imprensa carioca. Ainda que sucinta, se comparada à de seu esposo, as menções à baiana nos permitiram conversar um pouco sobre a história das mulheres não só no Rio de Janeiro, como no resto do mundo, se considerarmos o caráter universal da exposição.

Ainda sobre Laurentina Muniz Freire Netto<sup>189</sup>, Abelardo Duarte nos conta que mesmo enviuvando, ela não se descuidou da memória do marido. Segundo o biógrafo de Ladislau Netto, a viúva buscou regularizar alguns interesses do falecido esposo. Como prova, o autor nos apresenta o episódio em que Laurentina envia ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - IHGB um ofício junto a uma caneta de ouro cravejada de brilhantes. Tratava-se do instrumento utilizado pelo Marechal Deodoro da Fonseca quando ele assinou a Constituição da República.

Como Ladislau Netto conseguiu o objeto, não sabemos. Uma vez que tinha D. Pedro II como mecenas, é de se esperar, e não há registros de que Netto compactuava com as ideias republicanas. Dito isso, também não temos informações sobre qualquer tipo de laços entre ele e Deodoro. Talvez a caneta tenha chegado à sua posse pela sua posição enquanto diretor de uma instituição, que assim como o IHGB, preservava a memória nacional. De certo, só nos resta suposições. Especulações à parte, além da caneta, fora entregue também uma coroa de

---

<sup>189</sup> Abrimos a exceção do parêntese nesse caso, pois estamos destacando as atividades de Laurentina enquanto esposa de Ladislau de Souza Mello Netto.

folhetas de ouro “oferecida outrora” ao Conselheiro Francisco B. da Silveira, por seus herdeiros<sup>190</sup>.

A notícia da doação da viúva também chegou nas páginas da imprensa carioca, no dia 24 de agosto de 1896: o *Jornal do Comércio*, incluía a coroa já citada, em uma lista de doações feitas ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro naquele período. A publicação ainda notava que aquele objeto “em mão de seu finado marido, ficara para ser entregue ao Instituto”<sup>191</sup>. Apesar de não falar dos outros objetos, o instituto trazia à público o donativo de Laurentina.

Estes eram objetos que o diretor do Museu Nacional quisera que fossem doados ao IHGB. Antes destes, Ladislau já havia oferecido a esta instituição o colar do Visconde de Rio Branco e outros objetos que eram “antes monumentos históricos do que objetos próprios das coleções científicas do Museu”<sup>192</sup>. Após a doação de Laurentina, o Dr. Olegário H. d’Aquino Castro, presidente do IHGB à época, mandou um ofício à viúva afirmando que tais ofertas davam “testemunho do vivo interesse que ao Instituto ligava esse ilustre e saudoso consócio, cuja memória será sempre grata ao mesmo Instituto”<sup>193</sup>. Após elogios ao finado e promessa ao seu legado, este documento encerrava a então longa relação que teve o esposo de Laurentina e o IHGB.

Com essas doações, a matriarca se dignou a cumprir e a respeitar os desejos do patriarca da família, que não havia deixado testamento, mas que tinha exposto suas intenções, em vida, para a esposa. Depois da morte do marido em 1894, Laurentina e suas duas filhas, Luiza e Lucilia, receberam pensão do Ministério da Justiça e Negócios de Interiores<sup>194</sup>.

Após a perda do patriarca da família Netto, o nome de Laurentina voltou a aparecer na imprensa. A partir desse momento, pós-óbito do marido, ela adquire o título de viúva. Aqui

---

<sup>190</sup> DUARTE, 1950, p.194.

<sup>191</sup> *Jornal do Comércio*, 24 de agosto de 1896, p.3.

<sup>192</sup> Brasil Contemporâneo. Apud DUARTE, 1950, p. 195.

<sup>193</sup> DUARTE, 1950, p. 195.

<sup>194</sup> *Relatórios do Ministério da Justiça*, 1895, p. 305.

mesmo nesta tese, a mencionamos como tal. Contudo, uma publicação d' *A Notícia* nos incomodou. Laurentina havia comparecido em uma missa pela alma do conselheiro Rodolpho Epiphany de Souza Dantas, em outubro de 1901. O jornal então publica uma lista com os nomes das pessoas que o prestigiaram e lá estava ela, a “viúva Ladislau Netto”<sup>195</sup>. Concordamos que à época era mais que comum a subalternização feminina, porém, achamos que não deveríamos esconder nossa indignação com o relato. Laurentina não se reduzia ao papel de esposa, mesmo que seu marido fosse um homem público e de prestígio na sociedade.

Indignação exposta, chegamos agora às últimas menções ao nome de Laurentina. Nesta ocorrência, os jornais anunciavam o falecimento da matriarca. O *Jornal do Brasil* informava que “a viúva do notável botânico brasileiro, conselheiro Dr. Ladislau Netto”<sup>196</sup> havia morrido. Segundo o periódico, a finada era irmã dos senhores General Napoleão Muniz Freire e Tenente-Coronel Nicoláo Muniz Freire, e sogra dos senhores Antônio José de Azevedo e Oscar Campos<sup>197</sup>, os maridos de Luiza e Lucilia, respectivamente. A matriarca da família deixava Luiza como única filha ainda viva, porém, o sistema patriarcal brasileiro não deixou que sua herdeira fosse mencionada.

Na publicação ainda constava que ela “era muito estimada na nossa sociedade pelas qualidades altamente virtuosas que a exornavam”<sup>198</sup>. No dia 3 de novembro de 1902, às 14h da tarde, Laurentina Muniz Freire (Netto), faleceu de arteriosclerose<sup>199</sup>, aos 55 anos de idade, em sua residência na Rua Senador Furtado, número 27, no Rio de Janeiro<sup>200</sup>. A matriarca,

---

<sup>195</sup> *A Notícia*, 8-9 de outubro de 1901, p.2.

<sup>196</sup> *Jornal do Brasil*, 4 de novembro de 1902, p. 2.

<sup>197</sup> *Jornal do Brasil*, 4 de novembro de 1902, p. 2.

<sup>198</sup> *Idem*.

<sup>199</sup> A Arteriosclerose, termo genérico para espessamento e endurecimento da parede arterial, é a principal causa de morte no mundo ocidental, atualmente.

<sup>200</sup> “Brasil, Rio de Janeiro, Registro Civil, 1829-2012,” database with images, *Family Search* (<https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:79DS-3GZM> : 9 April 2020), Ladislau Netto in entry for Laurentina Muniz Freire Netto; citing Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; Corregedor Geral da Justiça (Inspector General of Justice Offices), Rio de Janeiro.

assim como seu marido, foi sepultada no Cemitério de São Francisco Xavier. À época, a Associação Promotora da Instrução, da qual a finada havia sido sócia, publicou em sua ata “profundo pesar pelo falecimento da prestimosa sócia ex-diretora”<sup>201</sup>. Diante da nota e do relato do jornal, podemos identificar que Dona Laurentina era uma querida e respeitada em seu meio.

Laurentina foi mulher, filantropa, simpatizava com a causa abolicionista<sup>202</sup>, escritora, ativa no associativismo da Corte, mãe, esposa. Respeitada, prestimosa, ousada. Ótima musicista, era sempre ovacionada ao tocar piano. Preocupada com a educação, era uma pessoa dedicada à causa. Foi uma incentivadora da educação feminina em meados do século XIX. Devemos destacar também que é notável sua participação como conselheira do Museu Escolar Nacional, assim como nos espaços que tinham como principal objetivo a instrução infantil. Pela sua atuação na divulgação do conhecimento, podemos dizer que era também uma intelectual mediadora<sup>203</sup>, que se preocupava em transmitir cultura para públicos diversos.

Nesta versão aqui contada, a experiência de Laurentina e de tantas outras mulheres das classes média e alta brasileira divergia das demais. Enquanto procuravam educação, independência e autonomia, mulheres de classe mais baixa, pobre e livre, buscavam diariamente formas de sobreviver e aquelas que eram escravizadas, além disso, preocupavam-se em ser vistas como humanas e almejavam a liberdade<sup>204</sup>.

Mulher branca, letrada, casada com um intelectual renomado, parte da elite carioca, moradora de um espaço urbano. Esses eram alguns pontos que permitiam essa movimentação de Laurentina para além das paredes de seu lar<sup>205</sup>. Diferente de muitas mulheres restritas ao

---

<sup>201</sup> *Jornal do Brasil*, 2 de dezembro de 1902, p. 2.

<sup>202</sup> Acreditamos que Laurentina era abolicionista. Apesar de não termos nenhum documento em que ela se autodeclarasse como abolicionista, como fez o seu marido, a participação da família na Quermesse da Confederação Abolicionista e o fato dela estar rodeada de pessoas a favor da abolição da escravidão, nos fazem pensar nessa possibilidade.

<sup>203</sup> Para melhor entendimento da categoria de intelectual mediador, conferir GOMES; HANSEN, 2016.

<sup>204</sup> Sobre a experiência das mulheres no século XIX, conferir COSTA, 2010; BERNARDES, 1988.

<sup>205</sup> Sobre a atuação das mulheres da elite no século XIX, conferir HABNER In PINSKY; PEDRO, 2013.

espaço privado, por vezes, não fez parte dos bastidores da vida social. Ela atuou também na esfera pública, fugindo da sombra do marido. Ainda que breve, essa é uma pequena parte de uma versão da história de Laurentina Muniz Freire (Netto). Mulher que conhecemos graças à Ladislau de Souza Mello Netto, por ser sua esposa, e que admiramos pela sua jornada.

Conhecida a versão "pai" de Ladislau Netto, e um pouco de sua família, chegou a hora de visitarmos uma outra versão do sujeito. Essa é também sua face mais famosa e mais falada, a de diretor do Museu Nacional.

## **1.6 A administração alagoana**

Como foi mencionado no capítulo anterior, antes mesmo de se tornar diretor geral do Museu Nacional, Ladislau Netto já fazia parte do grupo de servidores da instituição. O alagoano que há três anos morava na França, e lá se dedicava à História Natural e à Botânica, no dia 22 de março de 1865, foi chamado para dirigir uma das seções do MN. Na obra que retrata as investigações históricas e científicas do museu, Netto afirma que no período em que recebeu o convite ele não conhecia absolutamente nada do MN e tão pouco sabia que num espaço curto de tempo os interesses e a existência do museu seriam sinônimos aos seus<sup>206</sup>.

No mesmo dia que recebeu a notícia, Netto comunicou à Sociedade Botânica da França o prazer que teve ao receber o convite. Foi na ocasião também que o novo diretor da Seção de Botânica do Museu Nacional fez solenes promessas de para todo o sempre trabalhar pela Ciência. E ele cumpriu. No fim do ano seguinte ao decreto do Imperador, Ladislau retorna ao Brasil para assumir seu cargo. É neste momento que o nordestino inicia sua relação com o museu, e principia a construção de uma intensa história, que só termina pouco antes de sua morte.

---

<sup>206</sup> Cf. NETTO, 1870, p.131.

Um ano depois de ingressar como diretor da instituição, o jornal *O Globo* anunciava e chamava a atenção para a administração que vinha sendo realizada por Netto, com as seguintes palavras:

O Museu Nacional, que graças ao infatigável e ilustrado zelo de seu novo diretor, o Sr. Dr. Ladislau Netto, entrou em brilhante via de melhoramento, vai já prometendo ao Brasil tornar-se uma repartição digna do país, depois de haver por largos anos vegetado de modo inglório<sup>207</sup>.

Segundo o periódico, a campanha de Netto projetava glória ao MN. O redator além de elogiar Ladislau, denunciava certa negligência de direções anteriores. A publicação aponta um sucesso do sujeito, logo nos primeiros meses sob comando da instituição. Nota-se então o entusiasmo do alagoano na sua nova posição de trabalho.

Foram quase vinte anos à frente do Museu Nacional. Nesse período Netto realizou grandes feitos e reservamos esse espaço para salientar algumas das ações realizadas durante um relacionamento sério entre Ladislau e o MN. Sobre sua atuação enquanto diretor, podemos citar as palavras encontradas no *Fastos*<sup>208</sup> da instituição, seu colega de trabalho, João Batista de Lacerda<sup>209</sup> foi pontual ao notar que foi aquele:

o início do período mais fecundo, de maior atividade e de mais intenso brilho na história do Museu Nacional. Ele cresceu muito no valor do cabedal que possuía e na reputação científica, que já havia adquirido, até nivelar-se com as melhores instituições congêneres existentes em outros países da Europa e da América. (...) veio o que se poderia com razão chamar de **idade de ouro** do Museu Nacional<sup>210</sup>.  
(grifo nosso)

---

<sup>207</sup> *O Globo*, 05 de junho de 1875.

<sup>208</sup> Os *Fastos*, na antiguidade, eram livros em que os romanos indicavam festas públicas e registravam os fatos memoráveis que ocorriam. João Batista de Lacerda, escreveu o *Fastos do Museu Nacional*, em 1905, não para mostrar o museu como uma festa pública, mas para registrar todos os fatos memoráveis da instituição, assim como um dia fizeram os romanos.

<sup>209</sup> Médico, antropólogo e cientista brasileiro. Foi um dos entusiastas das teorias de branqueamento racial no Brasil, além disso, foi diretor do Museu Nacional entre 1895 e 1915.

<sup>210</sup> LACERDA, 1905, p. 37.

Lacerda aponta Netto como o diretor mais ativo do MN, e alerta também para uma constatação importante. O esforço de Ladislau não deve ser negado, entretanto, não devemos negligenciar os degraus alcançados pelos diretores anteriores. O nosso personagem não ergueu o Museu Nacional do zero, Ladislau encontrou um museu pronto, que funcionava em suas conformidades desde a sua inauguração e coube a ele aprimorá-lo. Após classificá-la como **idade de ouro**, devemos constatar que a direção do alagoano foi egrégia.

O museu alcançou outro patamar que ainda não tinha sido ascendido ao longo de sua história. E foi no anseio deste lugar que Ladislau Netto decidiu investir piamente na transformação do museu em uma instituição científica ativa. Talvez mesmo ele só tivesse a ambição de saber o desejo de legar aos porvindouros um patrimônio inestimável no campo das ciências naturais e sociais. Para Netto, manter um museu de História Natural era necessário dentro de uma nação civilizada e amante do progresso, na qual o culto à ciência deveria ser compreendido e contado entre os preceitos supinos desta nação.

Uma das providências tomadas por Netto, enquanto diretor, foi a mudança no regulamento do museu. Mesmo sendo criado em 1808, o museu demorou muitos anos até ser organizado de acordo com os padrões seguidos pelas instituições científicas estrangeiras. O primeiro regulamento do Museu Nacional, *Regulamento 123* de 03 de fevereiro de 1842, organizado durante a direção de Frei Custódio Alves Serrão<sup>211</sup>, dividia a instituição em quatro seções:

1. Anatomia Comparada e Zoologia;
2. Botânica, Agricultura e Artes Mecânicas;
3. Mineralogia, Geologia e Ciências Físicas;

---

<sup>211</sup> Foi diretor do Museu Nacional entre 1828 e 1847. Formou-se professor de Física e Química na Faculdade de Coimbra. Já no Brasil, exerceu a função de lente de Zoologia e Botânica da Imperial Academia Brasileira. Fundador da Biblioteca do Museu Nacional.

4. Numismática, Artes Liberais, Arqueologia, Usos e Costumes das Nações Antigas e Modernas<sup>212</sup>;

Esses novos moldes visavam ser responsáveis por uma melhor classificação e conservação dos objetos. Essa nova organização não mudou só as seções da instituição, novos cargos e novas práticas também faziam parte deste regulamento. E foi a partir dele que cada sessão foi confiada a um diretor em especial. E caberia a ele desenvolver as atividades científicas, a classificação e curadoria de objetos, e a escolha das pessoas que fossem trabalhar na determinada sessão como seus auxiliares. Havia também neste regulamento a determinação de um Conselho de Administração composto pelos diretores das seções. Voltando à regulamentação e às ações de Ladislau, foi com o Decreto 6.116 em 1876, que foram reformuladas as divisões do museu. As seções, antes quatro, foram diminuídas para três nestas categorias:

1. Antropologia, Zoologia geral e Aplicada, Anatomia Comparada e Paleontologia Animal;
2. Botânica Geral e Aplicada e Paleontologia Vegetal;
3. Ciências Físicas: Mineralogia, Geologia e Paleontologia Geral<sup>213</sup>.

Por ocasião da falta de um espaço específico para os estudos de Arqueologia, Etnografia e Numismática, estas áreas ficaram sediadas em seção anexa ao Museu Nacional<sup>214</sup>. E tinham como objetivo estudar a “raça americana, bem como a arte dos povos selvagens primitivos ou modernos do novo continente e levar um grande desenvolvimento científico ao Brasil”<sup>215</sup>.

Sobre a Etnografia no século XIX, iremos concordar com Michele de Barcelos Agostinho, quando esta sugere que entre esta e o termo Etnologia poderia haver sinonímia.

---

<sup>212</sup> LACERDA, 1905.

<sup>213</sup> Idem.

<sup>214</sup> LACERDA, 1905, p. 38.

<sup>215</sup> Tradução livre. NETTO, 1889, p. 18.

Conforme ressaltou a historiadora que na França a etnografia podia ser compreendida como uma ciência descritiva e de auxílio das Ciências naturais e históricas. Já a etnologia era reconhecida pelo estudo das “raças”. Contudo, tais definições não eram lidas em consenso pela comunidade científica oitocentista. Em outros países como a Inglaterra, Alemanha e Itália, houve uma tentativa de fusão em síntese das áreas de Antropologia, Etnografia e Etnologia. Ainda sobre o debate, Agostinho destaca que a falta de consenso “criou uma clivagem epistemológica onde os termos representavam campos teóricos e institucionais específicos, pelo menos até os anos de 1930”<sup>216</sup>. E é sobre esse ramo da Ciência que vai se debruçar Ladislau durante a maior parte da sua administração no MN.

Quando narra sobre os estudos realizados na “quarta seção”, Ladislau Netto aponta que o material estudado eram os últimos vestígios restantes das tribos indígenas que iriam desaparecer<sup>217</sup>. Nas palavras do próprio diretor do MN, as causas desse desaparecimento seriam as mais diversas. À exemplo estariam “as febres, a varíola e, sobretudo, as afecções sifilíticas, bem como a falta de nutrição e outras causas de destruição”<sup>218</sup>.

A seção, responsável pelo conhecimento da cultura dos povos que futuramente deixariam de existir, ficaria anexa ao Museu Nacional até que se arrumasse um estabelecimento especial para o estudo destas disciplinas. O diretor almejava a construção de um novo museu arqueológico e etnográfico, que, infelizmente, não saiu do plano das ideias<sup>219</sup>.

Neste mesmo decreto, o então diretor designa não só a reorganização das seções do Museu, como também as atividades competentes a cada subdiretor, aos auxiliares, ao secretário e a quantidade de naturalistas viajantes. E ainda o que seria feito nos cursos públicos, que conforme salientaram Magali Sá e Heloisa Domingues, deveriam trazer à

---

<sup>216</sup> AGOSTINHO, 2020, p116.

<sup>217</sup> Idem.

<sup>218</sup> NETTO, 1889 pp. 18-19

<sup>219</sup> Cf. NETTO, 1889, p.18.

público, novas ideias e conceitos científicos<sup>220</sup>. Outrossim, o decreto indicava como seriam feitas as publicações, além de disposições gerais daquela instituição.

Garantindo seu poder sobre o museu, o decreto afirmava que Ladislau enquanto diretor geral iria além de dirigir e fiscalizar todos os ramos de serviço. Netto determinava ter também voto de qualidade nas deliberações do Conselho Diretor, assim como ter o controle de nomear naturalistas e demais cargos. Para os cargos principais, os candidatos deveriam ser cidadãos brasileiros, ter maioria e capacidade profissional. Os praticantes, que acreditamos serem os profissionais que atuavam diretamente nos laboratórios e expedições, deveriam ter habilitação em exame público nas seguintes matérias: línguas nacional, latina e francesa; geografia; aritmética e geometria<sup>221</sup>. As exigências de Netto miravam na competência para elevar e prestigiar o nome da instituição, e se encontravam na modernidade.

Modernidade esta que por sua vez, também se baseava na moralidade. Como um homem de seu tempo e integrante da *boa sociedade*, Ladislau expunha a força que essa qualidade exercia dentro do museu. A moral aparecia no regulamento como pré-requisito para ser diretor, subdiretor de seções, ou qualquer outro tipo de servidor do recinto. Contudo, as vontades do dirigente daquele estabelecimento não se restringiam aos cientistas e demais servidores da instituição.

Como um cientista e intelectual mediador<sup>222</sup>, Ladislau Netto também se preocupava com a disseminação do conhecimento científico para o grande público. No artigo 34 do mesmo regulamento, o diretor impôs que fosse “franqueada às pessoas decentemente vestidas

---

<sup>220</sup> DOMINGUES; SÁ, 1996, p. 84.

<sup>221</sup> LACERDA, 1905, p. 43.

<sup>222</sup> De acordo com Angela de Castro Gomes e Patrícia Hansen discorrem sobre o conceito de intelectual moderador. De acordo com as autoras, além da produção de conhecimento e bens culturais, o moderador pode ser tanto aquele que se dirige a um público de pares, como a um público não especializado. Cf. GOMES; HANSEN, 2016, p. 21.

a visita do estabelecimento nos dias e horas designados pelo regimento interno”<sup>223</sup>. A vestimenta decente era algo que certamente honrava a moralidade. E conseqüentemente, levava o museu à premissa da modernidade.

Ladislau buscava organizar a instituição com base nos moldes europeus<sup>224</sup>, foi ele quem em 1875 iniciou os cursos públicos na instituição e em 1876, criou a revista trimestral científica do Museu Nacional, a *Revista Archivos do Museu Nacional*. Aos olhos de seu criador, a revista tinha como objetivo abarcar os trabalhos e investigações que eram feitas naquela instituição. Ainda, deveria incorporar qualquer notícia, seja ela nacional ou internacional, que fosse relevante para as pesquisas realizadas no museu. E por fim, a revista deveria dar conta do catálogo das coleções, dos donativos feitos ao Museu e dos nomes dos membros correspondentes.

Dos muitos correspondentes da revista devo destacar Thomas Coelho de Almeida, Paul Broca, Charles Darwin e Jean Louis Quatrefages. Ainda sobre a revista, Moema de Rezende Vergara sugere que foi “durante muito tempo o único veículo de difusão no estrangeiro das ciências no Brasil”<sup>225</sup>. Contando um time de cientistas de renome, a publicação era distribuída entre associações científicas no Brasil e ao redor do mundo. Com cerca de mil exemplares a cada edição, a revista era utilizada sob forma de permuta com as revistas das mesmas associações. Era esta uma maneira eficaz de troca do conhecimento produzido entre o Museu e as demais instituições. Deste modo, a nova proposta de Netto se firmava como uma grande propaganda do Museu Nacional e da Ciência no Brasil.

---

<sup>223</sup> LACERDA, 1905, p.44.

<sup>224</sup> Sobre os moldes europeus, Lilia Schwarcz afirma que se tratava de equiparar o Museu Nacional aos museus do Velho Mundo no sentido de recuperar as memórias das nações. Por meio da coleção, preservação, exibição, estudo e interpretação de objetos materiais. Depósitos de uma cultura material fetichizada e submetida a uma lógica evolutiva. Cf. SCHWACZ, 1993, pp. 88-90.

<sup>225</sup> VERGARA, 2003, p.58.

Conforme exposto por Ladislau Netto, instituições científicas dos dois hemisférios<sup>226</sup> foram privilegiadas com o primeiro exemplar da *Archivos*. Junto a ele o diretor do MN enviava um comunicado às “Sociedades Eruditas”<sup>227</sup>. O botânico iniciava o texto anunciando que, graças à proteção especial de S.M. o Imperador do Brasil, o museu havia recebido uma nova organização.

Nas palavras de Ladislau, a nova configuração do Museu Nacional, permitiria a instituição a guarda de coleções que representavam as riquezas da América Meridional. O administrador alagoano aproveitava a oportunidade para informar sobre os cursos públicos realizados no anfiteatro do museu. E por fim anunciava,

em suas relações com o mundo erudito, o museu brasileiro quer ser, para naturalistas e viajantes que trazem ao Brasil qualquer objetivo científico, uma continuação da Pátria, uma espécie de consulado hospitaleiro onde será fácil para eles obterem recomendações e até meios de visitar o interior do país para lá fazer suas pesquisas, foi mais ou menos assim para MM. Hartt, Gorceix, Jobert, Heiss, Stubel, Van Beneden, Van Volxen, e outros exploradores eruditos nos últimos três anos, e o Museu Nacional não tinha então os meios oficiais nem os recursos que agora tem<sup>228</sup>.

O botânico ainda deixava seu nome como destinatário para trocas entre as “Sociedades Eruditas” e o Museu Nacional. Além de enviar a produção brasileira para outras instituições, Ladislau oferecia apoio à pesquisadores estrangeiros que tivessem interesse em estudar as riquezas naturais do Brasil. O comunicado reforça a vontade do sujeito de trazer pesquisadores eruditos e vinculá-los ao nome do museu. Os interesses de Netto beiravam a diplomacia.

---

<sup>226</sup> RELATÓRIO DO MUSEU NACIONAL, 1877, p. 5.

<sup>227</sup> RELATÓRIO DO MUSEU NACIONAL, 1877, p.

<sup>228</sup> Tradução livre. RELATÓRIO DO MUSEU NACIONAL, 1877, p. 13.

Como bem apontaram a historiadora Michele Agostinho e a geóloga Maria Margaret Lopes<sup>229</sup>, exportar a Ciência brasileira, sobretudo a da instituição que dirigia, era uma prioridade de Ladislau. De acordo com Lopes, o esforço do alagoano em conseguir o renome internacional era traduzido em “casa, prestígio científico e apoio político, que nunca faltaram a Netto”<sup>230</sup>.

A primeira reforma de Ladislau ao MN tinha como principal objetivo esmerar a reputação do museu e, segundo destacou Lacerda, fazê-lo estimado do público, do governo e da nação<sup>231</sup>. Conforme expôs Regina Cândida Gualtieri, em relatório ao Ministério de Agricultura, Comércio e Obras Públicas, Teodoro Machado Freire Pereira da Silva expôs o Museu Nacional como uma instituição que deveria “auxiliar à instrução do povo, habilitando-o a conhecer, por meio de preleções públicas e a seu alcance, os recursos que o comércio, a indústria e as artes podem tirar dos nossos vegetais e minerais que admiram, pela sua profusão e variedade, os homens mais doutos do mundo”<sup>232</sup>.

Neste período, as preleções eram realizadas com frequência e os laboratórios e gabinetes trabalhavam com afinco; as coleções além de revistas aumentaram substancialmente; as conferências, que eram realizadas no período da noite, traziam noções das diversas áreas que compunham a instituição. Os assuntos se dividiam entre as preleções de Zoologia, Botânica, Geologia, Biologia, Agricultura e Antropologia. E atraíam a presença do Imperador e das mais variadas pessoas da boa e alta sociedade.

Mas não só a alta sociedade usufruía dos conhecimentos oferecidos pela instituição. A ideia do diretor de divulgar a Ciência estava dando certo. Neste momento, o alagoano exercia seu papel de intelectual mediador<sup>233</sup>. A produção científica do MN não deveria estar somente

---

<sup>229</sup> Cf. AGOSTINHO, 2014; LOPES, 2009.

<sup>230</sup> LOPES, 2009, p. 184.

<sup>231</sup> LACERDA, 1905, p.44.

<sup>232</sup> SILVA, 1871, p. 5 apud GUALTIERI In DOMINGUES (et al), 2003, p. 53.

<sup>233</sup> Além deste, outros episódios firmavam o papel de Ladislau Netto enquanto intelectual mediador. Como por exemplo, sua participação, enviando coleções para o Museu Nacional Escolar, em 1891 e na *Polyantheia*

destinada aos seus pares. Além da vulgarização para a *boa sociedade*, o alagoano tinha a pretensão de levar conhecimento a um público mais amplo. E, correspondendo aos seus anseios, os dias que Netto planejou para a visita pública atraíram milhares de pessoas. Os objetos expostos faziam com que o Museu Nacional mantivesse uma relação com todas as classes sociais do país e, como constatou João Batista de Lacerda, tal relação se estendia “desde o soberano da nação até os mais humildes representantes da plebe”<sup>234</sup>.

A dedicação do diretor em seus feitos era notável. Ladislau incentivou o desenvolvimento do lado científico sobre café, mate, álcool da cana-de-açúcar, assuntos ligados à agricultura brasileira; a fisiologia do cérebro; estudo de substâncias tóxicas ou alimentares; investigações sobre higiene, patologia e climatologia do Brasil<sup>235</sup>. Em 22 de novembro do mesmo ano, Ladislau Netto escreveu uma carta<sup>236</sup> para o Secretário de Estado do Ministério dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas no intuito de mostrar as necessidades do novo laboratório. O laboratório era coordenado pelos renomados cientistas Louis Couty<sup>237</sup> e João Batista de Lacerda.

Como cientista, Ladislau Netto traz em seu currículo uma vasta coleção de publicações. Os textos variam entre os mais diversos interesses do alagoano, que mesmo formado em Botânica, conseguia transitar por outras áreas de conhecimento, como por exemplo, a Antropologia, Etnografia e Arqueologia. Nossa intenção não é fazer uma compilação de tudo o que produziu Ladislau, muito menos fazer uma análise de sua obra.

---

*Commemorativa das Aulas para o Sexo Feminino do Imperial Lycêo de Artes e Offícios*, citada em capítulo anterior.

<sup>234</sup> LACERDA, 1905, p.45.

<sup>235</sup> GOMES, 2009 Apud CARULA, 2012, p.64.

<sup>236</sup> Esta carta encontra-se no Inventário do Arquivo da Casa Imperial do Brasil (POB) – maço 183, doc. 8360.

<sup>237</sup> Louis Couty era francês, médico e fisiologista. Foi colaborador de João Batista de Lacerda, após a fundação do Laboratório. Após se interessar pela sociologia, em 1881 Couty escreve uma das primeiras análises sociológicas sobre o Brasil, o livro “A Escravidão no Brasil”.

Destarte, teremos como propósito expor algumas das obras mais citadas<sup>238</sup> de Netto enquanto intelectual e diretor de uma instituição de produção científica.

Tabela 2 - Publicações de Ladislau Netto em língua estrangeira

<b>Publicações em línguas estrangeiras</b>	<b>Ano</b>
Ornographie vegetable: remarque sur les lactiferes de plusieurs plantes du Brésil	1865
Remarques sur les vaisseaux laticifères de quelques plantes du Brésil	1865
Remarques sur la destruction des plantes indigènes du Brésil et sur le moyen de les en préserver, suivies d'une note sur le même sujet par Mr. Naudin	1865
Sur la structure anormale des tiges de lianes	1865
Additions à la Flore Brésilienne	1866
Observaciones sobre la teoría de la evolución	1882
Archéologie brésilienne	1884
Lettre à Monsieur Ernest Renan à propos de l'inscription phénicienne apocryphe soumise en 1872 à l'Institut Historique, Géographique et Ethnographique du Brésil	1885
Le Museum National de Rio de Janeiro et sa influence sur les sciences naturelles au Brésil	1889

Fonte: A autora. Tabela criada com base nas informações evidenciadas por BLAKE, 1899, pp 282-285.

<sup>238</sup> Com base na biografia de Abelardo Duarte, o *Fastos do Museu Nacional*, de João Batista de Lacerda, o *ABC das Alagoas: Dicionário Biobibliográfico, Histórico e Geográfico de Alagoas*, de Francisco Reinaldo Amorim de Barros e em outros trabalhos em que aparecem obras do alagoano. E, pela disponibilidade dos trabalhos online, como no caso da Biblioteca de Obras Raras do Museu Nacional.

Embora não sejam todas as publicações selecionadas e expostas nesta Tabela 3<sup>239</sup>, referentes ao período em que Ladislau assumiu o posto de diretor geral do Museu Nacional, os trabalhos realizados expõem as pesquisas que Netto realizava enquanto naturalista e mostra como seu interesse foi mudando após assumir a administração do Museu. Ladislau publicou quatro artigos em Paris sobre plantas brasileiras, no mesmo ano em que iniciou seus trabalhos como diretor da Seção de Botânica. Já nos anos seguintes, na década de 80, podemos reforçar que a direção de uma instituição científica moldou novos interesses na vida de Netto. Os trabalhos, que envolviam plantas, foram aos poucos sendo substituídos pelos campos de estudo da Antropologia e Arqueologia. E as publicações na sua língua nativa, só salientavam os caminhos que Ladislau começava a traçar.

Tabela 3 - Publicações de Ladislau Netto em português

<b>Publicações em português</b>	<b>Ano</b>
Apontamentos sobre a Coleção de Plantas Econômicas do Brasil	1866
Estudo sobre as Florestas e a Cultura do Brasil	1867
Investigações Históricas e Científicas sobre o Museu Imperial e Nacional do Rio de Janeiro	1870
Apontamentos Relativos à Botânica Aplicada ao Brasil	1871

<sup>239</sup> Traduzindo os títulos publicados por Ladislau Netto por ordem em que aparecem na tabela: Organografia vegetal: nota sobre as lactíferas de várias plantas do Brasil; Notas sobre os vasos lactíferos de algumas plantas do Brasil; Discurso sobre a destruição de plantas nativas do Brasil e sobre as formas de preservá-las, seguido de nota sobre o mesmo assunto pelo Sr. Nadin; Na estrutura anormal dos caules das lianas; Acréscimos à Flora Brasileira; Observações sobre a teoria da evolução; Arqueologia Brasileira; Carta ao Sr. Ernest Renan sobre a inscrição apócrifa fenícia submetida em 1872 ao Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Brasileiro; O Museu Nacional do Rio de Janeiro e sua influência nas Ciências Naturais do Brasil;

Estudos sobre a Evolução Morfológica dos Tecidos dos Caules Sarmentosos	1876
Apontamentos sobre os Tembetás (adornos labiais de pedra) da Coleção Arqueológica do Museu Nacional	1877
Do Atavismo	1882
Do Corte Artificial dos Dentes	1882
Da Tatuagem	1882
Pré-História Sul Americana	1885

Fonte: A autora. Tabela criada com base nas informações evidenciadas por BLAKE, 1899, pp 282-285.

Todas as publicações produzidas por Ladislau além de promoverem o alagoano como um cientista, eram também oportunidades de o intelectual mostrar para o Brasil e o mundo o que vinha sendo estudado no MN, deste modo, tratava-se de uma dupla promoção. Aquelas que foram citadas na Tabela 4, como dito anteriormente, evidenciam as novas empreitadas de Netto. Na mesma tabela consta o que achamos ser seu trabalho mais conhecido, as *Investigações Históricas e Científicas sobre o Museu Nacional e Imperial do Rio de Janeiro*. Nela o diretor aponta todas as coleções que pertenciam à instituição na época.

Algo que devemos mencionar sobre Ladislau Netto é que ele era um grande colecionador. Abelardo Duarte aponta que logo nos primeiros tempos de seu tirocínio Netto doou 4.700 exemplares botânicos ao Museu<sup>240</sup>. Esse lado colecionador de Ladislau foi também reconhecido na literatura brasileira, “(...)os colecionadores, Ladislaus Netos um dia, fingiam museus mineralógicos, museus botânicos, onde abundavam as delicadas rendas secas

---

<sup>240</sup> DUARTE, 1950, p. 122.

de filamentos das folhas descarnadas;”, retratou, com certa ironia, Raul Pompéia em 1888 quando publicou sua consagrada obra, *O Ateneu*.

No que diz respeito ao aumento das coleções do Museu Nacional, nosso diretor tinha os interesses mais variados. Em algumas páginas dos jornais da década de 1880, por exemplo, encontramos alguns apelos e agradecimentos do cientista alagoano sobre a doação de donativos e permutas. Um ano antes da inauguração da *Exposição Antropológica de 1882*, uma carta de Netto publicada no jornal *Gazeta de Notícias* nos mostra uma de suas solicitações:

Prosseguindo com o maior empenho no intuito de aumentar o repositório que neste Museu deve servir de base à Exposição Antropológica Brasileira, projetada para 14 de março próximo, tenho escrito às pessoas mais interessadas, entre nós, no estudo do homem primitivo desta parte da América (...) <sup>241</sup>

Segundo ele, o fazia na imprensa para despertar “a atenção pública em favor de tão atraente e valioso assunto”<sup>242</sup>. E o desejo de Ladislau foi atendido. Nos meses seguintes, a imprensa carioca trazia o agradecimento de Netto à inúmeros artefatos recebidos<sup>243</sup>. Para compor tal projeto, além da petição pública, o diretor do Museu Nacional realizou uma viagem à Amazônia para obter objetos etnológicos e arqueológicos, visitou alguns povos autóctones, estudou seus hábitos e ainda saqueou ossos e esqueletos de seus cemitérios<sup>244</sup>.

A *Exposição Antropológica de 1882*, inaugurada no dia 29 de julho, foi o evento científico mais importante do Brasil oitocentista. O próprio mentor do projeto o valoriza quando, anos após o feito, relata que o dia da inauguração era uma data que “permanecerá

---

<sup>241</sup> *Gazeta de Notícias*, 07 de dezembro de 1881.

<sup>242</sup> NETTO, 1885c, p. 257.

<sup>243</sup> *Gazeta de Notícias*, 07 de dezembro de 1881; 26 de abril de 1882; 22 de agosto de 1886.

<sup>244</sup> KOUTSOUKOS, 2020, p.222.

para sempre registrada nos anais científicos como o marco mais importante que o Museu Nacional plantou na trajetória dos estudos americanistas”<sup>245</sup>.

Abelardo Duarte considera a exposição como uma das mais notáveis iniciativas de Netto como diretor<sup>246</sup>. Tal exposição reunia mais de 750 peças que apontavam a propagação da teoria darwinista, que crescia no território brasileiro. Ela deveria expor o “maior acervo antropológico sul-americano”, contendo peças adquiridas em diversas províncias do Brasil.

Na presença de D. Pedro II, em discurso na abertura da exposição Ladislau anunciou:

Este é o certame mais nacional que as ciências e as letras poderiam, congratuladas, imaginar e realizar no fito de soerguer o Império do Brasil ao nível da intelectualidade universal, na máxima altura a que ela pode atingir, além do Atlântico e nas extremas luminosas ao norte do continente americano.

E coube ao Museu Nacional a imensa glória de havê-lo empreendido e de efetuá-lo, como o esplendente e pujante fecho de seu último decênio de ininterruptos, ainda que às vezes amargurados, labores.

Há dez anos, com efeito, que esta instituição, a que nunca foram negadas, antes de mais em mais consagradas vão sendo as simpatias públicas, forcejava, no seu movimento evolutivo, por dar ao mundo científico a mais bela e a mais eloquente cópia da sua inquebrável vitalidade<sup>247</sup>.

No período em que o discurso foi realizado, Ladislau havia conquistado oito anos como diretor geral do MN e dezesseis anos enquanto colaborador da instituição, uma vez que iniciou seus trabalhos em 1866 como diretor da Seção de Botânica. O alagoano destacou a popularidade angariada pelo museu e celebrou a sua funcionalidade. Para um intelectual vaidoso, esse era o momento de exaltar a dedicação de seus trabalhos e destacar como sua dedicação levava à glória da instituição e da nação. Nas palavras do alagoano conseguimos

---

<sup>245</sup> NETTO, 1889, p. 61.

<sup>246</sup> DUARTE, 1950, p. 162.

<sup>247</sup> *Gazeta de Notícias*, 30 de julho de 1882, p.2.

compreender o tom de grandiosidade que ele dava ao seu projeto e o quão orgulhoso estava dele.

Para Ladislau Netto, essa exposição seria importante para o estudo e conhecimento dos “nossos aborígenes”<sup>248</sup>, da origem e da evolução do homem brasileiro. Lacerda nota que o diretor do Museu Nacional organizou essa exposição querendo “dar maior lustre e renome ao Museu do Rio de Janeiro”<sup>249</sup>. Este grande projeto de Netto, que durou três meses e recebeu mais de 100.000 visitantes, foi composto por oito salas.

Cada uma delas foi nomeada com importantes destaques da ciência: Vaz de Caminha<sup>250</sup>, Rodrigues Ferreira, Lery, Hartt, Lund, Martius, Gabriel Soares e Anchieta. Divididas e ostentadas entre os espaços que homenageavam os intelectuais, estavam peças ligadas à Antropologia, Arqueologia e Etnologia<sup>251</sup>. À exemplo encontravam-se objetos de pesca, caça, música, tecidos e vestimentas de tribos indígenas brasileiras. Mas não só, eram ainda expostos livros de linguística e etnografia, quadros, litografia, fotografias, crânios, esqueletos, ossos humanos e fragmentos de louças e cerâmicas, estas últimas encontradas nas escavações da Ilha de Marajó<sup>252</sup>.

#### Figura 10 - Exposição Antropológica de 1882

---

<sup>248</sup> NETTO, 1882.

<sup>249</sup> LACERDA, 1905, p. 56.

<sup>250</sup> Pero Vaz de Caminha (1450-1500) foi um fidalgo português e escrivão da armada de Pedro Álvares Cabral.

<sup>251</sup> A distribuição das peças aconteceu da seguinte forma: para a Etnografia foram reservadas três salas; a Arqueologia foi contemplada com duas salas; a Antropologia recebeu uma sala e juntas a Etnografia e Arqueologia ganharam o espaço de duas salas, somando oito salas no total.

<sup>252</sup> Querendo aumentar e enriquecer as coleções para a montagem da exposição, Ladislau Netto organizou uma expedição na Ilha de Marajó onde foram encontrados grandes depósitos de objetos de cerâmica, urnas funerárias, figuras humanas, vestimenta, pratos. O objetivo era conseguir objetos que provassem a existência indígena em Marajó nos tempos anteriores ao descobrimento da América. Cf. LACERDA, 1905, p. 56.



Fonte: Marc Ferrez. Exposição Antropológica Brasileira: artefatos e aspectos da vida indígena, 1882, Museu Nacional. Biblioteca Nacional

A fotografia aqui escolhida para representar a exposição retrata a Sala Rodrigues Ferreira, que continha peças e esculturas que faziam parte da seção anexa ao MN, correspondentes à Etnografia. A sala contava com dez reproduções de figuras indígenas e ainda com uma extraordinária quantidade de armas. Conforme constatou Michele Agostinho, a forma como as diversas flechas, lanças, bordunas e arcos foram expostos, simbolizava uma despoje de suas funcionalidades. Na configuração de formas geométricas, a decoração deste espaço indicava o desarmamento dos povos indígenas e o triunfo da guerra sobre eles<sup>253</sup>.

Apesar de oito salas inteiras com objetos indígenas, como deve ter notado o leitor, a exposição organizada por Netto não carregava qualquer objeto africano. A ausência não se deu pela falta deles na instituição. À época o MN contava com pertences da Antiguidade

---

<sup>253</sup> AGOSTINHO, 2020, p. 126.

Egípcia (múmias, ídolos, quadros); presentes ofertados pelo Rei Adandozan, do Reino do Daomé a Dom João VI<sup>254</sup> (bandeira com figuras alegóricas de poder, trono, abanos, sandálias); uma coleção de objetos rituais afro-brasileiros<sup>255</sup>; assim como objetos de manufatura e “usança africana”<sup>256</sup> (colchas, carapuças, punhal, espada, pente, garfo, colher)<sup>257</sup>. E ainda assim, Ladislau escolheu manter tais peças alheias à exposição. Figuras que poderiam desaparecer assim como os indígenas, o africano e o seu descendente não foram interessantes na construção da narrativa da exposição.

O passado e o estudo dos quais Netto queria se referir estavam pautados na formação da nacionalidade brasileira. Neste caso tratava-se de um passado onde era evidenciado os povos autóctones. Devemos concordar com Agostinho quando menciona que, por ter um passado datado e marcado pela escravização, o negro passou a não fazer parte da historicidade que Ladislau estava construindo<sup>258</sup>. Mencioná-los traria à tona a senzala, e a escravização ainda era um assunto delicado num país que continuava a tratar o negro como objeto e o privava de sua liberdade. Até então não estava na hora do negro, assim como o indígena, fazer parte do passado nacional. Provavelmente, uma vez que estava fadado ao sumiço, sua história só deveria ser contada após a concretização desta estapafúrdia ideia.

Sobre a ausência do negro nesta exposição, devemos notar que na década de 1880, o abolicionismo já era uma realidade no cenário político nacional<sup>259</sup>. Coincidente ao desenvolvimento dos ideais abolicionistas no Rio de Janeiro, estava a construção da figura de Ladislau Netto enquanto um agente social atuante nesta luta. Desta forma não seria “de bom tom”, colocá-los em exibição, muito menos sua cultura material. Dito isso, devemos levar em

---

<sup>254</sup> Para mais informações sobre essas peças, conferir LIMA; SOARES, 2014.

<sup>255</sup> Uma breve história da formação dessa coleção será mencionada nos próximos parágrafos desta tese. Para maiores informações da coleção, consultar CABRAL, 2017.

<sup>256</sup> NETTO, 1870, p. 253.

<sup>257</sup> Idem, pp. 253-256.

<sup>258</sup> AGOSTINHO, 2020, p. 263.

<sup>259</sup> O abolicionismo na Corte brasileira, assim como a versão abolicionista de Ladislau Netto serão retratados no capítulo 4 desta tese.

consideração também de que o negro era uma figura presente na vida da Corte. Seja na área urbana ou rural, a participação de pessoas escravizadas, livres e libertas era uma realidade do cotidiano brasileiro. E sendo assim, os mesmos e sua cultura não eram material exótico, que poderia despertar curiosidade do público, tal qual os indígenas e sua cultura material.

Retomando às salas cheias dos mais diversos objetos (indígenas), havia outro produto que complementava este evento em que a cultura negra foi excluída. Tratava-se da *Revista da Exposição Antropológica de 1882*, nela era possível ter melhor entendimento sobre sua lógica e sobre o que o Museu Nacional, e sobretudo Ladislau Netto, queriam mostrar aos demais cientistas e curiosos do mundo. Era um material impresso de 160 páginas, dirigido por Mello Moraes Filho, onde o então diretor e outros cientistas e estudiosos da época como João Batista de Lacerda, J. Barbosa Rodrigues, J. Serra, Mello Moraes, o próprio Mello Moraes Filho, Carlos Frederico Hartt, e Orville Derby foram alguns dos que escreveram sobre lendas, ritos e costumes indígenas e africanos, além de mestiçagem dos povos, poemas e teorias evolucionistas.

A exposição preparada por Netto foi assunto na imprensa, e certamente dividiu opiniões. A exemplo, duas publicações, a primeira a ser apresentada demonstra uma visão negativa do projeto de Ladislau. O periódico *A Estação*, em 15 de agosto de 1882 traz as seguintes palavras:

A exposição Antropológica continua aberta, mas podia fechar-se. Não vai quase ninguém ao Museu, exceto o Imperador, que vai sempre que o Museu está fechado. (...) De mais, prometeram-nos índios vivos, antropófagos e deram-nos botocudos de papelão que não comem ninguém<sup>260</sup>.

A revolta do noticiário é irrefutável. O comunicado sobre a vinda de uma família de Botocudos<sup>261</sup> para serem exibidos na exposição circulava na imprensa da Corte. Consoante a

---

<sup>260</sup> *A Estação*, 15 de agosto de 1882, p.170.

<sup>261</sup> Para mais detalhes da exibição dos Botocudos na Exposição Antropológica de 1882, conferir AGOSTINHO, 2020; KOUTSOUKOS, 2020.

Sandra Sofia Machado Koutsoukos, devemos salientar que durante o século XIX os Botocudos foram enxergados pelos autoproclamados civilizados como selvagens, perigosos, traiçoeiros e antropófagos. Segundo Koutsoukos, a exposição destes representava um povo que resistiu a confrontos por anos e que além disso, se submeteu ao domínio luso-brasileiro<sup>262</sup>. Eles faziam parte de um espetáculo e despertavam a curiosidade pública e científica.

A exibição de corpos humanos era algo que vinha acontecendo na Europa. Uma vez que Ladislau tinha como aliada a ideia de que o museu brasileiro deveria se encaixar nos moldes europeus, essa era então uma prática que deveria ser copiada. De acordo com Renata Montechiare, o auge da exibição de corpos vivos e mortos na Europa se deu entre os anos de 1851 e 1958<sup>263</sup>. No Velho Continente, a prática permaneceu até meados do século XX. Essa ação se dava nas grandes feiras e exposições universais e coloniais. Em concordância com a antropóloga, assumiremos que esta era uma maneira que os homens da ciência encontraram de mostrar aos curiosos o exótico, assim como o poderio colonial, tipos “selvagens”, “estranhos” aos olhos eurocentrados eram a máxima dessas exposições<sup>264</sup>.

Na mira desta reafirmação do poder colonizador e civilizador eurocêntrico, esteve Sara Baartman, originária do território sul-africano e mais conhecida como Vênus Hotentote, foi exibida em circos, hospitais, feiras e museus europeus, do início do século XIX, até final do século XX, quando seus restos mortais foram devolvidos ao seu povo, os Khoisan<sup>265</sup>. O ultraje do corpo de Sara foi produto da ciência anatômica e antropológica sustentada em países europeus e posteriormente no Brasil oitocentista. Baartman foi estudada por naturalistas como Auguste de Saint-Hilaire<sup>266</sup> e Georges Cuvier<sup>267</sup>. Hipersexualizada,

---

<sup>262</sup> KOUTSOUKOS, 2020, p. 228.

<sup>263</sup> MONTECHIARE, 2017, p. 3.

<sup>264</sup> MONTECHIARE, 2017, p. 3.

<sup>265</sup> Cf. FERREIRA; HAMLIN, 2010.

<sup>266</sup> Augustin François César Prouvençal de Saint-Hilaire (1779-1853) foi botânico, naturalista e viajante francês. Saint-Hilaire teve seu rosto reproduzido por Ladislau Netto. A imagem encontra-se em anexo neste trabalho.

monstruosa, selvagem, perigosa, amoral, exemplificação da inferioridade da etnia negra, assim foi mostrada Sara, mesmo depois de sua morte<sup>268</sup>. Mulher negra, foi usurpada e exibida para o mundo como a ratificação de um “esforço para estabelecer as fronteiras de civilidade mediante a circulação e a exclusão de corpos incivilizados”<sup>269</sup>.

Era dessa mesma incivilização que compartilhavam com Sara os Botocudos. O exótico causava curiosidade. Deste modo, sete indígenas foram trazidos do Pará<sup>270</sup>. Aqui foram vítimas e objetos de estudos antropológicos. Além da violência causada pela academia, os autóctones foram perseguidos “de modo inqualificável” em um abrigo que reservaram para eles no jardim do Campo de Santana. Diante do ocorrido, Ladislau decidiu tirá-los da cidade até que pudessem “ser vistos pelo povo de modo conveniente e com um entusiasmo menos incômodo aos mesmos”<sup>271</sup>. Vale notar que o deslocamento dos indígenas para a Corte, foi na verdade um sequestro orquestrado pelo governo da província do Espírito Santo<sup>272</sup>, que prometeu levá-los para o Rio Doce, quando na verdade estavam sendo direcionados ao Museu Nacional.

Provavelmente, Ladislau tinha sapiência deste ato repugnante do governo do Espírito Santo. Contudo, o sequestro realizado não foi empecilho para que fosse elaborado o enriquecimento à ciência nacional. O incidente com indígenas fez com que Ladislau virasse chacota na imprensa. Foi a primeira vez que o rosto do diretor do Museu Nacional foi retratado em um periódico. Na página quatro do periódico *Revista Ilustrada*, de Ângelo

---

<sup>267</sup> Georges Cuvier (1769-1832) foi naturalista e zoologista francês, considerado o “pai da paleontologia”.

<sup>268</sup> Para mais detalhes da história de Sara Baartman e corpos não civilizados nos séculos XIX e XX, conferir. FERREIRA; HAMLIN, 2010.

<sup>269</sup> FERREIRA; HAMLIN, p. 1.

<sup>270</sup> *Gazeta de Notícias*, 29 de junho de 1882, p.1.

<sup>271</sup> *Gazeta de Notícias*, 9 de julho de 1882, p.1.

<sup>272</sup> Cf. AGOSTINHO, 2020.

Agostini<sup>273</sup>, encontramos uma charge onde Ladislau tenta impedir uma fuga dos Botocudos, enquanto curioso, o público se aglomera com empolgação.

Figura 11 - Charge de Ladislau e Botocudos

---

<sup>273</sup> Angelo Agostini (1843-1910), foi um cartunista ítalo-brasileiro, fundador da *Revista Ilustrada*, divulgador de propagandas abolicionistas, denunciava torturas sofridas pelos escravizados no Brasil. Cf. PEREIRA, 2010.



Fonte: *Revista Ilustrada*, 1882, p.4. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

A charge demonstra a vontade de Netto em manter os indígenas no Museu, a violência sofrida por eles era explícita, mesmo que a imagem não fizesse referência à forma como foram enganados. A exibição e os estudos destas pessoas eram de grande interesse do botânico. Os Botocudos ludibriados se revoltaram perante tanta humilhação, e foi o caso de o ministro da agricultura recomendar a Ladislau a distribuição de brindes aos indígenas para

acalmá-los até a inauguração da exposição<sup>274</sup>. Como pode ser notado, diversos eram os meios permitidos para engodá-los. Nessa terrível situação, só restou aos Botocudos a negociação. Eles foram exibidos na Quinta da Boa Vista e posteriormente levados ao MN para serem examinados.

Neste período, o desenvolvimento da Ciência e a construção da nação andavam lado a lado. Junto a eles e a elaboração do racismo científico estava Ladislau Netto. Enquanto estudava as teorias raciais, Netto se deparava com o evolucionismo, darwinismo e embranquecimento racial. Em sua obra, Maria Margarete Lopes nos traz a seguinte fala do intelectual:

Eu sentia um aperto no coração, mas eu deveria sacrificar meus gostos e meus interesses pessoais pelos deveres de minha posição no Museu, para o qual os estudos de nossos índios, prestes a desaparecer completamente, é a tarefa mais urgente e a mais alta missão atual<sup>275</sup>.

No pensamento de Netto, concomitante a uma ideia de que o homem branco era a “máxima expressão do aperfeiçoamento humano”<sup>276</sup>, aparecia aqui, novamente, a concepção “ladislaudiana” do desaparecimento indígena. E este sumiço se daria em prol de uma sociedade higienizada, civilizada e moralizada. Uma vez que eram enxergados como bárbaros, a detenção e o ludíbrio dos indígenas, ocorridos em benefício da exposição, naquele período, era algo que sequer incomodava. Faltava passar a vê-los como humanos. Aos olhos do intelectual alagoano tudo era possível e necessário em prol da ciência.

Como visto anteriormente, as salas da exposição mostravam ao público uma narrativa que remetia à colonialidade<sup>277</sup>. O projeto executado por Netto e pelos demais pesquisadores

---

<sup>274</sup> Cf. AGOSTINHO, 2020, p.186.

<sup>275</sup> NETTO, 1889, p. 26. apud. LOPES, 2009, p. 170.

<sup>276</sup> Este termo, assim como tal concepção, foi utilizado por Ladislau em um dos artigos que o diretor do Museu Nacional escreveu para a *Revista da Exposição Antropológica de 1882*. O texto se intitula *Observações Relativas à Teoria da Evolução* e encontra-se nas páginas 113 e 114 da publicação. Uma análise deste artigo foi realizada em CABRAL, 2017.

<sup>277</sup> Cf. MIGNOLO, 2017.

do Museu Nacional trazia um contexto de poder e dominação da cultura branca da *boa sociedade* sobre a cultura dos povos indígenas. Essa soberania está muito presente na organização das peças expostas. Assim como retratou a Imagem 11 desta tese, e como já foi dito, a representação da vitória da civilização sobre os autóctones deveria ser exaltada. E foi essa mesma lógica colonial que permitiu o rapto dos *Botocudos*. Para a cultura da civilização estava permitido cometer atos de barbárie.

Apesar do lamentável episódio, podemos afirmar que o projeto do alagoano foi bem executado e aclamado por seus pares. Uma exposição que tentava buscar o passado nacional e trazia o indígena como parte da história do Brasil foi uma chave importante para as figuras de Ladislau e do Museu Nacional. Segundo Abelardo Duarte o êxito da exibição contribuiu para que Netto fosse amplamente conhecido em todas as camadas sociais brasileiras. E ainda que a *Exposição Antropológica de 1882* “teve o caráter de uma festa científica popular, pela primeira vez levada a efeito do Brasil, marcando uma época na história do Museu”<sup>278</sup>.

Em 1882 houve esse marco na história do MN, mas essa não foi a única exposição da qual o museu participou durante a administração de Ladislau Netto. Foram muitas entre nacionais e internacionais. Reproduziremos a tabela elaborada por Regina Maria Macedo Costa Dantas, que aponta a participação do MN nas principais exposições da segunda metade do século XIX, do seguinte modo:

Tabela 4 - O Museu Nacional em Exposições na Direção de Netto

Ano	Exposição
1875	Exposição Nacional
1875	Exposição Internacional Chilena

<sup>278</sup> DUARTE, 1950, p. 173.

1876	Exposição Internacional da Filadélfia (Expo. Universal de 1876)
1878	Exposição Nacional
1878	Exposição Industrial Fluminense
1879	Exposição Nacional
1880	Exposição Internacional de Berlim
1881	Exposição Nacional
1882	Exposição Internacional de Londres
1885	Exposição Internacional de Antuérpia
1889	Exposição Universal de Paris

Fonte: DANTAS, 2012, pp 79-81.

Ao todo, onze exposições, doze se contarmos com a *Antropológica*, que não consta na tabela. Conforme declarou Dantas, a maioria dos materiais enviados para tais eventos era composta por minerais e madeira. Além destes, material de pesca e publicações da *Revista Arquivos do Museu Nacional*, faziam parte da lista dos objetos interessantes para serem expostos<sup>279</sup>. Já as amostras botânicas não ofereciam tanto interesse internacional.

Retomando aquela “festa científica popular”, devemos afirmar que, a popularidade da instituição e de seu diretor não foram os únicos resultados da *Exposição Antropológica de 1882*. Os serviços prestados por Netto foram devidamente reconhecidos pelo governo imperial. No dia 22 de agosto de 1882, a *Gazeta de Notícias* informava ao seu público que o diretor do Museu Nacional havia sido agraciado como dignitário da Imperial Ordem da Rosa.

---

<sup>279</sup> DANTAS, 2012, p.81.

Tal honraria era concedida àqueles que se distinguiam por sua fidelidade à pessoa do Imperador e por bons serviços prestados ao Estado.

Esta seria mais uma amostra de que o alagoano dedicava sua vida ao desenvolvimento da Ciência e ao bom andamento daquela instituição. Desde o Decreto de 1876, além de diretor geral do Museu Nacional, Ladislau Netto acumulava as funções de diretor da Segunda Seção de Botânica e da Seção Anexa (ou quarta) de Arqueologia, Etnografia e Numismática. Lopes aponta uma confissão de Netto de que era muito difícil se dedicar simultaneamente aos estudos botânicos e antropológicos, além da direção do próprio museu. De acordo com a autora, o alagoano abandonou seus estudos de Botânica em virtude de sua paixão pela Arqueologia brasileira. Por conseguinte, as pesquisas do botânico foram cedendo lugar para estudos antropológicos e etnográficos<sup>280</sup>.

Ladislau ao mesmo tempo em que firmava o interesse em novos campos científicos, firmava também seu posicionamento político. “Inimigo da escravidão”<sup>281</sup>, na década de 1880, Netto agia para que o Museu Nacional aumentasse o número de objetos que futuramente contaria a história da população negra brasileira. Em setembro de 1880, na última década da escravidão no Brasil, Ladislau iniciou uma série de ofícios com solicitações à Polícia da Corte por objetos apreendidos nas chamadas “casas de dar fortuna”.

Na concepção do intelectual, esses objetos deveriam ser guardados pois neles encontravam-se “grande valor etnológico”<sup>282</sup>. Acreditamos que o interesse do alagoano tinha como base a ideia de que com o branqueamento da população brasileira, os negros que viviam neste país iriam desaparecer. E por isso, os objetos seriam importantes, resgatariam a história daqueles que não existiriam mais. E dava-se então início a uma coleção vítima da violência e truculência policial à cultura negra em meados do século XIX.

---

<sup>280</sup> LOPES, 2009. p. 170.

<sup>281</sup> O posicionamento abolicionista de Ladislau Netto será discutido no quarto capítulo.

<sup>282</sup> BR.MN.RA7 D7 p. 154-155 – 27.08.1880.

Em meados do século XIX a cidade do Rio de Janeiro era ocupada em sua grande parte por africanos e seus descendentes. Essa ocupação era então demarcada por espaços urbanos de sociabilidade e solidariedade criados por eles. Entre esses espaços, estavam as chamadas casas de “dar fortuna”. Das trocas sociais e culturais que pairavam nestes recintos, achavam-se rituais religiosos.

Assim como discorreu Flávio Gomes, não somente como uma “válvula de escape” ou *resistência em si*, tais *batuques*, ajuntamentos, *calundus*, fugas intermitentes, e acrescento as “casas de dar fortuna”, tanto produziam medos confortáveis como inquietas tranquilidades no cotidiano da Corte Imperial<sup>283</sup>. O autor ainda afirma que a proximidade, o misturar-se, provocava temores, arrefecia ânimos, e produzia igualmente termômetros na sociedade. Desde o início do século XIX, o ajuntamento de negros causava medo na classe senhorial.

Partindo desse pressuposto, as casas de “dar fortuna” estavam na mira do aparato policial. Em muitas ocasiões por meio denúncias, as casas sofriam batidas, os praticantes eram presos e todos os objetos eram apreendidos, no intuito de que estas ações os impediriam de realizar os rituais. Segundo jornais e documentos encontrados em posse do Museu Nacional, esses objetos eram levados ao depósito da Polícia da Corte. Acredito que pela grande quantidade de batidas realizadas nos meados do século XIX, houve um amontoamento no depósito e parte dos objetos foi queimada, contudo, após a ação de Ladislau, o destino desses objetos passa a ser outro<sup>284</sup>.

A coleção anteriormente citada e exposta na introdução desta tese, tinha aproximadamente setenta peças, e entre elas encontravam-se flechas, argolas, tambores, armas, colares, pentes e fetiches. Tais objetos fazem parte da história da repressão à cultura negra na cidade do Rio de Janeiro nos meados do século XIX. São coisas que foram apreendidas drasticamente de seus donos num período em que o Brasil caminhava para a

---

<sup>283</sup> SOARES; GOMES; FARIAS, 2005. p. 85.

<sup>284</sup> Para mais detalhes da formação desta coleção, conferir CABRAL, 2017.

abolição. Aqueles objetos que eram confiscados no intuito de impedir que as práticas das casas de “dar fortuna” perdurassem, faziam parte da cultura material desta gente oprimida.

Entre os anos de 1880-1887 a Secretaria de Polícia da Corte enviou objetos para o Museu Nacional. Nos primeiros ofícios desta série, encontramos uma relação com mais de noventa objetos entregues ao Museu. Uma vez estabelecida tal atividade num período de sete anos, é concebível admitir um grande número de objetos dando entrada na instituição científica. Fundamentado na pesquisa realizada na documentação encontrada, estima-se que a Secretaria de Polícia da Corte tenha remetido ao *Museu Nacional*, um número irrefutavelmente maior que cem, no total de objetos. Infelizmente, a quantidade exata de objetos não podia ser confirmada pela carência de informações ou listagem que os discriminassem ou apontassem a quantidade ou data que determinado objeto foi entregue ao Museu.

Tal coleção foi formada num momento em que a ciência crescia no Brasil e no mundo. Deste modo, o desenvolvimento da etnologia, das teorias raciais e do darwinismo social, incentivava cientistas e intelectuais ao colecionismo de objetos “exóticos”. Esse exotismo das peças era justificado pela ciência. Enquanto as teorias raciais e o darwinismo social postulavam a inferioridade de determinadas “raças”, como por exemplo, a parda e a indígena, a etnologia se unia ao debate sobre a identidade nacional brasileira, instigando os estudos das culturas dessas “raças”.

Segundo a historiadora Mariza Soares e a museóloga Rachel Corrêa Lima, essa coleção é indiscutivelmente a mais antiga e importante coleção de objetos de procedência africana hoje reunida nas instituições públicas do país<sup>285</sup>. Após as intempéries ocorridas em setembro de 2018<sup>286</sup>, é importante evidenciar que depois de serem arrancados dos seus

---

<sup>285</sup> SOARES; LIMA In AGOSTINI, 2013, p. 339.

<sup>286</sup> O incêndio que devastou o Museu Nacional, ocorreu no dia 02 de setembro de 2018.

verdadeiros donos, os objetos viraram “lixo” no depósito policial, e foram resgatados e ressignificados por Ladislau Netto.

Vale notar que o resgate dessas peças não faz de Ladislau Netto um herói. É certo que sua atitude foi de grande importância para a construção da história das “casas de dar fortuna” no Rio de Janeiro. Contudo, devemos informar ao leitor que, apesar das peças estarem sob guarda do Museu Nacional em data anterior à *Exposição Antropológica de 1882*, os objetos da coleção em questão não foram expostos<sup>287</sup>. E muito menos estudados por Netto. A coleção só foi estudada<sup>288</sup>, ressignificada e exposta já no século XXI, em projeto coordenado por Mariza Soares, e que deu origem à exposição *Kumbukumbu: África, memória e patrimônio*, inaugurada em 2014 no Museu Nacional.

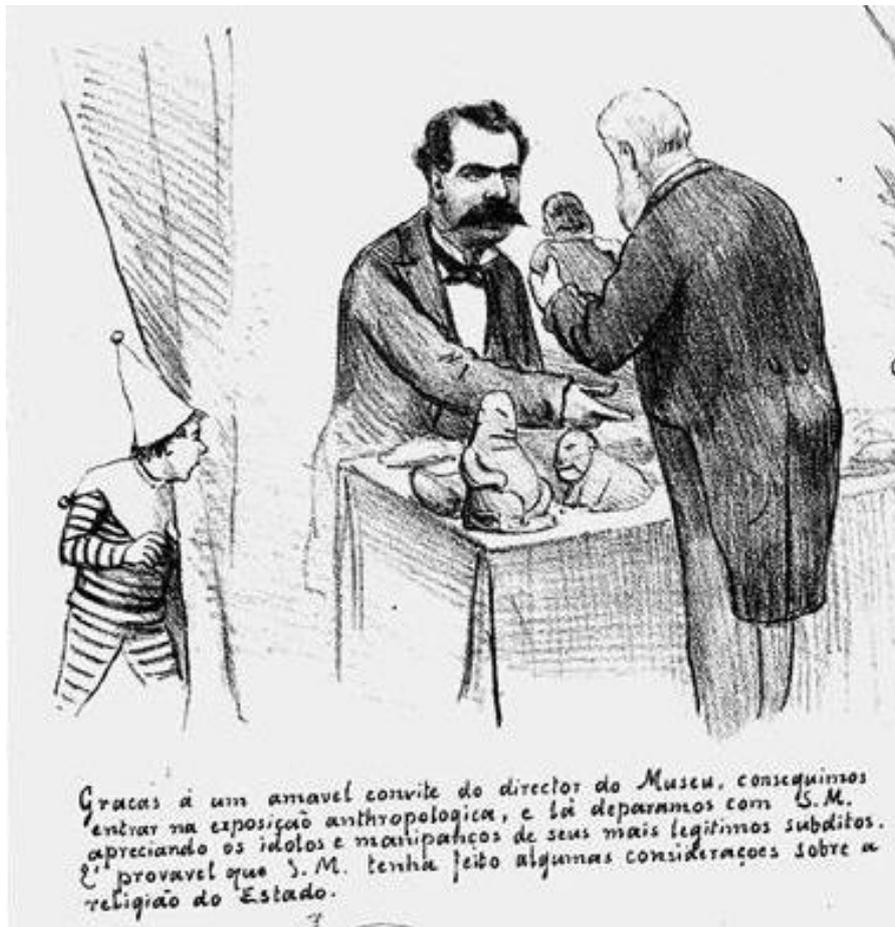
Ao retratar o que ocorria entre as salas da *Exposição Antropológica de 1882*, o periódico *Revista Illustrada*, ridicularizava os objetos expostos, assim como ironizava a figura do Imperador enquanto admirador da Ciência. Uma charge publicada nas páginas da revista fazia ainda uma crítica às religiões indígenas e afro-brasileiras (esta segunda, excluída da exposição, por escolha de Netto), que às escondidas, eram praticadas no Império brasileiro.

---

<sup>287</sup> Na listagem dos objetos expostos no Guia da Exposição Antropológica de 1882, não consta qualquer menção a objetos provenientes da cultura afro-brasileira.

<sup>288</sup> A história da coleção foi também contada pela autora desta tese, que fez parte do dito projeto, em sua monografia e dissertação de mestrado. CABRAL, 2014; CABRAL, 2017, respectivamente.

Figura 12 - Charge Ironizando a Exposição e o Imperador



Fonte: *Revista Ilustrada*, 1882, p.4. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

A imagem de Ladislau veio acompanhada do Imperador, seu monarca, amigo e mecenas. A charge acima, de algum jeito, conta um pouco da história da cultura afro-brasileira. O texto que acompanha a figura traz as seguintes palavras:

Graças a um amável convite do diretor do Museu, conseguimos entrar na exposição antropológica, e lá nos deparamos com S.M. apreciando os ídolos e manipansos de seus mais legítimos súditos. É provável que S.M. tenha feito algumas considerações sobre a religião do Estado.

A crítica à postura do imperador se dá pelo interesse por outra religião que não fosse a oficial do Império<sup>289</sup>. Estaria ele cedendo à sua própria autoridade? Aparentemente não deveria ser permitida à majestade imperial a sede de saber ou a curiosidade. Como dito anteriormente, as religiões afro-brasileiras eram uma verdade no cotidiano da Corte e não eram proibidas por código ou lei, apesar de incomodar e amedrontar a *boa sociedade*. E foi às custas dessa verdade que o Museu Nacional conseguiu a guarda dos objetos violentamente apreendidos pela Polícia da Corte.

Os ídolos e manipulansos<sup>290</sup> mencionados no texto da charge ilustram a realidade da cultura negra reprimida e ridicularizada no Brasil. Tal charge é o único registro que nos faz duvidar sobre a apresentação dos objetos afro-brasileiros em 1882. Afinal, se não estavam expostos, como o ilustrador se propôs a desenhar algo que não viu e desconhecia? Entretanto, como não há menção no material produzido para a exposição<sup>291</sup>, e por falta de outras fontes, respeitaremos esse questionamento e o que é dito pela historiografia, partindo do pressuposto de que a coleção das casas de “dar fortuna” não fez parte desse grande espetáculo científico.

Depois de iniciar a formação de uma coleção de extrema importância<sup>292</sup> para a história da religião afro-brasileira na cidade do Rio de Janeiro, Ladislau Netto começou uma nova empreitada. O diretor do Museu Nacional lutava para conseguir a guarda de uma jangada. Mas não qualquer jangada. Tratava-se daquela que pertenceu ao “mulato” Francisco José do Nascimento, popularmente conhecido como Chico da Matilde e identificado como líder dos jangadeiros da Província do Ceará, conhecidos como Dragões do Mar. Em 1881, foi identificado como um dos líderes que impediu os jangadeiros de embarcar ou desembarcar

---

<sup>289</sup> Muito antes do país se tornar laico, a religião oficial desde os tempos da colônia, era a Católica Apostólica Romana.

<sup>290</sup> Os Manipansos eram imagens que faziam parte do culto religioso dos povos centro-africanos na África e no Brasil. Apesar de mencionados nas histórias das casas de “dar fortuna”, tais objetos não foram identificados na pesquisa, já mencionada nesta tese, que identificou todas as peças que faziam parte da, originalmente, Coleção Polícia da Corte.

<sup>291</sup> Como notado anteriormente, não há menção das peças de origem afro-brasileira no Guia da Exposição Antropológica de 1882. Se há, não foram discriminados como tais.

<sup>292</sup> Tratava-se também da coleção mais antiga.

cativos no Porto de Fortaleza, que tinham como destino serem vendidos para o sul do país (principalmente São Paulo e Rio de Janeiro).

Foi por conta deste episódio que o chefe dos jangadeiros, posteriormente conhecido como Dragão do Mar, se tornou uma figura importante na luta antiescravista, tendo maior destaque em sua Província, a mesma, pioneira na abolição da escravatura em 25 de março de 1884, quatro anos antes da então famosa assinatura da Princesa Isabel. Após sua decisão firme contra o tráfico, José do Nascimento foi levado para a Corte com sua jangada, onde desfilou pelas ruas. Foi aclamado. Tal celebração tinha como objetivo fazer a propaganda da abolição no Ceará. A ida ao Rio de Janeiro, muito mais que a liderança da greve dos jangadeiros, teria feito do humilde pescador o herói Dragão do Mar.

No dia seguinte à abolição dos escravizados no Ceará, o jornal *Gazeta de Notícias* publicou uma lista de prendas doadas para o bazar da Sociedade Abolicionista Cearense. Entre os doadores estava nosso digno colecionador, Ladislau Netto. Conforme divulgação, o botânico enviou uma “belíssima caneta filagrana de ouro e prata, e uma finíssima ventarola de penas”<sup>293</sup>. Poucos dias depois, Netto enviou outro presente, desta vez eram diversas brochuras dos *Apontamentos Relativos à Botânica Aplicada no Brasil*<sup>294</sup>, obra escrita por ele. Estaria Netto fazendo o que hodiernamente conhecemos como *networking*<sup>295</sup>? Conhecendo um pouco da ganância do diretor do MN, é provável que seu donativo à Sociedade Abolicionista Cearense fosse uma estratégia para alcançar seu próximo objetivo.

De acordo com Paulo Vinicius Aprígio da Silva, no mesmo ano da abolição no Ceará, Ladislau Netto iniciou junto ao Ministério de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas e com o Arsenal de Guerra da Marinha uma batalha pela guarda da Jangada de José do Nascimento, aquela mesma em que o Dragão do Mar aportou nas águas que

---

<sup>293</sup> *Gazeta de Notícias*, 26 de março de 1884.

<sup>294</sup> *Gazeta de Notícias*, 30 de março de 1884, p.2.

<sup>295</sup> Termo em inglês utilizado para definir a capacidade de estabelecer uma rede de contatos ou uma conexão com alguém. Essa rede estabelecida se torna então uma espécie de sistema de suporte, que vai permitir que as pessoas relacionadas compartilhem informações, serviços e interesses em comum.

banhavam a Corte Imperial. A doação seria realizada pela Sociedade Abolicionista Cearense e favoreceria o Museu Nacional. O autor ainda afirma que o início dos embates se dá em 1884, quando após a aceitação do regalo feito à instituição, críticas foram feitas na Câmara dos Deputados à Netto. O museu não tinha espaço para alocar o donativo. Em resposta às críticas, Ladislau envia ao Ministério documento exaltando e justificando a importância do artefato, seu alcance histórico e etnográfico.

Mais uma vez o “inimigo da escravidão” dava ao objeto importância etnográfica. Ladislau sabia do valor que tinha a jangada. Conforme ressaltou Silva, Netto entrou numa imensa batalha até finalmente conseguir o donativo<sup>296</sup>. A publicação na primeira página do periódico *Gazeta de Notícias*, do dia 14 de abril de 1884, relata a entrega da Jangada por parte da Sociedade Abolicionista Cearense ao Museu Nacional.

A marcha cívica começou às 17 horas na Rua da Quitanda. Algumas sociedades abolicionistas participaram do préstito assim como alguns colégios, a exemplo o Colégio Pedro II e o Liceu de Artes e Ofícios. A jangada foi, insensivelmente, conduzida por 24 libertos. E chegou ao Museu Nacional às 20 horas, junto a ela, caminhavam aproximadamente 2000 pessoas<sup>297</sup>. Na ocasião, o Dr. Mello Oliveira<sup>298</sup> paraninfo da Sociedade Abolicionista do Ceará, pronunciou o seguinte discurso:

A sociedade Abolicionista Cearense do Rio de Janeiro vem incorporada, em marcha cívica, confiar à vossa guarda a legendária jangada em que Francisco do Nascimento, o modesto filho do povo, fechou o tráfico de escravos na província do Ceará.

É a vós, cujos méritos científicos têm por tantas e assinaladas vezes ilustrado o nome brasileiro no mundo sábio; é a vós, Sr. Diretor, já por tantas vezes laureado na Europa-sábia, que a Abolicionista Cearense entrega a legendária jangada dos mares

---

<sup>296</sup> Cf. SILVA, 2014.

<sup>297</sup> *Gazeta de Notícias*, 14 de abril de 1884, p. 1.

<sup>298</sup> O Dr. Mello Oliveira, participante da marcha cívica, organizada pela Sociedade Abolicionista Cearense, onde a jangada seria entregue ao Museu Nacional. Na ocasião, o doutor era paraninfo da Sociedade Abolicionista Baiana.

do Ceará. Dizei aos viajantes ilustres a lenda da jangada, e em vossa sabedoria referi (sic) a sua apoteose.

O Museu Nacional foi escolhido para a nossa oferenda pois a Sociedade Abolicionista Cearense não poderia esquecer para esse mister o sacrário de nossas riquezas etnográficas e históricas. Ao vosso coração de brasileiro e à vossa ilustrada sabedoria, a Sociedade Abolicionista Cearense entrega o símbolo da redenção dos cativos no Brasil<sup>299</sup>.

Após as já citadas doações, era a hora do paraninfo cearense retribuir publicamente a gentileza à Ladislau. Antes de se referir ao MN, Mello Oliveira rasgou elogios ao colecionador, apontando também sua confiança no destino que Netto daria ao objeto e sua história. Naquele mesmo dia, o diretor alagoano fez um discurso agradecendo o donativo, em suas palavras:

No meu duplo caráter de inimigo da escravidão e diretor deste Museu, guardarei também com duplo acatamento a vitoriosa jangada que trancou o porto do Ceará às execrandas transações do tráfico de cabotagem no Brasil. Esta jangada é mais do que um espécime valioso para as coleções etnológicas do Museu Nacional, porque não lembra simplesmente o batel arrojado em que os primeiros filhos da terra do norte aventuraram-se destemidos aos maroucos (sic) do Oceano até perderem de vista as costas da pátria.

Esta modesta jangada vem perpetuar também e sobretudo nos olhos da população da capital do império o primeiro golpe vibrado ao monstro da escravidão por um descendente dos heroicos e indomáveis Tupinambás.

O mais glorioso feito da nossa história hodierna estava reservado ao mais tosco batel dos que singram os nossos mares! Bem-vinda seja, pois, a rude e mesquinha jangada, fatora de tão grande acontecimento<sup>300</sup>.

Promotora “do mais glorioso feito” da época, “rude e mesquinha” a jangada além de fazer parte da história da abolição, na visão de Ladislau, também se referia à história dos

---

<sup>299</sup> *Gazeta de Notícias*, 14 de abril de 1884, p. 1.

<sup>300</sup> *Gazeta de Notícias*, 14 de abril de 1884, p. 1.

autóctones do Brasil. Era então de duplo interesse manter tal objeto sob a guarda do Museu Nacional. Dois anos depois, é então aprovado seu apelo, a Jangada passa a ficar sob tutela temporária do Arsenal de Guerra da Marinha enquanto o Museu prepara seu espaço para recebê-la, já que sua sede situada no Campo de Santana não suportava um objeto de tamanho tão grande quanto era a Jangada.

Em julho de 1892<sup>301</sup>, o Museu Nacional conquistou um novo espaço que o possibilitaria enfim guardá-la, entretanto, apesar do espaço garantido, é desconhecido o destino da Jangada, não havendo mais nenhum registro sobre ela. A formação da coleção proveniente da repressão policial sobre a religião afro-brasileira e a batalha pela Jangada do Dragão do Mar, exemplificam o esforço de Netto em tornar o museu num abrigo da História nacional e, ainda, mundialmente renomado. Vale notar que nesta História, o diretor do Museu Nacional admitia negros e indígenas, assim como suas batalhas, como parte e não anexas à nossa história.

E dando continuidade a esta missão, no ano de 1888, mesmo ano que ocorreu a abolição dos escravizados no Brasil, a mesma Princesa que assinou a Lei Áurea, subscreveu o decreto que reorganizou novamente o Museu Nacional. Em 25 de abril, o decreto de número 9.942, trazia a segunda reorganização que atravessou a direção de Ladislau Netto enquanto diretor desta instituição. Nele o Museu Nacional ficou dividido em quatro seções<sup>302</sup>:

1. Zoologia, Anatomia e Embriologia Comparada;
2. Botânica;
3. Mineralogia, Geologia e Paleontologia;
4. Antropologia, Etnologia e Arqueologia;

Três seções já não davam conta dos estudos que eram desenvolvidos no Museu. A Antropologia, Etnografia e Arqueologia deixaram de ser uma seção anexa para se tornar

---

<sup>301</sup> Trataremos da mudança de sede do Museu Nacional em breve neste capítulo.

<sup>302</sup> Coleção de Leis do Império do Brasil, 1888, p.522.

“oficial”. Na década de 80, os estudos antropológicos e etnológicos no Museu se desenvolveram substancialmente. A exemplo disso, temos o aumento das coleções das disciplinas e a inauguração da *Exposição Antropológica de 1882*.

Além da reorganização, o novo decreto estabelecia que Ladislau Netto continuaria como diretor geral do museu e que ficava a seu cargo a segunda seção cumulativamente e a quarta, provisoriamente. A partir do decreto também, passou a fazer parte do estabelecimento um Conselho Administrativo. Nele as reuniões deveriam ser chefiadas por Netto, junto aos diretores das demais seções (João Baptista de Lacerda e Orville Derby<sup>303</sup>), e caberia ao conselho:

deliberar sobre quaisquer questões propostas pelo diretor geral; propor pessoas idôneas para os cargos que devam ser providos por portaria do Ministro; propor os naturalistas viajantes, bem como dar-lhes instruções sobre as investigações de que forem incumbidos; nomear os membros correspondentes; promover relações com os estabelecimentos análogos nacionais e estrangeiros; representar sobre as providências que entender convenientes ao desenvolvimento do Museu; organizar o regimento interno da repartição para execução do presente Regulamento; examinar e julgar as provas de capacidade profissional exibidas em concurso dos candidatos ao cargo de diretor ou subdiretor de seção<sup>304</sup>.

As ações do Conselho deveriam ser decididas através de votação, entretanto, caberia a Netto o voto de qualidade. Uma vez que o alagoano obtinha a direção geral do museu e de duas seções, a votação não impedia que sua vontade prevalecesse. Nessas horas, Ladislau aproveitava para lançar sua arrogância e despotismo sobre os colegas. Na historiografia<sup>305</sup> onde o alagoano é citado, facilmente encontramos citações ao lado “tirano” de Ladislau.

As reclamações sobre a forma como Netto dirigia o MN são bem destacadas no *Fastos do Museu Nacional*. O próprio deboche de João Batista de Lacerda, o autor da obra, e

---

<sup>303</sup> Orville Adalbert Derby foi um geógrafo e geólogo americano e naturalizado brasileiro.

<sup>304</sup> Coleção de Leis do Império do Brasil, 1888, p.522.

<sup>305</sup> Cf. SILVA; LOPES; DANTAS; KEULLER.

que deu título a esta tese, demonstra esse caráter de Ladislau. A fala satirizada “o Museu sou Eu”, nos remete não só a plena dedicação de Netto à instituição como também a sua face despótica. Sobre o assunto Lacerda discorre:

Ele tinha, às vezes, severidades que magoavam e levavam as suas exigências ambiciosas ao ponto de sujeitar todos o movimento científico e administrativo do Museu ao domínio exclusivo de sua vontade. (...)

Estas tendências de seu caráter para o governo autocrático, que podiam ter um lado útil e favorável aos interesses da instituição, não deixaram, todavia, de levantar surdos clamores e de acirrar antipatias e desconfianças entre os seus subordinados e os seus colaboradores. Foi daí que nasceram e foram, pouco a pouco, aumentando os pequenos conflitos de atribuições e de preponderância (...) <sup>306</sup>.

Quiçá, esta fala de Lacerda era fruto sobretudo de uma relação conturbada com o alagoano, e desta forma, pode ter sido um rótulo descomedido. Entretanto, não devemos descartar a possibilidade de que esta era uma forte característica de Netto. Levando isso em consideração, iremos sugerir que Ladislau estava atingindo seu objetivo de enaltecer e renovar a reputação do MN. Contudo, vamos insinuar, após relato de Lacerda, que o custo pela glória da instituição estava se tornando caro frente aos que trabalhavam junto a Netto para o seu sonho acontecer. Sonho este que provavelmente era compartilhado pelos inúmeros cientistas que compunham o quadro de funcionários do museu. E que certamente poderia ser realizado sem tamanha arrogância.

Saindo da bazófia de Netto e dando uma passada nas importantes aquisições da instituição realizadas durante sua administração, chegamos a Bendegó. No interior da Bahia, próximo ao riacho Bendegó, foi encontrado um corpo estelar de aproximadamente 6 toneladas, no ano de 1784. À época, quem o encontrou, acreditava que nele continha ouro e

---

<sup>306</sup> LACERDA, 1950, p.46.

prata. Só em 1810, o cientista A. F. Mornay identificou ser aquela pedra um meteorito composto de ferro metálico<sup>307</sup>.

A partir da década de 1820, amostras dele eram encontradas em museus de diversas partes do mundo, como por exemplo, Munique; Londres; Vienna; São Petersburgo; Berlim; Copenhagen. Diante disso, é natural supor que o diretor geral se interessou por ele. Uma vez que fragmentos de um meteorito, caído no interior da Bahia, estavam espalhados em inúmeras instituições estrangeiras, ele deveria fazer parte também do acervo e dos estudos do Museu Nacional.

E em 1888, Ladislau Netto inicia uma manobra junto ao Comendador José Carlos de Carvalho<sup>308</sup> para trazê-lo às terras cariocas<sup>309</sup>. Em 25 de maio o *Gazeta de Notícias* trazia a informação de que o alagoano pedia ao comendador que fizesse todo o esforço necessário para esse transporte. E no dia 15 de junho chegava na Corte o meteorito do Bendegó<sup>310</sup>. Composto por 92% de ferro, 5,8% de níquel e vestígios de outras substâncias, conforme indicou o periódico, o meteorito apresentava forma irregular, que lembrava “o casco imperfeito, mal esboçado e mutilado de uma enorme tartaruga”<sup>311</sup>.

O meteorito foi recebido por uma comitiva chefiada pela Princesa Isabel. E acompanhada pelo seu marido Gastão de Orleans, o Conde d’Eu; pelo Comendador José Carlos, João Mendes Salgado<sup>312</sup>, o barão de Corumbá; Francisco Pereira Pinto<sup>313</sup>, o barão de

---

<sup>307</sup> CARVALHO, 1888, p. 14.

<sup>308</sup> José Carlos de Carvalho Júnior (1847-1934), foi oficial da Marinha de Guerra Nacional. Junto aos Engenheiros Civis Vicente José de Carvalho Filho e Humberto Saraiva Antunes, formaram uma comissão encarregada da remoção do meteorito de Bendegó para o Museu Nacional. Posteriormente ficou conhecido como o Barão de Bendegó.

<sup>309</sup> Para mais detalhes dessa missão, conferir CARVALHO, 1888.

<sup>310</sup> *Gazeta de Notícias*, 16 de junho de 1888, p.2.

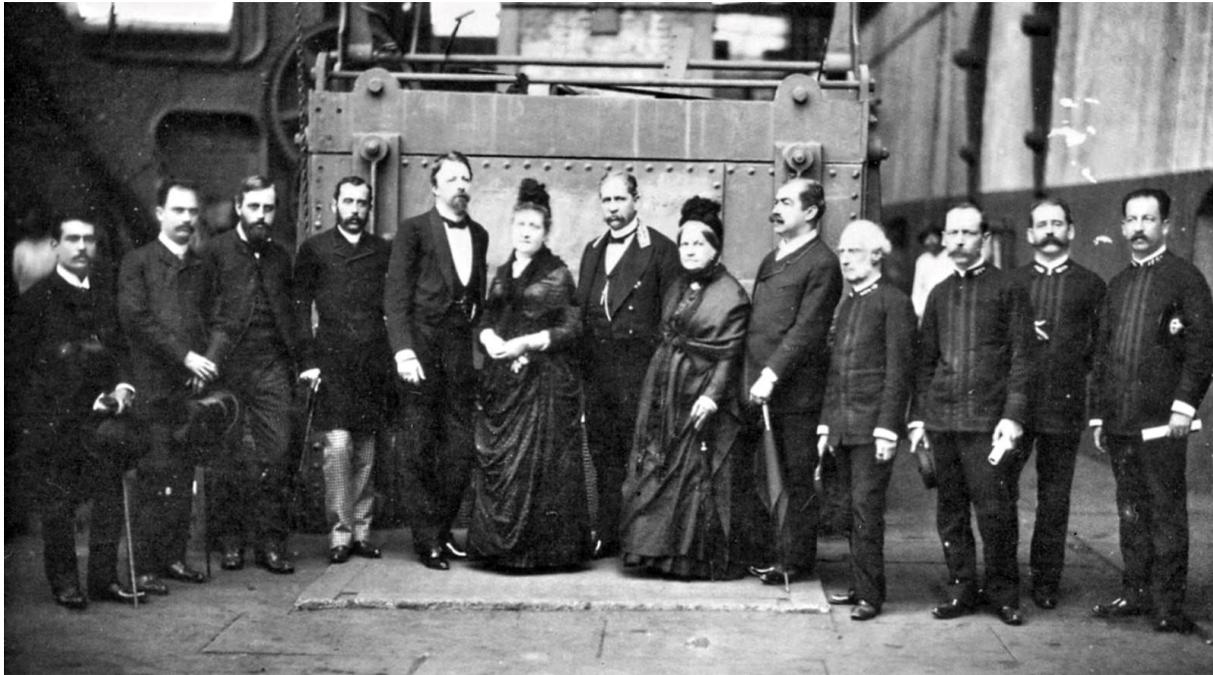
<sup>311</sup> *Gazeta de Notícias*, 16 de junho de 1888, p. 2.

<sup>312</sup> José Mendes Salgado (1832-1894), foi vice-almirante da Marinha de Guerra Nacional.

<sup>313</sup> Francisco Pereira Pinto (1817-1911), foi vice-almirante da Marinha de Guerra Nacional.

Ivinhema; por José Cândido Guillobel<sup>314</sup>, pela Baronesa de Suruí, irmã de Duque de Caxias; e por Ladislau Netto.

Figura 13 - A Chegada do Bendegó



Fonte: MARC FERREZ, Coleção Pedro Corrêa Lago. Facebook. BRASIL IMPERIAL. 5 mai. 2022<sup>315</sup>.

Fotografada por Marc Ferrez e datada em 15 de junho de 1888, foi realizada no Arsenal da Marinha Brasileira<sup>316</sup>. Lamentavelmente, não conseguimos identificar todas as pessoas da imagem. Deste modo identificamos o Comendador José Carlos (o quarto homem da esquerda para a direita), a Princesa Isabel ao lado de seu marido Conde d'Eu, e virado de lado, desprezando a fotografia, Ladislau de Souza Mello Netto.

Após a visita da princesa e de sua comissão, o corpo estelar, de cinco toneladas, foi examinado por Ladislau, Orville Derby<sup>317</sup> e pelo presidente da Sociedade de Geografia, o Sr. Marquês de Paranaguá. Este último ficou encarregado de deliberar o que seria o melhor a ser

<sup>314</sup> José Cândido Guillobel (1843-1925), foi almirante chefe do Estado-Maior da Armada e gerenciou o Arsenal da Marinha.

<sup>315</sup> Vale notar que a autora procurou o logradouro original da imagem. Contudo, devido ao fechamento dos arquivos durante a pandemia, não foi possível encontrá-lo. Sendo assim, foi utilizada a imagem retirada da Rede Social Facebook.

<sup>316</sup> O registro da visita da princesa ao Arsenal é retratado em BRAGA, 2018.

<sup>317</sup> Diretor da Seção de Geologia do Museu Nacional.

feito com a peça. Feita a análise do material, ficou decidido seu traslado para o Campo de Santana, onde, depois de ser mostrado ao público, foi colocado no pavimento térreo do Museu Nacional<sup>318</sup>.

Figura 14 - O Meteorito do Bendegó



Fonte: FERREZ, Marc. *O Meteorito Bendegó*. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 1888.

Netto conseguiu vencer mais uma batalha. Esta é uma fotografia do fragmento de corpo celeste, no lugar que o alagoano almejou, no período “mais fecundo, de maior atividade e de mais intenso brilho na história do Museu Nacional”<sup>319</sup>. Antes de dar continuidade à trajetória do diretor do MN, devemos informar ao leitor que o Meteorito de Bendegó foi um dos objetos que resistiu praticamente intacto à tragédia de setembro de 2018.

---

<sup>318</sup> Idem.

<sup>319</sup> LACERDA, 1905, p. 37.

O trabalho de Netto enquanto colecionador tornou-se impecável. Já fora das paredes do Museu Nacional, enquanto diretor e cientista renomado, Ladislau Netto também possuía outras atividades. No mesmo ano da chegada do Meteorito de Bendegó, o botânico representou o museu e o Brasil na Exposição Universal de Paris, que teve início em 6 de maio e fim no dia 31 de outubro. A exposição, que comemorou o centenário da Revolução Francesa, tinha o diretor brasileiro como parte da comissão franco-brasileira e membro do júri superior ao lado de “profissionais ilustres e de celebridades do instituto, do colégio de França, das escolas superiores, do museu, do Jardim das Plantas e da Sorbonne”<sup>320</sup>. Segundo Netto, tal participação o permitiu estar em contato com mais de 50 mil representantes da “atividade intelectual das nações mais cultas do globo”<sup>321</sup>.

Conforme ressaltou Heloisa Barbuy, como parte da Exposição Universal, a *Exposição Retrospectiva da Habitação Humana*, dirigida por Charles Garnier<sup>322</sup>, “buscava retrair os tipos de habitação humana da pré-história ao Renascimento”<sup>323</sup>. Os modelos das habitações eram “quase em tamanho natural”<sup>324</sup>. Foram ao todo 44 construções divididas em três grupos: Pré-histórico; Histórico; Civilizações Isoladas. Neste último grupo, estavam as populações indígenas americanas, subdivididas em “peles-vermelha”; astecas e incas. Foi dentro da Casa Inca, denominada por brasileiros como *Pavilhão do Amazonas*<sup>325</sup> que, Ladislau Netto organizou uma exposição sobre indígenas da Amazônia. Nela o diretor do MN expôs uma série de objetos, especialmente botocudos e jívaros entre eles havia:

vasos, urnas clavadas, machados, arcos, lanças, objetos rituais, uma cabeça humana desossada e reduzida, além de pinturas à óleo que haviam sido feitas no Museu

---

<sup>320</sup> *Gazeta de Notícias*, 08 de fevereiro de 1892, p. 1.

<sup>321</sup> *Gazeta de Notícias*, 08 de fevereiro de 1892, p. 1.

<sup>322</sup> Charles Garnier (1825-1898) foi o arquiteto responsável pela Ópera de Paris.

<sup>323</sup> BARBUY, 1996, p.228.

<sup>324</sup> Idem.

<sup>325</sup> Sobre a Casa Inca e Pavilhão do Amazonas, conferir BARBUY, 1996.

Nacional, retratando índios que para lá haviam sido trazidos por ocasião de uma exposição em 1882 (...) <sup>326</sup>.

Logo depois de sair da França, o alagoano seguiu em uma missão para representar o Museu Nacional e o Império no Congresso dos Americanistas em Berlim. Netto foi designado para ser presidente de uma das sessões e vice-presidente do conselho geral do mesmo congresso.

O Congresso contava com mais de trezentos cientistas que representavam diversos países do mundo. Na ocasião, Netto fez uma exposição arqueológica sobre a cerâmica da Ilha de Marajó, mostrando ao seu público a forma como viviam os habitantes da ilha e de como realizavam suas práticas funerárias, onde na inumação a carne dos mortos era macerada e os ossos guardados em urnas de barro feitas com “maior ou menor esmero e ostentação de ornatos, conforme a importância do morto” <sup>327</sup>.

Ladislau ainda dissertou sobre como a arte cerâmica marajoara, confeccionada por mulheres, fazia das artesãs mestras daquela indústria e provavelmente as “dominadoras de parte da nação, as governantes pelo menos da classe ceramista” <sup>328</sup>. Para o diretor do MN o artesanato da Ilha de Marajó era a principal faina intelectual do povo que lá viveu. E ainda levanta o argumento da possibilidade de uma ginecocracia na história pré-colombiana do Vale do Amazonas. A hipótese desse governo feminino tinha como base as “lendas multiformes e tão conhecidas das mulheres amazonas a que deve o enorme rio-mar seu nome” <sup>329</sup>.

A segunda exposição de Netto no Congresso dos Americanistas em Berlim, também sobre arqueologia, se deu em torno de artefatos de pedras “nephrito e jadeito” da América. As exposições de Ladislau foram elogiadas. Segundo a publicação da *Gazeta de Notícias* de

---

<sup>326</sup> BARBUY, 1996, p.229.

<sup>327</sup> *Gazeta de Notícias*, 05 de maio de 1889, p.2.

<sup>328</sup> *Gazeta de Notícias*, 05 de maio de 1889, p.2.

<sup>329</sup> *Gazeta de Notícias*, 05 de maio de 1889, p.2.

cinco de maio de 1889, as falas de Netto foram apresentadas com “palavras muito honrosas dos professores Virchow, ilustre chefe da escola antropolista (sic) alemã, e Bastian, não menos ilustre etnólogo, diretor do novo museu de etnografia de Berlim, o mais rico do globo”<sup>330</sup>. O sucesso do brasileiro em Berlim foi tanto, que lhe rendeu a já mencionada homenagem do imperador alemão.

Ladislau Netto com suas participações em eventos no exterior, além de sustentar sua fama, construída ainda em França enquanto era estudante, mostrava a todos as conquistas do Museu Nacional. Aceitar participar desses eventos era uma vitória para a figura do intelectual e conseqüentemente para a instituição a que ele tanto se dedicou.

---

<sup>330</sup> *Gazeta de Notícias*, 05 de maio de 1889, p.2.

## 2 O INTELLECTUAL EM SEU PRINCIPAL HABITAT: O MUSEU NACIONAL

Após compreendermos a formação de Ladislau Netto, é chegada a hora de entendermos o moço como um intelectual. É certo que esta categoria só foi cunhada no final do século XIX e início do XX, período em que Netto já não exercia mais suas atividades enquanto um<sup>331</sup>. Entretanto, o enquadraremos aqui nesta figura. Para isso, entenderemos o conceito associado à uma pessoa pública, formadora de opinião e participante dos debates caros à sociedade em que atua. De acordo com Angela de Castro Gomes e Patrícia Santos Hansen, os intelectuais são

homens da produção de conhecimentos e comunicação de ideias, direta ou indiretamente vinculados à intervenção político-social. (...) atores estratégicos nas áreas da cultura e da política que se entrelaçam, não sem tensões, mas com distinções, ainda que historicamente ocupem posição de reconhecimento variável na vida social<sup>332</sup>.

Acreditamos que nosso personagem se enquadrava na definição das autoras. Além disso, concordaremos com a concepção de Edward Said de que o intelectual é “dotado de uma vocação para representar, dar corpo e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia ou opinião para (e também por) um público”<sup>333</sup>. Partindo desse pressuposto, iremos apontar que Ladislau Netto tinha essa vocação, e ela será exposta ao longo deste capítulo.

Em conformidade com Karoline Carula, declaramos que para entender a figura de um intelectual se faz necessário inseri-lo em instituições de poder ou de Estados, “nos variados

---

<sup>331</sup> Cf. GRAMSCI, 1968; SAID, 2005; SIRINELLI, 1986; 2003.

<sup>332</sup> GOMES; HANSEN, 2016, p. 10.

<sup>333</sup> SAID, 2005, p.25.

espaços da sociedade civil e política<sup>334</sup>. Ainda, comungaremos com a historiadora quando ela alega que os mesmos devem ser compreendidos como “sujeitos da ação e como produtores de ideias e obras, comprometidos com projetos políticos e de poder”<sup>335</sup>. Administrador por longos anos de uma instituição pública, assumiremos estar Netto contemplado pela compreensão assumida por Carula. Partindo desse pressuposto, iremos inserir nosso intelectual às posses do Museu Nacional.

Parafraseando a feminista Simone de Beauvoir<sup>336</sup>, não se nasce intelectual, torna-se intelectual. Ao longo de sua vida, o alagoano esteve constantemente trabalhando em prol da construção de sua intelectualidade. Para reconhecer essa versão “ladislaudiana”, se faz necessário dar atenção à sua relação com o MN. Não mencionar essa parte de sua trajetória seria uma lacuna enorme na sua história. Na visão da autora desta tese, seria ainda um desrespeito não citar o papel do alagoano na instituição que nos permitiu conhecer o sujeito. E por isso, dedicaremos esse trecho do trabalho aos anos da direção do botânico e a alguns de seus projetos no museu, levando em consideração que foi entre as paredes do Museu Nacional o local em que Netto mais exerceu sua intelectualidade.

## **2.1 A casa de Ladislau Netto, o Museu Nacional**

Mas antes de falarmos sobre os feitos do alagoano enquanto diretor, discorreremos brevemente sobre a história da instituição, esta que por muito tempo foi o local de trabalho e residência de Ladislau Netto. Em 06 de junho de 1818, Dom João VI por um decreto cria o Museu Real:

---

<sup>334</sup> CARULA, 2016, p. 54.

<sup>335</sup> CARULA, 2016, p. 55.

<sup>336</sup> Simone Lucie-Ernestine-Marie Bertrand de Beauvoir (1908-1986) foi ativista, feminista, escritora francesa.

Querendo propagar os conhecimentos e estudos das ciências naturais no Reino do Brasil, que encerra em si milhares de objetos dignos de observação e exame e que podem ser empregados em benefício do Comércio, da Indústria e das Artes, que muito desejo favorecer, como grandes mananciais da riqueza: Hei por bem que nesta Corte se estabeleça um Museu Real para onde passem, quanto antes, os instrumentos, as maquinas e gabinetes que já existem dispersos por outros lugares, ficando tudo a cargo das pessoas que Eu futuro nomear. E sendo-me presente que a morada de casas que no Campo de S. Anna ocupa o seu proprietário João Rodrigues Pereira de Almeida, reúne as proporções e cômodos convenientes ao dito estabelecimento, e que o mencionado proprietário voluntariamente se presta a vendê-la pela quantia de trinta e dois contos(...)<sup>337</sup>.

Assim como estava estipulada no decreto, a venda do estabelecimento no Campo de Santana fora concretizada. Neste endereço então, se encontrava o primeiro museu brasileiro<sup>338</sup>. O Museu Real foi definido como uma instituição científica que seguia os mesmos moldes dos museus e gabinetes portugueses de história natural. Museu metropolitano e universal, que tinha como objetivo organizar e disponibilizar as coleções naturais aos estudiosos, permutar objetos com museus de outros países, ser um produtor de conhecimento das riquezas da terra, fauna, flora, e levar o conhecimento científico para o reino.

Ainda sobre a criação do Museu Real, é fácil encontrar registros retratando que a maior influência para tal foi a chegada da arquiduquesa dona Maria Leopoldina de Habsburgo, futura Imperatriz do Brasil, devido ao seu futuro casamento com D. Pedro, filho de D. João VI e herdeiro de seu trono. Ao desembarcar no porto do Rio de Janeiro em 05 de novembro de 1817, a arquiduquesa dona Leopoldina, grande estudiosa de geologia, trouxe

---

<sup>337</sup> Decreto de 06/06/1818 escrito na íntegra em LACERDA, 1905, p. 03-04.

<sup>338</sup> No mesmo endereço, hoje encontra-se o Arquivo Nacional.

consigo uma comitiva formada por artistas e cientistas como Johann Natterer<sup>339</sup>, Johann Baptist von Spix<sup>340</sup> e Carl Friedrich Phillip von Martius<sup>341</sup>, que *a posteriori* contribuíram consideravelmente para a história das ciências naturais no Brasil. Após sua chegada, dona Maria Leopoldina desenvolveu seu interesse pela pesquisa científica e incentivou o investimento em expedições e viagens de cientistas no Brasil, que posteriormente ficaram a cargo do Museu.

Enquadrado à luz do pensamento difundido mundialmente na época, uma das justificativas da criação de instituições científicas, como o Museu Real no Brasil, seria a necessidade delas como um dos componentes básicos de um ideal da modernização, entretanto, a base de tais instituições foi mais do que uma idealização. As fundações desses espaços eram “movimentos estratégicos de ajuste e oportunidade entre instituições e os contextos sociais em que se desenvolveram”<sup>342</sup>.

Após a Independência do Brasil em 07 de setembro de 1822, aquele que antes era chamado de Museu Real, passou a ser chamado de Museu Imperial e Nacional. Ao contrário do que muitos pensam, o nome perdurado ao Museu já era utilizado antes mesmo da Proclamação da República em 1889, como foi notado por Regina Dantas<sup>343</sup>, pois a partir de 1842 o Museu passa a ser conhecido como Museu Nacional. Uma vez que neste período a instituição já mantinha seu caráter nacional fortalecido.

No Primeiro Reinado, o Museu recebeu donativos do governo imperial como um incentivo ao crescimento das coleções e ao fortalecimento da instituição enquanto produtora

---

<sup>339</sup> Johann Natterer (1787 - 1843) foi um naturalista e explorador austríaco. Foi integrante da expedição ao Brasil financiada pelo Francisco I da Áustria, em ocasião do casamento de sua filha Leopoldina com Dom Pedro I.

<sup>340</sup> Johann Baptist von Spix (1781 - 1826) foi um médico, naturalista e zoologista alemão. Ele junto a Von Martius fez parte do grupo de naturalistas que acompanharam a vinda da Imperatriz Leopoldina ao Brasil.

<sup>341</sup> Carl Friedrich Phillip von Martius (1794-1868) foi um médico, botânico e antropólogo alemão. Autor da monografia "Como se deve escrever a história do Brasil".

<sup>342</sup> VESSURI, 1987; 9 apud LOPES, 2009; 21.

<sup>343</sup> Cf. DANTAS, 2007.

de conhecimento científico. Ainda no intuito de aumentar suas coleções, conseguiu o apoio dos governos locais para o preparo de coleções de cada região, fez acordos com outras nações do Império português para a obtenção de novas espécies, incentivou a criação de gabinetes de história natural e local e se relacionou com uma série de naturalistas que visitavam o Brasil<sup>344</sup>.

Como atentou Maria Margaret Lopes, ainda seguindo as "instruções", as ordens enviadas eram de que o Museu deveria ter produtos naturais de todas as ilhas, possessões da Ásia e África, do Reino de Portugal e mesmo de todo o mundo. É nesta perspectiva da obtenção de objetos de todo o mundo que pode ser justificada a posição do Museu Nacional como um museu metropolitano e universal, assim como este foi destacado e posicionado aos olhos de Ladislau de Souza Mello Netto.

No Segundo Reinado, com a ascensão de D. Pedro II ao poder, quando ocorreu a consolidação do governo imperial, era desenvolvida no Brasil a ideia do progresso<sup>345</sup>. Este estava ligado a uma proposta iluminista e igualmente da construção de uma nacionalidade, a construção da nação brasileira. E é neste período também que o Museu Nacional entrou em seu apogeu e se robusteceu como uma instituição metropolitana, produtora de conhecimento e responsável por levar o progresso à nação, através do desenvolvimento das ciências naturais. Esse progresso científico e institucional foi proveniente do trabalho de cada servidor e diretor que passou pela casa desde a sua fundação.

O primeiro diretor do Museu foi Frei José da Costa Azevedo, um mineralogista, cientista natural e teólogo intitulado por D. João VI. Até a queda da monarquia brasileira, todos os diretores da instituição foram indicados pelo monarca vigente. Num período de

---

<sup>344</sup> KEULLER, 2008; 52.

<sup>345</sup> Cf. MATTOS, 2004.

setenta anos, o Museu Nacional contou com seis diretores distintos. Ladislau de Souza Mello Netto iniciou sua administração em 1874, sendo o sétimo diretor do estabelecimento.

Tabela 5 - Os diretores do Museu Nacional no período Monárquico

Diretor	Período de Administração	Formação
Frei José da Costa Azevedo	1818-1822	Cientista natural, teólogo e mineralogista
João de Deus e Mattos	1822-1823	Taxidermista
João da Silva Caldeira	1823-1827	Médico e químico
Frei Custódio Alves Serrão	1828-1847	Físico e químico
Frederico Leopoldo Cezar Burlamaqui	1847-1866	Brigadeiro, botânico, mineralogista, matemático e escritor
Francisco Freire Allemão de Cysneiros	1866-1870	Médico, botânico e zoólogo
Ladislau de Souza Mello Netto	1874-1893	Botânico, arqueólogo, antropólogo

Fonte: OS DIRETORES DO MUSEU NACIONAL. Rio de Janeiro, Sessão de Museologia, 2008.

Após os dados da tabela, podemos constatar que todos eram homens, brancos, sujeitos da ciência, e que se dedicavam ao bom funcionamento do estabelecimento. A máxima até então de durabilidade das administrações atingia uma marca padrão<sup>346</sup> de dezenove anos. E é

<sup>346</sup> Além de Ladislau Netto, Frei Custódio Alves Serrão e Frederico Leopoldo Cezar Burlamaqui foram os demais que atingiram tal marca à frente do Museu Nacional. O período de dezenove anos se destaca, uma vez que é tão distinto dos outros diretores.

justamente nesse parâmetro que encontramos o nosso figurão. No dia 23 de janeiro de 1872, Ladislau foi designado para substituir Freire-Allemão, uma vez que doente já não conseguia mais assumir todas as suas funções de diretor geral. Depois de quatro anos como diretor interino, Netto assumiu como diretor geral do Museu Nacional, no mesmo ano em que faleceu seu antecessor.

Quando o arqueólogo brasileiro Angyone Costa escreveu uma obra de introdução à disciplina para a qual escolheu se dedicar, reservou um pedaço para descrever algumas das características de Ladislau. Nas palavras de Costa, Netto era “um sábio, no sentido que se possa dar ao homem que alargou muito o campo dos seus conhecimentos. Não era um talento em síntese. Não tinha gênio criador. Mas seria injustiça negar-lhe uma curiosidade sem limites e uma inteligência vivíssima”<sup>347</sup>. Nessa versão da história da vida do alagoano enquanto diretor do Museu Nacional, podemos assumir que foi com esses adjetivos que o botânico conduziu sua administração.

O alagoano era o terceiro botânico e sétimo diretor do Museu Nacional. Sobre a decisão de se tornar principal administrador da instituição, em texto de uma nota biográfica de Netto foram proferidas as seguintes palavras:

Não sabemos ao certo se para mais ou se para menos glória sua entrou o Dr. Netto as portas do nosso Museu. Sabemos, sim, que ao transportar-se bruscamente do Museu de Paris, onde vivia como íntimo daquele foco de luz, de animação e de trabalho, para o então tristonho e esquecido Museu brasileiro, caiu-lhe a alma aos pés, e chegou mesmo a ponto de maldizer da sorte que aí lhe vinha acorrentar todas as energias<sup>348</sup>.

De certo as energias de Netto atravessaram o Atlântico, e a sorte do alagoano se formou a partir de seu investimento na instituição. O botânico administrou o museu enquanto o país sofreu grandes transformações. Durante seu mandato, Ladislau viu e fez parte do

---

<sup>347</sup> COSTA, 1938, p. 49.

<sup>348</sup> *REVISTA DA EXPOSIÇÃO ANTROPOLÓGICA DE 1882*, 1882, p. 9.

movimento abolicionista, da crise do Império e da Proclamação da República. Viu o museu mudar de Ministério<sup>349</sup> e de espaço físico e mesmo com tantos eventos importantes, o nordestino não “perdeu as rédeas” da situação. Este período em que se manteve enquanto diretor, coincidiu também com o que alguns estudiosos identificam como “Era dos Museus”<sup>350</sup>, momento no qual o MN ganhou prestígio nacional e internacionalmente. Perante o exposto, veremos a seguir uma parte desta trajetória no MN, espaço em que Netto dedicou longos anos de sua vida.

## 2.2 Nova política, nova casa

Como se tratava de uma pessoa pública, podemos afirmar que a política fazia parte da vida de Ladislau Netto. Contudo, o alagoano se mostrou disposto a utilizar do artefato político única e exclusivamente quando ele o possibilitasse angariar conquistas científicas. E assim o fez. Como mencionado no capítulo anterior, em sua terra natal, Ladislau deixou de lado, em duas ocasiões, a oportunidade de se tornar deputado, provincial e estadual. Com o golpe republicano e o descontentamento de Netto com o espaço físico do Museu Nacional, chegou a hora do diretor travar mais uma batalha.

Como citado anteriormente, vale notar que, à época, o Museu Nacional não era o mesmo, vítima do descaso, que culminou em um incêndio. O museu que Ladislau Netto se dedicava e mostrava para o mundo, por vezes de maneira despótica e alimentado pelo seu

---

<sup>349</sup> Desde sua criação o Museu Nacional fez parte dos seguintes Ministérios: Ministério dos Negócios do Reino (1818 - 1868); Ministério dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas (1868 - 1890); Ministério dos Negócios, Instrução Pública, Correios e Telégrafos (1890-1892); Ministério da Justiça, Negócios e Interiores (1892 - 1909); Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio (1909-1930); Ministério da Educação e Saúde Pública (1930 - 1937); Ministério da Educação e Saúde (1937 - 1942); Universidade Federal do Rio de Janeiro (1946 - período atual).

<sup>350</sup> Segundo Maria Margaret Lopes e demais autores como Angela Guedes e José Gonçalves, na “Era dos Museus” foram criados inúmeros museus não só no Brasil, mas em todo o mundo. Neste período os museus estavam em exímio desenvolvimento e eram realizados entre eles diversos intercâmbios, que os enriqueciam, por meio de permutas, doações e lhes davam prestígio.

ego, mantinha o logradouro no Campo de Santana. E em meados do século XIX, o edifício contava com nove salões no pavimento superior, duas bibliotecas, doze salas e salões no pavimento inferior. Além disso, contava também com espaçosos gabinetes nos dois pavimentos, que serviam de laboratórios. Na parte superior do museu, dois salões eram ocupados pela Seção de Botânica, três pela Seção de Etnologia e quatro pela Seção de Zoologia<sup>351</sup>.

Figura 15 - O Museu Nacional de Ladislau Netto



Fonte: Domínio Público. P. G. Bertchem - Museu Nacional no Campo da Aclamação, 1856.

Esta litografia foi criada pelo desenhista e gravador holandês, Pieter Gottfried Bertchem, no ano de 1856, dezoito anos antes de Netto se tornar diretor do museu.

<sup>351</sup> *Almanak Laemmert*, 1889 parte IV, p. 1629.

Entretanto, tal imagem foi escolhida quando levamos em consideração o belo trabalho realizado pelo artista e, pela permanência na arquitetura do prédio, até a mudança da instituição para a Quinta da Boa Vista<sup>352</sup>. Intitulamos essa imagem de *O Museu Nacional de Ladislau Netto*, pois foi nesse espaço físico que o diretor consagrava tanto o seu, quanto o nome da instituição. Todos os projetos, sucessos e arrogância residiam no Campo de Santana<sup>353</sup>. Um dos mais notáveis e dos últimos grandes esforços realizados pelo administrador do Museu Nacional foi a mudança de seu espaço físico.

Em 1892, poucos anos após a queda do regime monárquico, Ladislau enxergava uma oportunidade de solucionar um problema de espaço. De acordo com Regina Dantas e Aprígio da Silva, iremos concordar que a solução dessa adversidade também tinha respaldo na falta de recursos para a construção de um prédio e no interesse do alagoano em se apropriar do acervo do “Museu do Imperador”<sup>354</sup>, existente na Quinta da Boa Vista. Diante disto, os salões do Centro carioca não serviam mais às grandes coleções que compunham o museu e já não cabiam mais nos sonhos de Netto. A Quinta era um sonho ideal.

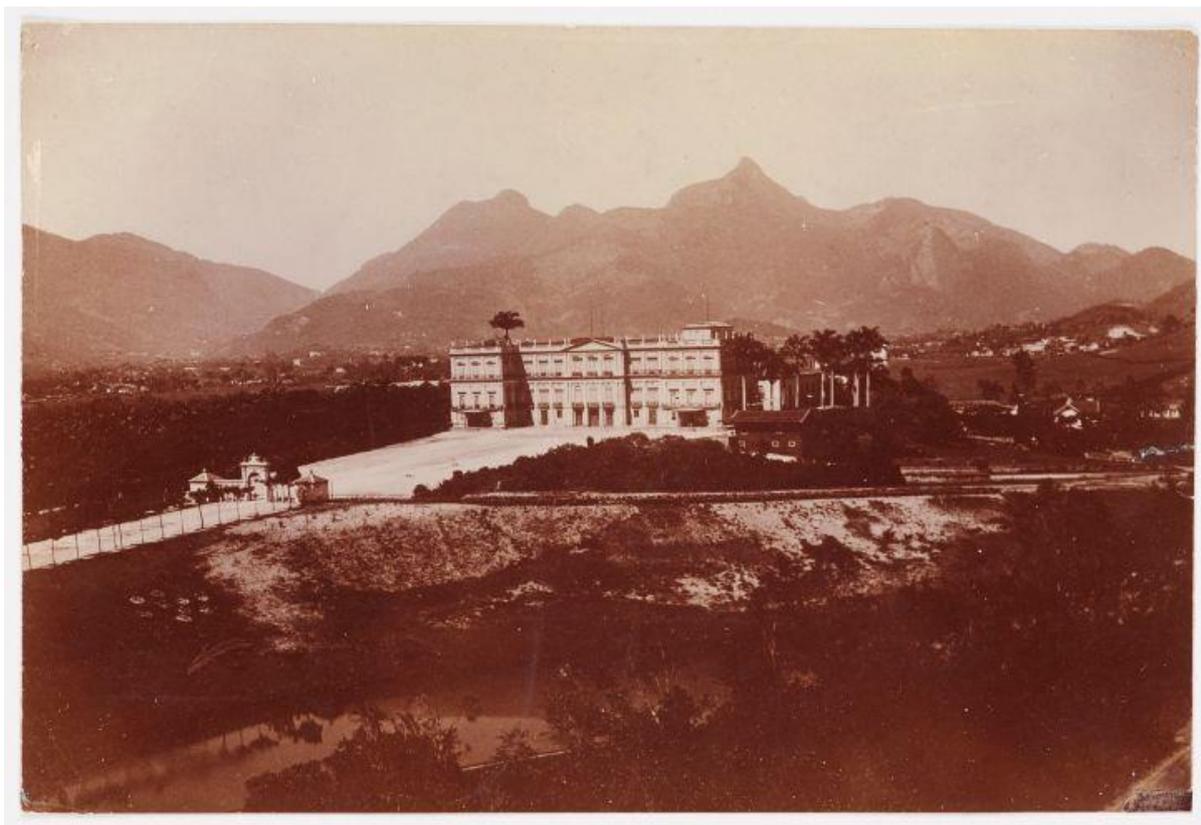
### Figura 16 - O Museu Nacional sonhado por Ladislau Netto

---

<sup>352</sup> O Palácio da Quinta da Boa Vista abrigou a família real e posteriormente a família imperial na maior parte do século XIX. A mansão situada em São Cristóvão abrigou os Bragança entre 1808-1889. Posteriormente sediou a Assembleia Nacional Constituinte, da qual em 24 de fevereiro de 1891 foi outorgada a primeira Constituição republicana brasileira.

<sup>353</sup> Notamos que, antes de ser conhecido como Campo de Santana, o lugar onde residia o Museu Nacional era nomeado Campo da Aclamação, assim como mostrou a gravura de P. G. Bertichem. Nos dias atuais, apesar de levar o nome de Praça da República, o local ainda é bastante conhecido pelos cariocas pela nomenclatura Campo de Santana.

<sup>354</sup> Tratava-se do acervo pessoal do imperador Dom Pedro II. Cf. DANTAS, 2012.



Fonte: Ferrez, Marc. Museu Nacional, Antigo Palácio Imperial de São Cristóvão. Instituto Moreira Salles - IMS.

Tal imagem foi feita pelo fotógrafo brasileiro Marc Ferrez em 1882, enquanto a família real brasileira ainda residia no edifício. O registro foi realizado sete anos antes da queda da monarquia no Brasil, e dez anos antes de Ladislau Netto se esforçar para transferir o Museu Nacional para o bairro de São Cristóvão. Esta é então a segunda e também atual casa do Museu Nacional. Hoje, após a tragédia de setembro de 2018, a edificação passa por uma grande reforma<sup>355</sup>.

É relevante apontar que o descontentamento de Netto com o logradouro em que se estabelecia o MN não surgiu repentinamente. Em 1870, o botânico expunha opinião a respeito. Segundo ele era:

---

<sup>355</sup> No momento em que esta tese está sendo realizada, o Museu Nacional permanece em obras. E ainda não há uma data certa para a reinauguração. Vale mencionar que a pandemia da Covid-19, é um dos motivos que leva à incerteza do retorno do público ao museu.

muito impróprio o local ocupado pelo nosso Museu e muitíssimo exíguo o edifício deste estabelecimento.

É muito impróprio o seu local porque o escolheram no coração da cidade, sem jardim ou a probabilidade alguma de obtê-lo na sua adjacência, d'onde resulta para esta instituição de tão alto alcance e de tamanha utilidade a eliminação de seus mais elevados e úteis fins que são os estudos fisiológicos e anatômicos (...) <sup>356</sup>.

Faz-se evidente a insatisfação de Ladislau com o espaço concedido ao MN. O condutor da instituição indagava o tamanho do espaço, mesmo antes do aumento das coleções no decorrer de sua direção. Com as palavras de Netto, podemos também imaginar o quão frustrante seria para um botânico e diretor geral de uma instituição como o Museu Nacional, não poder ter um jardim com os mais belos espécimes da flora nacional. Em seu ponto de vista, um jardim botânico, junto a um parque zoológico, eram partes indispensáveis aos museus de Ciências Naturais <sup>357</sup>. E foi esse sentimento de indignação que o alagoano preservou e levou em consideração na hora de pleitear sua mudança.

A transferência do Museu para a Quinta da Boa Vista não foi um processo simples ou fácil. Com a queda da monarquia e o golpe da república de 15 de novembro de 1889, o Museu Nacional, que era uma instituição beneficiada com o investimento do Estado monárquico, sofreu o impacto de ter que se adaptar ao novo governo. Como destacou Paulo Vinícius Aprígio da Silva, frente à intenção do regime publicano em edificar o seu panteão de signos, estava a necessidade de apagar a memória monárquica e era preciso submeter e ocupar seus espaços de institucionalização <sup>358</sup>.

A Comissão Administrativa do Museu, liderada por Ladislau Netto, enxergou nessa necessidade republicana de apagamento dos símbolos da monarquia como uma oportunidade de solucionar uma questão que já pairava sobre o estabelecimento há algum tempo, a carência

---

<sup>356</sup> NETTO, 1870, p. 149.

<sup>357</sup> NETTO, 1870, p. 150.

<sup>358</sup> SILVA, 2017, p.153.

de espaço físico. Conforme retratou Paulo Silva, os problemas estruturais do edifício do Campo de Santana estavam presentes nos relatórios ministeriais, nas atas da Comissão Administrativa e na imprensa da Corte<sup>359</sup>.

Com a problemática em consideração, a direção do Museu traçava um novo projeto, e o Palácio de São Cristóvão se tornou um lugar interessante, que uniria a necessidade republicana e de Ladislau Netto e seus parceiros. A casa se tornava atraente por suas instalações, a edificação contava com três andares, biblioteca, museu, capela, salões, salas, quartos e gabinetes<sup>360</sup>. O Museu teria um novo espaço e um dos maiores símbolos monárquicos seria ressignificado. E a partir de dezembro de 1889, os diretores do Museu Nacional iniciam a negociação para a mudança do endereço junto a Quintino Bocaiúva<sup>361</sup>, Ministro da Agricultura<sup>362</sup>.

Em meio às negociações o Presidente Marechal Deodoro da Fonseca, assinou um decreto em 1890<sup>363</sup>, que mantinha as quatro seções do Museu Nacional:

1. Zoologia, Anatomia e Embriologia Comparada;
2. Botânica;
3. Mineralogia;
4. Antropologia, Etnologia e Arqueologia;

Na nova regulamentação, ainda constavam os laboratórios de Química Vegetal; Entomologia Agrícola; e Fitopatologia. Este foi o último regulamento do MN que Ladislau presenciou. O novo decreto mantinha as seções do anterior, contudo, impossibilitava a

---

<sup>359</sup> SILVA, 2017, p.154.

<sup>360</sup> Idem.

<sup>361</sup> Jornalista e político brasileiro. Foi Ministro das Relações Exteriores, cumulativamente com Agricultura, Comércio e Obras Públicas.

<sup>362</sup> Ministério no qual o Museu Nacional fazia parte.

<sup>363</sup> Coleção de Leis do Brasil - 1890, p. 912, Vol. 1 fasc. V

renovação de contrato dos naturalistas como Orville Derby e Emílio Augusto Goeldi<sup>364</sup>. Como sugeriu Silva, o novo quadro surgia como um golpe para a instituição brasileira. Os intelectuais em questão eram imprescindíveis ao bom andamento do MN. Dos mais ativos dos cientistas do Museu, a ausência deles significava também a perda de seus trabalhos e prestígio.

João Batista de Lacerda, quando escreve os *Fastos do Museu Nacional* demonstra em inúmeras páginas seu desafeto com Ladislau Netto, e o destaca em inúmeros feitos do alagoano. Diante disso, Lacerda acreditou ser esse novo regulamento de 1890 um plano ambicioso em que Netto tinha a pretensão de abarcar tudo no Museu. Para efetuar este plano nefasto, Ladislau teria, junto ao Ministro<sup>365</sup>, orquestrado em segredo o novo decreto, sem a audiência da congregação. No juízo de João Batista, a atitude do diretor fez com que ele levantasse muitos conflitos com seus subordinados. O golpe do qual Silva mencionou era fruto da ambição “malévola” de Ladislau e atingiu não só o Museu, mas também o próprio mentor da obra.

Lacerda indicava que Netto sofria hostilidade por quase todos os servidores do MN. E que a mesma, foi um dos motivos que abalou sua “organização física”. O autor da obra e futuro diretor do Museu revelou que em 26 de junho de 1891, Ladislau foi subitamente acometido de um ataque cerebral, com perda de todos os sentidos. Inconsciente, foi levado para casa e atendido por médicos. Dez dias depois do ocorrido, Netto se via bem o suficiente para assinar em domicílio o seu expediente.

A vida que levava o encaminhou para este quadro clínico, porém não o impediu de continuar com sua empreitada. Uma vez que já havia sido atingido pelo corte no fomento à pesquisa e pelo desfalque em seu quadro de funcionários, a direção do Museu estava

---

<sup>364</sup> Naturalista e zoólogo suíço, chegou ao Brasil no início da década de 1880. Trabalhou no Museu Nacional e no Museu Paraense, que posteriormente mudou de nome em sua homenagem e passou a se intitular Museu Paraense Emílio Goeldi.

<sup>365</sup> Ministro dos Negócios, Instrução Pública, Correios e Telégrafos, Ministério ao qual o Museu Nacional fazia parte neste período.

obstinada em não desistir da mudança para São Cristóvão, tanto que entre os anos de 1889 e 1892, foram feitos muitos apelos e todos eles foram negados<sup>366</sup>.

Reforçando a negação ao apelo de Ladislau, o Ministro Fernando Lobo Leite Pereira, traz a público, no jornal *O Paiz*, em 28 de janeiro de 1892, “um dos mais importantes lados da questão da mudança do Museu Nacional”<sup>367</sup>. Na perspectiva do ministro considerava o traslado do MN uma ameaça à higiene pública. Segundo consta na publicação do periódico:

Colocado no centro da cidade, sem as necessárias condições higiênicas, o Museu Nacional, onde todos sabem são recebidos e preparados os animais mortos remetidos pelo Jardim Zoológico e pelas doações do público, torna-se assim um terrível foco de infecções.

Ocasões em que é de todo impossível a permanência no próprio gabinete do diretor, situado mesmo à cavalheiro no salão das preparações zoológicas, tal o insuportável mau cheiro que daí se exala.

É assim que os pobres empregados do museu, e especialmente os da Seção de Zoologia, não raro pagam com a saúde a sua permanência no posto que lhes designa o cumprimento do dever; e o próprio diretor geral do estabelecimento aí tem perdido mais de um de seus caros filhos<sup>368</sup>.

Na concepção do Ministério, não valia a pena arriscar a higiene pública em prol da higiene dos empregados do Museu Nacional. Tratava-se de um assunto delicado. Se o era verdade, a situação periclitante dos que frequentavam a instituição se tornava mais um motivo para que Netto persistisse na mudança. Afinal, conforme as palavras publicadas, a situação higiênica no MN estava afetando a vida da família de Ladislau. O descontentamento do alagoano só se agravava, até que em fevereiro de 1892, Ladislau Netto, demonstrando teimosia, insistiu novamente:

(...) Não é desvantajosa a transferência desta patriótica instituição para a Quinta da Boa Vista, antes se me afigura de profícuos resultados; nem de outra medida deverá

---

<sup>366</sup> Para informações detalhadas sobre a negociação, conferir: SILVA, 2017.

<sup>367</sup> *O Paiz*, 28 de janeiro de 1892.

<sup>368</sup> *O Paiz*, 28 de janeiro de 1892.

lançar mão o Governo para dar a este mostrador dos tesouros naturais do Brasil o seu verdadeiro caráter e a sua principal intuição de harmonia com as idéias que me foram sugeridas à vista dos Museus de Londres e Berlim, que tomei por norma. É óbvio que, encarada por um prisma a reorganização do Museu Brasileiro, reorganização baseada sobre grandes parques, vasto espaço de ar livre, grandes galerias, laboratórios e depósitos d'água em abundância, fácil lhe será adquirir a sua natural investidura de representante da mais rica Flora do Globo, e recluir em suas dependências zoológicas produtos de uma Fauna sem igual nos dois continentes. Não me detenho a responder alusões relativas aos cômodos ambicionados pelo pessoal do Museu na residência do ilustre finado soberano. Todos quantos me conhecem, todos quantos que no meu viver às claras só consigo comigo contei na insana luta da vida e pela vida, sabem também que não me seduzem novidades nem me aprazem vanglorias. O próprio governo atual melhor que ninguém conhece meus projetos, meus anseios e desejos. A ninguém no Brasil e na Europa é estranho o esforço incalculável, em que se me evolui a existência no constante e ardente afã de legar a este Brasil um Museu digno de suas riquezas naturais. Peço-vos, Senhor Ministro, me desculpeis as demasias desta exposição, se por isso menos conveniente, pela sua natureza merecedora de todo o vosso animador indulto. Ao Snr. Dr. Fernando Lobo Leite Pereira, Ministro e Secretário do Estado Interino dos Negócios da Instrução Pública Correios e Telégrafos. O Diretor Geral Ladislau Netto<sup>369</sup>.

A negativa do Ministério persistia. Entretanto, pelas palavras de Netto, o diretor do Museu Nacional não ia desistir de seus planos. Como explicitou o historiador Paulo Aprígio, havia algumas estratégias que convergiam para o traslado do MN. Era caro ao regime republicano, a ressignificação daquele espaço. Aceitar a proposta de Ladislau era uma maneira de dar nova conotação ao palácio, afastá-lo da memória monárquica, e uma

---

<sup>369</sup> BR MN MN.DR.CO.RA.10/f.43v, 44 e 44v. Apud SILVA, 2017, p. 163.

concessão aos interesses pessoais e institucionais de Netto, que usava sua própria imagem para “prover o Museu Nacional de novas coleções e instalações”<sup>370</sup>.

A obstinação de Ladislau chegava a ser cansativa e foi. Após três anos, com grandes pressões, o alagoano finalmente conseguiu o que queria. No dia 8 de março de 1892, o presidente da república assinou um decreto que declarava a transferência do Museu Nacional para os ares da Quinta da Boa Vista. O periódico *Novidades* trazia a público o novo logradouro da instituição: “Venceu o capricho do Ladislau Netto. Lá vai o Museu para a antiga *Quinta Imperial*”<sup>371</sup>. Não só o endereço, mas a fama insistente do diretor também. E podia Netto comemorar mais uma vitória.

Podemos imaginar que a transferência foi um processo árduo. O antigo prédio do Museu contava com dois pavimentos cheios de material. As coleções se dividiam em espécimes de animais, botânicos, arqueológicos, geológicos, etnográficos, antropológicos, paleontológicos e numismáticos. Em 24 de março de 1892, foi iniciada a mudança. A grande movimentação no “coração da cidade” foi certamente noticiada. No periódico *O Paiz*, encontramos informações de que estava sendo feita “com a presteza possível”<sup>372</sup> a translação para a Quinta era realizada por meio de vagões abertos da Companhia de São Cristóvão<sup>373</sup>.

O traslado foi efetuado em dois meses, no dia 25 de julho, o Museu já tinha ido integralmente para a Quinta da Boa Vista. Durante a mudança, as coleções sofreram “avarias e perdas”<sup>374</sup>. Silva destaca que nesse período, Netto assumia um caráter cada vez mais centralizador, o que gerou descontentamento entre os demais diretores das Seções. O historiador ainda aponta que a “personalização da atuação e centralização experimentadas durante o período de mandato de Ladislau Netto são expressivas na trajetória da instituição,

---

<sup>370</sup> SILVA, 2017, pp. 163-164.

<sup>371</sup> *Novidades*, 11 de março de 1892, p. 1.

<sup>372</sup> *O Paiz*, 22 de maio de 1892, p.1.

<sup>373</sup> Fundada na década de 1870, a companhia de bonde, anteriormente chamada de *The Rio de Janeiro Street Railway Co.*, servia os bairros de São Cristóvão, Andaraí Pequeno (Tijuca), Saúde, Santo Cristo, Gamboa, Caju, Catumbi e Rio Comprido. Cf. ABREU, 1997.

<sup>374</sup> SILVA, 2017, p. 165.

mas são também responsáveis pelo ostracismo quase voluntário, ao qual submeteu o MN antes de deixar o cargo”<sup>375</sup>.

Podemos supor que esses danos foram afetando a administração e o ego de Ladislau, que numa postura desesperada, diante aos inúmeros problemas, se tornava um déspota. Ou talvez, ele estava apenas mostrando seu real caráter. Fato é que a instituição científica que viveu sua **idade de ouro** na segunda metade do século XIX estava se afastando de todo o seu esplendor. A administração de Netto estava caminhando em declínio.

Após toda a movimentação, o traslado, a teimosia e o desejo de Netto para o Museu Nacional que ela havia sonhado, uma das suas últimas atuações (se não a última), enquanto diretor do museu se deu na vice-presidência da comissão brasileira da, já citada, Exposição Internacional de Chicago. Como de costume, meses antes da exposição, o alagoano recorreu à imprensa para pedir a alguns integrantes das cidades amazonenses,

modelos de habitações, canoas, barcas, instrumentos de caça e de pesca, armas de alcateia, armadilhas destinadas à pescaria, modelos de pontes, artefatos domésticos e tudo mais quanto possa dar ideia da existência, não só dos nossos indígenas como também das populações mestiças dos nossos sertões<sup>376</sup>.

Com experiência em exposições que tratavam a respeito da história e etnografia dos povos autóctones no Brasil, Ladislau tinha noção daquilo que impressionaria e instigaria o público. Após apelo e recebimento dos objetos, Netto foi então para os Estados Unidos e, como de habitual, cumpriu seu papel na delegação.

Depois da instauração da república, e do decreto de 1890, a instituição começou a sofrer incalculáveis perdas. Sua relação com o estado, o dinheiro que lhe era investido, os cientistas que nele atuavam. E quanto dinheiro Ladislau investiu em suas empreitadas! À

---

<sup>375</sup> SILVA, 2017, p. 166.

<sup>376</sup> *Gazeta de Notícias*, 7 de julho de 1892, p. 1.

época da monarquia, o alagoano tinha o Imperador como seu amigo fiel e mecenas. Os desejos e projetos do diretor tinham sempre o pronto apoio da coroa imperial<sup>377</sup>.

Na intenção de ilustrar essa relação de proximidade entre Ladislau e o Imperador, transcrevemos um trecho de uma carta enviada pelo diretor ao seu mecenas que diz: “Tão doente do espírito como do corpo e privado de sair e trabalhar recorro a V.M. de quem espero todo o auxílio e toda a proteção de que se faz digna uma repartição onde com tão fracos meios tanto se trabalha”<sup>378</sup>. Não sabemos do que se tratava a doença do alagoano. Mas é certo dizer que este sabia como fazer uma boa rogativa.

Antes desse breve e padecido apelo, Ladislau menciona o envio de uma das edições da Revista *Arquivos do Museu Nacional* para o monarca e relata a necessidade de maior orçamento para o cumprimento das atividades que ansiava. Infelizmente, não conseguimos encontrar a resposta do Imperador, que provavelmente, deveria estar sob posse do MN, entretanto, sugerimos que a súplica de Netto tenha sido atendida, uma vez que o Imperador era um homem entusiasta da Ciência.

Já no período republicano, longe da proteção imperial, pouco depois de conseguir mudar seu sonho para a Quinta da Boa Vista, Netto se deparava com uma coluna a respeito de um boletim parlamentar que trazia as seguintes palavras:

O Sr. Vinhaes ocupa-se principalmente da mudança do museu, mudança que condena, porque entende que, um estabelecimento dessa natureza deve estar no centro da população.

Tratando do Sr. Ladislau Netto, apesar de reconhecer os serviços desse cavalheiro, afirma que S. S. tem pesado extraordinariamente nos cofres públicos.

Ainda há pouco tempo, quase que por exigência do mesmo Sr. Ladislau, foram desapropriadas diversas casas. Essa despesa ficará sem resultado?

A ciência do Sr. Netto já está suficientemente paga pelo país.

---

<sup>377</sup> Cf. LACERDA, 1905.

<sup>378</sup> NETTO, 1885.

Agora mesmo teve o Sr. Ex. uma comissão para nos representar no estrangeiro.

Será o Sr. Ex. o único sábio deste país?<sup>379</sup>

Estas palavras não estavam somente no parlamento. Elas faziam parte de uma notícia, na primeira página de um periódico de grande veiculação no Rio de Janeiro. O prestígio de Ladislau já não era mais o mesmo. Decerto, seu pedido para tirar o museu do centro da cidade fora atendido. Um pedido que inclusive tinha de Netto um argumento plausível de que a proximidade com o burburinho do Campo de Santana poderia trazer à população riscos ligados à saúde, uma vez que, por receber e preparar animais mortos, se tornava um terrível foco de infecções<sup>380</sup>.

Mas voltando às acusações na imprensa, é evidente a revolta com o orçamento de Ladislau, que certamente demandava muito dinheiro para os seus mais diversos planos. Essas casas, desapropriadas, por exemplo, tampouco sabemos do que se tratava. Contudo, entendemos que mais um capricho de Netto havia sido atendido. E no fim do relato estava o deboche escancarado, seria ele o único sábio deste país?

E o único sábio do país, após retornar da mencionada comissão, solicitou sua aposentadoria, que lhe foi concedida por decreto em 28 de dezembro de 1893. No auge de seus 55 anos, pode ser que tenha lhe batido o cansaço, ou que já não estivesse tão preparado para combater às críticas que lhe eram feitas, aos projetos que não seriam tão apoiados, ou ainda que não aguentasse mais o ambiente hostil que estava sendo instaurado no seu amado museu (do qual o mesmo não se abstinha culpa). Mas é certo que o erudito sonhador chegava ao seu limite.

Segundo publicação do *Almanack Laemmert*, após deixar suas atividades como diretor, o intelectual alagoano recolheu-se ao seio familiar<sup>381</sup>. De acordo com a nota biográfica do alagoano na *Revista da Exposição Antropológica de 1882*, “apreciar seus atos

---

<sup>379</sup> *Gazeta de Notícias*, 20 de agosto de 1892, p. 1.

<sup>380</sup> *O Paiz*, 28 de janeiro de 1892.

<sup>381</sup> *Almanack Laemmert*, 1895.

de energia e os seus sacrifícios de saúde, de repouso e até da própria vida, ao organizar aquele certamen científico, seria repetir o que ninguém mais ignora no Brasil”<sup>382</sup>. O botânico se dedicou o quanto pôde. E depois de tantos anos, tantas glórias, problemas e renomes, estava terminada a jornada e a longa relação entre Ladislau de Souza Mello Netto e seu estimado Museu Nacional.

Além do Museu Nacional, Netto também ocupou outros espaços, muitos deles voltados para o desenvolvimento da Ciência. Assim como outros cientistas de sua época, ocupar esses lugares fazia parte de sua sociabilidade e da discussão de suas ideias. Essa movimentação de Ladislau será abordada no nosso próximo capítulo.

---

<sup>382</sup> *REVISTA DA EXPOSIÇÃO ANTROPOLÓGICA DE 1882*, 18821, p. 9.

### 3 O ENTUSIASMO ASSOCIATIVISTA

A condição de homem de letras é incompatível com o retiro, a solidão, o afastamento da capital da república das letras. Pressupõe, pelo contrário, a convivência em que se assentam as pequenas sociedades onde os letrados adoram conversar e discutir<sup>383</sup>.

Em uma de suas versões, atribuímos à Ladislau Netto a figura de um intelectual. Outrossim, e em concordância com Roger Chartier, podemos assumir sua versão como um homem de letras<sup>384</sup>. Seguindo essa lógica da incompatibilidade com a solidão e com a necessidade de conversar e discutir ideias, foram criadas as sociedades científicas e Netto iniciou sua jornada associativista.

Conforme apontou Heloisa Maria Bertol Domingues, desde o século XVI, a produção da Ciência se deu por meio de sociedades científicas<sup>385</sup>. As primeiras associações científicas surgiram na Itália e tiveram uma duração efêmera. Uma delas, fundada em Nápoles no ano de 1560, teve suas atividades encerradas após ser acusada de praticar bruxaria. Outra delas, criada em Roma, a academia dos Linceus tinha o astrônomo Galileu Galilei<sup>386</sup> como

---

<sup>383</sup> CHARTIER, 1997, p.129.

<sup>384</sup> Como o conceito de intelectual surgiu entre o final do século XIX e início do XX, podemos entender o homem de letras como uma espécie de precursor do intelectual. Para saber mais sobre o conceito do homem de letras, cf. CHARTIER, 1997.

<sup>385</sup> DOMINGUES, 2001, p. 83.

<sup>386</sup> Galileo di Vincenzo Bonauti de Galilei (1564-1642), nascido em Florença, na Itália, foi astrônomo, físico e engenheiro. Pai da Ciência Moderna e da Astronomia Observacional.

membro<sup>387</sup>. No século XVII, a Inglaterra fundou a *Royal Society*<sup>388</sup>, onde o conhecimento e a ciência eram desenvolvidos com base na visão de Francis Bacon<sup>389</sup>.

Surgidas na Europa, reuniam “intelectuais dissidentes do pensamento dominante, teórico ou religioso, e propagavam as ciências pela sua ‘utilidade’”<sup>390</sup>. Domingues ainda sugere que aqui no Brasil, já no século XVIII, apesar de não possuírem um caráter dissidente, as associações mantiveram o pragmatismo europeu.

Deste modo, antes mesmo da chegada da família real, em 1808, já havia no Brasil espaços dedicados à sociabilidade intelectual e produção de conhecimento científico. Comungamos com Domingues quando a historiadora anuncia que em terras brasileiras, tais associações foram investidas pela Coroa Portuguesa com o intuito de fomentar em sua colônia o desenvolvimento das Ciências Naturais, Física, Química, Agricultura, Medicina Cirúrgica e Farmácia<sup>391</sup>.

Foi pensando nessa finalidade que em meados do século XVIII, no dia 18 de fevereiro de 1772, o Marquês do Lavradio<sup>392</sup> fundou a Academia Científica do Rio de Janeiro, associada a um Horto Botânico. Composta por nove membros<sup>393</sup>, assim como pensou a Coroa, a associação tinha como objetivo o estudo da História Natural, Química, Farmácia, Agricultura e Medicina<sup>394</sup>.

---

<sup>387</sup> DOMINGUES, 2001, p. 83.

<sup>388</sup> Em tradução: Sociedade Real.

<sup>389</sup> Francis Bacon (1561-1626), foi um chanceler inglês. Cientista, ensaísta e filósofo.

<sup>390</sup> Idem.

<sup>391</sup> DOMINGUES, 2001, p.84.

<sup>392</sup> Luís de Almeida Portugal Soares d’Eça Alarcão Mello Silva Mascarenhas (1729-1790) foi 5º Conde de Avintes e 2º Marquês do Lavradio.

<sup>393</sup> Dois médicos, quatro cirurgiões, dois boticários e um prático em agricultura. Cf. D’ALMEIDA; D’ALMEIDA, 2018.

<sup>394</sup> A Academia Científica do Rio de Janeiro teve seu fim em 1779, junto ao final da administração do Vice-reinado do Marquês do Lavradio.

Já a Sociedade Literária do Rio de Janeiro, fundada pelo Vice-Rei Luís de Vasconcelos e Souza<sup>395</sup> em 1786, surgia como uma instituição que se preocupava com a necessidade de “descrever os produtos naturais brasileiros com base nos métodos fornecidos pela história natural e a partir de objetivos pragmáticos que visavam a utilização imediata destes produtos”<sup>396</sup>.

Maria Amélia Mascarenhas Dantes ressaltou que no século XIX, se consolidou um aparato institucional diversificado para as Ciências<sup>397</sup>. Neste período, a cidade carioca havia se transformado no centro político, cultural e científico brasileiro. Este foi o palco do surgimento de inúmeros institutos e sociedades científicas no país. Muitas das vezes, a iniciativa para formação desses lugares reservados para o desenvolvimento científico tinha o incentivo e financiamento político.

O Brasil estava se desenvolvendo como nação. Para o país que havia conquistado a independência no primeiro quartel do século XIX, ganhava destaque a necessidade de se identificar e mostrar para o resto do mundo que se sustentava enquanto tal. E nessa intenção foi preciso construir sua história, cultura, seu povo, sua política, sua ciência.

No que diz respeito às Ciências Naturais, Domingues sugere que no Brasil oitocentista esta área de conhecimento se confundia com a “faina da exploração econômica e dos recursos naturais”<sup>398</sup>. Neste caso, a historiadora confirma que no período imperial as Ciências Naturais foram subsídios de esquemas de formação política, econômica e social. Para melhor conquistar e dominar um território, era necessário adquirir este conhecimento.

Partindo desse pressuposto, e da concepção apresentada por Dantes, iremos assumir que o interesse em fazer ciência no Brasil oitocentista estava além da produção do

---

<sup>395</sup> Luís de Vasconcelos e Sousa, Conde de Figueiró, foi um nobre e administrador colonial português, Vice-Rei do Brasil de 1778-1790. Criador do Passeio Público e da Casa dos Pássaros, por vezes entendida na literatura como precursora do Museu Nacional.

<sup>396</sup> KURY; MUNTEAL FILHO, 1995, p. 106.

<sup>397</sup> DANTES, 2005, p. 27.

<sup>398</sup> DOMINGUES, 2011, P. 167.

conhecimento científico e do acompanhamento dos temas e debates desenvolvidos na Europa. Tal investimento associativo científico tinha também o dever de “mostrar ao mundo que existia nos trópicos um império civilizado”<sup>399</sup>.

Deste modo, muitos dos intelectuais brasileiros se renderam e se entusiasmaram com o associativismo. Quando folheamos as páginas dos volumes do dicionário bibliográfico escrito por Blake<sup>400</sup>, conseguimos notar a forma como a participação em inúmeros institutos e sociedades foi algo recorrente na vida de figuras célebres, intelectuais e homens da ciência em meados do século XIX. Nomes como Antônio Gonçalves Dias<sup>401</sup>, João Barbosa Rodrigues<sup>402</sup>, André e Antônio Rebouças<sup>403</sup> faziam parte da gama de letrados ligados a inúmeras associações. Entre os diretores do Museu Nacional que antecederam Ladislau Netto, era cultivada a atuação no mundo associativista<sup>404</sup>, de certo que em sua administração, o alagoano não quebraria tal "tradição".

Como foi citado anteriormente, o diretor do MN tinha uma agenda bastante atribulada. Sendo um intelectual e figura respeitada na Corte e no mundo científico, Netto fez parte de diversos Institutos e Sociedades. Nesse sentido, podemos sugerir mais uma das versões de Ladislau Netto, desta vez, entusiasta do associativismo no Brasil e ao redor do mundo. No primeiro capítulo desta tese, indicamos todas as sociedades e institutos de que Ladislau foi membro ao longo de sua vida.

Na pequena biografia escrita pelo *Brazil Contemporaneo*, nos é informado que Netto era membro de cerca de cem associações europeias. Tal informação é reforçada por seu

---

<sup>399</sup> DANTES, 2005, p. 28.

<sup>400</sup> Composta por sete volumes, a obra de Augusto Victorino Alves Sacramento Blake, conta parte da biografia e das obras de intelectuais brasileiros do período colonial ao século XIX.

<sup>401</sup> Antônio Gonçalves Dias (1823-1864), foi poeta, professor, jornalista, etnógrafo e teatrólogo brasileiro. Autor da famosa “Canção do Exílio”, escrita em 1843.

<sup>402</sup> João Barbosa Rodrigues (1842-1909) foi escritor, naturalista, engenheiro, botânico e etnógrafo brasileiro. Foi diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro de 1890-1909.

<sup>403</sup> Filhos de Antônio Pereira Rebouças, conselheiro do Imperador. Negros, engenheiros brasileiros.

<sup>404</sup> Custódio Alves Serrão e Francisco Freire Allemão faziam parte da gama dos intelectuais ligados ao associativismo. Cf. OS DIRETORES DO MUSEU NACIONAL, 2008.

conterrâneo e biógrafo, Abelardo Duarte<sup>405</sup>. Acreditamos que esse comentário tenha sido construído com base em um grande sarcasmo. Como tinha tanto tempo, o Sr. Ladislau Netto? Uma dedicação em uma gama tão extensa deveria ser humanamente impossível. Mesmo não optando por considerar tudo isso, pelo vasto<sup>406</sup> número de associações apresentadas nesta tese e pela escassez de fontes, não conseguiremos abordar todas elas. Deste modo, no capítulo atual, iremos destacar e situar algumas delas<sup>407</sup>.

Sejam elas dezenove ou cem, vamos partir do pressuposto de que mesmo sendo membro, é provável que Ladislau não tenha se dedicado tanto a todas elas. Ele poderia ter seu nome estampado na lista de membros, e ainda assim não conseguir participar de algumas delas de maneira efetiva. Em outras, que serão aqui destacadas, podemos encontrar vestígios da contribuição do alagoano. No mais, é presumível sua participação como uma maneira de sustentar seu *status* nas sociedades científicas brasileira e internacional. Relacionar seu nome às instituições fazia parte de uma estratégia para construção de sua imagem pública. O diretor do Museu Nacional queria ser visto como um cientista engajado.

Dito isso, nosso objetivo neste capítulo é contar um pouco da história de algumas associações e, se possível, identificar a contribuição de Ladislau Netto para elas. Convenhamos que uma família, junto à direção geral e de seções do MN e um enorme grupo de associações, consumia muito tempo da vida desta figura. E desta forma, como mencionado anteriormente, imaginamos que sua dedicação a tantas não deveria ser equilibrada. Acreditando ser o Museu Nacional o espaço que dava mais prestígio e importância a Ladislau, apostamos que nele tal sujeito “gastava mais energia”. E isso não significa dizer que Netto tinha desprezo por qualquer uma delas, mas que a relação entre eles era diferente.

---

<sup>405</sup> DUARTE, 1950, p. 184.

<sup>406</sup> Ainda que não sejam cem associações, como mencionaram o periódico e Duarte, acreditamos ser vasto o número apresentado neste trabalho.

<sup>407</sup> Com arquivos, institutos, sociedades e museus fechados para pesquisa durante a pandemia da Covid-19, não foi possível consultar os documentos da maioria das associações frequentadas por Ladislau Netto. Deste modo, iremos discorrer um pouco sobre aquelas que conseguimos obter algum tipo de informação e acesso.

Na intenção de melhor localizá-las, decidimos separar as associações entre brasileiras e estrangeiras.

### 3.1 O associativismo em sua terra natal

Antes de mencionarmos os espaços que Ladislau Netto ocupava, devemos observar que o período em que ele se fez ativo enquanto intelectual, foi o mesmo período em que diversas áreas do conhecimento foram altamente desenvolvidas em solo brasileiro. A criação de muitas instituições, sociedades, associações voltadas para o pensamento científico, fez parte da história oitocentista brasileira<sup>408</sup>.

O movimento que cresceu na Corte brasileira do século XIX foi bastante cultivado por europeus eruditos nos fins do século XVIII. Associações voltadas para a Literatura e a Ciência faziam parte do cotidiano dos intelectuais do Velho Mundo. Com base no pensamento iluminista, as novas agremiações tinham como objetivo a circulação das ideias entre os seus associados. Segundo Batalha e Mac Cord, as entidades formadas pela burguesia letrada tinham ainda como objetivo: “construir uma comunidade intelectual mais homogênea no Ocidente, que, fundamentada na escrita e na imprensa, defenderia a inexorabilidade do tempo progressivo, do “aperfeiçoamento humano” e da “história universal””<sup>409</sup>.

As associações foram peça chave para a vulgarização da produção científica na Europa. E foi seguindo os passos do Velho Continente que caminhou o Brasil do século XIX. Nesse período, o associativismo ganhou força nas terras brasileiras. A *boa sociedade*,

---

<sup>408</sup> Cf. SCHWARCZ, 1993.

<sup>409</sup> BATALHA; MAC CORD, 2015, p. 12.

interessada nas ideias de civilização e progresso, se dedicou a reunir inteligências, virtudes e vontades de pessoas que tinham interesses em comum<sup>410</sup>.

Conforme discutiram Angela Alonso; Milena da Silva Pereira; Claudio Batalha e Mac Cord, as agremiações da Corte Imperial cresceram em número substancial a partir da década de 1830<sup>411</sup>. Os anos que sucederam a Independência do país foram dedicados ao desenvolvimento do mesmo nos aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais. Sendo assim, o entusiasmo para a criação das associações era diversificado. E tais espaços se tornaram então propícios para debater a prosperidade do país. De acordo com Ronaldo Pereira de Jesus, entre as décadas de 1860 e 1880 a tipologia das entidades cariocas era a seguinte:

1. Sociedades Benéficas
2. Irmandades
3. Sociedades Religiosas
4. Sociedades Literárias e de Instrução
5. Sociedades Científicas
6. Sociedades Dramáticas, Recreativas e Desportivas
7. Caixas Previdenciárias e Montepios
8. Seguradoras e Cooperativas<sup>412</sup>

Vale mencionar, que além de tais sociedades, nos anos finais do século XIX, ganharam espaços também as Sociedades Recreativas<sup>413</sup>. E foi nesse período também que as associações científicas se firmaram na cidade do Rio de Janeiro. Seja em terras cariocas, ou em outras partes do Brasil e do mundo, muitas delas contaram com a presença de Ladislau de

---

<sup>410</sup> BATALHA; MAC CORD, 2015, p. 11.

<sup>411</sup> Cf. ALONSO, 2011; BATALHA; CORD, 2015; PEREIRA, 2014.

<sup>412</sup> JESUS, 2007, p. 146.

<sup>413</sup> Sobre o associativismo recreativo no Rio de Janeiro consultar PEREIRA 2021;2014.

Souza Mello Netto para incorporar os inúmeros debates, teorias e descobertas realizadas neste período.

A circulação das ideias de Ladislau era vinculada também a esse motivo. Apesar de passar a maior parte do seu tempo no Museu Nacional, já que o próprio, em determinado período, morou por lá, o diretor e suas ideias também poderiam ser encontrados nos seguintes espaços:

Tabela 6 - Ladislau Netto e o Associativismo no Brasil

<b>Instituições e Sociedades Brasileiras</b>	<b>Situação de Ladislau</b>
Associação dos Homens de Letras do Brasil	Secretário
Instituto Arqueológico e Geográfico Alagoano	Membro
Instituto Fluminense de Agricultura	Diretor e Redator da Revista
Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro	Consócio
Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional	Membro
Sociedade Brasileira Contra a Escravidão	Sócio fundador
Sociedade Filomática do Pará	Membro

Sociedade Vellosiana	Membro
----------------------	--------

Fonte: A autora. Tabela construída com base nos dados retirados da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, 2021.

Dado exposto, podemos concluir que a maioria das Instituições brasileiras de que Netto fazia parte estavam relacionadas à Ciência. A produção de conhecimento fez parte do cotidiano desses espaços e do diretor do Museu Nacional também. Em algumas delas, podemos notar uma participação mais ativa de Ladislau Netto, enquanto outras, devemos sugerir sua presença como correspondente, como no Instituto Arqueológico e Geográfico de Alagoas.

Diante do grande volume de associações que cruzaram a vida de Netto, consideramos importante ressaltar algumas delas. Deste modo, priorizamos aquelas nas quais obtemos inícios da efetiva participação de Netto em algum momento da história da Instituição<sup>414</sup>. Nossa intenção com isso é demarcar alguns lugares e debates que achamos ser interessantes<sup>415</sup> na construção da intelectualidade do sujeito.

### 3.1.1 *Imperial Instituto Fluminense de Agricultura*

O Imperial Instituto Fluminense de Agricultura foi criado por meio do Decreto nº 1681 do dia três de outubro de 1860. Apesar do caráter privado, o instituto era ligado - e por isso mandava relatórios anuais - ao Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas -

---

<sup>414</sup> Para traçar a trajetória ou algum feito de Ladislau Netto nestas associações, iremos priorizar os documentos produzidos pelas próprias entidades, assim como notícias de periódicos que retrataram o episódio.

<sup>415</sup> Consideramos interessantes, passagens que acreditamos ser singulares na trajetória de Ladislau Netto. Com isso, julgamos ser importantes para a compreensão da nossa versão da história do alagoano.

MACOP<sup>416</sup>. O instituto era localizado na Fazenda do Macaco, que ficava próxima ao Jardim Botânico.

À época de sua criação, seus sócios eram indicados pela figura do Imperador. E a proteção de Pedro II foi algo que contemplou não só a IIFA, como também a SAIN e o IHGB, ambas associações que tiveram Ladislau Netto como participante e contribuinte de suas histórias<sup>417</sup>. Conforme apontaram Bruno Capilé e Begonha Bediaga, as pesquisas historiográficas sobre o IIFA, além de escassas, apontam o espaço como uma agremiação de representação dos grandes proprietários rurais do Rio de Janeiro<sup>418</sup>.

*A priori*, o instituto prezava a abertura e desenvolvimento de espaços destinados à educação agrícola, divulgação de saberes agronômicos e de uma Fazenda Normal. De acordo com Domingues, entre as tarefas do IIFA, estavam o financiamento de comissões para estudar problemas de moléstias de vegetais e divulgá-los em uma revista especializada, que a posteriori, foi implementada pela instituição<sup>419</sup>.

O Jardim Botânico<sup>420</sup> ficou atrelado ao IIFA até 1889<sup>421</sup>. No ano de 1869, no dia 15 de junho foi fundado o *Asilo Agrícola do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura*. Situado no antigo prédio nacional, tinha como função oferecer o ensino agrícola para crianças órfãs. Os meninos eram encaminhados ao asilo pela Santa Casa da Misericórdia<sup>422</sup> e lá deveriam receber, além do conhecimento agrícola, educação primária, moral e religiosa<sup>423</sup>.

Assim como especificou Capilé, o Asilo abrigou coelhos, abelhas, porcos, cavalos, vacas e outros animais; uma biblioteca com mais de 700 obras doadas; uma enfermaria; e

---

<sup>416</sup> O Museu Nacional fez parte desse Ministério num período de mais de vinte anos. Entre 1868 e 1889.

<sup>417</sup> A SAIN obteve a proteção do Imperador após mais de quarenta anos de existência, a partir de 1869. Já o IHGB, foi protegido um pouco antes, em 1851. Cf. BEDIAGA, 2011, pp.32-33.

<sup>418</sup> Cf. BEDIAGA, 2011; CAPILÉ, 2010.

<sup>419</sup> DOMINGUES, 2001, p. 85.

<sup>420</sup> No mesmo ano da chegada da família imperial ao Brasil, foi criado o Jardim Botânico. Que já tinha 53 anos quando foi atrelado ao IIFA.

<sup>421</sup> BEDIAGA, 2011, p. 47.

<sup>422</sup> Irmandade católica. A sociedade cuidava, auxiliava e sustentava enfermos e recém-nascidos que eram deixados na instituição.

<sup>423</sup> Cf. BEDIAGA 2011; CAPILÉ, 2010.

espaços para cultivos de plantas alimentares e de valor econômico, entre elas feijão, trigo, arroz, cana e café<sup>424</sup>. O asilo permitia junto ao espaço e as aulas ministradas, que as crianças aprendessem ofícios relacionados ao mundo rural.

Ainda sobre o desenvolvimento de conhecimentos, a *Revista Agrícola do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura*, foi idealizada no mesmo ano do *Asilo*. A revista teve como primeiros redatores Miguel Antonio da Silva<sup>425</sup> e Nicolau Joaquim Moreira<sup>426</sup>. Trimestral, teve seu último exemplar publicado e assinado por Ladislau Netto, seu terceiro e último redator, em 1891. Netto iniciou seu trabalho de redator após a saída de Moreira no final de 1887<sup>427</sup>. Bruno Capilé, quando analisa os redatores da *Revista*, indica Netto como responsável por manter a crescente divulgação de conhecimentos científicos no periódico, durante sua temporada na revista<sup>428</sup>. A primeira edição assinada por Netto foi publicada no ano de 1888.

Figura 17 - A Revista do IIFA redigida por Netto

---

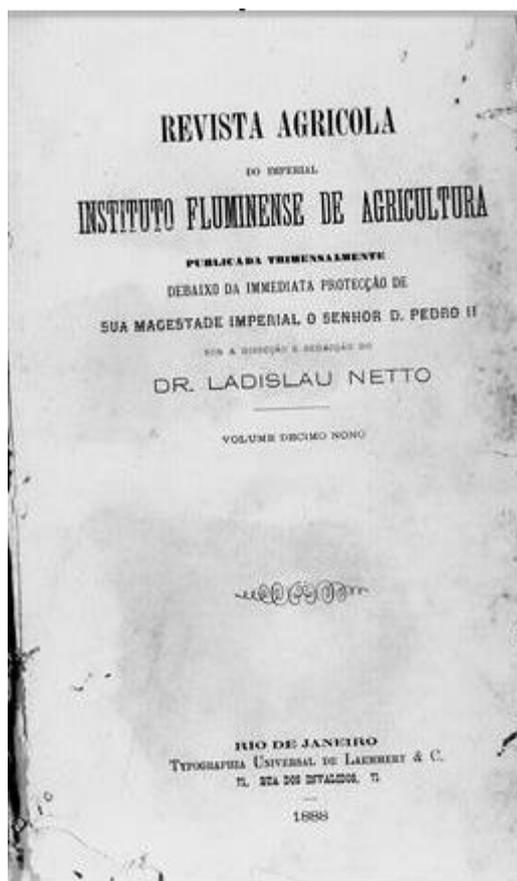
<sup>424</sup> CAPILÉ, 2010, p. 88.

<sup>425</sup> Doutor em Matemática e Ciências Físicas e Naturais, membro do conselho fiscal do IIFA, sócio do IHGB da SAIN e da Sociedade Vellosiana.

<sup>426</sup> Subdiretor da Seção de Botânica Geral e Aplicada do Museu Nacional, membro da Comissão de Química Industrial da Sociedade Auxiliadora. Médico formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, foi também conselheiro do Imperador e diretor do Jardim Botânico.

<sup>427</sup> CAPILÉ, 2010, p. 97.

<sup>428</sup> CAPILÉ, 2010, p. 100.



Fonte: *Revista Agrícola do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura*, 1888, p.1 - Hemeroteca da Biblioteca Nacional

Esta é a capa do décimo nono volume do periódico, e primeira edição sob a direção de Ladislau Netto como redator. Ao assumir a *Revista*, Ladislau ofereceu aos leitores as seguintes palavras:

Aceitando a direção e a redação desta *Revista*, tomei aos ombros tarefa mais que onerosa, porque venho aqui substituir um grande lidador e ao mesmo tempo um espírito esclarecido, a quem de estranhas e longínquas terras há mais de vinte anos já rendia eu, no vigor da minha adolescência, justiça e homenagens merecidas.

Para não comprometer forças em que não confio, pois que por fraquezas eu mesma as tenho, nada devo prometer aos leitores da *Revista Agrícola*.

Impossibilidades não as práticas, nem as alcança ninguém. O que é exequível, sim, sabemos nós que não nos é difícil alcançar, embora por toda parte nos assoberbe a indiferença, de todos os lados nos desanime a desídia e nos ameace

negro, sinistro, pavoroso o descrédito em que tudo se vai atufando nesta terra encantadora e nova e já tão velha nos seus íntimos sentimentos, nas suas normas de atividade moral, nas suas fontes mais vivas e mais puras de vida e de esperanças.

Nada prometo, repito, mas tudo hei de sacrificar para desempenhar-me do comprometimento que hoje venho aqui iniciar.

Março, 25 - 1888      Ladislau Netto<sup>429</sup>

Ao iniciar seu prefácio, Netto se preocupou em demonstrar respeito ao antecessor. Parceiro do alagoano em outros espaços, Nicolau Moreira obtinha sua admiração. Além da consideração pelo colega, o diretor do MN dispensou promessas aos leitores. O botânico mostrava seu cuidado e receio aos conteúdos e adverbos que seu mais novo trabalho poderia atravessar. Ainda nesse trecho, o redator vigente nos mostra evidências de como o racismo científico<sup>430</sup> se fazia presente até mesmo em sua linguagem, quando utiliza o “negro” com conotação negativa e sinônima ao sinistro e pavoroso. E por fim, após tais observações, Ladislau relata sua disposição no desempenho neste cargo.

As edições de Ladislau eram caracterizadas pela especialização de conceitos. Concordamos com Capilé quando ele aponta que essa estratégia adotada por Ladislau fazia com que a revista se tornasse cada vez mais exclusiva a um seletor público letrado e, conseqüentemente, mais distante do leigo. A fase mais acadêmica da *Revista* também foi relatada por Bediaga, que ressalta o momento como o de maior comunicação com os periódicos estrangeiros<sup>431</sup>. Ladislau não media esforços quando o assunto era a divulgação da Ciência, aproximação e intercâmbio com os intelectuais estrangeiros.

A direção de Netto na *Revista* foi também marcada pela mudança dos assuntos abordados. Os artigos foram divididos entre Agronomia, Política Agrícola, Política

---

<sup>429</sup> *Revista Agrícola do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura*, 1888, p.3.

<sup>430</sup> Sobre o posicionamento de Ladislau Netto a respeito das teorias raciais, conferir CABRAL, 2017; CARULA, 2012; FERREIRA, 2007; SOUZA, 2011.

<sup>431</sup> BEDIAGA, 2011, p. 165.

Institucional, Zootecnia, Patologia Vegetal<sup>432</sup>. Como apontou Capilé, o manejo de doenças foi marcante, em decorrência da proximidade que tinha Ladislau com as pesquisas de Parasitologia realizadas no MN<sup>433</sup>.

Netto ainda criou na *Revista* uma seção destinada a artigos científicos complementares às instruções para cultivos e técnicas de agricultura. Ela levou o nome de *Pathologia Vegetal*. Ao editar o periódico do IIFA, Netto tinha a oportunidade de trabalhar com assuntos mais voltados para a sua área de formação. Contudo, a contribuição de Ladislau enquanto autor de artigos foi limitada a duas obras durante sua chefia na redação, conforme pontuou Bediaga<sup>434</sup>.

Além da revista, Ladislau colaborou com o bom andamento do instituto de outras maneiras. A sua participação em algumas comissões foi de grande importância para a associação. Em uma delas, junto ao Conselheiro Beaurepaire Rohan<sup>435</sup> e ao Dr. Souza Costa<sup>436</sup>, Netto produziu um trabalho intitulado *As Instruções Gerais e Especiais sobre a Remessa de Animais e Vegetais com destino à Associação*.

Como sugere o título, tratava-se de instruções para remessas de vegetais e animais, transportes e despesas, assim como orientações do catálogo das espécies que a IIFA desejasse possuir, sendo elas do reino animal ou vegetal<sup>437</sup>. Segundo consta na revista do Instituto, a pesquisa realizada obtinha uma “aprimorada introdução redigida em linguagem sempre elevada e ao alcance da inteligência de todos, pois que para todos foram elas escritas”. A nota publicada no periódico do IIFA mostra o interesse do instituto em ampliar seu público.

---

<sup>432</sup> BEDIAGA, 2011, p. 160.

<sup>433</sup> CAPILÉ, 2010, p. 132.

<sup>434</sup> BEDIAGA, 2011, p. 158.

<sup>435</sup> Henrique Pedro Carlos de Beaurepaire-Rohan (1812-1894). Foi um nobre, político e militar brasileiro. Físico e matemático, foi membro do IHGB e da SAIN.

<sup>436</sup> Antonio Correia de Souza Costa (1834-1884). Foi Conselheiro do Imperador, assim como Ladislau. Foi também médico e Oficial da Ordem da Rosa.

<sup>437</sup> *Revista Agrícola do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura*, abril de 1875, p.49.

O período em que Ladislau Netto atuou no IIFA foi essencial para ampliar seus conhecimentos. Além do trabalho já citado, outros foram realizados. Devido a uma praga sobre plantações de cana de açúcar em alguns municípios do Rio de Janeiro, Netto, juntamente aos Srs. Drs. Pedro Dias Gordilho Paes Leme<sup>438</sup>, Visconde de Barbacena, Miguel Antonio da Silva, Guilherme Schüch de Capanema<sup>439</sup> e Nicolau Moreira foram denominados para escreverem sobre o inseto, denominado *verme ardente*<sup>440</sup>. Em suma, os estudos realizados pelo diretor do Museu Nacional disputavam assuntos dos mais variados. Em um deles, o botânico ficou encarregado de verificar e classificar uma planta que poderia ser eficaz como antídoto para veneno de cobra<sup>441</sup>.

Ladislau não deixava de estabelecer relações entre os espaços nos quais circulava. Em 1886, Emílio Augusto Goeldi<sup>442</sup>, que havia sido convidado por Netto para ser subdiretor da Seção de Zoologia do MN, foi designado pelo MACOP a estudar uma moléstia dos cafezeiros da província do Rio de Janeiro. Esse trabalho resultou num relatório de 62 páginas<sup>443</sup>. Sobre o esforço de Goeldi, Netto comentou:

Efetuar trabalho sério sobre um mal tão grave, quanto o é a moléstia do café, não é cometimento de que se possa desempenhar qualquer naturalista (...) trabalho tão completo quanto lh'o permitiu o tempo de que dispôs, e tão perfeitamente elaborado, quanto o poderiam fazer os especialistas mais autorizados da Europa. Imprimi-los nos nossos *Arquivos*<sup>444</sup>, onde figuram publicações de alto mérito, é prestar grande serviço à Ciência e ao país, e dar lugar conspícuo a um trabalho que

---

<sup>438</sup> Pedro Dias Gordilho Paes Leme (1839 - 1915). Foi um agricultor e membro do IIFA.

<sup>439</sup> Guilherme Schüch de Capanema (1824 -1908). Foi um naturalista, engenheiro e físico brasileiro. Doutor em matemática e ciências. Membro da Sociedade Vellosiana e do IHGB.

<sup>440</sup> *Revista Agrícola do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura*, março de 1883, p. 126.

<sup>441</sup> *Revista Agrícola do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura*, abril de 1875, p. 50.

<sup>442</sup> Emílio Augusto Goeldi (1859-1917). Naturalista e zoólogo suíço-alemão. Veio ao Brasil para trabalhar no Museu Nacional e depois foi trabalhar no Museu Paraense, que anos depois recebeu seu nome em sua homenagem.

<sup>443</sup> O relatório produzido por Goeldi foi analisado na dissertação de Bruno Capilé. Cf. CAPILÉ, 2010.

<sup>444</sup> Netto se referia à *Revista Arquivos do Museu Nacional*.

será, pelo seu alto valor e profícuos resultados, um dos maiores ornamentos de que se ufanará a todo tempo a *Revista do Museu Nacional*<sup>445</sup>.

A carta de Netto foi uma oportunidade que o diretor encontrou de exaltar um dos colaboradores do Museu Nacional, assim como uma chance para enriquecer as páginas de duas das revistas das quais era redator, a *Revista Agrícola do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura* e aquela que ele havia criado a *Revista Arquivos do Museu Nacional*. O trabalho “tão perfeitamente elaborado” não deveria ser restrito às páginas do periódico do IIFA. Sendo membro da instituição, não bastou para Netto a circulação entre o público interessado na Agricultura. O projeto realizado por Goeldi deveria ser relacionado e exaltado pela entidade mais estimada pelo alagoano. A múltipla promoção<sup>446</sup> era realizada em prol do grande público que consumia o conteúdo produzido pelos intelectuais de ambos os institutos. O botânico sabia como aperfeiçoar suas tarefas e fazer a propaganda de duas instituições simultaneamente.

Antes mesmo do trabalho editorial de Netto ser iniciado, o abolicionismo, do qual o intelectual era simpatizante<sup>447</sup>, foi mencionado poucas vezes nos artigos da *Revista*, assim como declarou Capilé, essa falta de menção ao fim da mão de obra cativa se dava pela estreita ligação do IIFA com os proprietários de terras<sup>448</sup>. Begonha Bediaga quando analisa o periódico da associação mostra uma posição contraditória do mesmo sobre a temática, quando em suas páginas ponderava além da busca representativa aos interesses dos senhores e possuidores de terras, ser a favor do fim do trabalho escravo, transformando-o em trabalho

---

<sup>445</sup> Carta de Ladislau Netto ao Conselheiro Rodrigo Augusto da Silva. *Revista Agrícola do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura*, 1888, pp.7-8.

<sup>446</sup> Compreendemos que aqui, além de promover as Revistas, Ladislau promovia também o MN, o IIFA, Emílio Goeldi, e a si mesmo, por notar o brilhantismo do naturalista suíço-alemão e por ser o responsável por trazê-lo aos serviços da Ciência Brasileira.

<sup>447</sup> Discutiremos o lado abolicionista de Ladislau Netto nas próximas páginas deste capítulo.

<sup>448</sup> CAPILÉ, 2010, p. 140.

livre. Bediaga ainda afirma que tal questão era tratada com receio pelos redatores, que se posicionavam de modo indireto ao movimento abolicionista<sup>449</sup>.

Ladislau iniciou suas atividades na *Revista* do IIFA no mesmo ano em que a escravidão foi oficialmente abolida no Brasil. Entretanto, a participação do alagoano como sócio de uma associação que beneficiava os proprietários de terras e, portanto, senhores de escravizados, era curiosa, visto que anos antes de começar com as tarefas editoriais, o sujeito havia se autointitulado publicamente “inimigo da escravidão”. Vale mencionar que, mais uma vez, evidenciando a complexidade inerente ao ser humano, Ladislau praticou da mesma contradição que apresentou o periódico, desde a década de 1870, apesar de seu posicionamento público.

As próprias instruções de cultivo incentivadas pela instituição, contaram com Netto em sua colaboração. O IIFA prezava a lavoura e servia de apoio ao proprietário rural. Infelizmente, não sabemos ao certo quando despertou Ladislau para os ideais abolicionistas. Todavia, supomos que seu interesse em ingressar no instituto estava ligado à “proteção do Imperador”. Como mencionado anteriormente nesta tese, D. Pedro II atuava como mecenas do diretor do MN. Ainda não podemos descartar a proximidade de ambos, posto que Netto era Conselheiro do Imperador, “figurinha carimbada”, no beija-mão, e frequentava outras associações que contavam com a presença do monarca<sup>450</sup>.

Como prova mais afetuosa dessa estimada relação e do interesse do botânico em agradecer a proteção imperial, temos a participação do botânico em um álbum de autógrafos oferecido a D. Pedro II após seu regresso ao Brasil<sup>451</sup>, em setembro de 1888. Na ocasião escreveu Netto:

O que mais admiro no caráter do Imperador do Brasil, como Soberano Constitucional, que o é pelo coração e pelas convencionalidades à que soube

---

<sup>449</sup> BEDIAGA, 2011, p. 166.

<sup>450</sup> Á exemplo temos a SAIN, o IHGB e o próprio MN.

<sup>451</sup> O Imperador voltava da Europa após passar um tempo do outro lado do Atlântico para tratar de sua doença.

submeter seu alto e culto entendimento, é essa longanimidade perene, suave e refletida que o mantém numa atmosfera de luz, serena e branda (...) superior às angústias e aos desfalecimentos a que vemos sucumbir não raras vezes espíritos da mais forte têmpera. (...) Do seu muito amor ao desenvolvimento científico do Brasil é vivo o testemunho o Museu Nacional que, tomado sob a proteção do Imperador, ascendeu nos três últimos lustros decorridos ao subido grau onde já o admiram provectoros juízes e o estão animando os públicos aplausos que se muito significam muito mais valem (...) <sup>452</sup>.

Ladislau, conselheiro do Imperador, foi um dos nomes selecionados a prestar homenagens na Polianteia do monarca ao lado de figuras ilustres como André Rebouças, José do Patrocínio, Joaquim Nabuco e Machado de Assis. Além da proteção e investimento ao MN, Netto devia gratidão ao Imperador pelo financiamento de seus estudos na Europa, lugar onde o alagoano firmou e começou a consolidar sua carreira acadêmico-científica. O texto assinado pelo diretor do Museu Nacional exprime o agradecimento e o respeito de Ladislau pela figura monarca. Apesar da carta ser datada anos depois do ingresso do botânico ao IIFA, julgamos o documento como uma forma de ilustrar a consideração que obtinha Ladislau Netto ao Imperador. Essa deferência foi construída muito antes da década de 1880 e foi a mesma que o intelectual teve ao aceitar sua nomeação como sócio do Imperial Instituto Fluminense Agrícola.

### *3.1.2 Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*

Nas palavras de Netto, tal instituição era a mais antiga das associações literárias e científicas da América do Sul <sup>453</sup>. Nascido por iniciativa dos sócios e nas dependências da

---

<sup>452</sup> NETTO, 1892, pp.84-86.

<sup>453</sup> NETTO, 1885, p.7.

SAIN, o IHGB foi criado em 21 de outubro de 1838 como um empreendimento de caráter privado e patrocinado pela mesma sociedade que brindava e proclamava o seu nascimento. Seus mentores acionaram sua criação alegando a necessidade de um caráter pedagógico para a mais nova associação brasileira<sup>454</sup>.

A “recém-nascida” tinha como propósito o progresso e desenvolvimento brasileiros<sup>455</sup>. Como apontou Manoel Salgado Guimarães, a marca do projeto desta instituição seria a soberania do princípio nacional enquanto critério fundamental definidor de uma identidade nacional<sup>456</sup>. Em edição da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, o objetivo do instituto é apontado conforme seu estatuto. Nele consta que entre outros, o propósito do IHGB era “coligir, metodizar, publicar ou arquivar documentos, promover cursos e editar a revista”<sup>457</sup>. Os documentos brasileiros espalhados pelas mais diversas províncias da Corte deveriam ser reunidos para uma finalidade maior. Ao seguir esses passos, o instituto caminhava para o seu principal projeto, “traçar a gênese da nacionalidade brasileira”<sup>458</sup>.

Diferente dos países europeus, onde os debates históricos eram estabelecidos dentro das universidades, no Brasil, conforme ressaltaram “os Guimarães”<sup>459</sup>, a discussão era direcionada aos institutos. E neste caso, no IHGB. Deste modo, o instituto, chamado por Lucia Maria Paschoal Guimarães de “casa da memória nacional”, era fortemente ligado à oligarquia da Corte, ao monarca brasileiro, e tinha o poder de inventar e construir a história nacional para um país que estava recém-independente<sup>460</sup>. De acordo com Astor Antônio Diehl o projeto do IHGB pode ser compreendido em duplo sentido: conta da gênese

---

<sup>454</sup> GUIMARÃES, 2011, p. 33.

<sup>455</sup> Cf. GUIMARÃES, 2011.

<sup>456</sup> Cf. GUIMARÃES, 1988.

<sup>457</sup> REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO, 1839.

<sup>458</sup> GUIMARÃES, 1988, p.7.

<sup>459</sup> Em períodos distintos, Manoel Luiz Salgado Guimarães (no final da década de 80) e Lucia Maria Paschoal Guimarães, relatam sobre a história do IHGB. Cf. GUIMARÃES, 1988 e GUIMARÃES, 2011.

<sup>460</sup> Neste período, dezesseis anos após a Independência do país, o Brasil enxergava cada vez mais a necessidade em construir uma história nacional.

brasileira, inserindo-a sobretudo na tradição de civilização e progresso<sup>461</sup>. Essa não era uma missão fácil, e para cumpri-la com louvor, o IHGB contava com muitos intelectuais e políticos como sócios, em sua criação estavam 27 fundadores.

Em sua fundação, o corpo de associados era composto por dez conselheiros de Estado, onde seis eram senadores. De acordo com Lilia Schwarcz, lá estava reunida a nata da política imperial, e com isso, boa parte dos componentes do IHGB eram nascidos em Portugal, assim como fiéis defensores da Casa de Bragança<sup>462</sup>. No período imperial, a instituição tinha D. Pedro II como patrono, incentivador, financiador e protetor.

Em meados do século XIX, o perfil dos associados havia mudado. Para garantir a sociedade no instituto, os candidatos deveriam comprovar produção intelectual nos campos de História ou Geografia. Como uma pessoa enxada e principalmente dedicada ao conhecimento, Netto se enquadrava na exigência. Na segunda metade do oitocentos, o número de intelectuais associados ao instituto tinha quase dobrado e já contava com 48 sócios, entre eles: Guilherme S. Capanema; João Capistrano de Abreu<sup>463</sup>; Nicolau Joaquim Moreira; e Ladislau de Souza Mello Neto.

Conforme mencionou Lucia Guimarães, a entrada na sociedade poderia se dar também pelo “apadrinhamento” de Francisco Adolfo Varnhagen, conhecedor das manhas da Comissão de Admissão do IHGB<sup>464</sup>. Se foi por meio de “padrinhos” ou meritocracia que Netto se tornou membro, não sabemos. Mas é certo ressaltar sua posição entre os associados.

Consócio da instituição, Ladislau era também membro de sua Comissão de Arqueologia e Etnografia. Por tal posição, Netto foi o escolhido para cumprir o desejo da

---

<sup>461</sup> DIEHL, 1998, p. 27.

<sup>462</sup> SCHWARCZ, 1993, p. 134.

<sup>463</sup> João Capistrano Honório de Abreu (1853-1927), cearense, foi historiador, bibliotecário e escritor. Membro do IHGB, trabalhou como Bibliotecário na Biblioteca Nacional e foi professor de História no Colégio Pedro II.

<sup>464</sup> GUIMARÃES, 2011, p. 50.

carta endereçada ao Visconde de Sapucaí<sup>465</sup>. O documento datado em 11 de setembro de 1872, trazia a seguinte informação:

Senhor Visconde,

Por ocasião de um transporte de pedras em minha propriedade de Pouso Alto, perto da Paraíba, meus escravos trouxeram uma delas já quebrada em quatro pedaços; esta pedra apresentava numerosos caracteres que ninguém compreendia, eu os fiz copiar pelo meu filho, que sabe um pouco de desenho, e resolvi enviar esta cópia a vossa excelência, como presidente do Instituto de História e Geografia do Brasil, com a finalidade de saber se vossa excelência ou qualquer outra pessoa pode saber o que estas letras significam. Aproveitando minha vinda a esta Capital e como não tenha tido tempo de entregá-la pessoalmente a vossa excelência, eu a envio pelo correio.

Afirmando minha grande consideração e respeito a vossa excelência, o atencioso criado e obrigado

Joaquim Alves da Costa

Rio de Janeiro, 11 de setembro de 1872<sup>466</sup>

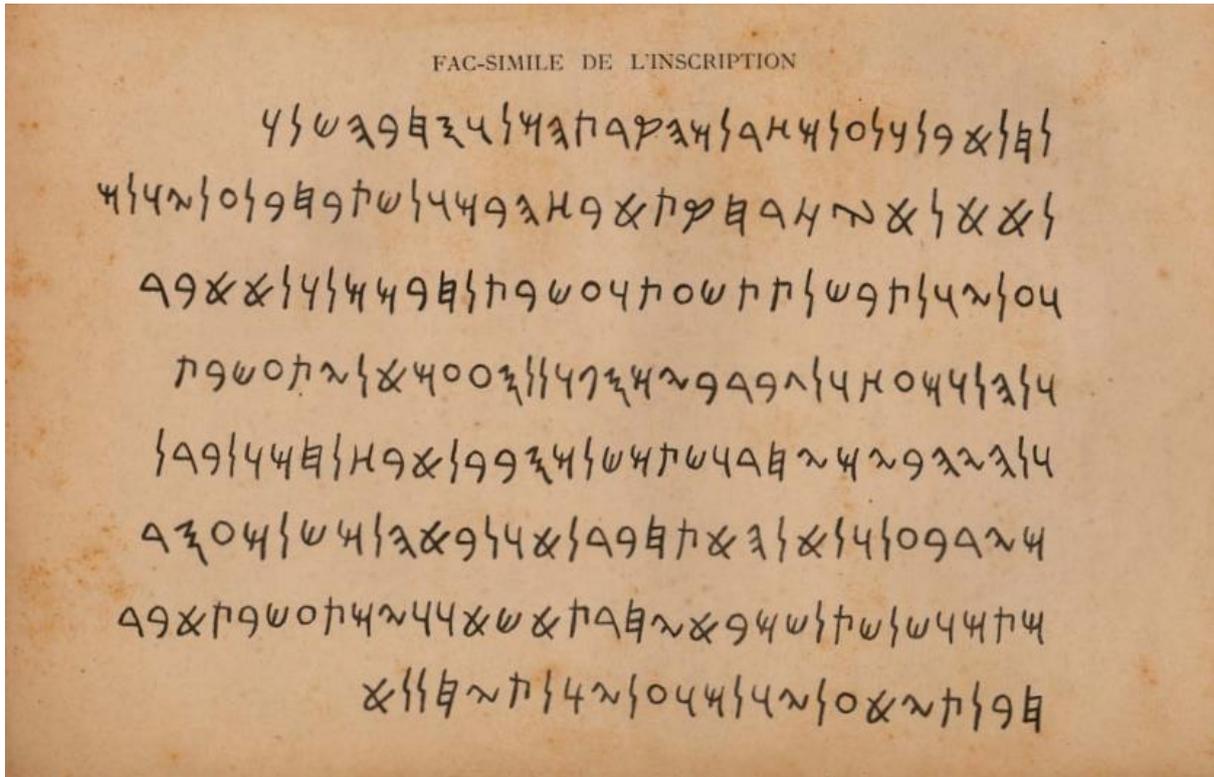
No mesmo envelope da carta, havia um papel onde estavam desenhadas a lápis as oito linhas com os caracteres fenícios. Uma vez confiado pelo presidente do IHGB, Netto iniciou sua jornada para a resolução do desenho. Achava-se ser uma inscrição fenícia, que comprovaria então a passagem dos mesmos pelo Brasil. Entretanto, tratava-se de um documento apócrifo.

### Figura 18 - A Inscrição Apócrifa

---

<sup>465</sup> Cândido José de Araújo Viana, desembargador e político brasileiro. Posteriormente, Marquês de Sapucaí.

<sup>466</sup> NETTO, 1885b, p. 8.



Fonte: NETTO, 1885b.

O *fac-simile*<sup>467</sup> da inscrição pode ser encontrado em uma carta de Ladislau Netto endereçada para seu “venerado mestre”<sup>468</sup> Joseph Ernest Renan<sup>469</sup>. Segundo ressaltou Ligia Fonseca Ferreira, além de Ladislau Netto, Dom Pedro II, Luiz Gama e Joaquim Nabuco também viam na figura de Renan como “divino mestre”<sup>470</sup>.

Em 1862 Joseph foi nomeado como professor de hebraico no Collège de France e foi expulso após a primeira aula em que “apresentou sua interpretação de Jesus, não como o Messias, mas simplesmente como um homem excepcional, único na história da humanidade”<sup>471</sup>. Teórico das diferenças raciais, conforme destacou Ferreira, suas ideias

<sup>467</sup> Reprodução exata de letra, estampa, gravura.

<sup>468</sup> NETTO, 1885b, p. 7.

<sup>469</sup> Ernest Renan (1823 - 1892) foi um escritor, filósofo, teólogo e historiador francês. Foi também professor de hebraico no Collège de France.

<sup>470</sup> Cf. FERREIRA, 2007.

<sup>471</sup> Tal opinião a respeito da figura de Jesus Cristo assim como uma crítica ao cristianismo foi produzida por Renan em sua obra *Vida de Jesus* em 1863. A obra foi um *best-seller* da segunda metade do século XIX. E após seu lançamento foi traduzido para mais de dez idiomas. FERREIRA, 2007.

faziam coro com o darwinismo social<sup>472</sup>. Dito isso, devemos mencionar que o historiador francês sonhava com uma humanidade racialmente homogênea, tal qual acreditavam, os intelectuais racialistas brasileiros<sup>473</sup> ser o futuro da nação<sup>474</sup>.

Dando continuidade aos anseios e estudos de Joseph, é significativo apontar que entre 1864-1874, Renan publicou o trabalho *Mission de Phenicie*<sup>475</sup>, resultado de seus estudos arqueológicos e epigráficos em Sidon<sup>476</sup>, em comissão financiada por Napoleão III<sup>477</sup>. Nessa conjectura, podemos presumir que Ernest era uma pessoa adequada para Ladislau compartilhar a descoberta sobre a inscrição.

Além do colega francês, Netto enviou uma cópia da mesma para o periódico *O Novo Mundo*<sup>478</sup>. Após a missão dada pelo IHGB, Ladislau tentou encontrar todos os meios possíveis para cumpri-la. Um deles, foi a tradução da carta para a língua hebraica. No documento enviado à Renan, Ladislau mostra uma cópia desta versão. Por se tratar de um colega francês, na ocasião, a inscrição também foi traduzida para a língua francesa.

### Figura 19 - A Inscrição Apócrifa em Hebraico

---

<sup>472</sup> O darwinismo social será comentado no próximo capítulo desta tese.

<sup>473</sup> Nessa categoria devemos incluir Ladislau Netto. Tal concepção do alagoano será abordada no capítulo 4 desta tese.

<sup>474</sup> Por meio do branqueamento da população brasileira.

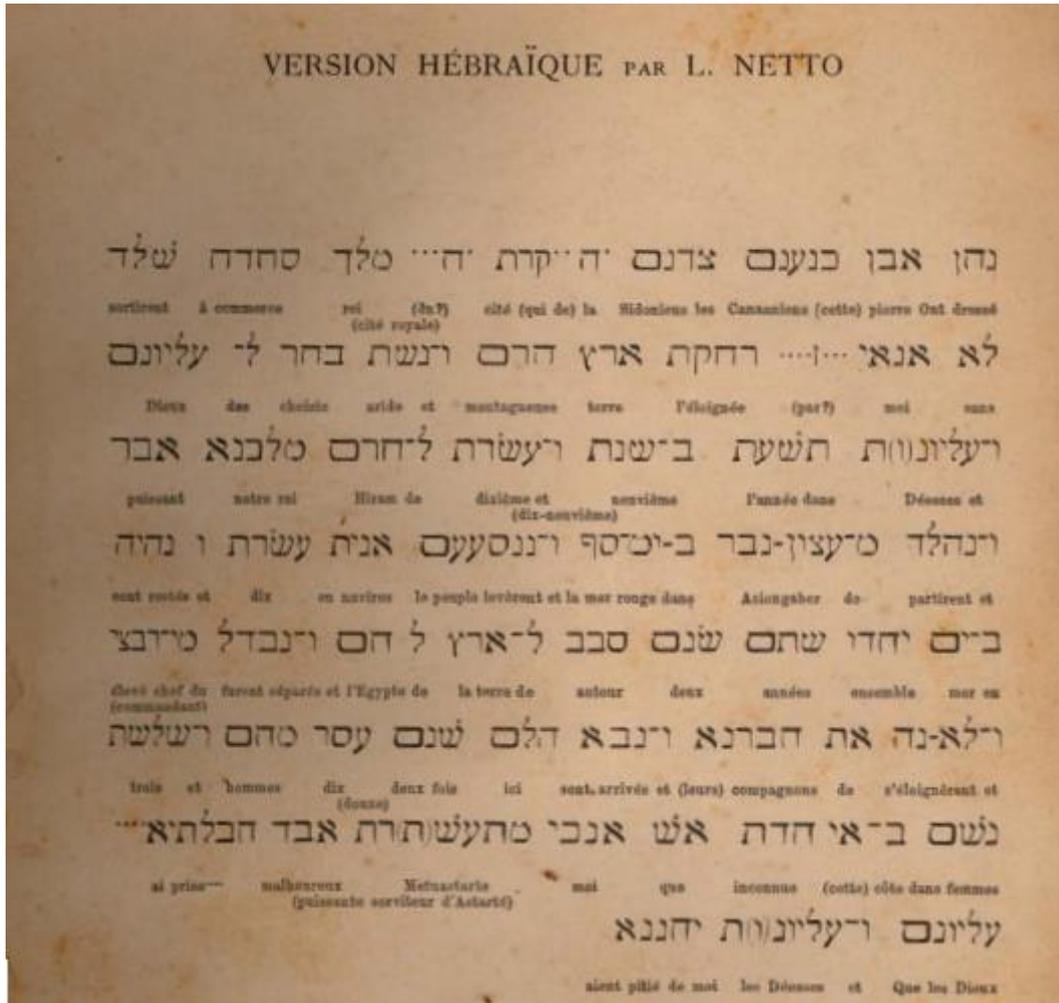
<sup>475</sup> Traduzido do francês, Missão Fenícia.

<sup>476</sup> Considerada a mais antiga das cidades fenícias.

<sup>477</sup> SILVA, 1970, p. 180.

<sup>478</sup> *O Novo Mundo*: Periódico Ilustrado do Progresso da Edade (Nova York, Estados Unidos). A cópia da inscrição foi publicada em 23 de abril de 1874 na página 128 do jornal.

VERSION HÉBRAÏQUE PAR L. NETTO



Fonte: NETTO, 1885b.

De acordo com Ladislau, ele tinha um pequeno conhecimento de hebraico e por isso fez um estudo mais aprofundado, que levou tempo e um grande esforço<sup>479</sup>. Na concepção de Netto a tradução para o hebraico era uma maneira de melhor interpretação da escrita. Antes de terminar sua escrita, o alagoano recebeu anotações encorajadoras e com algumas observações do Imperador, que possuía grande conhecimento nas línguas orientais em geral<sup>480</sup>.

<sup>479</sup> NETTO, 1885b, p. 12.

<sup>480</sup> NETTO, 1885b, p. 35.

Além de Renan, o diretor do MN confidenciou as traduções hebraica e francesa para o orientalista Abbe Jean-Joseph-Léandre Bargès<sup>481</sup>, de quem Ladislau diz ter recebido uma carta com sábios conselhos<sup>482</sup>. Estudioso das línguas orientais, Bargès havia publicado em 1847, *Temple de Baal à Marseille ou Grande inscription phénicienne, découverte dans cette ville en 1845*<sup>483</sup>, este trabalho continha ainda explicações e observações críticas e históricas a respeito da inscrição encontrada em uma casa velha por um pedreiro e que fora traduzida pelo professor<sup>484</sup>.

Isto posto, devemos compreender que Netto buscava o suporte de especialistas em sua empreitada. O alagoano compartilhou a inscrição também com alguns outros professores que comentaram sua tradução, aos quais ele expressava ter profundo sentimento de gratidão<sup>485</sup>. A constatação de Ladislau nos permite notar a vontade que o próprio tinha em espalhar as boas novas de seu grande feito.

No dia primeiro de abril de 1873, Ladislau Netto escreveu uma carta, que endereçou para a imprensa, a respeito da descoberta desses escritos. No dia seguinte, o jornal *A Reforma* trazia em suas páginas o conteúdo da carta. Nela o botânico e arqueólogo afirmou se apossar dos saberes hebraicos para auxiliá-lo na tradução. Nesta correspondência Netto conseguiu demonstrar seu entusiasmo com a descoberta de algo que impactaria a Ciência mundialmente. A inscrição era composta por oito linhas “dos mais belos caracteres fenícios”<sup>486</sup>, sem separação de palavras, sem pontuações. O diretor do MN acreditava na travessia fenícia do continente africano para o novo continente. Nas palavras dele:

---

<sup>481</sup> Jean-Joseph-Léandre Bargès (1810-1896), foi um orientalista francês. Professor de árabe na Academia Teológica de Paris, em 1857 publicou um estudo sobre o surgimento do hebraico.

<sup>482</sup> NETTO, 1885b, p. 35.

<sup>483</sup> Traduzido do francês, Templo de Baal à Marseille ou Grande Inscrição Fenícia, descoberta nesta vila em 1845.

<sup>484</sup> Cf. BARGÈS, 1847.

<sup>485</sup> NETTO, 1885b, p. 35. Infelizmente, não foi possível identificar quem eram esses professores. Entretanto, suspeitamos que sejam membros da Sociedade Antropológica de Londres.

<sup>486</sup> *A Reforma*, 2 de abril de 1873, p. 2.

para explicar esse trajeto, de que eles próprios (fenícios) parecem inconscientes, pois que o não descrevem, socorri-me dos belos e clássicos estudos de Maury sobre as correntes oceânicas e daí depreendo que a estes fenícios aconteceu o mesmo que a Pedro Álvares Cabral quando muitos séculos depois, sem nenhuma ciência do Brasil, veio a ter às suas praias. A única diferença está em que Álvares Cabral viajava do norte para o sul ao passo que os fenícios navegavam em contrário sentido<sup>487</sup>.

Netto parecia confiante em sua suspeita. Suponhamos que o sonho da maioria dos pesquisadores, quiçá de todos eles, seja encontrar algo grandioso, que vá fazer parte da disciplina que estuda, algo que o faça ser lembrado na história. Todos querem que sua contribuição fique marcada naquilo que escolheu estudar. Com Ladislau Netto não foi diferente. Ele acreditava que se conseguisse a tradução, este seria o “maior descobrimento histórico deste século”<sup>488</sup>. Netto era ambicioso e se mostrava muito empolgado e interessado em afirmar sua tese. E com orgulho publicou sua tradução:

Foi erguida esta pedra pelos Cananeus Sidonios que da cidade real a comércio saíram. Sem mim (?) pela remota terra montanhosa e árida, escolhida dos Deuses. Deusas no ano nono e décimo (décimo-nono) de Hirão nosso rei poderoso, e saíram de Azion-Gaber, no mar Vermelho, e embarcaram gente em navios dez, e estiveram no mar, juntos, anos dois, ao redor da terra de África, e foram separados do comandante, e se - desligaram de seus companheiros, e chegaram aqui duas vezes dez (doze?) homens e três mulheres, nesta costa ignota que eu, servo de Astarte poderosa (Mutuastarte infeliz?), tomei em penhor. Os Deuses e Deusas tenham de mim compaixão<sup>489</sup>.

O trecho traduzido seria compreendido por Ladislau como a confirmação de uma expedição ordenada por Nekau<sup>490</sup>, sob o reinado do rei Hirão I<sup>491</sup>, executada seis séculos

---

<sup>487</sup> Idem.

<sup>488</sup> Idem.

<sup>489</sup> DUARTE, 1950, p. 218. A tradução foi enviada em carta para o jornal *O Novo Mundo* em 27 de janeiro de 1874.

<sup>490</sup> Faraó egípcio.

antes de Cristo pelos fenícios. A viagem, que teve início no Mar Vermelho em torno da África, resultou na chegada deles ao continente americano. E uma vez compreendida a versão do manuscrito, era necessário levá-la à público.

O episódio circulou pelo mundo científico e na imprensa. O jornal *O Novo Mundo*, que circulava em Nova Iorque, publicou algumas notícias a respeito do caso. No dia 23 de junho de 1873, o periódico levava a público a empreitada de Ladislau Netto, dúvidas se o botânico falava sério ou não a respeito da tradução, que na visão do alagoano seria “*o maior descobrimento histórico deste século*”<sup>492</sup>. A primeira dúvida do jornal se baseava na data da carta escrita por Netto, no dia primeiro de abril. E se perguntava, “não seria isto um ‘logro científico’ desse dia de logros?”<sup>493</sup>.

O redator afirmava que a influência dos povos fenícios era indubitável na civilização dos povos primitivos americanos e que caberia a Netto provar (o que o jornal dizia ser impossível), que a civilização americana fosse devidamente originária dos fenícios, assim como muitos achavam ter origem malaia, ora das “dez tribos de Israel que se perderam, ora aos habitantes de um grande continente que ao princípio unia a Europa à América do Norte, ora finalmente, aos próprios aborígenes do Novo Mundo”<sup>494</sup>. E então Ladislau e a inscrição eram contestados mundo afora.

Depois de muito trabalho, Ladislau enviou uma carta a fim de dar algum retorno ao dono do sítio sobre o andamento de sua empreitada. Acontece que o sujeito nunca recebeu o documento, pois o próprio não existia. Conforme notou Johnni Langer, havia muitos povoados e regiões de Minas Gerais a São Paulo, com o nome Pouso Alto. E ainda que “ocorriam dois rios com o nome de Paraíba, um na província de mesmo nome e outro, na

---

<sup>491</sup> Foi o segundo de Tiro, antiga cidade do Líbano. Colaborou na construção do Templo de Jerusalém.

<sup>492</sup> *O Novo Mundo*, 23 de junho de 1873, p. 154.

<sup>493</sup> *O Novo Mundo*, 23 de junho de 1873, p. 154.

<sup>494</sup> Idem.

divisa do Rio de Janeiro com São Paulo”<sup>495</sup>. Dito isso, era inegável a tentativa de ocultar qualquer dado que chegasse tanto ao local da escrita quanto ao remetente da traquinice.

Diante disso, na tentativa de se redimir na imprensa, Netto escreveu uma carta ao jornal *O Novo Mundo*, onde enviou um exemplar e a tradução da escrita.

Era desejo meu completar este trabalho e publicá-lo com a discussão analítica de toda a versão; acho, entretanto, que nada disso posso nem devo fazer, e tanto mais de tal me abstenho quanto maiores são agora de dia para dia as suspeitas que se me despertam de ser apócrifa esta inscrição<sup>496</sup>.

Averiguar a procedência do documento deveria ter sido a primeira coisa a fazer antes de entregar-se “com sofreguidão”<sup>497</sup> na tradução. Entretanto, tamanha era euforia e certamente a confiança na seriedade do instituto e daqueles que lhe ofereceram a tarefa. Ladislau não poderia imaginar que alguém havia se utilizado de uma respeitada instituição para propagar uma traquinagem.

Um ano após a carta de Netto ao *Novo Mundo* suspeitando da veracidade da inscrição, o mesmo periódico publicou outra nota a respeito do ocorrido. Segundo a publicação, tal questão ainda estava longe de ser elucidada. À época, o jornal trocou correspondências com um professor de New-Haven, Mr. Alex MacWorther<sup>498</sup>, que não acreditando no engodo por parte do alagoano proferiu:

Acho difícil. (...) admitir que o Sr. Netto possa ter tido os recursos necessários para compor a inscrição (...) Apesar de certos elementos de suspeita que o Dr. Schlottmann<sup>499</sup> notou e que devem existir tratando-se de uma inscrição, de que não há provas externas, - a perfeição da paleografia, a *individualidade*, a independência

---

<sup>495</sup> LANGER, 2001, p. 31.

<sup>496</sup> *O Novo Mundo*, 23 de abril de 1874.

<sup>497</sup> *A Reforma*, 7 de março de 1875, p. 2.

<sup>498</sup> Alexander MacWhorter III, teologista e autor americano.

<sup>499</sup> M. Schlottmann, epigrafista.

de imitação servil de qualquer outra inscrição conhecida, tornam o assunto digno de ulteriores investigações<sup>500</sup>.

De acordo com a publicação, o americano duvidava da inautenticidade do documento. E ao mesmo tempo, absteve de Ladislau a culpa pelo logro. O periódico ainda trouxe a informação de que o professor MacWhorter dizia estar incorreta a tradução de Ladislau. E que se fora realmente uma peça de Ladislau Netto, esta não serviria para lhe fazer mal e sim lhe fazer honra, pois mostrava que no Brasil havia um jovem professor que sabia mais fenício do que muitos orientalistas célebres do mundo<sup>501</sup>.

Ao final das impressões do professor americano, havia uma tradução da inscrição realizada pelo próprio, que trazia as seguintes palavras:

Nós, uma pedra, Canneus, Sidonnios da cidade, fizemos erguer para que uma expedição comercial foi despachada. Fomos de um lado para o outro ao longe daquela costa, remota da terra alta e sem água em cuidado carinhoso dos deuses altíssimos. E deusas, no ano nove e dez de Hirão nosso grande rei. E saímos de Ezion Geber no mar de algas (Mar Vermelho) e partimos com dez navios. E estivemos no mar juntos e por dois anos andamos em volta da terra de Ham e fomos separados por mão de Baal e não ficamos com a nossa companhia, mas viemos aqui doze homens e treze mulheres a praia desconhecida onde Eu Metashret perdido exilado. Eu preso seguro. O meu altos deuses e deusas, tem piedade agora<sup>502</sup>.

De forma interpretativa, a tradução do professor americano em muito se assemelha a de Ladislau<sup>503</sup>. Acreditamos que também por este motivo, MacWhorter descartava a hipótese da fraude do alagoano. Uma vez que o diretor do MN não era autor do ludíbrio, quem seria?

Ladislau utilizou do mesmo ardor com que se lançou à tradução para encontrar o autor do logro científico. Segundo o próprio, ele escreveu para cada uma das pessoas que estavam no Rio de Janeiro e que tinham conhecimento suficiente das línguas orientais para cometer tal

---

<sup>500</sup> *O Novo Mundo*, 23 de novembro de 1875, p.31.

<sup>501</sup> *O Novo Mundo*, 23 de novembro de 1875, p.31.

<sup>502</sup> *O Novo Mundo*, 23 de novembro de 1875, p.31.

<sup>503</sup> A tradução de Ladislau se encontra na página XXX desta tese.

picardia. Eram cinco: quatro estrangeiros e um brasileiro. Netto notificou Ernest Renan que um deles era seu conhecido de muitos anos, mas que lhe era suspeito em muitos aspectos. Já os outros, não conhecia tão bem. No entanto, o alagoano fez questão de se aproximar de cada um deles, assim como enviar uma cópia de sua interpretação, pedindo-lhes opinião sobre a natureza da inscrição e sobre a sua tentativa de tradução<sup>504</sup>.

A cada resposta que recebia, Ladislau comparava as letras com as da carta escrita pelo suposto Joaquim Alves Costa ao Marquês de Sapucaí<sup>505</sup>. Depois de muito tempo analisando as cartas escritas notou que uma delas possuía similaridades com a da apócrifa inscrição<sup>506</sup>. E ainda que mal podia acreditar na semelhança entre os dois escritos e que lhe custou a perceber que era de um homem distinto, profundo erudito e cujo caráter social respeitável, a quem lhe tinha a maior circunspeção<sup>507</sup>. Para ter certeza de que era ele o malfeitor, Netto diz tê-lo provocado e obtido a mesma resposta. Após a confirmação, o alagoano proferiu: “*Je doute ne m’était plus permis. L’évidence était là sous mes yeux, palpable, éloquent, indubitable!*”<sup>508</sup>.

Netto afirmou a Renan que o falsificador intencionalmente saltou várias letras, para fazer parecer que foram destruídas pelo tempo, ou que haviam escapado do copista. Após tal declaração, Ladislau expressou seu desapontamento e assegurou que o caráter apócrifo da inscrição roubou todo o interesse e extinguiu qualquer desejo que o próprio tinha sobre a interpretação do documento<sup>509</sup>.

Netto aproveitou a carta para avisar a Renan sobre a publicação deste conteúdo na imprensa. Ladislau contava que o motivo da publicação ou de um artigo acadêmico sobre a

---

<sup>504</sup> Cf. NETTO, 1885b, pp. 16-18.

<sup>505</sup> Cândido José de Araújo Viana, Marquês de Sapucaí (1793-1875) foi desembargador e político brasileiro. Bacharel em Direito, foi procurador da Coroa, fiscal do Tesouro e Ministro da Fazenda.

<sup>506</sup> NETTO, 1885b, p. 17.

<sup>507</sup> Idem.

<sup>508</sup> Numa livre tradução: eu não tinha mais permissão para duvidar. A evidência estava lá diante dos meus olhos, palpável, eloquente, indubitável! NETTO, 1885b p. 18.

<sup>509</sup> NETTO, 1885b, p. 34.

inscrição seria um único propósito de explicar e justificar sua função neste caso. O alagoano lembrou a Renan que ele só se envolveu nisso para cumprir um dever<sup>510</sup>. Como membro do IHGB, Ladislau se sentiu na obrigação de executar a tarefa que lhe foi dada.

No final da carta, após lamentar o acontecido, Netto informou a seu “venerado mestre” que ficaria feliz em trocar tudo o que sabia sobre as línguas do Velho Mundo por tudo o que ele não sabia sobre a linguagem Tupi-Guarani, cujo conhecimento era do mais alto valor para a etnografia americana<sup>511</sup>. O final infeliz desse episódio mostra a indignação de Ladislau Netto, que diante disso, almejava “esquecer” o estudo de povos de outro continente para focar nos estudos dos povos americanos. Ladislau devia estar com raiva e envergonhado.

Anos depois do ocorrido, no dia 27 de março de 1887, a já citada, publicação d’*O Brazil Contemporaneo* trouxe consigo as seguintes palavras:

Ladislau Netto tem, infelizmente, de par com muita perspicácia científica, excessiva dose de boa-fé, em virtude da qual cumpre à risca aquele preceito caridoso: “*No fazer bem não olhes a quem*”, que não parece de muito bom aviso na prática. “*Das desafeições de que sou vítima*, escrevia ele ultimamente, *duas terças partes, pelo menos, emanam de indivíduos a quem nada mais fiz que favores*”<sup>512</sup>.

Presumivelmente, foi embebido nessa boa-fé, que o alagoano cumpriu sua tarefa. E por ela, ele lamentava<sup>513</sup> seus desafetos e reclamava a desmoralização diante de quem ele havia “estendido a mão”. Não há como atestar que nessa fala tratava Netto do ocorrido, entretanto, podemos considerar que tal manifestação do diretor do Museu Nacional, se encaixava ao episódio ocorrido com a escrita fenícia.

Já com imagem deturpada, e após ser ridicularizado, seu desafeto<sup>514</sup> João Batista de Lacerda não perdeu a oportunidade de expô-lo no *Fastos do Museu Nacional*. Segundo seu

---

<sup>510</sup> NETTO, 1885b, pp. 34-35.

<sup>511</sup> NETTO, 1885b, p. 36.

<sup>512</sup> *O Brazil Contemporaneo*, 27 de março de 1887, p. 3.

<sup>513</sup> Infelizmente, não foi possível identificar de onde veio tal fala de Ladislau Netto.

<sup>514</sup> Conforme ressaltou Abelardo Duarte, João Batista de Lacerda era um desafeto de Ladislau Netto.

colega de trabalho, Ladislau sonhava com a vinda dos Fenícios à América. E por isso foi vítima de “uma cilada habilmente armada por um invejoso rival, ou malquerente, que tinha noção dos idiomas orientais” e ainda confirma a grande circulação do vexame: “antes que fosse desmascarado o embuste, a notícia do achado correu o mundo”<sup>515</sup>.

Devemos notar que, ao correr o mundo, a traquinagem não atingia só a Netto. O episódio evidenciava a Ciência brasileira, que levantava teorias arrojadas por diversos orientalistas fora do país. Segundo publicação da *Revista Illustrada*, após a descoberta do autor da brincadeira

que pusera em tortura o espírito dos sábios e chamara a atenção do mundo científico sobre o Brasil, para que agora, vamos comparecer nesse tribunal, como um povo ridículo, que não tem, sequer o respeito das coisas sérias e para quem a Ciência é um assunto de *blagues*. Não se acredita, mas, esta é a realidade! Em fatos científicos, eis o nosso critério, e o concurso que damos à grande obra da humanidade! Faz corar!<sup>516</sup>

Não só Ladislau Netto, mas a Ciência brasileira foi ridicularizada. A publicação do periódico ainda colocava em mérito a exposição de toda a população brasileira, que poderia ser vista como um povo que desprezava a Ciência nacional e internacional, desrespeitando não só o alagoano, como cientistas de todo o mundo.

Ainda sobre o incidente, podemos considerar que, como tudo que lhe era oferecido fazer, Netto se dedicou à tradução. Este poderia ser um episódio que ridicularizava a carreira do alagoano. Contudo, também serviu para mostrar sua ambição. Concordamos com a fala do Lacerda de que esse caso foi: “uma ocasião de provar até onde podia chegar o esforço da sua vontade, e a capacidade do seu espírito investigador, pois que com os seus únicos recursos traduziu os caracteres fenícios e compôs em vernáculo a legenda que neles estava

---

<sup>515</sup> LACERDA, 1905, p. 47.

<sup>516</sup> *Revista Illustrada*, ano 10, 1885, p. 3.

expressa”<sup>517</sup>. Dado exposto, podemos sugerir que apesar do vigor de Ladislau, o acontecimento foi agradável para aqueles que por ele tinham inimizado.

Ainda sobre a peça pregada a Ladislau, a *Gazeta de Alagoas*, em março de 2008 sugere a existência de registros que tal achado fora armado em 1872 por Carl Frederick Koch, auxiliar de estudos orientais do Imperador, com a cumplicidade do próprio. Segundo o jornal, a dupla tinha o interesse de zombar o diretor do MN. Assim sendo, ou não, podemos supor que ambos não pensavam que o episódio tomaria proporções tão amplas. Ou talvez, seria esse mesmo o objetivo da diabrura.

Apesar do episódio ardiloso, como diretor geral de um museu, e lúcido aos debates sobre a importância de resguardar peças e desta instituição, Netto se preocupava em doar objetos ao instituto. Em novembro de 1883, Ladislau enviava ao IHGB:

uma medalha e colar concedidos ao Visconde do Rio Branco pelo Grande Oriente do Brasil, por ocasião da lei de 28 de setembro de 1871; uma mão de bronze de Sua Majestade o Imperador, calcada sobre o natural; uma coroa de mármore, com data gravada de 1719, encontrada na Vila de Barcelles, na Província do Amazonas; um vaso de prata, que pertenceu a D. Francisco Solano Lopes, ditador do Paraguai; uma bomba para mate de ouro, prata e um topázio, a qual pertenceu ao mesmo ditador<sup>518</sup>.

Eram todos objetos que de certa forma somavam para a história nacional e que Netto entendeu não serem interessantes ficar sobre posse do Museu Nacional. Tais peças deveriam fazer mais sentido nas narrativas e estudos realizados no IHGB. Ainda como doador e membro do instituto, Ladislau Netto realizou uma árvore genealógica da monarquia portuguesa até D. João VI. O quadro contendo as informações da família real foi entregue ao instituto em sessão ocorrida no dia onze de julho de 1884<sup>519</sup>.

---

<sup>517</sup> LACERDA, 1905, p. 47.

<sup>518</sup> *Gazeta de Notícias*, 25 de novembro de 1883.

<sup>519</sup> *Gazeta de Notícias*, 16 de agosto de 1884.

Subscrevemos as palavras de Schwarcz, quando a antropóloga resume a função tomada pelo IHGB na segunda metade do século XIX. O instituto originado da SAIN escrevia um modelo de história “católica, patriótica, permeável a um discurso evolucionista e muito vinculada à política oficial”. Dividindo ativamente essas ações com ele, estava o associado alagoano, Ladislau Netto.

### 3.1.3 *Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional*

Como tantas outras que despertavam o interesse de Ladislau Netto, a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional tinha como finalidade ser uma instituição científica. Criada em 19 de outubro de 1827, por Ignacio Alvares Pinto de Almeida<sup>520</sup>, foi fomentadora do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura, ambas associações das quais o botânico alagoano se tornou associado.

De acordo com Domingues, antes de concordar com a criação da SAIN, o imperador D. Pedro I consultou João da Silva Caldeira, à época diretor do Museu Nacional, que incentivou a fundação do instituto uma vez que, o Brasil saindo de seu *status* colonial, deveria investir na economia agrícola e industrial para firmar sua economia. Para Caldeira, a instituição deveria “criar as máquinas, premiar os inventos que auxiliassem no trabalho agrícola, manter correspondências com sociedades estrangeiras e com províncias, adiantando socorros aos que contribuíssem com a prosperidade nacional”<sup>521</sup>.

---

<sup>520</sup> Ignácio Álvares Pinto de Almeida era natural da Bahia, mas passou grande parte de sua vida no Rio de Janeiro. Além de fundador da SAIN, foi conselheiro de D. Pedro I, Comendador da Ordem de Cristo e Cavaleiro da Ordem de Nossa Senhora da Conceição.

<sup>521</sup> DOMINGUES, 2001, p. 87.

A nova associação, da qual Netto foi membro e presidente da Seção de Agricultura<sup>522</sup>, considerava a indústria em três ramos distintos:

1ª. A indústria agrícola, que se aplica principalmente em solicitar e provocar a ação produtiva da natureza, quer nos vegetais, quer nos animais, ou em colher os seus produtos

2ª. A indústria comercial, que aumenta o valor das coisas, pondo-as ao alcance do consumidor.

3ª. A indústria manufatureira, que dá valor às coisas, pela transformação que nelas opera<sup>523</sup>.

Deste modo, a agricultura, a manufatura e o comércio, eram a prioridade da instituição. Assim como, a aquisição de máquinas e invenções que pudessem contribuir para o desenvolvimento da indústria nacional estava marcada como um dos anseios desta sociedade<sup>524</sup>. Seu nome foi inspirado na *Société d'Encouragement de l'Industrie Nationale*<sup>525</sup>, criada na França em 1800, com base no pensamento iluminista e com o mesmo intuito<sup>526</sup>. Se assemelhar aos moldes europeus era uma forma de legitimar a associação brasileira<sup>527</sup>. Conforme constatou Patrícia Barreto, a SAIN foi fruto de um contexto social e político onde a Ciência se fortaleceu junto a um processo de racionalização e desenvolvimento de economias capitalistas. Em suas palavras tal sociedade:

nasceu, portanto, com as grandes ambições de transformar e reformar o pensamento econômico brasileiro e fazê-lo evoluir em defesa dos interesses privados, mas também nacionais, de explorar de maneira mais eficiente aquilo que a natureza havia dado generosamente aos brasileiros: a fertilidade da terra<sup>528</sup>.

---

<sup>522</sup> *O Auxiliador da Indústria Nacional*, janeiro de 1878, p. 5.

<sup>523</sup> *O Auxiliador da Indústria Nacional*, 1854, p.12.

<sup>524</sup> Cf. ANDRADE, 2005.

<sup>525</sup> Em uma tradução literal, Sociedade do Encorajamento da Indústria Nacional.

<sup>526</sup> MORAIS, 2005, p. 47.

<sup>527</sup> DOMINGUES, 2001, p. 87.

<sup>528</sup> BARRETO, 2009, p. 402.

Como um dos objetivos da SAIN, Lilia Schwarcz aponta a pretensão da centralização do Estado. Segundo a antropóloga esta sociedade fazia parte de um conjunto de medidas que visavam tal finalidade<sup>529</sup>. A associação fez parte dos mesmos Ministérios dos quais abrangeram o Museu Nacional, Ministério dos Negócios do Império e Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas.

Segundo Domingues, entre efetivos e honorários os associados à SAIN poderiam ser divididos em grupo equivalente a cinco categorias:

1. Proprietários: fazendeiros; comerciantes; senhores de terra;
2. Profissionais liberais: bacharéis; políticos; funcionários públicos;
3. Profissionais especializados: professores; naturalistas; médicos;
4. Militares
5. Religiosos<sup>530</sup>

Francisco Cordeiro da Silva Torres Alvim<sup>531</sup>, Visconde de Cairu<sup>532</sup>, Custódio Alves Serrão, Cunha Mattos<sup>533</sup>, Visconde do Rio Branco<sup>534</sup>, e Nicolau Joaquim Moreira, foram alguns dos associados da instituição.

Além do investimento na produtividade agrícola e na industrialização do país, a SAIN divulgava a produção de conhecimento realizada pelos seus sócios. Assim como no IIFA, a Auxiliadora da Indústria Nacional obtinha seu periódico. Em 1833, a sociedade iniciou sua publicação mensal. Nas páginas d'*O Auxiliador* poderiam ser encontrados trabalhos dos mais variados temas como por exemplo: Botânica, Química Orgânica e Inorgânica, Física,

---

<sup>529</sup> SCHWARCZ, 1993, p. 133.

<sup>530</sup> DOMINGUES, 2001, p. 92.

<sup>531</sup> Francisco Cordeiro da Silva Torres de Sousa Melo Alvim (1775-1856), Visconde de Jerumirim, foi engenheiro e militar luso-brasileiro. Foi ministro da Guerra e professor de matemática na escola da Marinha.

<sup>532</sup> José da Silva Lisboa (1756-1835), Visconde de Cairu foi historiador, jurista, economista e político brasileiro.

<sup>533</sup> Raimundo José da Cunha Mattos (1776-1839) foi um historiador e militar brasileiro, fundador do IHGB, diretor da Imprensa Nacional e da Biblioteca Nacional.

<sup>534</sup> José Maria da Silva Paranhos (1819-1880) foi diplomata, político, jornalista e militar brasileiro. Foi também conselheiro do imperador, senador, ministro da Marinha e abolicionista. Foi o proponente da Lei do Ventre Livre.

Geologia e Zoologia. Utilizado para a vulgarização da ciência nacional, o periódico era enviado para instituições históricas, filosóficas e científicas na América Latina, Estados Unidos e Europa. O sucesso das publicações da SAIN foi reconhecido na mesma Exposição Universal de 1889 em Paris, da qual Netto participou. Na ocasião, o periódico brasileiro foi distinguido com uma medalha de ouro<sup>535</sup>.

Além da publicação do periódico, a SAIN também produzia manuais agrícolas, que eram vendidos paralelamente junto ao jornal. Mas não só, de acordo com Ladislau, na década de 1830, a SAIN tinha escolas normais, que eram dirigidas gratuitamente por seus sócios efetivos, a benefícios de agricultores e artistas do Império<sup>536</sup>. Conforme escreveu o alagoano, tais escolas foram um projeto ineficaz da Auxiliadora, já que teve curta existência<sup>537</sup>.

Segundo David Francisco de Moura Penteado, nas décadas finais do século XIX, a instituição imperial ainda teve como empreendimento a criação de duas escolas: a Escola Noturna de Instrução Primária para Adultos e a Escola Industrial<sup>538</sup>. As escolas começaram a funcionar em 1871. A primeira delas foi pensada como um espaço de preparação para que os alunos pudessem ingressar nas aulas da segunda. Os alunos então aprendiam quais eram as melhores máquinas para lavoura, assim como a forma de manejá-las e o melhor jeito para trabalhar no engenho<sup>539</sup>.

Tal qual o investimento nas escolas, a instituição foi ampliando suas frentes ao longo de sua história. Na segunda metade do oitocentos, a SAIN se tornou, além de uma sociedade de produção científica, um órgão consultivo do governo imperial. Como sugere seu nome, a sociedade tinha como objetivo principal o aumento, desenvolvimento e progresso da indústria nacional. Deste modo debates importantes para a sociedade e economia entravam na rotina da associação. De acordo com Angela Alonso várias sessões da SAIN “discutiam abolição e

---

<sup>535</sup> Cf. PENTEADO, 2018.

<sup>536</sup> NETTO, 1870, p. 57.

<sup>537</sup> NETTO, 1870, p. 58-59.

<sup>538</sup> PENTEADO, 2018.

<sup>539</sup> PENTEADO, 2018.

imigração em concomitância com a tramitação parlamentar do projeto”<sup>540</sup>. Pensar nesses temas era dialogar com o futuro da mão de obra da agricultura e da indústria nacional.

Ao falar da SAIN, seu sócio e sujeito principal desta tese anunciava que: “pena é, porém; (...) que se não houvesse adotado para tão útil sociedade, em vez do título de Auxiliadora, o muito mais elevado e animador de *Protetora* (...)”<sup>541</sup>. Associá-la à proteção era uma forma de elogio ao desempenho da instituição. Nesta fala o alagoano destacou que o trabalho da SAIN não se limitou ao auxílio, mais que isso, defendeu, abrigou, amparou e privilegiou a indústria nacional. Ainda proferindo elogios, Netto sugeriu que no período de seu funcionamento, “foi talvez a época em que mais fervidos nos andavam os sonhos do progresso e em que maior incentivo animava também a indústria nacional no Brasil”<sup>542</sup>.

A priori, a sede da SAIN era na casa de seu próprio fundador, Ignácio Álvares Pinto de Almeida. Anos depois seu logradouro mudou e assim, tais sessões ocorriam num lugar muito familiar ao grande personagem desta tese, nos arredores do Campo do Santana, uma das salas do Museu Nacional era utilizada para a realização das reuniões da SAIN. Na “casa” do Ladislau ficavam também armazenados alguns maquinários da SAIN, assim como sua biblioteca.

Com o passar dos anos a SAIN tentava ganhar mais espaço nos aposentos do Museu Nacional. As duas salas já não lhe eram suficientes. As escolas da sociedade, funcionavam nas casas abaixo do MN e as aulas de Química e Física eram ministradas nos laboratórios do museu. Sobre isso, Ladislau Netto não hesitou em dizer:

como membro do conselho da Auxiliadora, senão a títulos de maior valia para ela, somos mais que insuspeito no que levamos dito acerca desta útil associação. Estimamos-a, e tanto quanto nol-o (sic) permitem as forças e os meios, temos

---

<sup>540</sup> ALONSO, 2015, p. 68.

<sup>541</sup> NETTO, 1870, p. 42.

<sup>542</sup> Idem.

pugnado constantemente em prol de sua prosperidade; mas nem por isso deixa de ser-nos manifesta a inconveniência que acabamos de lhe exprobrar<sup>543</sup>.

As coleções do Museu não paravam de aumentar, desde a direção de Frei Custódio Alves Serrão, os incômodos sobre as exigências e a respeito da tentativa de angariar um espaço maior da SAIN apareciam. A falta de espaço, que muito foi reclamada por Netto até a mudança do Museu Nacional para a Quinta da Boa Vista, já era protestada pelo Frei. Em dado momento, as instalações do MN abrigavam ainda o IIFA. Três instituições eram um pouco demais para o edifício e para a administração do espaço.

Convenhamos, era fácil e cômodo para Netto participar desta e da Sociedade Velloziana, já que em dias de reunião, bastava ao alagoano se locomover dentro da instituição que ele mesmo comandava, o Museu Nacional. Partindo do pressuposto de que pouco era seu esforço, podemos imaginar que não participar poderia ser até uma desfeita. E para aquele que tanto se dedicava ao MN, ser sócio delas seria talvez uma forma de controlar o que se passava nos corredores da instituição.

### *3.1.4 Sociedade Brasileira Contra a Escravidão*

No dia sete de Setembro de 1880, no mesmo ano em que Netto iniciou sua empreitada em colecionar os objetos de uma cultura escravizada, seus futuros companheiros, Joaquim Nabuco e André Rebouças fundaram a Sociedade Brasileira Contra a Escravidão. Com sede na Rua do Ouvidor, a associação já carregava em seu nome seu grande propósito. Como apontou Angela Alonso, a mesma seguia os moldes canônicos da política aristocrática, seus membros seguiam o ativismo de elite<sup>544</sup>.

---

<sup>543</sup> NETTO, 1870, p. 57.

<sup>544</sup> Era um ativismo ligado ao abolicionismo de elite, analisado por Angela Alonso. Cf. ALONSO, 2001, p.181.

No manifesto desta associação, publicado no mesmo ano de sua fundação, notamos a visão que esta tinha sobre o sistema escravocrata brasileiro. De acordo com a publicação, ele era a “violação de todas as leis morais e sociais do mundo moderno”<sup>545</sup>. A escravidão, foi muito bem retratada no texto como um atraso para o país e ainda como uma “monstruosa mutilação do homem”<sup>546</sup>. Conforme frisou o manifesto, era preciso lutar para que o país rejeitasse essa “odiosa muleta”<sup>547</sup>, e para auxiliar essa empreitada, foi criada a SBCE. Pela grande responsabilidade que recebia tal instituição, seu fundador indicou que ela abrangeria a todos. O ódio contra a escravidão, deveria ser o elo entre os membros dessa sociedade. Por fim, o manifesto é encerrado com a seguinte fala:

Levantando um grito de guerra contra a escravidão; apelando para o trabalho livre; condenando a fábrica levantada a tanto custo sobre a supressão da dignidade, do estímulo, da liberdade das classes operárias; proclamando que nenhum homem pode ser propriedade de outro, e que nenhuma nação pode elevar-se impunemente sobre as lágrimas e os sofrimentos da raça que a sustentou com o melhor de seu sangue e das suas forças; nós mostramos que somos somente dignos de pertencer ao país livre que quiséramos ver fundado<sup>548</sup>.

O manifesto elucidou e oficializou o grande propósito da associação. O país proposto, e civilizado, deveria ter como molde a liberdade. Era o que faltava para o Brasil, contudo, lhe sobravam entusiastas para que esta herança do passado, a “chaga ainda aberta da colonização portuguesa”<sup>549</sup>, como registra a publicação, terminasse.

Seguindo as demais sociedades citadas nesta tese, a SBCE tinha seu próprio periódico. A primeira publicação foi lançada no dia 1º de novembro de 1880 no Rio de Janeiro. *O Abolicionista* funcionava como um apoio ao movimento político que era defendido pela associação. Desta maneira, era utilizado como forma de engajamento da luta anti-

---

<sup>545</sup>SOCIEDADE BRASILEIRA CONTRA A ESCRAVIDÃO, 1880, p. 4.

<sup>546</sup>SOCIEDADE BRASILEIRA CONTRA A ESCRAVIDÃO, 1880, p. 9.

<sup>547</sup> Idem, p. 12.

<sup>548</sup>SOCIEDADE BRASILEIRA CONTRA A ESCRAVIDÃO, 1880, p. 17.

<sup>549</sup> Idem, p. 7.

escravista no Brasil. Comandado por André Rebouças, Joaquim Nabuco, Nicolau Joaquim Moreira e Gusmão Lobo<sup>550</sup>, o jornal teve sua última publicação em 1º de dezembro de 1881 e a partir daí a divulgação das palavras dessa sociedade foram direcionadas ao *Gazeta da Tarde*, periódico de José do Patrocínio.

Nos muitos espaços em que Ladislau Netto circulava, ele deixava um pouco de si. Assim como tem sido visto ao longo deste capítulo, a cada organização que ele participava, tivemos a chance de conhecer uma versão do sujeito em questão. E com a SBCE não foi diferente. Tomar partido enquanto abolicionista, era se posicionar a favor de um debate substancial dos anos finais da monarquia brasileira.

Figura pública, cientista renomado internacionalmente, Netto se mostrava a favor da abolição da escravatura. Em diversos momentos de sua trajetória profissional, Ladislau se preocupou em reafirmar sua escolha. Deste modo, com a intenção de entender melhor essa versão do diretor do Museu Nacional, sua passagem na Sociedade Brasileira Contra a Escravidão, assim como seu caráter abolicionista, serão discutidos com mais detalhes no próximo capítulo desta tese. Retomando então o associativismo de Netto, chegamos à Sociedade Velloziana.

### 3.1.5 *Sociedade Velloziana*

Criada em 1850, a Sociedade Velloziana supria o desejo de seu fundador, e parceiro de Ladislau, Francisco Freire-Allemão de Cysneiros, de construir uma associação de naturalistas no Brasil. Faltava esse espaço na Corte. Tal instituição tinha como objetivo estudar e debater sobre tudo aquilo que fazia parte da História Natural Brasileira. Mas não só

---

<sup>550</sup> Francisco Leopoldino de Gusmão Lobo. Foi um jornalista, político e abolicionista brasileiro. Foi parlamentar do Partido Conservador, diretor do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas.

isso, a Velloziana estava interessada também em investigar e traduzir línguas indígenas<sup>551</sup>. Além dos estudos, publicações deveriam ser realizadas a fim de divulgar a ciência que ali seria praticada.

Para isso, os membros deveriam ser experientes. Em suma, o grupo era dividido entre sócios efetivos, adjuntos, correspondentes e honorários, divididos entre os naturalistas da Corte e de outras partes do país. Fundador e presidente, Freire-Allemão surgia na companhia de Guilherme S. de Capanema; Frederico Leopoldo Cezar de Burlamaqui<sup>552</sup>; Custódio Alves Serrão<sup>553</sup>; Conselheiro Antônio Manoel de Mello<sup>554</sup>; entre outros.

A sociedade que tinha em seu nome uma homenagem ao Frei Velloso<sup>555</sup>, tinha o apoio da Majestade Imperial, que lhes concedeu um ofício no qual concedia a licença para que suas reuniões quinzenais fossem realizadas em uma das salas do MN<sup>556</sup>. Os primeiros anos da instituição foram os mais ativos. Em publicação de 1851, podemos notar que ela reunia os mais diversos saberes das Ciências Naturais. Desse jeito, era dividida entre seções destinadas a cada um deles, sendo elas: Mineralogia; Botânica; Zoologia; Língua Indígena.

Após alguns percalços burocráticos, econômicos e administrativos, a Velloziana correu o risco de ter suas atividades encerradas. E foi Ladislau Netto, braço direito de seu fundador e presidente, que em 1870 retomou as atividades da instituição, que haviam sido finalizadas em 1856. Neste período, com a ajuda do entusiasta, a Sociedade Velloziana reformulou seus estatutos e teve a inserção de novos membros.

---

<sup>551</sup> Para mais detalhes da Sociedade Velloziana, conferir: LOPES, 2009; SILVA, 2014; VELOSO JÚNIOR, 2013.

<sup>552</sup> Frederico Leopoldo Cezar Burlamaqui (1803-1866) foi militar, abolicionista, botânico, mineralogista, matemático e escritor brasileiro. Pertenceu à Academia Brasileira de Belas Artes, foi membro do IHGB e de outras associações científicas e literárias. Foi diretor do Museu Nacional entre 1847-1866.

<sup>553</sup> Custódio Alves Serrão (1799-1873) foi físico, químico, zoólogo, mineralogista e botânico brasileiro. Diretor do Museu Nacional entre os anos de 1828-1847, foi na sua administração que foi elaborado o decreto do primeiro Regimento do Museu Nacional, em 1842.

<sup>554</sup> Antônio Manoel de Mello (1802-1866) foi engenheiro, político e militar brasileiro. Foi sócio do IHGB.

<sup>555</sup> O Frei José Mariano da Conceição Velloso, naturalista, botânico brasileiro. A homenagem de seu pela importância do franciscano para a botânica luso-brasileira do século XIX. Cf. VELOSO JÚNIOR, 2013, p. 56.

<sup>556</sup> VELLOSIANA, 1851, p. 1.

O organograma da instituição era configurado da seguinte forma: um presidente (fundador); um secretário; tesoureiro-arquivista; sócios, “que foram subdivididos em efetivos e adjuntos-efetivos; sócios honorários; e por fim, sócios correspondentes e adjuntos-correspondentes”<sup>557</sup>. Netto se tornou secretário perpétuo da associação.

Assim como outras associações do período, a Vellosiana tinha os trabalhos realizados pelos seus componentes publicados no periódico *O Guanabara*.

Em 23 de julho de 1871, o periódico *A Reforma*<sup>558</sup> relatava que por intermédio de Ladislau a Sociedade Vellosiana havia acabado de receber felicitações e provas de adesão das Academias Reais de Ciências de Turim e de Nápoles. Assim como da Sociedade Imperial dos Naturalistas de Moscou, “cujo secretário, o conselheiro de estado Dr. Carlos Renard, exige entrar em relações com os membros da seção de etnografia da Sociedade Vellosiana”<sup>559</sup>.

Como observou a publicação de julho de 1871, o esforço do alagoano para manter a associação em funcionamento estava sendo reconhecido no Velho Continente. O trabalho realizado na Vellosiana foi reconhecido fora do país. Conforme a notícia do periódico, parecia que o futuro dessa associação era promissor. Todavia, o impulso levantado por Netto, não foi o suficiente para postergar os anos de funcionamento da instituição<sup>560</sup>.

Mesmo que por um curto período, a sociedade criada por seu antecessor no MN, assim como todas as outras, teve papel fundamental na formação e nos debates que Ladislau ingressou em seu período ativo enquanto um intelectual, homem de letras e naturalista do século XIX. Mas não só as Sociedades e Instituições brasileiras eram dignas da atenção deste ser tão estudioso.

---

<sup>557</sup> MORAIS, 2005, p. 57.

<sup>558</sup> Durante a década de 1870, este periódico publicou as atas da Sociedade Vellosiana.

<sup>559</sup> *A Reforma*, 23 de julho de 1871.

<sup>560</sup> Cf. SILVA, 2014.

### 3.2 O associativismo mundo afora

Antes mesmo de se tornar diretor do Museu Nacional, Netto já fazia parte de algumas associações fora do país. Sua passagem pela França lhe proporcionou a integração em algumas entidades. A exemplo disso, temos a Sociedade Botânica de Paris, lugar que Ladislau se tornou membro após a indicação do Professor Brageviardt. Acreditamos que fazer parte desses espaços levava Ladislau a encontrar com outros nomes importantes da Ciência. E com isso, o alagoano encontrava a chance de promover seu nome e seus trabalhos, além de fortalecer sua rede de sociabilidades fora do país.

Tabela 7 - Ladislau Netto e o Associativismo no Exterior

<b>Instituições e Sociedades Estrangeiras</b>	<b>Situação de Ladislau</b>
Academia de Ciências de Lisboa	Membro
Sociedade Americana de Geologia	Membro
Instituto de Botânica do Grão-Ducado de Luxemburgo	Membro
Sociedade Antropológica de Washington	Membro Correspondente
Sociedade Botânica da França	Membro
Sociedade de Antropologia de Bruxelas	Membro Correspondente
Sociedade de Geografia de Paris	Membro

Sociedade de Geografia de Lisboa	Presidente
Sociedade de História Natural de Gherburgo	Membro
Sociedade de História Natural de Ratisbona	Membro
Sociedade Lineana de Paris	Membro
Sociedade Lineana de Maine-et-Loire	Membro honorário

Fonte: A autora, 2021.

Conforme exposto na tabela, devemos compreender que as ideias e o conhecimento do diretor do Museu Nacional circulavam para além do Atlântico. As palavras de Ladislau Netto ecoavam do Brasil aos Estados Unidos e para diversos países da Europa. Apesar de brasileiro, devemos observar que a atuação de Netto era maior no associativismo estrangeiro. Enquanto fazia parte de sete sociedades brasileiras, o número de estrangeiras era doze. Isso nos faz pensar se o diretor do MN não estaria mais envolvido nos debates ocorridos fora do país. Diante disto, surge a dúvida, será que este associativismo no exterior era uma estratégia de Ladislau para divulgar a Ciência produzida no Brasil? E principalmente a desenvolvida por ele no Museu Nacional?! Acreditamos que sim. E ainda, que na maioria delas o alagoano atuava como correspondente<sup>561</sup>.

---

<sup>561</sup> Devido à dificuldade de encontrar fontes e bibliografia sobre as sociedades estrangeiras, citaremos duas delas. Sendo a segunda, voltada para sua filial no Brasil.

### 3.2.1 *Sociedade de Geografia de Paris*

No século XIX, o neocolonialismo europeu, despertou o interesse pelo conhecimento geográfico. A partir daí, houve a criação de alguns institutos destinados a esse saber. A Geografia se fez importante para a expansão europeia e o domínio de suas colônias. Em 1821, foi criada a primeira instituição voltada aos estudos geográficos no Velho Mundo. E como pioneira, ela serviu de modelo para as demais<sup>562</sup>. A Sociedade Geográfica de Paris se tornou referência para o mundo todo. Do outro lado do Atlântico influenciou entidades como Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro.

Em 18 de fevereiro de 1888, o periódico *O Cearense* nos trouxe a seguinte notícia:

Sob proposta da diretoria da Sociedade de Geografia de França que tem por presidente o conde de Lesseps, foi aclamado por unanimidade de votos membro correspondente estrangeiro daquela sociedade o Sr. Dr. Ladislau Netto, em atenção aos serviços com que há ele concorrido para o desenvolvimento da ciência, com as suas publicações sobre etnologia e arqueologia americana<sup>563</sup>.

A experiência de Ladislau Netto como diretor do Museu Nacional e como membro de tantas sociedades, fez com que ele ampliasse seus estudos. No final dos anos 1880, Ladislau já era reconhecido em outros países pelo serviço prestado em áreas de conhecimentos que fugiam daquela de sua formação. A unanimidade da sociedade geográfica mais antiga do Velho Mundo trazia para Netto o prestígio, digno do trabalho e da vida acadêmica dos quais tanto se dedicou.

---

<sup>562</sup> Cf. CLAVAL, 2014; SILVA, 2014/2015;

<sup>563</sup> *O Cearense*, 18 de fevereiro de 1888. A instituição referida na publicação era a Sociedade Geográfica de Paris, na França.

### 3.2.2 *Sociedade de Geografia de Lisboa*

Criada em 1875, a Sociedade de Geografia de Lisboa esteve à testa do movimento colonialista português, quando não mediram esforços em prol da manutenção dos territórios africanos, percebidos como garantia para um futuro de grande importância para a nação portuguesa. A associação atuante em Portugal tinha também sua filial no Brasil. A Seção da SGL no Brasil, criada em 1878, dialogava com a criação da nação promovida pelo IHGB e com a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. Nomes como Ângelo Agostini, André Rebouças, Cândido Mendes de Almeida, Machado de Assis e Benjamin Constant, constavam na lista dos associados.

Mais do que agentes do imperialismo, a matriz da SGL no Brasil, assumia a importância de ser um instrumento de organização do espaço nacional, como destacou Cristina Pessanha Mary<sup>564</sup>. Além da antropologia e do abolicionismo, outras questões pairavam sobre o pensamento do alagoano. Algumas delas vinham da Seção da Sociedade de Geografia de Lisboa no Brasil.

Nesta sociedade, o diretor do Museu Nacional foi presidente da Seção e da Revista da Seção. Netto ficou à frente da SSGL, em 1883. Neste período, Ladislau contava com Antônio Serpa Pinto Junior, como chefe de redação. A dupla redirecionou a temática e os debates defendidos pela associação. O conhecimento em torno do Brasil ganhou a pauta, já que o desenvolvimento das ciências, fazia o país alavancar no processo civilizatório.

O próprio Netto publicou um artigo neste período. E foi um dos poucos trabalhos da revista que tiveram ilustrações. De acordo com Mary a publicação que contemplava uma

---

<sup>564</sup> MARY, 2005b, p. 8851.

expedição do presidente da SSGL ao “Baixo Amazonas”<sup>565</sup> contava com desenhos reproduzidos pelo autor, que não deixou a oportunidade para praticar sua habilidade como desenhista.

Retomando a revista, conforme apontou Mary, durante sua administração, houve uma considerável mudança da distribuição dos temas estudados pela sociedade. A autora caracteriza a direção de Netto como aquela em que houve uma supressão relativa à África na pauta da Revista<sup>566</sup>. No período em que Ladislau chefiou a SSGL, deu preferência à geografia brasileira e não exaltou as explorações em África, como queriam os portugueses<sup>567</sup>.

Concomitante a tal atitude, entre as paredes do Museu Nacional, Netto expediu ofícios a diferentes chefes de polícia, suplicando que fossem enviados ao museu os objetos apreendidos por eles nas casas de “dar fortuna”. Foi esse mesmo esforço que, no início da década de 1880, permitiu a formação e enriquecimento da coleção afro-brasileira do MN. Como notado no capítulo anterior, Ladislau passou sete anos nesse esforço de colecionador. Na concepção do nordestino, a cultura negra era digna de ser guardada, porém, não havia espaço para o seu estudo, principalmente no Brasil, onde a memória do negro estava ligada à escravidão, da qual Ladislau era inimigo declarado.

Em face disto, o estudo de explorações em África e da cultura negra no Brasil era substituído por outros. E assim, Netto priorizava a geografia do Brasil, os costumes e linguajar dos índios do nosso sertão. Para Mary, o botânico e antropólogo tinha em sua concepção que o estudo dos índios americanos deveria ter a mesma dimensão daqueles realizados sobre as culturas antigas na África e Ásia. Para ele, “o *modus vivendi*”<sup>568</sup> dos índios da América poderia estar na origem das culturas europeias, ao contrário do que era voz

---

<sup>565</sup> Conforme relatou Cristina Mary, o artigo escrito por Ladislau Netto e intitulado “Trechos de uma excursão no baixo Amazonas”, foi publicado no tomo II da Revista da Seção da Sociedade de Geografia de Lisboa em agosto de 1883. Cf. MARY, 2005a; 2005b; 2006.

<sup>566</sup> Cf. MARY, 2005a.

<sup>567</sup> Cf. MARY, 2005b; 2006.

<sup>568</sup> Modo de viver em latim.

corrente acreditar”<sup>569</sup>. Conforme apontou o historiador Lúcio Ferreira, Netto acreditava que a América fora um reduto de imigração asiática<sup>570</sup>. E por isso a cultura indígena poderia ter influência desses povos em sua cultura e deveria ser estudada.

Além da curiosidade, eram essas suspeitas que impulsionavam o investimento de Netto em demais áreas de conhecimento, e a não exclusividade da Botânica na sua vida. O botânico utilizava os estudos realizados nas sociedades em que era membro como um complemento daqueles que estavam sendo desenvolvidos no Museu Nacional. A participação de Ladislau na Sociedade Geográfica de Lisboa ilustra o aproveitamento dessa experiência. O alagoano utilizava os estudos geográficos para avançar na etnografia, arqueologia e antropologia.

### **3.3 Consequências de suas ações dentro e fora do associativismo: as honrarias**

Conforme avançavam seus estudos, reconhecimentos lhe eram conferidos. A atuação de Netto no Museu Nacional e nesses distintos espaços lhe rendeu algumas honrarias. Deste modo, reservamos um espaço deste capítulo para exaltar as condecorações que o alagoano recebeu ao longo de sua vida. Sobre as distintas honras dedicadas à Ladislau, devemos concordar com a publicação de *O Brazil Contemporâneo* quando ela anuncia que o alagoano não fazia nunca a “menor alusão a estas honrarias no frontispício das suas publicações”<sup>571</sup>.

Ainda que não constassem em seus escritos, elas faziam parte da vida do diretor do Museu Nacional. Como dito em capítulo anterior, o trabalho servido ao Brasil na realização da Exposição Antropológica de 1882, fez com que Netto fosse agraciado como dignitário da Ordem da Rosa. A Imperial Ordem da Rosa era uma ordem militar e civil, que foi instituída

---

<sup>569</sup> MARY, 2005a, p. 163.

<sup>570</sup> FERREIRA, 2007, p. 48.

<sup>571</sup> *O Brazil Contemporâneo*, 27 de março de 1887, p.3.

em 1829, por D. Pedro I na ocasião de seu matrimônio com Amélia Augusta Eugênia Napoleona<sup>572</sup>. Conforme o decreto de 17 de outubro de 1829, o primeiro Imperador do Brasil almejava perpetuar seu “faustíssimo consórcio com a princesa (...), por uma instituição útil, que assinalando esta época feliz a conserve com glória na lembrança da posteridade”<sup>573</sup>. Recompensa para ações ilustres, a comenda deveria ser também um eficaz estímulo para o empreendimento das tais.

O decreto estabelecido por D Pedro I ainda estipulava quem poderia receber a honraria. Segundo a vontade do monarca, seriam admitidos os beneméritos, tanto nacionais como estrangeiros, que se distinguissem por sua fidelidade ao Imperador, e serviços feitos ao Império<sup>574</sup>. A Ordem possuía sete categorias hierárquicas:

1. Cavaleiro;
2. Oficial;
3. Comendador;
4. Dignitário;
5. Grande dignitário;
6. Grã-cruz honorária;
7. Grã-cruz efetiva;<sup>575</sup>.

Conforme apontou Fernanda Mirabelli Lima, esta foi a comenda mais distribuída de todo governo imperial<sup>576</sup>. De acordo com Artidório Pinheiro, até o ano de 1883, o monarca D.

---

<sup>572</sup>Princesa de Leuchtenberg e de Eichstaedt. Segunda Imperatriz do Brasil, foi grã-cruz das Ordens de Pedro I, do Cruzeiro e da Rosa.

<sup>573</sup>Decreto de 17 de outubro de 1829. Apud PINHEIRO, 1884, p.20.

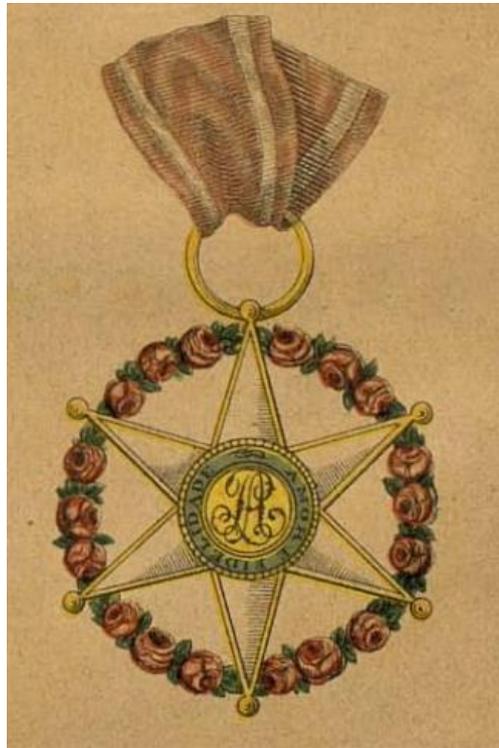
<sup>574</sup>Decreto de 17 de outubro de 1829. Apud PINHEIRO, 1884, p.21.

<sup>575</sup> Segundo a proposta de D. Pedro I, a categoria de Grão-Mestre e Grã-Cruz seria voltada para a família imperial, para ser agraciado com a comenda o cidadão deveria ter por título o tratamento de Excelência, assim como os Grandes Dignitários. Os Dignitários deveriam ter Senhoria como título, assim como os Comendadores. Os Oficiais deveriam ter honras e continências que competissem aos coronéis e os Cavaleiros, aos capitães. PINHEIRO, 1884, p. 21.

<sup>576</sup> LIMA, 2020, p.2.

Pedro II havia condecorado mais de 14.000 pessoas com a comenda<sup>577</sup>. Nessa distribuição havia 271 dignitários<sup>578</sup> da Ordem da Rosa, entre eles, Ladislau Netto.

Figura 20 - Insígnia Dignitário da Imperial Ordem da Rosa



Fonte: PINHEIRO, 1884. Padrão nº 6 - Ordem da Rosa - Dignitário

Em homenagem à Dona Amélia, a insígnia trazia rosas, as iniciais dela e de D. Pedro I, junto às palavras: Amor e Fidelidade. Em seu verso, continha a data de casamento e o nome do casal<sup>579</sup>. Contudo, de acordo com Lima, o objeto só era fornecido aos beneméritos estrangeiros. Os brasileiros deveriam procurar ourives autorizados pelo governo imperial para que fosse moldada a medalha<sup>580</sup>. Servidor público e frequentador de espaços elitizados, Ladislau Netto garantiu a sua.

---

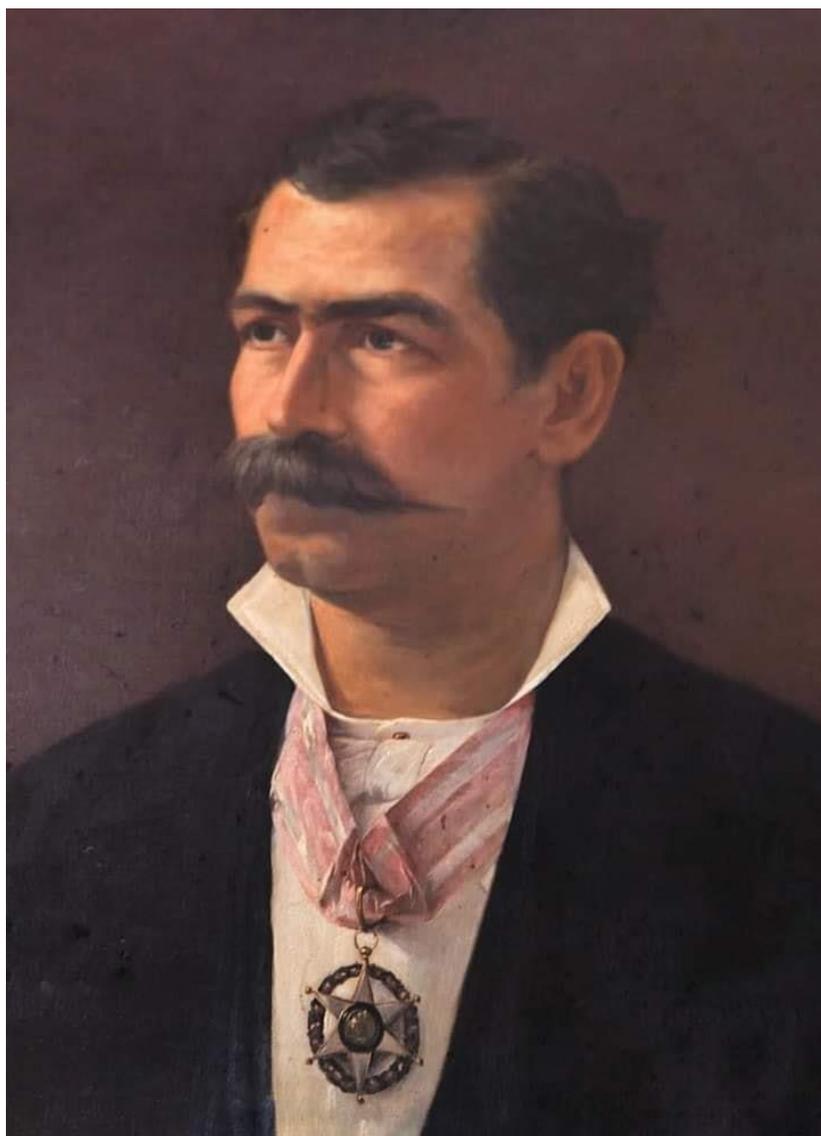
<sup>577</sup> Cf. PINHEIRO, 1884.

<sup>578</sup> Junto aos 271 dignitários, D. Pedro II também agraciou 8743 cavaleiros; 3697 oficiais; 1361 comendadores; 61 grandes-dignitários; 151 grã-cruzes. Vale destacar que estes são dados do período de 1837 até o ano de 1883.

<sup>579</sup> Cf. LIMA, 2020.

<sup>580</sup> LIMA, 2020, p. 11.

Figura 21 - Ladislau condecorado com a Ordem da Rosa



Fonte: Facebook. BRASIL IMPERIAL. 3 abr. 2021<sup>581</sup>.

Infelizmente, não conseguimos obter muitas informações a respeito desta imagem. Das poucas imagens que temos de Ladislau Netto, a única que o traz com qualquer honraria. Provavelmente feita em meados da década de 1880. Com uma expressão madura e serena, o diretor do Museu Nacional esbanjava a insígnia da Ordem militar e civil. O alagoano foi agraciado e reconhecido por ser um homem da ciência e digno contribuinte do

---

<sup>581</sup> Vale notar que a autora procurou o logradouro original da imagem. Contudo, devido ao fechamento dos arquivos durante a pandemia, não foi possível encontrá-lo. Sendo assim, foi utilizada a imagem retirada da Rede Social Facebook.

desenvolvimento científico no Brasil. Mas esta não foi a única honraria que o alagoano recebeu.

Tabela 8 - Honrarias à Netto

<b>Condecorações</b>
Comendador da Ordem Portuguesa da Conceição de Villa Viçosa
Dignitário da Imperial Ordem da Rosa
Medalha Honorífica do Imperador da Alemanha
Oficial da Instrução Pública da Academia da França
Oficial da Ordem Francesa da Legião de Honra
Patrono da Academia Alagoana de Letras

Fonte: A autora, 2021.

Apesar de não obtermos registro algum sobre as atividades militares de Ladislau Netto, documentos que abordam parte de sua biografia<sup>582</sup>, expõe condecorações de cunho militar que registram o alagoano como um oficial. As honrarias francesas são um exemplo disso. Independente disso, ser um civil dedicado à Ciência não restringiu as homenagens à Netto, pelo contrário, permitiu que seu legado fosse reconhecido nos mais distintos espaços.

A exemplo disso, vemos Ladislau como comendador da Ordem Portuguesa da Conceição de Villa Viçosa. Criada para ser um instrumento do poder real português, foi fundada em seis de fevereiro de 1818 por D. João VI, consagrada em comemoração da

---

<sup>582</sup> BLAKE, 1883; COSTA, 1941; DUARTE, 1950.

aclamação do monarca e como “preito solene de gratidão pela libertação do Reino das invasões francesas”<sup>583</sup>. Seu nome era uma homenagem à Imaculada Conceição da Virgem, padroeira do Reino. Tratava-se de uma ordem honorífica dinástica portuguesa que tinha como Grão-Mestre o Duque de Bragança, seu próprio criador.

A priori, a honraria da ordem foi restrita aos membros da família real, da nobreza e à empregados que fizessem serviços ou merecessem a real contemplação do monarca. A condecoração de Ladislau Netto foi anunciada em uma sessão da Sociedade de Geografia de Lisboa. Em ofício da direção da SGL, havia a parabenização ao botânico pela nova honraria. Junto ao documento, estava o diploma de Comendador conferido à Netto, “por sua Majestade Fidelíssima<sup>584</sup>, protetor da Sociedade de Geografia de Lisboa, como pública e solene demonstração do muito que aprecia e considera os seus relevantes serviços à Sociedade e às ciências”<sup>585</sup>. Era a primeira menção de Netto ao receber uma honraria do outro lado do Atlântico.

A medalha destacada na tabela 8: *Honrarias à Netto* foi um objeto do qual Ladislau não guardou consigo. Mencionada em capítulos anteriores, a peça precisou ser recusada pelo seu homenageado. E de medalha honorífica, o presente passou a ser um retrato em tamanho natural do monarca alemão. No dia 21 de janeiro de 1892, o ministro alemão Conde Donboff, entregou o presente à Ladislau. O retrato “de grandeza natural, de notável semelhança e de grande valor artístico”<sup>586</sup> representava o soberano em costume militar, envolvido num manto de viagem. A imagem era autografada pelo próprio imperador Guilherme II. Após a recusa da medalha, não teve como Ladislau recusar novamente a homenagem.

Ladislau Netto é reconhecido como uma grande personalidade alagoana. E essa personalidade, como comentado anteriormente, foi também reconhecida para além do

---

<sup>583</sup> Pimentel, 1997, p. 480.

<sup>584</sup> Dom Luís I, filho de Maria II, neto de D. Pedro I e sobrinho de D. Pedro II.

<sup>585</sup> *Gazeta de Notícias*, 29 de julho de 1883.

<sup>586</sup> *Gazeta de Notícias*, 22 de janeiro de 1892, p. 2.

Atlântico. Na *Gazeta de Notícias*, no dia 31 de março de 1876, podemos encontrar a nota sobre uma honraria dedicada a Netto, diretamente da França. Tratava-se de sua titulação como oficial da Instrução Pública Francesa. No curto espaço reservado para a homenagem à Ladislau, o redator do jornal afirma que esta era uma “distinção sobremaneira honrosa e significativa”<sup>587</sup>. De certa forma, era o reconhecimento não só do homem alagoano, mas da Ciência brasileira fora do país.

Se do outro lado do Atlântico o sujeito era homenageado, foi também deste lado, em sua terra natal. Assim como a Academia Brasileira de Letras, a Academia Alagoana de Letras - AAL homenageia pessoas ilustres, vivas ou falecidas como patronos. Deste modo, são escolhidas personalidades que marcaram as letras, a cultura alagoana. Com a finalidade de incentivar o “cultivo das letras, estimulando os escritores e desenvolvendo a cultura literária em Alagoas”<sup>588</sup>, foi fundada em Maceió no dia primeiro de novembro de 1919, a AAL conta hoje com quarenta cadeiras de patronos. E ocupando a 31<sup>a</sup> está Ladislau Netto<sup>589</sup>. Consideramos aqui sua posição de patrono da AAL como uma honraria, mesmo sendo uma homenagem póstuma à Ladislau Netto.

Sobre a honraria da Ordem Francesa da Legião de Honra, nada foi encontrado além da repetição das mesmas nas obras em que Ladislau Netto é citado. Em listagens dos oficiais consagrados das duas instituições, não encontramos o nome do diretor do MN. Não obstante, achamos importante listar, ressaltar e respeitar os títulos que a literatura demonstra serem referentes ao botânico.

Estando lá ou não, diante da trajetória aqui contada, iremos sugerir que devido sua relação com a Ciência, Ladislau era um sujeito digno de honras. Sua dedicação e seu papel na sociedade civil e científica são notórios. Seria correto afirmar que não só o Museu Nacional

---

<sup>587</sup> *Gazeta de Notícias*, 31 de março de 1876, p. 2.

<sup>588</sup> BARROS, 2005a, p. 1.

<sup>589</sup> BARROS, 2005a, p. 1.

era Ladislau Netto. Um pedaço do diretor também estava presente, compondo a história das diversas instituições e sociedades citadas ao longo deste capítulo. Assim como cada uma delas se tornou parte da vida e história do intelectual. Seja como sócio, presidente, secretário, redator, Netto foi uma das figuras pensantes que estabeleceu os mais distintos debates dentro da Corte brasileira.

Circular em tantos lugares, certamente, foi uma tática adquirida por Netto para conquistar notoriedade dentro da sociedade e do mundo científico. Ocupar um lugar nos debates sociais, políticos e científicos era uma maneira de aprender, crescer e propagar todo o conhecimento que guardava em sua intelectualidade. Além de promover sua imagem enquanto cientista, Ladislau aproveitava para mostrar para o Brasil e para o mundo os estudos realizados por ele e pelos colegas acadêmicos na principal instituição de sua vida. Se era a mais importante, não sabemos, afinal a família estava na concorrência, mas era o Museu Nacional sua maior paixão e referência.

Por meio dessa paixão, nos foi apresentada também uma outra versão do alagoano. Talvez essa seja a versão que mais nos despertou curiosidade durante a construção desta tese. Ao longo de sua atuação como administrador de uma instituição que zelava pela ciência, pela história e memória nacional, Netto se mostrou abolicionista, e sobre essa versão que nos debruçaremos no próximo capítulo.

#### 4 ASSUMINDO UMA NOVA VERSÃO: A DE INIMIGO DA ESCRAVIDÃO

Como visto em capítulos anteriores, Ladislau de Souza Mello Netto, como um homem de muitas facetas, assumiu muitos papéis ao longo da sua trajetória. Nesta nossa versão da história de sua vida, reservamos este espaço para tratarmos um lado do alagoano pouco explorado na historiografia e literatura que falam a seu respeito. No início da década de 1880, o então diretor do Museu Nacional assume publicamente sua opinião sobre o fim da escravização de negros no país. Tal posicionamento veio atrelado a outras ações de Netto, assim como aos debates sociais e políticos que aconteciam no Brasil e principalmente no Rio de Janeiro em fins do século XIX. E para a melhor compreensão dessa versão “ladislaudiana” abolicionista, iremos realizar um breve panorama da história das últimas décadas da escravidão de africanos e seus descendentes em terras brasileiras.

Da primeira metade do século XVI aos anos finais do século XIX, africanos foram escravizados no Brasil. Sequestrados e trazidos de diversas partes da África, eram obrigados a prestar mão de obra na colônia. O tráfico de escravizados perdurou após a Independência do país e mesmo diante de muita luta e resistência da população negra, o sistema escravista permaneceu legal em solo brasileiro até treze de maio de 1888. Durante todo esse período de escravização da população negra no Brasil, podemos salientar que a opinião a respeito deste sistema de mão de obra foi muitas vezes ressignificada.

A priori, um dos argumentos que legitimava a escravização de pessoas negras no Brasil era amparado pelo pensamento cristão. De acordo com Emília Viotti da Costa, havia ainda quem achasse que graças à escravização os negros “eram retirados da ignoência em que viviam e convertidos ao cristianismo”<sup>590</sup>. Deste modo, a conversão à religião oficial da

---

<sup>590</sup> COSTA, 2008, p. 13.

colônia conseguia libertá-los do pecado e encaminhá-los para a salvação eterna. Com o aval da igreja, o sistema de servidão imposto aos africanos no Brasil, não deveria ser questionado.

Já no século XIX, conseguimos observar uma mudança no julgamento desta escravização pela sociedade da Corte. Tal mudança foi influenciada pelo cenário mundial. No final do século XVIII, o Haiti viria a se tornar um exemplo da luta e da resistência negra ao cruel sistema da escravidão. Em 1791, foi iniciada uma grande rebelião de escravizados e negros libertos sob o comando de Toussaint-Louverture, que aniquilou o exército imperial francês e conquistou a liberdade à população negra.

Nos primeiros anos do XIX, o Império Britânico, assim como os Estados Unidos, aboliu a escravidão em seus domínios<sup>591</sup>. De acordo com Angela Alonso, durante este século inúmeros países iniciaram uma movimentação em torno do fim da escravatura. A maior parte das colônias americanas a partir de 1820 combinou independência e abolição na mesma luta. Alonso ainda destacou que a razão de toda essa movimentação era controversa. Poderia ter sido econômica, devido ao desenvolvimento do capitalismo e o incentivo ao trabalho livre ao consumo, ou se teve a ver com uma nova moralidade humanista, que envolvia a ideia de cidadania. Por fim, a historiadora menciona que “a sequência de abolições criou um novo ambiente político internacional, no qual a escravidão quadrava mal”<sup>592</sup>.

Diante desse novo cenário mundial, no Brasil, era possível identificar mudanças na postura e na política da sociedade. Consoante ao Manifesto da Sociedade Brasileira Contra a Escravidão, devemos salientar que apesar da “resistência geral oposta ao desenvolvimento da ideia emancipadora, ela nunca deixou de existir no país, e de mostrar-se, como um desses clarões que alumiam o horizonte todo, desde a primeira aparição da Independência”<sup>593</sup>. Nessa

---

<sup>591</sup> ALONSO, 2015, p. 27.

<sup>592</sup> ALONSO, 2015, p. 27.

<sup>593</sup> SOCIEDADE BRASILEIRA CONTRA A ESCRAVIDÃO, 1880, p. 4.

aluminação se encontrava o patriarca da Independência, José Bonifácio<sup>594</sup>, que junto a um grupo de apoiadores indicavam que “a escravidão punha em risco a segurança nacional, dividia a sociedade em grupos antagônicos, gerava o regime da violência, degradava os costumes, corrompia a sociedade; era, enfim, responsável pela instabilidade das fortunas e abastardamento da raça portuguesa”<sup>595</sup>.

Ainda sobre a publicação abolicionista de 1880, destacamos que, de acordo com a SBCE,

durante toda a nossa vida Constitucional a tradição Abolicionista perpetuou-se no Parlamento, e nos nossos Annaes pôde-se acompanhar o vestígio da revolta constante da parte mais nobre e elevada da consciência Brasileira contra a ignomínia de uma instituição<sup>596</sup> (...).

A vida constitucional brasileira teve seu início dois anos após a Proclamação da Independência. Em 25 de março de 1824 foi outorgada por Dom Pedro I, a primeira Constituição Brasileira. Nela havia um parágrafo onde eram abolidos “os açoites, a tortura, a marca de ferro quente, e todas as mais penas cruéis”<sup>597</sup> para os cidadãos brasileiros. Entretanto, devemos sublinhar que os escravizados não eram compreendidos como cidadãos. A Constituição tampouco acenava para o fim da escravidão.

Conforme sublinhou Costa, nos anos que se aproximaram da Independência do Brasil, a população brasileira contava com aproximadamente 3,5 milhões de habitantes, sendo 1,5 milhões de escravizados<sup>598</sup>. A capital da Corte, situada no Rio de Janeiro havia uma grande concentração de cativos que tendia a aumentar uma vez que nos arredores da cidade, estava sendo estimulado o cultivo do café, uma das maiores produções do país.

---

<sup>594</sup> José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838) foi naturalista, estadista e poeta brasileiro.

<sup>595</sup> COSTA, 2010, p. 278.

<sup>596</sup> SOCIEDADE BRASILEIRA CONTRA A ESCRAVIDÃO, 1880, p. 4.

<sup>597</sup> BRASIL, 1824.

<sup>598</sup> COSTA, 2008, p. 23.

Desde então, essa insatisfação mencionada pela SBCE, ficou restrita à algumas discussões e aos planos das ideias. Na legislação brasileira, a primeira lei que tentou coibir o sistema de mão de obra que sustentava o território brasileiro só foi promulgada em 07 de novembro de 1831. A Lei Feijó visava proibir o tráfico e determinava que todos os escravizados que entrassem no país estariam livres e os contrabandistas seriam punidos severamente. O governo brasileiro deveria também tornar livre todos os africanos que fossem introduzidos no país ilegalmente, a partir daquela data. Embora ocorressem apreensões de africanos e emancipações com base na legislação de 1831<sup>599</sup>, esta lei não obteve grande êxito, pela dificuldade em cumprir sua fiscalização. Com o fracasso da lei de 1831, em 1850 foi elaborada a Lei Eusébio de Queirós, que previa definitivamente o tráfico atlântico de escravizados.

Assim como a lei promulgada na década de 30, a importação de escravizados deveria ser punida. Assim como destacou Costa, as embarcações envolvidas na compra seriam vendidas, assim como toda sua carga. Os produtos seriam devolvidos aos apresadores e sendo deduzido um quarto para o denunciante. E ainda que os escravizados seriam reexportados para os portos de origem às custas do governo. Contudo, enquanto não acontecia, estes “deveriam ser empregados em trabalhos públicos, ficando sob a tutela do governo”<sup>600</sup>.

Até então, um enorme contingente de africanos foi trazido ao país. Conforme demarcou Ynaê Lopes dos Santos, entre 1831 e 1850 cerca de 785 mil africanos foram introduzidos de forma ilícita em território nacional<sup>601</sup>. Seus destinos eram principalmente o Rio de Janeiro, Minas e São Paulo<sup>602</sup>. Aparentemente as leis antiescravistas estavam sendo elaboradas em prol da liberdade dos escravizados. Contudo, a partir da nova proibição, a

---

<sup>599</sup> Cf. MAMIGONIAN, 2017.

<sup>600</sup> COSTA, 2008, p. 29.

<sup>601</sup> SANTOS, 2022, p. 136.

<sup>602</sup> SLENES, 1991-1992, p. 55.

prática do tráfico interno foi intensificada e utilizada como alternativa à reposição da mão de obra cativa. Devemos concordar Ilmar Rohloff de Mattos quando o historiador afirma que,

o Estado imperial não foi um agente antiescravista. Pelo contrário, ele foi o agente privilegiado na procura da preservação do monopólio da mão de obra, ao lado de outros monopólios, por uma classe que ele é obrigado a forjar para tanto, no momento de restauração de um nexos que era não só a razão de sua existência como a da própria classe. Forçando uma defensiva, ele procura eliminar ou restringir as razões de sua vulnerabilidade, ao começar pela extraterritorialidade do mercado de trabalho. Por isso mesmo, a extinção do tráfico intercontinental era a maneira de preservar a escravidão ou o monopólio da mão de obra<sup>603</sup>.

Conforme apontou Ilmar, a intensificação do tráfico interno era de total interesse da boa sociedade brasileira. Manter o monopólio entre eles era uma forma segura de enriquecimento. Deste modo os primeiros passos de um “abolicionismo” da elite foram totalmente pensados e apropriados em seu benefício dentro de uma lógica do enriquecimento capitalista.

Entretanto, o sistema escravista, com o passar dos anos se tornou um empecilho para o desenvolvimento do capitalismo no país. Concomitante a esta situação, no decorrer do Brasil oitocentista, foram realizadas diversas rebeliões e revoltas da população negra reivindicando sua liberdade. Em meados do século XIX, o Brasil passava por um período de crise, intensas discussões e debates. A conservação do sistema escravista no país vinha se tornando um problema, e com ele também surgia uma crise na política da monarquia constitucional brasileira.

Ainda no início da década de 60, a escravidão passou a ser fonte de permanente mal-estar na sociedade imperial. O historiador Ricardo Salles alega que atos de resistência, rebeldia aberta dos próprios escravizados, opinião de estrangeiros e brasileiros a partir de

---

<sup>603</sup> MATTOS, 2004, p. 240.

lutas por direitos políticos e sociais, e suas próprias crenças políticas, filosóficas e religiosas<sup>604</sup> eram alguns dos fatores que condenavam moralmente a escravidão.

A condenação desse cruel sistema de trabalho crescia junto ao desenvolvimento de abolicionismos<sup>605</sup> no país. Conforme ressaltou Angela Alonso, o movimento abolicionista demorou a se configurar no Brasil<sup>606</sup>. Sua força foi consolidada a partir da década de 1860, com o advento de algumas mudanças no cenário nacional e internacional. Sobre isso, Alonso sugere que um dos motivos que incentivaram essa consolidação foi um ciclo de lutas abolicionistas que nos anos 60 atingiu alguns países, como por exemplo, os Estados Unidos. A emancipação de escravizados no mesmo âmbito continental refletiu no país da América do Sul. A historiadora aponta que “os brasileiros se viram prestes a restar como último escravismo do Ocidente. A experiência estrangeira funcionou como um repertório político que orientou ações acerca da escravidão no Brasil, com modelos a seguir e exemplos a evitar”<sup>607</sup>.

Além disso, a modernização do país, assim como a conjuntura política ressignificavam a naturalização da escravidão para algo abominável<sup>608</sup>. A partir dos anos 1860, as ações de liberdade eram uma crescente no país. Tais ações permitiam aos escravizados comprar sua liberdade por via judicial. A Lei do Ventre Livre, de 28 de setembro de 1871, além de tornar essa prática um direito, dava fim a um lado lucrativo do sistema escravista aos olhos dos senhores, o ventre gerador.

Conforme assinalou Ilmar, tal lei mostrava um esforço político para que não prosperasse a indústria de reprodução de escravizados<sup>609</sup>. Enquanto o historiador demonstra que não devemos ver esta promulgação como uma postura antiescravista, de acordo com

---

<sup>604</sup> SALLES, In: GRINBERG; SALLES, 2014, p. 61.

<sup>605</sup> Leia-se abolicionismos no plural pelas muitas facetas do movimento no país.

<sup>606</sup> ALONSO, 2015, p. 9.

<sup>607</sup> ALONSO, 2015, p. 9.

<sup>608</sup> Cf. ALONSO, 2015.

<sup>609</sup> MATTOS, 2004, p. 250.

Schwarcz, tal lei, apesar de seu caráter moderado, anunciou a derrocada da escravidão, a essa altura condenada pelas demais nações<sup>610</sup>.

Uma vez encerrada a “indústria da reprodução”, mais fácil seria para a boa sociedade implantar seus planos políticos. A essa altura já se falava em imigração asiática e europeia, e as teorias raciais, assim como a ideia do branqueamento, já começavam a fazer parte das políticas sociais brasileiras. O racismo ia ganhando força na política brasileira.

Deste modo, junto à idealização dessa “nova classe social”<sup>611</sup>, estava a discussão abolicionista como uma realidade crescente no Brasil. Segundo Costa, ainda na década de 1860, o número das associações abolicionistas crescia nos núcleos urbanos brasileiros<sup>612</sup>. As ideias emancipacionistas conquistaram não só os jornais como também advogados, médicos, engenheiros, homens e mulheres e se fortaleceu na política e na opinião pública<sup>613</sup>. Se tratava de uma movimentação liderada pela boa sociedade.

Sob tal liderança, assim como salientou Celia Azevedo, em meados da década de 1870 emergiram projetos abolicionistas e emancipadores em terras brasileiras. A historiadora afirma que a principal distinção entre eles se estabelecia pois “enquanto para estes bastava a lenta extinção do cativo, mediante a libertação do ventre escravo, aqueles pretendiam ainda um prazo fatal para este término”<sup>614</sup>. Na década de 80, tal ambiguidade persiste no imaginário da sociedade brasileira, entretanto, neste mesmo período, houve a adesão do apelo popular.

Namorando o declínio deste sistema de servidão, estava o sujeito desta tese. Nos capítulos anteriores, pudemos observar alguns episódios em que Ladislau Netto mostrou simpatia ao abolicionismo. Contudo, a trajetória de Netto como abolicionista merece um capítulo à parte. Assumir esse caráter não foi algo que Ladislau decidiu de um dia para o outro. Tornar essa decisão pública poderia afetar diretamente as relações sociais dele. E, no

---

<sup>610</sup> Cf. SCHWARZ, 1993.

<sup>611</sup> Resultante do branqueamento nacional.

<sup>612</sup> COSTA, 2008, p 43.

<sup>613</sup> Cf. COSTA, 2008.

<sup>614</sup> AZEVEDO, 1987, pp. 36-37.

entanto, ele sentiu a necessidade de se posicionar. Tivemos a chance de notar, anteriormente, a participação de Ladislau em inúmeros debates que surgiram na Corte e na Ciência na segunda metade do século XIX. Ativo na vida pública, Ladislau sabia em quais lutas podia e queria entrar. E o abolicionismo foi uma delas.

Nos dias de hoje, quando pensamos na figura de um abolicionista, não devemos assumir uma pessoa que não compactua com o racismo. Se conseguimos notar que é possível ser antirracista e racista concomitantemente, temos que levar essa ideia também à analogia do passado. Se hodiernamente para alguns pode ser difícil tal compreensão, no século XIX, os assuntos igualmente não eram tão bem resolvidos assim. Ainda mais quando levamos em consideração a complexidade do ser humano. Havia sim, abolicionistas racistas e Ladislau Netto era um deles. Para um cientista como ele, que adotou em seus trabalhos as visões racistas debatidas em fins do século XIX, o abolicionismo pôde ser defendido, simultaneamente, como uma posição política. Dito isto, podemos notar na figura de Netto um exemplo deste racismo estrutural que conhecemos hoje.

Enquanto os ideais abolicionistas cresciam na Corte brasileira, havia também outra movimentação que crescia e ganhava notoriedade, não só no Brasil, mas no mundo inteiro. Enquanto os escravizados gritavam para serem vistos como seres humanos, cientistas de todo o mundo se esmeraram em reduzi-los à uma “raça” inferior. Nos meados do século XIX, o mesmo país que mantinha a escravização de pessoas, encontrava no racismo científico uma justificativa para dar continuidade à desumanização e subalternização da população negra.

#### 4.1 A crença de Ladislau na “Ciência”<sup>615</sup>

No final do século XVIII, a Revolução Francesa trouxe novos debates e reflexões, não só para a França, mas para diversos países no mundo. Os conceitos-chaves da revolução, *liberté, égalité, fraternité*, possibilitaram uma certa universalização da igualdade, que naturalizava a equidade humana, onde os homens nasciam iguais. Ainda no século XVIII, contradizendo os preceitos da revolução, surgiram novas teorias<sup>616</sup> que combateram essa visão humanista, defendendo que havia diferenças básicas entre os homens existentes.

Só então no século XIX, foram estabelecidas relações mais específicas associadas à humanidade, nas quais foram exploradas aptidões intelectuais, inclinações morais e patrimônio genético. Nesse contexto, o termo “raça” foi inserido em estudos especializados. O conceito foi utilizado por Georges Cuvier<sup>617</sup>, indicava a existência de diferenças físicas permanentes entre vários grupos humanos<sup>618</sup>.

O oitocentos foi marcado pela divisão da humanidade em “raças”. Que foram cientificamente hierarquizadas e entendidas como inferiores e superiores. A igualdade pregada pela Revolução Francesa já não cabia mais no mundo científico. E com isso, na segunda metade do século XIX, as teorias raciais ligadas ao positivismo, o evolucionismo e o darwinismo ganharam espaço no Brasil.

Conforme notou Ivana Stolze Lima, as teorias raciais formuladas pela sociedade ocidental do XIX podem ser vistas como um fenômeno cultural que tematizou sua identidade

---

<sup>615</sup> Utilizamos aspas neste conceito, pois aqui neste capítulo iremos compreender a Ciência enquanto *Racismo Científico*. Sobre este segundo conceito, utilizaremos da mesma interpretação de Ynaê Lopes dos Santos, quando a historiadora o assume como uma “pseudociência que acreditava em evidências empíricas que comprovariam a inferioridade ou a superioridade de determinados grupos humanos”. Cf. SANTOS, 2022.

<sup>616</sup> Sobre as novas teorias do século XVIII, destacam-se Buffon e De Pauw. Cf. SCHWARCZ, 1993.

<sup>617</sup> Georges Cuvier (1769-1832) foi um naturalista e zoologista francês. Nome importante da paleontologia e história natural. Foi também o responsável por dissecar e estudar o corpo de Sarah "Saartjie" Baartman, a Vênus de Hotentote.

<sup>618</sup> SCHWARCZ, 1993, p. 63.

como “a” identidade, sendo todas as demais culturas marcadas por uma espécie de ausência de ser. A historiadora ainda afirma que se tratava de “suplantar a herança liberal e iluminista que consolidava os princípios da igualdade natural, da unidade da alma humana e da equivalente possibilidade de todas as nações alcançarem a liberdade das luzes, instituindo em seu lugar novos critérios de diferenciação entre os povos”<sup>619</sup> e hierarquia.

Quando aborda a utilização do conceito de “raça” no século XIX, Ynaê Lopes dos Santos aponta que ele foi redesenhado para “servir como uma mola mestra da viabilidade de um mundo no qual liberdade, igualdade, razão e civilidade eram usufruídas por um grupo específico e previamente definido”<sup>620</sup>. Nesse contexto, a historiadora define que no Brasil, apesar da experiência colonial estruturada pela discriminação e estratificação social a partir de “critérios fenotípicos e de origem, o mundo da igualdade e liberdade só foi possível com a classificação e hierarquização da humanidade”<sup>621</sup>.

De acordo com Stolze e Santos, devemos sugerir que os novos critérios de classificação da humanidade consideravam também o conceito de civilização como privilégio de algumas “raças”. No topo desse privilégio e detendo toda a superioridade, estava a “raça” ariana. Numa visão colonialista e eurocentrada os cientistas e intelectuais da época julgavam a si mesmos como o centro de tudo, e tinham a ciência como aliada.

Neste debate teórico se destacavam duas vertentes: a do monogenismo e o poligenismo. A primeira, que reverberou na primeira metade do XIX, conquistou inúmeros intelectuais. A teoria monogenista se aproximava da igreja católica e acreditava que a humanidade era *una*, assim como tinha sido com Adão e Eva. Com isso, era defendida a ideia de que todos tinham uma origem comum. E que poderia ser a humanidade dividida entre

---

<sup>619</sup> LIMA, 1994, p. 34.

<sup>620</sup> SANTOS, 2022, p. 93.

<sup>621</sup> SANTOS, 2022, p. 93.

aqueles que tinham o desenvolvimento mais perfeito ou mais retardado. A segunda vertente, diferente da primeira, se afastava da perspectiva religiosa e dava proximidade aos avanços e à sofisticação das ciências biológicas. Para os poligenistas, a existência humana teria origem em vários centros de criação, esses vários centros deveriam explicar as diferenças raciais encontradas na humanidade.

A respeito de ambas as vertentes e do desenvolvimento da Antropologia, é possível afirmar que os estudos antropológicos, vinculados à craniologia e às ciências físicas e biológicas, desembocavam numa posição poligenista sobre a origem da humanidade e suas “raças”. Enquanto isso, as análises etnográficas tentavam manter uma visão mais humanista e monogenista dentro do debate.

A partir da década de 50 as pesquisas e teorias a respeito da origem da humanidade vão tomando novo rumo. Em 1859, Charles Darwin publicou a obra *A Origem das Espécies*. Neste trabalho Darwin defendeu a evolução de organismos vivos por meio da seleção natural. Conforme apontou a historiadora Adriana Keuller, o naturalista obteve sucesso pela didática em sua escrita e deste modo, “rapidamente suas ideias alcançaram um público bem amplo e seu impacto foi sentido tanto no mundo científico como em toda sociedade ocidental”<sup>622</sup>.

De acordo com Darwin, alguns seres tinham propriedades que os tornavam mais aptos para a sobrevivência, evoluindo e transmitindo as características aos seus descendentes. Deste modo, o naturalista concluiu que as criaturas da fauna e da flora que não se adaptavam ao meio em que viviam estariam fadadas ao desaparecimento<sup>623</sup>. Apesar de não fazer menções a

---

<sup>622</sup> KEULLER, 2012, p. 42.

<sup>623</sup> Cf. DARWIN, (1859), 2014.

evolução humana nesta obra<sup>624</sup>, sua teoria de evolução das espécies foi inserida em outros campos de pesquisa.

Já na década de 70, o britânico trouxe para o mundo novas concepções a respeito da evolução humana. Com a publicação d'*A Descendência do Homem e Seleção em Relação ao Sexo* Darwin trazia ao mundo científico discussões sobre os conceitos de: seleção sexual; seleção natural; atavismo e extinção. Os dois primeiros tentavam explicar a ideia de continuidade e descontinuidade da natureza. O atavismo buscava elucidar traços de regressão e falha no tempo linear; e a extinção representava um triunfo do tempo linear<sup>625</sup>.

Além de Darwin, outros estudiosos lançavam ao mundo suas teorias, um deles o já mencionado “venerado mestre”, a quem ele enviou sua “descoberta fenícia”, Joseph Ernest Renan. Em conformidade com Lilia Schwarcz, devemos destacar que Renan acreditava na existência de três grandes raças: branca, negra e amarela. Para ele, com exceção do branco, negros, amarelos e miscigenados, “seriam povos inferiores não por serem incivilizados, mas por serem incivilizáveis, não perfectíveis e não suscetíveis ao progresso”<sup>626</sup>. Sobre a teoria de Renan, Schwarcz afirma que tal concepção negava o darwinismo, uma vez que duvidava da origem comum da humanidade, assim como da possibilidade de “se prever um destino conciliável”<sup>627</sup>.

Vale mencionar que além das concepções eurocentristas que foram adotadas no Brasil e principalmente no Museu Nacional, havia também vozes dissonantes. Em 1885 o haitiano Anténor Firmin escreveu uma tese respondendo ao *Ensaio sobre a Desigualdade das Raças*

---

<sup>624</sup> Somente em 1871, Charles Darwin publicou uma obra sobre a origem humana. A obra intitula-se *A descendência do homem e a seleção em relação ao sexo*.

<sup>625</sup> Cf. NOVOA, 2019; MACHADO, 2020.

<sup>626</sup> RENAN, 1872 Apud SCHWARCZ, 1993, p. 63.

<sup>627</sup> SCHWARCZ, 1993, p. 63.

*Humanas*, a principal obra de Joseph Arthur Gobineau<sup>628</sup>, um dos grandes teóricos do racismo científico no século XIX. Enquanto Gobineau afirmava a superioridade da “raça” branca, na obra intitulada *A Igualdade das Raças Humanas*<sup>629</sup>, Firmin afirmava que todos os homens estavam dotados das mesmas qualidades e das mesmas falhas, sem distinção de cor ou forma anatômica<sup>630</sup>. Apesar da lucidez de Firmin frente a “pseudociência” que era propaganda na Europa, como cantou Caetano Veloso, “o Haiti não é aqui”<sup>631</sup>. Sendo assim, tal concepção do haitiano não conquistou os cientistas brasileiros.

Em meio às novas concepções eurocentradas, surgiram adaptações e oposições. A exemplo disso estavam a etnologia social e o darwinismo social, que era uma adaptação da teoria da evolução das espécies de Charles Darwin para o âmbito social. Desse modo, os etnólogos sociais, também chamados de evolucionistas sociais e os antropólogos culturais eram adeptos do monogenismo e da visão unitária da humanidade, e ainda acreditavam que a humanidade estava fadada à civilização. Enquanto os darwinistas sociais estavam atrelados à poligenia e a acreditar que os homens eram divididos em espécies diversas, onde a civilização seria restrição e privilégio das sociedades “puras”<sup>632</sup>, ou seja, aquela que tivesse a “raça” pura.

Tal “civilização” era almejada pela *boa sociedade* brasileira. O problema que afastava o Brasil de lograr essa distinção deveria ser identificado e solucionado. Deste modo, a partir de 1870, para alcançar este objetivo,

o país passava de objeto a sujeito das explicações, ao mesmo tempo que faziam das diferenças sociais variações raciais. Os mesmos modelos que explicavam o atraso

---

<sup>628</sup> Joseph Arthur Gobineau (1816-1882) foi diplomata, escritor e filósofo francês. Acreditava que a miscigenação era inevitável e levaria a raça humana a graus elevados de degenerescência física e intelectual.

<sup>629</sup> Originalmente, *De l'Égalité des Races Humaines*.

<sup>630</sup> Tradução livre. Cf. FIRMIN, 1885.

<sup>631</sup> “Haiti”, CD Tropicália 2, 1993 Música: Gilberto Gil, Letra: Caetano Veloso.

<sup>632</sup> SCHWARCZ, Op. Cit. p. 80.

brasileiro em relação ao mundo ocidental passavam a justificar novas formas de inferioridade. Negros, africanos, trabalhadores, escravos, e ex-escravos - ‘classes perigosas’ (...) Era a partir da ciência que se reconheciam diferenças e se determinavam inferioridades”<sup>633</sup>

Simultânea a diminuição do percentual de escravizados de 34% para 16% e do número de cativos na cidade carioca em quase 40.000<sup>634</sup>, estava a ciência de Ladislau Netto, preocupada com essas questões. Conforme destacou Santos, o alagoano foi um dos poucos cientistas brasileiros a descrever suas impressões sobre a população negra<sup>635</sup>. Segundo a historiadora, durante a vigência da escravatura, essa mesma população não despertou tanto interesse dos homens da ciência, era como se “o vínculo direto com a escravidão (mesmo entre a população livre ou liberta) fosse a comprovação da inferioridade de negros e negras”<sup>636</sup>. Era este mesmo vínculo que Ladislau tentava romper enquanto abolicionista e que demarcava enquanto cientista.

De acordo com a tese de Karoline Carula<sup>637</sup>, aqui no Brasil, o Museu Nacional era um espaço privilegiado para as discussões e ressignificações das teorias de Darwin. Os trabalhos realizados nas diversas seções do MN tinham como base as teorias evolucionistas. Sendo assim, a instituição obtinha um potencial colaborador para a comprovação destas teorias. Diante disso, a historiadora afirma que Ladislau Netto foi um dos pesquisadores que abraçou as ideias darwinistas e que em suas pesquisas sobre botânica o diretor do Museu dialogava com as tais.

Enquanto a Carula assume o posicionamento darwinista de Netto, Heloisa Maria Bertol Domingues e Magali Romero Sá, assumem que o botânico tinha como base de seus

---

<sup>633</sup> SCHWARCZ, 1993, p.28.

<sup>634</sup> ARAÚJO; FARIAS; GOMES; SOARES, 2006, p. 9.

<sup>635</sup> SANTOS, 2022, p. 159.

<sup>636</sup> Idem.

<sup>637</sup> Cf. CARULA, 2012, p. 99.

estudos o pensamento lamarckista. De acordo com Domingues e Sá, tal posição de Ladislau poderia ser compreendida por meio do *Resumo do Curso de Botânica do Museu Nacional*, escrito por Ladislau em 1878. Neste texto, nosso personagem demonstrou como algumas plantas que caracterizam determinadas estações, pela adaptação sofreram “transformações graduais até alcançarem ao tipo que lhes exigia o meio em que lhes era forçoso viver”<sup>638</sup>.

Jean Baptiste Antoine de Lamarck desenvolveu sua teoria transformista nos primeiros anos do século XIX. Segundo constatou Argus Almeida, a teoria de Lamarck é considerada como a primeira explicação sistemática da evolução dos seres vivos<sup>639</sup>. O francês se utilizava de duas suposições:

1. a lei do uso e desuso, sugerindo que, quanto mais uma parte ou órgão do corpo é usado mais se desenvolve, contrariamente, as partes não usadas enfraquecem, atrofiam, chegando a desaparecer;
2. a lei da herança dos caracteres adquiridos: segundo Lamarck, qualquer animal poderia transmitir aos seus descendentes atrofias físicas decorrentes do desuso ou hipertrofias decorrentes de uso; portanto, ele acreditaria, conforme apresentando em tais livros didáticos, que as novas espécies apareciam por evolução devido à perda ou aquisição de caracteres<sup>640</sup>.

Consoante a Adriana Keuller, iremos afirmar que Ladislau mostrava ambiguidade sobre a origem da humanidade. Concordamos com a historiadora quando ela aponta tal argumento em um dos artigos de Netto publicados na *Archivos do Museu Nacional*. Na edição de 1885, no texto intitulado *Investigações sobre a Archeologia Brasileira*, quando relata a respeito dos artefatos de argila e pedra do MN e da origem dos povos que os

---

<sup>638</sup> NETTO, 1878, p. 186.

<sup>639</sup> ALMEIDA, 2007, p. 27.

<sup>640</sup> ALMEIDA, 2007, p. 31.

fabricaram, o diretor do museu diz estar inclinado a crer no autoctonismo americano. Neste mesmo trabalho o botânico profere:

Lanço, porém, agora os olhos sobre a quota parte contributiva da minha tarefa no commum repositório em que assenta a etnologia do Novo Mundo e vejo que, mau grado meu, ou inesperadamente pelo menos, forneci talvez argumentos contrários à escola autóctone-poligenista americana a que eu quisera pertencer e a cuja frente vejo fulgir o vulto respeitável de Agassiz<sup>641</sup>. Não é raro, porém, observar-se que onde maior força parecem ter os argumentos em favor de uma determinada ideia, encontra a ideia contrária as suas melhores armas defensivas e até agressivas<sup>642</sup>.

Netto apontava suas opiniões, e passeava entre os argumentos evolucionistas. Para além de argumentos darwinistas e lamarckistas, Ladislau contava com outros estudos e pensamentos que eram projetados naquele período. No capítulo anterior, pudemos observar muitas das participações de Netto como integrante de institutos que faziam parte da construção e desenvolvimento científico no país e fora dele. Como membro, era provável que o alagoano compartilhasse e defendesse as principais ideias da instituição.

Ao projetar a nação brasileira, o IHGB definia quem deveria fazer parte da História e quem estaria fora dela. Conforme ressaltou Manoel Luís Salgado Guimarães, o instituto estabelecia que: ao definir a nação brasileira enquanto representante da ideia de civilização no Novo Mundo, esta mesma historiografia estará definindo aqueles que internamente ficarão excluídos deste projeto por não serem portadores da noção de civilização: índigenas e negros<sup>643</sup>.

---

<sup>641</sup> Jean Louis Rodolphe Agassiz (1807-1873), foi um zoólogo e geólogo suíço. Foi também um dos principais defensores do racismo científico e do criacionismo. Era adepto da poligenia.

<sup>642</sup> NETTO, 1885c, p. 259.

<sup>643</sup> GUIMARÃES, 1988, p. 7.

De acordo com Guimarães, a concepção histórica do IHGB, e iremos acrescentar aqui, a de Ladislau Netto, estava vincada por uma “profunda marca elitista”<sup>644</sup>. Era vista então como um processo linear e sobretudo marcado pela noção de progresso. Tal concepção foi legitimada após concurso que premiou o melhor projeto de *Como escrever a História do Brasil*. O naturalista alemão Karl Friedrich Philipp von Martius<sup>645</sup> foi o ganhador. Em sua tese considerava a composição do país por meio de três raças, que possuíam características demasiadamente distintas. Conforme ressaltou Schwarcz:

ao branco, cabia representar o papel de elemento civilizador. Ao índio, era necessário restituir sua dignidade original ajudando-o a galgar degraus da civilização. Ao negro, por fim, restava o espaço da detração, uma vez que era entendido como fator de impedimento ao progresso da nação<sup>646</sup>.

Como visto ao longo deste capítulo, a História que seria construída pela instituição da qual Ladislau Netto era membro, corroborava com as teorias evolutivas de que ao branco era reservada a civilização. Os indígenas poderiam ter salvação e com isso alcançar a civilização, contudo aos negros restava exclusivamente a barbárie.

Além da História, os demais conhecimentos, arqueológicos, etnográficos, linguísticos serviam como auxiliares no desvendar estas culturas bárbaras que estavam alheias e inferiores à civilização e à história nacional. Com a supressão de negros e indígenas dessa nova memória que estava sendo construída, afirmava-se mais uma vez a necessidade de brancos para ratificar a civilização no Império.

Para aqueles que estavam excluídos da História nacional, sobrava-lhes a Etnografia. Em sua dissertação, Michele Agostinho relata que “a prática etnográfica então serviria para

---

<sup>644</sup> GUIMARÃES, 1988, p. 5.

<sup>645</sup> Karl Friedrich Philipp von Martius (1794 - 1868), naturalista, médico, botânico e antropólogo. Veio ao Brasil junto à comitiva da, à época, arquiduquesa austríaca Leopoldina.

<sup>646</sup> SCHWARCZ, 1993, p. 147.

tornar inteligível a existência dos povos ‘sem história’<sup>647</sup>. Pela trajetória de Netto contada até aqui, podemos notar que tanto a Etnografia quanto a Antropologia ganharam espaços respeitáveis para ele e para o Museu Nacional em meados do século XIX. Diante disso, tornou-se também cada vez mais plausível as concepções científicas evolucionistas do botânico e antropólogo.

Desde a década de 1870 eram desenvolvidos estudos experimentais e evolucionistas sobre os primitivos habitantes do Brasil no Museu Nacional<sup>648</sup>. Tais estudos foram substanciais para projetos importantes institucionais, como por exemplo, a já citada *Exposição Antropológica de 1882*. Na mencionada *Revista da Exposição Antropológica de 1882* alguns artigos conseguem elucidar os estudos realizados pela instituição e por Netto.

Produto do “certame mais nacional que as ciências e as letras poderiam, congratuladas, imaginar e realizar”<sup>649</sup> era tal publicação. A revista que acompanhou a exposição de 1882, carrega em suas páginas alguns dos poucos escritos de Ladislau Netto a respeito da população negra no Brasil e na África. No que diz respeito ao demais autores<sup>650</sup>, e suas produções no exemplar, devemos notar que mais voltada para a temática indígena, poucos são os artigos da revista que mencionam povos de origem africana.

Dos muitos intelectuais que participaram da confecção do material escreveram sobre africanos apenas dois, Mello Moraes Filho e Ladislau Netto. Enquanto em um artigo<sup>651</sup> Mello Moraes Filho destacava a formação da família negra, Ladislau Netto exibia três textos onde os negros eram mencionados. Dos temas apresentados encontravam-se o “mau e estúpido”<sup>652</sup> costume africano de limar os dentes; a forma como cortavam a pele sob forma de tatuagem; e

---

<sup>647</sup> AGOSTINHO, 2014, p. 21.

<sup>648</sup> Cf. AGOSTINHO, 2014, pp. 21-22.

<sup>649</sup> *Gazeta de Notícias*, 30 de julho de 1882, p.2.

<sup>650</sup> Alguns deles foram destacados no capítulo 2 desta tese.

<sup>651</sup> O artigo intitula-se *A Família II*, localizado na página 97 da *Revista da Exposição Antropológica de 1882*.

<sup>652</sup> NETTO, In: *REVISTA DA EXPOSIÇÃO ANTROPOLÓGICA DE 1882*, 1882 pp. 46-47.

as heranças da mestiçagem entre as “raças”. Tais artigos foram intitulados: *Do Corte Artificial dos Dentes*<sup>653</sup>; *Da Tatuagem*<sup>654</sup>; *Do Atavismo*<sup>655</sup>.

Sob autoria de Ladislau, na revista, temos um total de quatorze artigos, onde destaco dois deles: “*Do Atavismo*” e “*Observações Relativas à Theoria da Evolução*”<sup>656</sup>. Deles destacaremos algumas das concepções do alagoano a respeito de “raça”, teorias raciais, evolucionistas e darwinismo. Ladislau era direto nos títulos de seus artigos, basta lê-los para entender do que se tratavam as linhas escritas pelo seu autor.

No primeiro artigo, Ladislau analisa o atavismo<sup>657</sup>, e disserta sobre o aparecimento das “manifestações atávicas anatômico-fisiológicas”, “no vasto crisol da humanidade”. No entendimento do botânico, na América, as tais se davam com a fusão do sangue heterogêneo de quase todas as “raças” humanas ou pelo menos de duas dessas “raças”. Podendo ser a branca e a preta, ou a branca e a vermelha, ou a vermelha e a preta, ou ainda, e geralmente, das três simultaneamente.

Neste texto, além de analisar a miscigenação entre as “raças”, Netto expõe casos de atavismo entre elas, observando quando e quais características herdadas são desenvolvidas. O diretor do Museu Nacional ainda alega que suas observações poderão possibilitar um considerável desenvolvimento no trabalho de antropólogos que quisessem estudar o cruzamento das “raças”, os mestiços. Para Ladislau essa seria mais uma de suas contribuições para o avanço da “Ciência”.

---

<sup>653</sup> REVISTA DA EXPOSIÇÃO ANTROPOLÓGICA DE 1882, 1882, pp. 46- 47.

<sup>654</sup> REVISTA DA EXPOSIÇÃO ANTROPOLÓGICA DE 1882, 1882, p. 14.

<sup>655</sup> REVISTA DA EXPOSIÇÃO ANTROPOLÓGICA DE 1882, 1882, pp. 4-5.

<sup>656</sup> Os artigos se encontram nas páginas 4-5 e 113-114 da Revista da Exposição Antropológica de 1882, respectivamente.

<sup>657</sup> Significado segundo dicionário Aurélio: Reaparecimento, num descendente, de um caráter presente só em seus ascendentes remotos; semelhança com os antepassados.

No primeiro caso retratado no artigo, o autor aponta ser na puberdade a manifestação mais notável dos sintomas atávicos nas pessoas mestiças, “muitas vezes já de cor perfeitamente branca, e tendo o sangue africano em adiantadíssima diminuição nas veias”<sup>658</sup>. De acordo com Ladislau, durante esse período, entre as modificações encontradas no indivíduo destacam-se: o desenvolvimento “dos lábios e das narinas, junto ao retraimento do mento”<sup>659</sup>, o aparecimento do cheiro acre e nauseabundo da transpiração axilar, denominado *catinga*<sup>660</sup>, o encrespamento do cabelo, o colorido mais vigoroso da pele e diminuição do ângulo facial. Além dessas características, o botânico acresce outras modificações de heranças atávicas:

(...) pronunciada indolência, apatia excessiva e profunda abstração, ou antes uma inação intelectual que lembra muito particularmente a estúpida inaptidão do negro. A esse abatimento, entretanto, antepõe-se um quer que seja de lúbrico, e um como desabrochar pujante de bruta sensualidade, a que só podem contrapor eficiente dique(sic) os liames da mais vigorosa educação moral<sup>661</sup>.

Após duras palavras sobre a população negra e suas heranças genéticas, Netto afirmou ter esse “estado mórbido”, efêmera duração. Conforme escreveu o botânico, as modificações ocorridas no indivíduo iam diminuindo, desapareciam totalmente ou deixavam apenas vislumbre de sua passagem no organismo. Segundo o alagoano, pessoas em que os indícios do atavismo apareceram entre os quatorze e dezesseis anos, tiveram os mesmos desaparecidos depois de vinte anos, “inclusive o próprio encrespamento e aspereza do cabelo, na maior parte dos casos tão tenaz e tão rebelde característico da origem africana”<sup>662</sup>.

---

<sup>658</sup> NETTO, In: REVISTA DA EXPOSIÇÃO ANTROPOLÓGICA DE 1882, 1882, pp.4-5.

<sup>659</sup> Mento é a parte inferior e média da face, abaixo do lábio inferior, que dá forma ao queixo.

<sup>660</sup> NETTO, In: REVISTA DA EXPOSIÇÃO ANTROPOLÓGICA DE 1882, 1882, p.4.

<sup>661</sup> Idem.

<sup>662</sup> Idem.

Em contraponto, o autor tenta expor que o atavismo nas pessoas de origem indígena tinha um caráter muito mais fixo e não sofria fortes influências na puberdade. As características nesse caso, eram denunciadas “desde o berço”<sup>663</sup>. Distantes à fera animalidade, nestes casos apresentavam-se:

(...) perfectibilidade de caráter moral e um desenvolvimento intelectual, que vem garantindo desde a mais tenra infância do jovem indivíduo o homem laborioso e honesto, que há de daí sair para arrimo da família, para benefício da pátria e para o bem geral da humanidade<sup>664</sup>.

Deste modo, Ladislau hierarquizava as populações indígenas e negras. Enquanto o descendente africano tinha péssimas qualificações, aqueles que descendiam dos nativos da América possuíam em si características que serviam de benefício da pátria e para o bem da humanidade. Quando se trata de um caráter moral, podemos notar que o exemplo atávico de origem indígena, para o cientista, era benquisto. Entretanto, depois de evidenciados os exemplos, é dada a observação de que,

em relação aos mestiços oriundos da raça branca com a preta, mostram-se eles ordinariamente mais inteligentes que os mestiços resultantes da junção do sangue branco ao sangue americano, ainda que menos refletidos, menos metódicos, no que produzem, e se me é permitido dizê-lo, menos equânimes<sup>665</sup>.

Apesar de toda a moral e os benefícios para a humanidade que continham as heranças atávicas de origem indígena, Ladislau surgiu com essa afirmação. Completando seu argumento sobre a inteligência dos atávicos africanos nestes casos, o autor revela que nas famílias mestiças, quando a manifestação em um certo indivíduo é maior que nos demais, este se torna o mais inteligente representante da família. Partindo desse pressuposto, o tal

---

<sup>663</sup> Idem, p. 5.

<sup>664</sup> Ibidem.

<sup>665</sup> Ibidem.

sujeito obteria aptidão artística, imaginação ardente e pronta percepção. Exemplos de atavismos expostos, observamos a perspectiva do cientista de que a miscigenação da população brasileira tinha como mira a eliminação dos traços africanos.

Outra consideração feita sobre este artigo é que aos olhos de Ladislau, a superioridade da miscigenação entre brancos e negros se dava pela análise de que as manifestações atávicas oriundas da “raça” negra nestes indivíduos, após a puberdade sumiriam. Deste modo, ficariam expostas somente as manifestações herdadas dos brancos. Nada obstante, essa superioridade no mestiço negro não o faz superior à “raça” branca. Nessa lógica, podemos sugerir uma espécie de salvação dos negros e indígenas pela população branca.

Ainda neste artigo, Netto se questiona sobre o número de suspeitas de infidelidade conjugal, e de quantas “desgraças” não poderiam ser evitadas pela ciência se a população brasileira tivesse conhecimento sobre o assunto retratado ao longo do artigo. O cientista atribuía a traição aos negros. A partir de tal especulação podemos sugerir mais essa proeza do sujeito, Laurentina não foi ludibriada pelo marido. Salva pela “raça”! Retomando o artigo, realizada a indagação, o autor propõe ao João Batista de Lacerda estudar este “importantíssimo assunto”<sup>666</sup>.

Ao final do texto, o diretor do Museu Nacional se questiona sobre qual das duas “raças”, “preta ou vermelha” seria aquela que mais influenciou os hábitos da população brasileira, principalmente no Norte do Império. Numa resposta a esta indagação, ele confessa que apesar da influência indígena, a maioria das práticas dos sertanejos era puramente africana. Contudo Ladislau afirma que são práticas deploráveis e termina o artigo chamando os africanos de povoações barbarescas.

---

<sup>666</sup> Ibidem.

Quando analisa o mesmo artigo escrito por Ladislau Netto em sua tese, Karoline Carula sugere que o diretor do Museu Nacional era favorável ao cruzamento como meio de melhorar a “raça” indígena e negra<sup>667</sup>. A historiadora nota que os registros<sup>668</sup> sobre os negros feitos pelo nosso personagem eram poucos, se comparados a sua produção acerca dos índios. E que ao abordar os negros, o botânico se apropriou de uma argumentação racialista, fundamentada em uma linguagem científica/cientificista. As manifestações atávicas seriam fundamentais para entender a miscigenação das raças.

Carula afirma que “os negros foram classificados como inferiores aos brancos, por serem “bárbaros” e “estúpidos”, por exemplo”<sup>669</sup>. A historiadora reforça a visão do cientista sobre os negros, que se configurava em estupidez, inaptidão, insolência e apatia. Segundo a mesma, “as características positivas, expostas pelo diretor do Museu, daqueles com ascendência indígena, entretanto, não os colocava como superiores aos que possuíam origem negra”<sup>670</sup>. Em uma hierarquização racial o índio apareceria como o mais inferior. Diante disso, a explicação da autora para essa afirmativa seria a de que as manifestações atávicas negras sumiriam e ficariam assim evidentes as manifestações herdadas dos brancos. Concordaremos com Carula quando ela apresenta a ideia de que Netto era favorável à mestiçagem, como branqueamento, que traria benefícios aos negros, principalmente no correr das gerações<sup>671</sup>.

Em sua tese, Lúcio Menezes Ferreira comenta algumas das posições de Ladislau Netto no tocante ao atavismo e miscigenação. O historiador demonstra a postura evolucionista de Netto sobre o estudo de povos indígenas e suas preocupações com as ideias higienistas. Segundo Ferreira, a postura de Ladislau quanto à condição biológico-cultural

---

<sup>667</sup> CARULA, 2012, p. 167.

<sup>668</sup> Os registros produzidos por Ladislau Netto sobre os negros, já foram citados neste trabalho.

<sup>669</sup> Idem, p. 170.

<sup>670</sup> Idem, p. 166.

<sup>671</sup> Idem, pp. 170-171.

indígena era a de um evolucionista. Os indígenas não eram degenerados simplesmente porque eram primitivos, eles residiam no primeiro degrau da escala da evolução da humanidade<sup>672</sup>.

O caráter higienista de Netto, é mostrado pelo autor por meio de um projeto de *arqueologia médica*<sup>673</sup>. Contudo, este não seria um projeto que abordaria história da saúde, doenças ou epidemias indígenas, ele seria um instrumento para o melhor conhecimento dos costumes e das “raças” brasileiras, e que em detrimento disso, elas seriam aperfeiçoadas. A fim de melhor compreender o projeto de *arqueologia médica* de Ladislau, Ferreira utiliza o conceito de governo racial (racial rule) de David Theo Goldberg<sup>674</sup>. De acordo com Lúcio Menezes, para o sul-africano, os governos raciais consistem nos aparatos da ciência com o propósito de “manter as ‘raças inferiores’ sotopostas num regime político”<sup>675</sup>.

Ocorrido em contextos coloniais e pré-coloniais, esse fenômeno permitiu que países como os Estados Unidos, por exemplo, instaurassem classificações raciais para naturalizar culturalmente as exclusões e divisões sociais assim como as técnicas de controle social. Depois de seguir o conceito estabelecido por Goldberg, Ferreira assinala que o projeto de Netto exprimia um colonialismo interno. No sentido de que o higienismo sugerido pelo diretor do Museu Nacional não era só uma exclusão social ou uma rejeição a negros e índios. Ele fora planejado cientificamente, “baseando-se na escala das raças e na pureza ou vileza de costumes que lhes eram imanentes, uma hierarquia social rígida e escalonada”<sup>676</sup>.

Concordamos com o historiador quando ele indica que Ladislau buscou utilizar a ciência para “manipular, controlar e aperfeiçoar a população nacional”. Conforme apontou

---

<sup>672</sup> FERREIRA, 2007, p. 75.

<sup>673</sup> Cf. FERREIRA, 2007, p. 76.

<sup>674</sup> Sul-africano, é diretor da University of California Humanities Research Institute, nos Estados Unidos. Sua principal obra intitula-se *Critical Race Theory*. O conceito de governo racial utilizado por Lúcio Menezes Ferreira é encontrado em: GOLDBERG. “The Racial Rule”. In: GOLDBERG; QUAYSON (eds.), 1999, pp. 82-102.

<sup>675</sup> FERREIRA, 2007, p. 80.

<sup>676</sup> *Ibidem*.

Ferreira, Netto buscava higienizar os costumes da população brasileira, através da cura dos hábitos negros e indígenas que os infestavam<sup>677</sup>. De acordo com o que incitou Lúcio, e com as ideias do botânico, devemos sugerir que a cura da nação brasileira era essencial para o seu futuro brilhante e civilizado.

No já citado *Do Corte Artificial dos Dentes*, mais um dos artigos escritos por Netto e publicado na *Revista da Exposição Antropológica de 1882*, conseguimos identificar uma das visões de Ladislau a respeito dos costumes africanos no Brasil. Sobre o limar dos dentes o alagoano escreve:

Este mau e estúpido costume foi transmitido ao Brasil, de envolta com tantíssimos outros de igual demérito, pelos escravos africanos, que por mais de três séculos nos ensombram os horizontes do Oriente, donde só deveria porvir, com os raios do sol desponte, a luz civilizadora da culta Europa; e se em nossas províncias meridionais mui raros exemplos apresentam-se-nos de tão bárbara prática, outro tanto não me é dado dizer a respeito das províncias setentrionais, e especialmente do sertão inteiro daquela parte do Império aonde o corte dos dentes é o principal adorno dos dois sexos<sup>678</sup>.

Neste artigo, o diretor do Museu Nacional, entendia tal costume como um vício orgânico hereditário. O alagoano argumentava que o mesmo poderia ser uma “imitação de certa conformação natural entre remotos antepassados”, aproximando-o assim de hábitos de povos primitivos. De acordo com o abolicionista, costumes deméritos faziam parte da herança dos escravizados para a cultura nacional. Ladislau lamenta a influência de tais costumes em detrimento da contribuição que deveria ser proporcionada pela “luz civilizadora da culta Europa”. Ficaria então a encargo dessa luz, servir como norte para o futuro da nação brasileira.

---

<sup>677</sup> Cf. FERREIRA, 2007.

<sup>678</sup> NETTO, In: REVISTA DA EXPOSIÇÃO ANTROPOLÓGICA DE 1882, 1882, p. 46.

Quando analisa este mesmo artigo, Karoline Carula assume que ao relatar que os africanos ensombraram os horizontes, Ladislau Netto dava margem a duas interpretações distintas. Na primeira delas, a historiadora sugere que na perspectiva do botânico, por serem negros, os africanos impediram que a população brasileira fosse branca<sup>679</sup>. Não bastasse serem arrancados de suas vidas, desumanizados, escravizados em pífias condições do outro lado do Atlântico, ainda restava à população negra a culpa pelo atraso da civilização brasileira e de tolher aos brasileiros a mais alta posição da hierarquia social.

Retomando o argumento de Carula, a historiadora comunga à nossa versão, apontando a soma de costumes primitivos e não civilizados dos africanos, à cultura brasileira. Contudo, para esse “problema”, o diretor do Museu Nacional enxergava uma solução. Ladislau acreditava que a educação moral e científica seriam grandes passos para a civilização. Enquanto a educação moral serviria para refrear a lubricidade dos mestiços, a científica ensinaria os benefícios morais e biológico do cruzamento de “raças”<sup>680</sup>. Na visão do botânico, o futuro do Brasil estava calcado na educação.

Retomando a análise do artigo de Ladislau, observamos o argumento de Raquel Braun Figueiró em sua dissertação, quando a historiadora destaca que “o viés racial da ciência do século XIX atribuía à hereditariedade a causa das diferenças de fenômenos ditos observáveis nas populações humanas, como características psicológicas, sociais ou morfológicas”<sup>681</sup>. Figueiró atrela essa ideia aos estudos do médico Sebastião Leão<sup>682</sup>. Devemos considerar que essa linha de raciocínio é observada não só no estudo de Sebastião Leão como também acrescentamos, no de Ladislau Netto.

---

<sup>679</sup> CARULA, 2016, pp. 67-68.

<sup>680</sup> FERREIRA, 2007, pp. 79-80.

<sup>681</sup> FIGUEIRÓ, 2014, p. 79.

<sup>682</sup> Sebastião Affonso de Leão (1866-1903) foi um médico porto-alegrense. Escreveu obras sobre uma perspectiva política de diferenciação racial hierárquica dos seres humanos.

Como aludiram os historiadores, o estudo de Netto mostrava sua posição a respeito do futuro da nação brasileira. Em 1883, Ladislau escrevia para o professor Dr. Baillon e confirmava sua perspectiva a respeito das teorias raciais e do futuro dos indígenas no Brasil. Além de informar ao mestre que o museu era o único estabelecimento científico brasileiro que recolhia e estudava os últimos representantes do povo que viveu em solo brasileiro durante dezenas de séculos<sup>683</sup>.

O diretor do MN anunciava à Baillon que um número considerável deles morria a cada ano. Para Netto, a “raça” logo iria desaparecer completamente, ou se fundir com a enorme mestiçagem da qual o solo americano seria um incomensurável cadinho<sup>684</sup>. O alagoano ainda afirmava que,

já desapareceram numerosas tribos e com elas sua língua, suas cerimônias bárbaras, suas tradições e muitos outros documentos que seriam hoje para nós tão preciosas bases de estudo etnográfico. É preciso, portanto, que nos atemos a salvar o pouco que resta, para não sermos condenados por nossos sucessores, como dizemos agora que nossos predecessores negligenciaram o passado<sup>685</sup>.

As palavras de Ladislau para o professor francês conseguem nos mostrar a preocupação dele com a preservação de documentos dos povos indígenas, assim como o fez com a cultura material negra das casas de “dar fortuna”. A etnografia, e acrescentamos aqui a história, eram certamente prioridades para o botânico brasileiro. A extinção de um povo, mesmo que inferior, o instigava à necessidade da construção de sua memória. Com isso a importância e respeito que antes não lhes era dado em vida, ficavam reservados somente ao futuro objeto de estudo dos cientistas.

---

<sup>683</sup> NETTO, 1883, p. 3.

<sup>684</sup> NETTO, 1883, p. 3.

<sup>685</sup> Tradução livre. NETTO, 1883, p. 3.

A construção da memória desses povos era necessária já que seu desaparecimento já havia sido iniciado. A ciência estava sendo comprovada. Para o alagoano a miscigenação e o branqueamento eram uma verdade. E mais que isso, era a solução da sociedade brasileira para que esta conseguisse atingir o ápice da civilização. A ciência exercia o papel de controle social, o desenvolvimento da ciência estava configurado na concepção de civilização<sup>686</sup>.

Conforme ressaltou Carula, a “civilidade, que antes era associada à normatização dos costumes, passou de maneira disciplinarizante, a ser o conjunto das boas maneiras que deveriam ser vivenciadas na sociedade”<sup>687</sup>, o que conseqüentemente seria conivente aos interesses das elites, compostas por pessoas brancas. Negros e indígenas não eram prioridade nessa civilização, estavam abaixo dos brancos na hierarquia racial; eram um problema.

Já no segundo artigo publicado na *Revista da Exposição Antropológica de 1882*, Ladislau apresenta suas observações sobre a Teoria da Evolução, tentando convencer o leitor de sua “perfectibilidade”<sup>688</sup>. O faz com entusiasmo afirmando-a como a mais lógica, natural e atraente forma de explicar a “epopeia da criação”<sup>689</sup>. Mostrando não ser uma ameaça para a religião, o botânico afirma ser a teoria uma “conquistadora da razão e nem há espírito culto que de boa-fé lhe resista ou se anteponha”.

Este desenvolvimento da antropologia estaria disposto a mostrar que o organismo do homem, assim como sua complexa linguagem e potência intelectual nada mais eram do que o resultado de um “aperfeiçoamento progressivo, tão lento, e tão longo que não os podem computar os cálculos da mais elevada inteligência, nem seria capaz de apreciá-lo ou determiná-lo o mais perspicaz investigador da natureza”<sup>690</sup>. Após a afirmativa, o autor critica

---

<sup>686</sup> Cf. CARULA, 2012, pp. 40-44.

<sup>687</sup> CARULA, 2002, p. 42.

<sup>688</sup> NETTO In: REVISTA DA EXPOSIÇÃO ANTROPOLÓGICA DE 1882, 1882, pp. 113-114.

<sup>689</sup> NETTO, In: REVISTA DA EXPOSIÇÃO ANTROPOLÓGICA DE 1882, 1882, p. 113.

<sup>690</sup> NETTO, In: REVISTA DA EXPOSIÇÃO ANTROPOLÓGICA DE 1882, 1882, p.113.

os estudiosos dessa nova doutrina por não terem dado devida atenção à seleção intelectual do gênero humano e seu desenvolvimento psicológico, o que ele chamou de “evolução social”.

Com a vontade de tomar conhecimento sobre a evolução da inteligência humana, que havia desenvolvido assombrosamente desde o homem habitante das cavernas, Netto indagou que:

estudados detidamente os organismos na sua ascendência gradual, e bem apreciadas as qualidades superiores que logrou adquirir a raça indo-germânica, máxima expressão do aperfeiçoamento humano, como que achamos maior diferença entre os mais cultos e mais belos tipos desta raça, e os mais imperfeitos e bestiais indivíduos humanos, do que entre estes últimos e os gorilas e chipanzés<sup>691</sup>.

Depois de expor suas indagações, Netto sugeriu que a partir da teoria da evolução, seria fácil a compreensão sobre a “série ascensional, não em linha reta, mas por essa espécie de ramificação genealógica que teve de percorrer a individualidade humana” desde os animais irracionais até o homem primitivo. Ladislau terminou o artigo com reflexões sobre a unidade morfológica de algumas classes de animais, como por exemplo, a diferença entre os membros de cetáceos e anfíbios. Animais que vivem na água, possuem membros mais curtos que qualquer outro indivíduo, estes podem tomar a forma de “verdadeiras pás ou instrumentos natatórios”. E concluiu que a adaptação dos animais e das plantas ao meio em que devem viver, “ou melhor a energia e os recursos morfológicos de que podem dispor na luta pela vida, são a origem destas, às vezes, profundas modificações”<sup>692</sup>.

Fascinado com a progressão das teorias raciais, Ladislau Netto neste artigo reafirma a superioridade do homem branco em relação aos demais. É a ele que o cientista atribui a “máxima expressão do aperfeiçoamento humano”. Para Netto, a perfectibilidade destas

---

<sup>691</sup> NETTO, In: REVISTA DA EXPOSIÇÃO ANTROPOLÓGICA DE 1882, 1882, p. 113.

<sup>692</sup> NETTO, In: REVISTA DA EXPOSIÇÃO ANTROPOLÓGICA DE 1882, 1882, p. 114.

teorias alcançava boas reflexões sobre distintas espécies do reino animal, contudo, não supria o exame acerca da intelectualidade humana e seu desenvolvimento psicológico.

A partir das análises dos artigos aqui destacados, podemos notar aquilo que Lilia Schwarcz havia mencionado em *O Espetáculo das Raças* sobre os antropólogos dos museus nacionais em meados do século XIX. Schwarcz, comentou que os museus etnográficos aplicaram as máximas do evolucionismo social, que pressupunha uma escrita com analogias biológicas, substituindo organismos vivos por sociais. Ainda, a partir da visão de João Batista de Lacerda, a autora alegou que o foco desses antropólogos estava no desenvolvimento cultural da humanidade como um todo e não de uma sociedade específica.

Schwarcz também concluiu que eles viam o país como um grande “arquivo” de documentos originais e fundamentais para a verificação e estudo das “etapas atrasadas da humanidade”, ou dos “momentos perdidos na história da humanidade”<sup>693</sup>. É dentro desse grupo de antropólogos e dentro dessa concepção museal do final do século XIX, que Ladislau Netto se encontra.

Insinuaremos aqui que tais moldes museais se alinhavam ao que o sociólogo Boaventura de Sousa Santos se referiu como pensamento abissal<sup>694</sup>. Nesta lógica, aquilo que desconhecido é ditado como invisível e só pode ser compreendido como visível, após o momento que ele é estudado. Segundo Boaventura, a linha visível que separa a ciência dos seus “outros” modernos está assente na linha abissal invisível que separa de um lado ciência,

---

<sup>693</sup> LACERDA in AMN, 1885 apud SCHWARCZ, 1993. p. 120.

<sup>694</sup> Uma característica moderna ocidental que consiste num sistema de distinções visíveis e invisíveis que dividem a realidade social em dois universos ontologicamente diferentes. Para saber mais sobre o pensamento abissal, cf. SANTOS; MENESES, 2010.

filosofia e teologia e do outro lado estão conhecimentos incomensuráveis e incompreensíveis, pois não obedecem a critérios científicos de verdade<sup>695</sup>.

Assim, é essa linha invisível que evidencia dominações culturais, políticas e econômicas, promove a hierarquização dos saberes e menospreza a diversidade. A mesma linha de pensamento utilizada pelo sociólogo português pode ser compreendida nesta concepção museal e nos anseios de Netto sobre a guarda de objetos de costumes e culturas “deméritos”, como por exemplo a jangada de Chico da Matilde e a coleção apreendida pela Polícia da Corte. A linha abissal que dava valor à guarda da cultura material dos africanos e seus descendentes, era a mesma que permitia a hierarquização e inferiorização da “raça” negra.

Objetos à parte, a breve análise dos dois artigos escritos por Ladislau para a *Revista da Exposição Antropológica de 1882*, nos mostra a percepção do botânico a respeito das teorias e estudos das “raças” e sobre o futuro da população brasileira. Um racista e abolicionista, essa era a figura de Ladislau Netto. No entanto, qual seria a motivação de lutar pela liberdade dos “bárbaros” que deixariam de existir?

## **4.2 O ativista político e social**

Vale notar que muito antes do endosso de Ladislau ao abolicionismo, e toda sua movimentação política e social, a população negra já lutava pela causa. Consoante à Ynaê Santos, iremos compreender que essa luta foi por vezes

---

<sup>695</sup> SANTOS; MENESES, 2010, p. 34.

individual, podendo ser tomada como sinônimo de sobrevivência dos escravizados. Em outras situações era coletiva, com contornos de um associativismo tolerado pelo Brasil católico ou então enfrentando abertamente a instituição escravista, como em fugas coletivas, formação de quilombos, revoltas e insurreições<sup>696</sup>.

Diante disso, devemos igualmente concordar com a historiadora quando ela afirma que “onde existiu escravidão também houve resistência escrava”<sup>697</sup>. Ainda sobre a tal resistência e seguindo em conformidade com Santos, destacaremos que “o abolicionismo encontrou um mundo marcado tanto pelo uso sistemático da escravidão quanto pela luta dos escravizados”<sup>698</sup>.

À exemplo desta luta, estavam algumas mulheres, que na intenção de livrar seus filhos dos males da escravidão, recorriam ao aborto<sup>699</sup>. Além de resguardar o rebento desta pífia experiência, era também uma maneira de recusar a doação de leite à prole de seu senhor. O infanticídio era outra possibilidade vista por elas para evitar que seus filhos sofressem com as mazelas do cativo. Nestes casos, podemos observar que a resistência ao escravismo poderia chegar a atitudes extremas.

Ainda a respeito da movimentação contra a escravização dos negros no Rio de Janeiro, Sidney Chalhoub, menciona que “as ações dos escravos, libertos e pretos pobres da Corte contra a escravidão nos anos 1880 - e mesmo muito antes - não significaram de forma alguma um apoio tácito ou explícito a qualquer projeto político das elites”<sup>700</sup>. Neste caso, o historiador se referia à simpatia dessa parte da população ao republicanismo. Chalhoub ainda afirma que “estes movimentos das ruas tinham sua dinâmica própria, profundamente

---

<sup>696</sup> SANTOS, 2022, p. 160.

<sup>697</sup> SANTOS, 2022, p. 160.

<sup>698</sup> Idem.

<sup>699</sup> Sobre o aborto entre as mulheres escravizadas, conferir: CABRAL, 2017b; MOTT, 1989; REIS, 2001.

<sup>700</sup> CHALHOUB, 1988, pp. 86-87.

enraizada num modo de vida urbano minuciosamente tecido pelos negros durante muitas décadas de uma luta subterrânea e silenciosa contra o cativo ao longo do século XIX.”<sup>701</sup>

Desta forma ressaltamos aqui que, muito antes do aparecimento do abolicionismo de elite do qual pertenceu Ladislau Netto. Concordamos com Santos quando a historiadora demonstra que o abolicionismo esteve presente em inúmeras ações da população negra durante os longos anos da escravidão no Brasil<sup>702</sup>. Ele estava nas fugas, nas revoltas, na criação de quilombos. Estava nos espaços de sociabilidade e solidariedade criados por negros livres e libertos no intuito de preservarem sua cultura e de abrigarem escravizados fugidos. De companheiros que juntavam dinheiro para comprar a alforria de seus amores ainda cativos. De muitas maneiras, o abolicionismo fazia parte do cotidiano das pessoas negras na Corte brasileira.

De acordo com Beatriz Mamigonian, depois de atingir o auge, em 1849, o número de escravizados na capital do Império esteve em constante declínio até a abolição. Por motivos diversos como alta taxa de mortalidade, em decorrência de epidemias de febre amarela, o aumento de preço de escravos após a lei de 1850, a baixa taxa de natalidade, o crescimento de alforrias com a Guerra do Paraguai, entre muitas negociações e pressões feitas sobre o sistema escravocrata<sup>703</sup>. seguida das leis abolicionistas, contribuíram com o crescente número de libertos e pretos livres na Corte. Antagônica a essa situação, devemos notar que, assim como afirmou Mamigonian, muitos dos africanos que eram capazes de “viver sobre si foram instados a sair da Corte se não provassem ser pessoas confiáveis e que tinham motivos que os prendessem ao Rio”<sup>704</sup>.

---

<sup>701</sup> CHALHOUB, 1988, p. 87.

<sup>702</sup> SANTOS, 2022, p. 168.

<sup>703</sup> Cf. SAMPAIO, 2000, p. 19.

<sup>704</sup> Cf. MAMIGONIAN, 2017.

Perante o exposto, iremos concordar com Mamigonian quando a historiadora assume que, assim como os senhores de escravos, o governo imperial tentava enviar aqueles que eram considerados indesejáveis para fora da Corte. Diante disso, simultânea ao crescente número de libertos, estava a diminuição deles na cidade do Rio de Janeiro.

Como discorrido anteriormente, nas décadas finais oitocentistas não só o abolicionismo negro corria pelas ruas brasileiras. O abolicionismo de elite, do qual fizeram parte Joaquim Nabuco e Ladislau Netto disputavam com o negro suas ações emancipadoras. Em capítulo anterior, descobrimos a versão de Ladislau que se comprometeu como membro de uma sociedade antiescravista. E é sobre essa versão que iremos nos debruçar.

Para discutirmos sobre o caráter de “inimigo da escravidão” de Ladislau, teremos que retomar um pouco da sua trajetória enquanto membro, sócio fundador, da Sociedade Brasileira Contra a Escravidão. Foi n’*O Abolicionista*, periódico da instituição, que encontramos a informação de que Ladislau Netto fazia parte dela. No dia 21 de maio de 1881, o diretor do MN escreveu uma carta para o André Rebouças, parceiro desta e da SAIN, com as seguintes palavras:

Meu caro amigo Dr. Rebouças,

Desejando tomar parte no festival de hoje como sócio fundador da Sociedade Brasileira Contra a Escravidão, pareceu-me que nenhuma prova mais expressiva da minha coparticipação me fora possível exhibir neste certame filantrópico do que a de dar Carta de Liberdade, sem ônus ou condição alguma, ao único escravo que até este momento me pertence; pois que um outro que também tinha, libertei-o no mês passado, conforme o publicaram a folhas diárias da corte.

Queira o mais ativo auxiliar de Joaquim Nabuco, em a propaganda humanitária da nossa associação, levar ao conhecimento dos nossos confrades a Carta de Alforria a que aludo e que lhes testificará esse fato.

Do amigo afetuoso,

Ladislau Netto<sup>705</sup>

A carta redigida à Rebouças, não é só o documento que prova ser Ladislau sócio fundador da mesma, como também demonstra o esforço dele em ser visto e aceito como parte da associação. A coparticipação e o gesto do botânico, ao alforriar seu último e único escravizado, deveriam ser notados pela Corte e principalmente pelos sócios da SBCE. Seu ato deveria ser tido como um bom exemplo. Seu nome e gesto deveriam ser exaltados. Uma figura pública, homem letrado e da ciência, ser esclarecido, mostrava à sociedade da Corte brasileira, que a escravização de pessoas negras era algo que já não lhe cabia mais. E para comprovar e levar a público o espírito abolicionista de Netto, o periódico revelou também a dita carta de alforria:

Carta de liberdade de Luciano

Eu abaixo assinado, senhor e possuidor do escravo Luciano, crioulo, de 38 anos de idade, averbado na matrícula n.364, por esta Carta de Alforria dou plena liberdade ao mesmo escravo, para que d'ela goze d'esta data em diante, como se de ventre livre fosse nascido; o que faço sem ônus algum ou obrigação de qualquer natureza para o referido escravo.

Dr. Ladislau de Souza Mello Netto.

Como testemunhas

Dr. Nicolau Moreira

João da Motta Teixeira

Rio de Janeiro, 21 de maio de 1881.

Era o último escravizado sob posse de Ladislau. Para testemunhar seu feito, o diretor do MN chamou dois de seus companheiros, João Motta Teixeira<sup>706</sup> e o Dr. Nicolau Moreira<sup>707</sup> e. Segundo enfatizou Alonso, o último, colega de Ladislau Netto, era o elo entre a

---

<sup>705</sup> *O Abolicionista*, 01 de junho de 1881, p. 7.

<sup>706</sup> Foi praticante e amanuense da Seção de Botânica do Museu Nacional. Como amanuense, auxiliava o secretário do museu em todas as suas funções. Integrante da comissão da Exposição de Chicago.

<sup>707</sup> Estava com Ladislau no Museu Nacional, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no Imperial Instituto Fluminense de Agricultura, na Sociedade Brasileira Contra a Escravidão Ele foi também subdiretor da Seção de Botânica do Museu Nacional entre os anos de 1876-1881.

Associação Central Emancipadora<sup>708</sup> e as cerimônias da pioneira Sociedade Contra o Tráfico<sup>709</sup>. E ainda, funcionou como conector geracional entre o ativismo abolicionista de elite dos anos 1860 e a mobilização popular da década de 1880<sup>710</sup>. Considerando toda a atuação de Moreira em prol da causa abolicionista, podemos julgar que, ela fazia dele testemunha perfeita para o caso.

O empenho de Netto em sua versão abolicionista era grande. Quase sete anos adiantado à Lei Áurea, o alagoano já havia libertado todos aqueles que ele havia escravizado. O adiantamento de Ladislau não se restringia à Lei assinada pela Princesa Isabel. Só em 1883, o movimento abolicionista, que antes organizava eventos filantrópicos, dos quais o próprio Ladislau participava, passou a mobilizar os proprietários de escravizados a libertá-los sem compensação monetária<sup>711</sup>. Se antecedendo a atitude da alteza imperial e do movimento abolicionista, Netto mostrava seu compromisso com a causa.

Dando continuidade à premissa de que um “pioneiro” do abolicionismo brasileiro tinha a necessidade de tornar público seus grandes feitos<sup>712</sup>, encontramos nas páginas dos jornais cariocas uma carta do sujeito. Dessa vez, Netto não só mostrava suas realizações como também se abstinha da culpa perante a sociedade da Corte. Na correspondência, Ladislau se defende após ser acusado de ser proprietário de um escravizado que havia sido preso. Na situação, o diretor do MN elucidava:

Meu caro redator - Nas notícias das prisões policiais, publicadas pela imprensa da Corte, dá-se o preto Carlos como escravo meu. O último escravo que eu possuía alforreei-o, como V. se deve lembrar, n'uma festa emancipadora em honra ao Nabuco. O mesmo destino havia eu dado, pouco antes, a outro escravo,

---

<sup>708</sup> Fundada em 1880 por José do Patrocínio, Vicente de Souza e André Rebouças. No mesmo ano que Rebouças, junto a Nabuco fundaram a Sociedade Brasileira Contra a Escravidão. Enquanto a primeira juntava gente de fora do sistema político, a segunda seguia os moldes canônicos da política aristocrática. Cf. ALONSO, 2001.

<sup>709</sup> ALONSO, 2015, p. 132.

<sup>710</sup> ALONSO, 2001, p. 180.

<sup>711</sup> Cf. ALONSO, 2015, p.193; AGOSTINHO, 2020, p. 254.

<sup>712</sup> Válido também para suas realizações enquanto cientista e diretor do Museu Nacional.

pela razão de que, pertencendo a uma associação emancipadora, entendi que a boa justiça devia começar por casa.

O preto Carlos, agora preso na polícia, é um escravo de quem sou simples depositário, e de cujos incorrigíveis vícios tenho sido há mais de ano paciente e resignada vítima.

Seu amigo afeiçoado, Ladislau Netto<sup>713</sup>.

Nas últimas linhas de sua carta, Ladislau Netto afirmou que, de Carlos era um “simples depositário”, e vítima de incorrigíveis vícios há mais de um ano. Ao se designar depositário, o botânico poderia se encontrar em duas posições. Na primeira situação, Ladislau poderia ser depositário do pecúlio de Carlos e na segunda seu depositário legal. Como Netto aponta estar com o sujeito há mais de ano, certamente se encontrava na segunda posição.

Em 1871 a Lei do Ventre Livre não só previa a liberdade para as crianças nascidas após sua publicação, como também permitia ao escravizado a constituição de um pecúlio como que lhe proviesse de doações, legados e heranças, e com o que por consentimento do senhor, obtiver do seu trabalho e economias<sup>714</sup>. Aqueles que tinham, por meio do pecúlio, meios para a indenização de seu valor, teriam direito a alforria<sup>715</sup>.

A nova legislação permitiu o aumento no número de ações de liberdade promovidas pelos escravizados. Uma vez tirada toda a humanidade do negro pela imposição da escravidão, também não lhe eram previstos direitos. Em suas ações judiciais os escravizados necessitavam de representação jurídica. Era necessário um curador<sup>716</sup> e um depositário para pleitear sua defesa. O depósito de escravizados poderia ser público ou particular e era uma maneira de garantir a segurança dos “libertandos”, livrando-os de pressões ou retaliações por parte de seus senhores durante a tramitação processual.

---

<sup>713</sup> *Gazeta da Tarde*, 5 de setembro de 1882.

<sup>714</sup> BRASIL, 1871.

<sup>715</sup> *Idem*.

<sup>716</sup> O curador deveria ser um homem livre para realizar um requerimento em seu nome, abrindo o inquérito da ação. Deste modo, deveria ser alguém disposto a pleitear na justiça pelo escravizado. Cf. GRINBERG, 1994; PAES, 2019.

Conforme descreveu Mariana Armond Dias Paes, o depósito representava a possibilidade de o escravo ser retirado do poder imediato de seu senhor, “para ter seu direito de ação resguardado, é possível concluir (com isto) que o depósito era uma garantia que o ordenamento jurídico brasileiro reconhecia aos escravos”<sup>717</sup>. Contudo, ao mesmo tempo que um depositário exercia uma função protetiva ao escravizado, reafirmava relações de desigualdade e dominação<sup>718</sup>, pois ratificava sua incapacidade perante a lei e a sociedade.

Esse era então o papel de Netto para com Carlos, um homem negro que reivindicava por liberdade num processo que já durava pelo menos um ano. Apesar da declaração de vitimismo de Ladislau, e do episódio da prisão de Carlos, assumindo essa posição, o diretor do Museu Nacional atuava em mais uma frente em prol do abolicionismo.

Retomando o conteúdo da carta e presumindo que o outro escravizado mencionado por Netto era Luciano, devemos sugerir que na ocasião da festa, Netto já era figura conhecida e reconhecida como abolicionista dentro da SBCE. O desejo de Ladislau de que a justiça deveria começar por casa, foi devidamente realizado e publicado. A cada episódio, o botânico firmava cada vez mais seu compromisso com a Sociedade Brasileira Contra a Escravidão.

Se autointitular sócio fundador da SBCE era mostrar o quão envolvido estava Netto com o movimento abolicionista. André Rebouças, a quem o alagoano se reportou como um amigo afetuoso, circulava pelos mesmos espaços que Ladislau, como por exemplo a Sociedade de Geografia de Lisboa. O médico Nicolau Joaquim Moreira, também sócio da SBCE, era membro do IIFA, subdiretor da Seção de Botânica do MN, diretor da SAIN, sócio da SGL, foi diretor da *Revista Agrícola do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura* antes de Netto. O respeito de Ladislau pelo seu colega foi destacado no prefácio da mesma revista<sup>719</sup>.

---

<sup>717</sup> PAES, 2019, p. 102.

<sup>718</sup> PAES, 2019, p. 110.

<sup>719</sup> O prefácio da *Revista Agrícola do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura* de 1888 foi citado no capítulo anterior.

Partindo do pressuposto de que Nicolau circulava nos mesmos espaços de Ladislau, devemos sugerir uma aproximação entre os dois, que deviam “se esbarrar” com frequência, serviam de influência um para o outro. Pode ter sido por meio de sua convivência com Moreira que Netto iniciou sua simpatia pelo abolicionismo. Como pode ter sido também o encontro entre ele e tantos outros intelectuais que simpatizavam à causa e ao associativismo brasileiro e estrangeiro. Se foi por influência de seu subdiretor, não temos como confirmar, mas sabemos da importância com que Netto revelava seu lado abolicionista à *boa sociedade*.

Uma vez sócio fundador da SBCE, devemos sugerir que, no ano de 1880, já era Netto um abolicionista. Não seria curioso notar que a mais antiga coleção composta por objetos de rituais afro-brasileiros deste país tenha sido iniciada por ele naquele mesmo ano. Dias antes da fundação da associação, Ladislau Netto enviou o primeiro ofício ao chefe da Polícia pedindo que os objetos apreendidos nas casas de “dar fortuna” fossem enviados ao MN<sup>720</sup>. Entre o documento, datado em 23 de agosto de 1880 e a fundação da SBCE, temos um intervalo de 14 dias. Seria um indício de sua futura empreitada? Ou tinha Ladislau preocupação na guarda desses objetos por acreditar que a população negra seria extinta do país? De fato, não temos como responder essa pergunta ao certo. Todavia, podemos sugerir a ligação entre ambas.

Os indícios de sua ideologia aparecem para nós a partir da década de 80. Em meio a isso, nos perguntamos, seria Ladislau um fiel e apoiador da causa, ou fazia isso para ganhar *status*? Não sabemos ao certo quando Netto iniciou seu posicionamento enquanto abolicionista, ou porque decidiu se juntar à Nabuco e Rebouças, entretanto, podemos apontar a tenacidade que ele reservava às práticas abolicionistas.

Vale ressaltar que toda a documentação que aponta nosso sujeito como abolicionista pode ser encontrada nas páginas dos mais diversos periódicos cariocas. Tirando a

---

<sup>720</sup> Tal coleção foi mencionada no capítulo 2 desta tese.

documentação que nos foi deixada pela imprensa, durante a pesquisa para esta tese não foi encontrado nenhum outro tipo de documento que nos dê evidências da simpatia de Ladislau à luta abolicionista.

Além da cultura material negra, o alagoano se mostrava interessado em salvaguardar a memória do sistema escravista brasileiro e de seu desdobramento à abolição. No dia 14 de fevereiro de 1883, o mesmo texto foi publicado em alguns periódicos da Corte<sup>721</sup>:

O Sr. Dr. Ladislau Netto, digno diretor do Museu Nacional que já em dezembro último havia ofertado ao Arquivo Público um importante livro manuscrito, contendo a correspondência de um personagem político a respeito do Brasil, de 1822 a 1823, e outro de registro de cartas de emancipação de africanos de 1839-1841, acaba de fazer ao mesmo Arquivo outra oferta, consistindo em dois livros de registro de officios da comissão mista sobre o tráfico da escravidão, instalada nesta Corte em 18 de dezembro de 1819, e bem assim um exemplar do *Jornal do Comércio*, impresso em seda e letras douradas, publicado no dia da coroação de S. M. o imperador.

É digno de ser imitado o exemplo do Sr. Dr. Ladislau Netto por todos aqueles que possuem documentos preciosos.

A exatidão nas palavras chamou não só nossa atenção como também a do periódico *Revista Illustrada*. Em suas páginas, o jornal de Ângelo Agostini criticava a “harmonia” da imprensa carioca, e apontava que “o digno diretor do Museu Nacional (...) escrevera ele próprio a notícia da qual mandara tirar tantas cópias quantas as nossas folhas”<sup>722</sup>. Sobre a prática de enviar as ações à público, a gazeta ainda sugere que era sistema de muita gente levar à imprensa os seus elogios já feitos<sup>723</sup>.

Após publicizar suas "proezas", Ladislau Netto além de se mostrar exemplo a ser seguido, expunha seu compromisso com a história nacional. A guarda de documentação tão distinta sob posse do diretor de um museu de história natural, desperta curiosidade. Quais

---

<sup>721</sup> *A Folha Nova; Gazeta de Notícias; O Globo; O Cruzeiro*, 14 de fevereiro de 1883.

<sup>722</sup> *Revista Illustrada*, ano 8, 1883, p. 7.

<sup>723</sup> *Revista Illustrada*, ano 8, 1883, p. 7.

seriam os caminhos que levaram esses documentos ao seu encontro? Talvez fosse sua fama de colecionador reverberada na literatura e na imprensa. Ou então o fato dele dirigir um museu, fosse ele histórico ou não.

Sobre as cartas de emancipação, teriam elas sido entregues a Ladislau em meio a celebrações e reuniões de cunho abolicionista das quais o sujeito participava? Ou teria ele requisitado a guarda desses documentos assim como fez com os objetos violentamente apreendidos pela Polícia da Corte? A procedência<sup>724</sup> desses registros, não sabemos, mas que os colocou sob sua posse suscitava o discernimento do diretor do MN a respeito do que fazer com o material.

Seguindo os vestígios do posicionamento de Netto na imprensa, a publicação realizada pela *Gazeta da Tarde*, anunciou uma lista com donativos para a quermesse da Confederação Abolicionista. Nela encontramos não só a figura de Netto, como também de sua família. Segundo a notícia:

Pelo Exmo. Sr. Dr. Ladislau Netto e pelas elegantes Sras. DD. Laurentina, Leonor, Laura e Luiza Netto, do primeiro distinto cavalheiro, cinco volumes - *Arquivos do Museu Nacional* e outros contendo - *Revista da Exposição Antropológica*, Guia da mesma exposição (ilegível) e pelas gentis senhoras, 4 tapetes de lã... Não, não os descrevemos isso nunca<sup>725</sup>.

Intelectual e ativo cientista, Ladislau via seus escritos como verdadeiras obras e dignos de serem doados à um leilão. Essa é uma das poucas, se não a única, notícia da aparição de Netto e sua família em um evento da sociedade da Corte brasileira. Infeliz notar que nunca saberemos o material dos tapetes. Nos perguntamos se o material era valioso ou se era um material simples, ou o porquê de ser desmerecida a sua menção. Apesar da

---

<sup>724</sup> Conforme definição arquivística. A arquivologia entende que a “procedência” consiste na origem mais imediata do arquivo, ou neste caso, do objeto, quando se trata de entrada de documentos efetuada por entidade diversa daquela que a gerou. Enquanto a “proveniência” serve para indicar a entidade coletiva, pessoa ou família produtora do objeto. Cf. ARQUIVO NACIONAL, 2005.

<sup>725</sup> *Gazeta da Tarde*, 11 de março de 1884.

curiosidade que nos deixou o redator, se tornou evidente a participação de Netto em outra organização abolicionista, além de sua “coparticipação” na SBCE.

Fato é que Ladislau se aproveitava de sua posição na SBCE para autopromover sua imagem e fortalecer suas lutas políticas e principalmente científicas, que eram as que mais lhe importavam. Prova disso são as primeiras palavras de seu discurso<sup>726</sup> ao pleitear a Jangada do Dragão do Mar ao MN. Se retratar enquanto “inimigo da escravidão e diretor do Museu Nacional”, legitimava sua luta pela guarda do objeto e lhe garantia o papel de precursor das coleções que futuramente, escreveriam a história do negro no Brasil.

Ainda sobre a guarda do objeto, em nota de sua tese, Paulo Vinicius Aprígio da Silva alega que em ofício<sup>727</sup>, Ladislau buscou legitimidade para sua argumentação no registro das práticas, e registrou seu domínio e conhecimento das mesmas, para convencer as instâncias burocráticas superiores que “seu gesto não estava marcado por uma ou outra posição política ou simpatia pela causa abolicionista, mas que deveria aproveitar aquele momento para engrossar as coleções do Museu Nacional”<sup>728</sup> e ainda que, a instituição da qual era o diretor seria o lugar de guarda daquele objetivo enquanto registro para as futuras gerações.

A famigerada jangada era então um símbolo abolicionista do qual Ladislau se esforçou para adquirir e para exibir à população carioca. Em seu desejo de salvaguardar tal objeto, Netto não só pensou na conservação de parte da história e etnografia nacional, como também, "a contragosto", incentivou uma propaganda gratuita abolicionista pelas ruas da Corte<sup>729</sup>.

Se de fato não estava marcado por posições políticas ou simpatia ao abolicionismo, Ladislau se fazia contraditório. Ou utilizava esse discurso como estratégia, uma forma de contornar qualquer decisão negativa de seus superiores. Nada obstante, uma vez que Ladislau

---

<sup>726</sup> Discurso este mencionado no capítulo 2 desta tese.

<sup>727</sup> O livro de ofícios do qual se refere Paulo Vinicius Aprígio da Silva, fazia parte do Setor de Memória e Arquivo do Museu Nacional - SEMEAR, e, portanto, incinerado no incêndio de setembro de 2018.

<sup>728</sup> Nota 165. SILVA, 2017, p. 145.

<sup>729</sup> O préstito da Jangada foi mencionado no capítulo 2 desta tese.

já tinha sua figura assumida em discurso e na imprensa, não era de muita coerência essa atitude perante as autoridades burocráticas. Com sua posição exposta a público, podemos sugerir que essa não foi a atitude mais ponderada do alagoano. O posicionamento político de Netto era por ele mesmo anunciado.

Autointitulado sócio fundador da SBCE, Ladislau Netto certamente simpatizava com o pensamento abolicionista que rondava o país. A auto titulação de “Inimigo da escravidão”<sup>730</sup>, não significa dizer que o diretor do Museu Nacional possuía simpatia pelos africanos e que era contra a covardia imposta aos negros, mesmo que estes fossem enxergados por ele como bárbaros. Poderia haver uma dualidade no pensamento do botânico, suas ideias abolicionistas não anulavam visões preconceituosas sobre os negros. A posição de Netto como cientista do Museu Nacional poderia ser similar ao correspondente da revista do Museu, o francês Quatrefages, que se denominava contrário à escravidão e defensor da abolição em razão da imoralidade que a escravidão introduzia entre os brancos<sup>731</sup>.

Por outro lado, é provável que Ladislau como abolicionista comungasse a ideia de que o abolicionismo deveria por um lado, “lutar pela libertação dos escravos e a sua integração social, mas por outro, precisaria envidar todos os esforços para manter o poder da grande propriedade, ou mais precisamente, o poder do capital”<sup>732</sup>. Mesmo simpatizando e compactuando com Joaquim Nabuco na luta abolicionista, o discurso sobre a ausência de preconceito racial presente nas ideias de Nabuco não parecia ser o mesmo de Ladislau.

Ser abolicionista não era motivo de privação ao racismo científico. Celia Maria Marinho de Azevedo na sua obra “Onda Negra, Medo Branco”, comenta que a convivência e convergência entre as duas posturas, entre o liberalismo e o racismo científico, foi comum no

---

<sup>730</sup> *O Abolicionista*, 01 de junho de 1881, p.7.

<sup>731</sup> Ver nota. AZEVEDO, 1987, p. 75.

<sup>732</sup> AZEVEDO, 1987, p. 89.

Brasil no final do século XIX<sup>733</sup>. E a exemplo disso, temos o Sílvio Romero, que além da literatura racista, o imortal da Academia Brasileira de Letras, publicou na imprensa, em 1881, seu desejo a favor da libertação dos escravizados, como forma de manter a civilização no país. A abolição era uma opção política, econômica e civilizatória. O negro, inferior segundo as teorias raciais, era uma ameaça à civilização brasileira.

Como foi apontado anteriormente, na concepção “ladislaudiana” o indígena e o negro eram um problema para o progresso da nação brasileira. E pensando na resolução desse problema, estava Ladislau de Souza Mello Netto. O alagoano acreditava que a educação moral e científica seriam grandes passos para a civilização. Enquanto a educação moral serviria para refrear a luxúria dos mestiços, a científica ensinaria os benefícios morais e biológicos do cruzamento de “raças”.

Na visão do Ladislau, o futuro do Brasil estava calcado na educação. A ciência exercia o papel do controle social, assim, o desenvolvimento da ciência estava configurado na concepção de civilização. A essas visões científica e social de Netto, se juntava o abolicionismo. O fim desse sistema político e, sobretudo econômico, fazia parte da construção da nação civilizada.

Dias depois da assinatura da Lei Áurea, a imprensa fez homenagens à liberdade que havia raiado no novo horizonte do Brasil. Na primeira página no periódico, encontramos a manchete em destaque: “A Isabel, a Redentora”. Além de demonstrar a ideia de uma salvadora branca diante das lutas da população negra contra o sistema escravista, a publicação trazia diversos textos que comemoravam a abolição. Endossando a publicação, estavam as palavras de Rui Barbosa<sup>734</sup>, Afonso Celso Júnior<sup>735</sup>, Baronesa de Mamanguape<sup>736</sup>

---

<sup>733</sup> Cf. AZEVEDO, 1987.

<sup>734</sup> Rui Barbosa de Oliveira (1849-1923) foi jurista, advogado, político, diplomata, escritor, filólogo, jornalista, tradutor, republicano e abolicionista.

<sup>735</sup> Afonso Celso de Assis Figueiredo Júnior (1860-1938) foi professor, poeta, historiador e político. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.

Francisco Joaquim Béthencourt da Silva<sup>737</sup>, Henrique Pedro Carlos de Beaurepaire-Rohan<sup>738</sup> e Ladislau Netto. Ao contrário dos demais, dos quais foram publicados apenas um texto, o diretor do Museu Nacional e sócio fundador da SBCE, retomou sua versão poética e entregou dois poemas à Gazeta. Ambos ilustrados na capa do jornal, o primeiro intitula-se *Redenção* e o segundo, *A Sombra do Escravo*:

*Redenção*

Apagou-se de todo a mancha escura  
Da negra escravidão que nos pungia...  
O vil opróbrio, a insana covardia  
Que o Brasil inundavam de amargura!

Foi tremenda a peleja e mal segura  
No começo a vitória parecia;  
Eis porém que desaponta o fausto dia  
Cuja esplêndida luz no céu fulgura!...

Salve risonha luz da liberdade  
Claro farol que a pátria agora segue;  
Sem ti era impossível hombridade!

O trabalho sem ti, quem há que o negue?  
Tinha o sabor da crua iniquidade,  
Qual o fruto de um chão que o sangue regue.

Ladislau Netto<sup>739</sup>

---

<sup>736</sup> Carmen Freire (1855-1891), a Baronesa de Mamanguape, poetisa, se dedicou ainda aos estudos naturalistas e à literatura. Autora de *Visões e Sombras* e *À Lágrima*.

<sup>737</sup> Francisco Joaquim Béthencourt da Silva (1831-1911) foi arquiteto e educador brasileiro. Professor da Academia Imperial de Belas Artes e um dos fundadores do Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro.

<sup>738</sup> Henrique Pedro Carlos de Beaurepaire-Rohan (1812-1894) foi militar e político brasileiro. Foi Ministro da Guerra, nomeado em 1864. Bacharel em matemática e física. Foi membro do IHGB e da SAIN.

<sup>739</sup> *Gazeta da Tarde*, 19 de maio de 1888, p. 1.

Se antes tínhamos dúvidas sobre o lado abolicionista de Ladislau Netto, este poema nos trouxe a certeza. O membro da SBCE, depositou em poucas palavras, sua admiração pela nova fase que conquistara o Brasil. Repudiando o aviltamento do sistema escravista, Ladislau se destinou a lamentar a existência de seu passado hediondo e a enaltecer a liberdade e o novo rumo que o país seguiria por meio dela. Para ele, o trabalho deveria depender da liberdade. Ao final da leitura do belo poema, podemos sugerir que seu posicionamento sobre a abolição não era mero *status*. Apesar de não descrer da ciência e do branqueamento, Ladislau firmava seu desprezo à crueldade do escravismo. E reforça sua opinião no poema seguinte:

*A Sombra do Escravo*

Rasgou-se o negro véu do Cativoiro  
Qu'estas terras da luz escurecia!...  
Do pobre escravo que ao labor corria  
E que a terra lavrava o dia inteiro.

O fantasma sereno, ao forasteiro  
Que o seu eito escavar, dirá um dia,  
Nessa heroica atitude de energia  
Que foi ele cultor ali primeiro;

Dir-lhe-á quanta angústia a esposa cara  
Ao seu lado sofrera entre gemidos  
E quanta muda lágrima regara

Aqueles montes pelo pranto ungidos!  
Quanto grito cortado ali ticara,  
Quantos brados de dor ali sumidos!

As palavras de Netto eram de quem se compadecia dos escravizados. E de certa maneira, de quem admirou a resistência e sobrevivência deles ao impiedoso regime de trabalho. O diretor do Museu Nacional reconheceu o cotidiano atroz vivenciado pela população negra do país. E apesar da penalidade e da celebração à liberdade, Ladislau Netto era um homem de seu tempo, usando as palavras de Ynaê para descrever Joaquim Nabuco, iremos considerar que, assim como seu companheiro abolicionista, ele era um “homem forjado pela lógica escravista e, de maneira mais profunda, pelo racismo que dinamizava esse sistema”<sup>741</sup>. Ao alforriar seus escravizados anos antes da carta de Princesa Isabel, o alagoano não considerou como seria a vida deles após sua sentença de liberdade. Conforme ressaltado anteriormente, o ato ocorreu sem ônus, porém, sem qualquer responsabilidade sobre Luciano, o sujeito beneficiado. Seu grande feito se resumia no fim da servidão escravizada.

Conforme evidenciou Joel Rufino dos Santos, nem mesmo a campanha abolicionista encarou o negro como gente. Para o historiador, ela se baseava em dois argumentos principais:

- Era preciso acabar com a escravidão para modernizar o Brasil (...).
- Era preciso acabar com a escravidão para aliviar o sofrimento dos pobres pretos. Ora, compaixão pelos pretos é o mesmo que, por exemplo, compaixão pelos pobres macacos, que estejam sofrendo de alguma forma<sup>742</sup>.

A compaixão da qual Joel Santos se referenciava e da qual podemos notar nas palavras de Netto, não era equiparada a qualquer tipo de equidade ou pensamento de que os libertos deveriam ser cidadãos como qualquer outro da boa sociedade. Como apontou o historiador, o sentimento que trazia o alagoano poderia ser comparado ao mesmo que hoje

---

<sup>740</sup> *Gazeta da Tarde*, 19 de maio de 1888, p. 1.

<sup>741</sup> SANTOS, 2022, p. 153.

<sup>742</sup> SANTOS, 1984, pp. 54.

vivenciamos ao vermos um animal em situação de sofrimento e tortura. O compadecimento, viria então disfarçado como argumentos que pudessem justificar a desigualdade, infantilidade e animosidade dos negros.

O passado “vil opróbrio” e de “insana covardia” da população negra no Brasil havia ficado para trás. Ao presente e ao futuro da população negra pertencia a liberdade. Contudo, para uma população que iria deixar de existir, não seria necessário pensar ou se responsabilizar sobre o seu futuro, mas antes mesmo do seu desaparecimento era necessário extinguir o sofrimento desse povo, que era injustamente humilhado. Esta foi uma grande luta. Não só de políticos e de membros da elite, mas principalmente dos escravizados. A injustiça teria que ser desfeita. E para auxiliá-lo nesta luta, Ladislau se inseriu na SBCE.

Sua participação na SBCE, assim como os materiais colhidos na imprensa carioca, os registros sobre a luta em torno da posse da Jangada do Chico da Matilde foram os únicos documentos encontrados, durante a pesquisa deste trabalho, que apontam e confirmam por escrito, a participação de Netto na luta abolicionista. As biografias utilizadas para a construção desta tese, não apresentam quaisquer indícios da simpatia de Ladislau à causa.

Progressos, injustiças e comiserações à parte, talvez outro fator tenha feito com que Netto tenha se unido à causa abolicionista. Antes de intelectual, Ladislau era um ser político. Suas ações, enquanto cidadão e figura pública, influenciavam diretamente nas suas redes de sociabilidade e solidariedade. Os apoiadores e financiadores de seus projetos, certamente se atentaram aos seus discursos e atitudes.

De acordo com Mauro Henrique Miranda de Alcântara, na década de 1860, o Imperador Dom Pedro II demonstrava interesse em ideias que projetavam a promoção da escravidão no Brasil. O monarca compactuava com o desenvolvimento dos movimentos abolicionistas brasileiros, assim como estava preocupado com a tensa relação entre o país e a Inglaterra, que se antecedeu ao fim do tráfico e temia que ocorresse em seu império a mesma

guerra civil que aconteceu nos EUA devido às pressões que culminaram o fim da escravidão em território norte-americano<sup>743</sup>.

Em conformidade com Hélio Vianna, iremos ressaltar que em 1884, D. Pedro II tomava notas de estudo que faziam referência à extinção gradual do cativo, mediante aumento do fundo de emancipação<sup>744</sup>. Sublinhado pelo historiador, estavam os apontamentos do monarca, publicados nas *Obras Completas de Rui Barbosa*, no ano de 1864, o imperador mostrava ideias que posteriormente seriam legitimadas pela Lei de 1871:

a medida que me tem parecido profícua é a da liberdade dos filhos dos escravos, que nascerem daqui a um certo número de anos. (...) Tenho refletido sobre o modo de executar a medida; porém é da ordem das que cumprem realizar com firmeza, remediando os males que ela necessariamente originará, conforme as circunstâncias o permitirem.

Consoante a Sidney Chaloub, devemos notar que o imperador era uma figura popular entre os negros nos anos finais da monarquia<sup>745</sup>. A exemplo disso, temos a figura de Quintino Pacheco, morador da Rua dos Cajueiros, nº 38. A rogo de Pacheco, no dia 12 de agosto de 1881, João Antonio Brazil<sup>746</sup> escreveu uma carta endereçada ao imperador<sup>747</sup>. No conteúdo do documento, Quintino aparecia como suplicante e relatava um episódio da repressão policial às casas de “dar fortuna”<sup>748</sup>, segundo consta, o

suppe. é africano, e como tal costumava dar em sua casa reuniões meramente com o fim de divertir-se com seus patrícios em danças de sua terra, denominadas Jongos. Por denúncia falsa foi a casa do suppe. cercada e apreendidos objetos de propriedade do Suppe e que se acham recolhidos ao Museu Nacional. (...) O suppe. pois à vista do exposto e da Justiça que caracteriza a Vossa Majestade Imperial,

---

<sup>743</sup> MIRANDA DE ALCÂNTARA, 2013, p. 47.

<sup>744</sup> VIANNA, 1966 p. 259.

<sup>745</sup> Cf. CHALHOUB, 2011, pp. 221-223.

<sup>746</sup> A respeito de João nada sabemos, entretanto devido a sua assinatura na carta do suplicante Quintino Pacheco, podemos sugerir que ele e o africano poderiam ser amigos.

<sup>747</sup> BR.MN.DR.AO Pasta 20 doc. 139 – 16.08.1881.

<sup>748</sup> Sobre a história de Quintino Pacheco e das repressões policiais nas casas de “dar fortuna”, conferir CABRAL, 2017a.

espera que V. M. I. se dignará ordenar ao Diretor do Museu a entrega dos supracitados objetos (...) <sup>749</sup>.

Fazendo jus à figura exposta por Chalhoub, o monarca foi demarcado pelo suplicante como uma pessoa justa. Se a visão de justiça do imperador era mais um apelo para conseguir seus objetos de volta, não sabemos. Conforme a súplica, os objetos apreendidos pela truculência policial na Rua dos Cajueiros estavam agora sob posse do MN e faziam então parte da já supracitada coleção construída a partir dos objetos apreendidos pela Polícia da Corte, em detrimento da cultura negra afro-brasileira. O diretor do museu era Ladislau de Souza Mello Netto.

Ainda sobre a figura do imperador, Chalhoub cita a ideia de Joaquim Nabuco de que o nome do imperador “é para os escravos sinônimo de força social e até de Providência, como sendo o protetor de sua causa” <sup>750</sup>. Acredito que tenha sido esta imagem que incentivou Quintino a enviar esta carta. Uma vez que o monarca “simpatizava” com as causas da população negra <sup>751</sup> da Corte, maior seria a chance de se sensibilizar com a súplica do africano.

Não obtivemos provas de que esses objetos foram devolvidos ao legítimo dono, entretanto devemos concluir que uma vez que esta carta estava sobre guarda do Setor de Memória e Arquivo do Museu Nacional – SEMEAR, seu apelo conseguiu chegar às mãos da Majestade Imperial, ou de alguém próximo ao imperador e posteriormente foi entregue ao diretor do Museu. Devolvidos os objetos ou não, o africano Quintino tinha sido ouvido. O trajeto da carta até o Imperador ou deste para o diretor não é possível traçar. Contudo, podemos supor que o próprio D. Pedro II, obtendo a carta em mãos, possa tê-la entregado à Ladislau Netto. Além das diversas correspondências trocadas entre eles, de acordo com as

---

<sup>749</sup> BR.MN.DR.AO Pasta 20 doc. 139 – 16.08.1881.

<sup>750</sup> NABUCO, 1977, p. 96. apud CHALHOUB, 2011, p. 223.

<sup>751</sup> Segundo Sidney Chalhoub, o Imperador perdoava penas de escravos e comutava condenações à morte baseadas na lei de 10 de junho de 1835. CHALHOUB, 2011, p. 221.

páginas do periódico *Gazeta de Notícias*<sup>752</sup>, o botânico tinha o hábito de cumprimentar a “SS. MM. Imperiais”<sup>753</sup>.

Além da íntima relação entre Ladislau e Dom Pedro II, Michele Agostinho acredita que a carta tenha chegado nas mãos do diretor do Museu Nacional por meio de Francisco Leopoldino de Gusmão Lobo, que teve acesso ao documento no dia 16 de agosto e a encaminhou para a instituição dois dias depois, em 18 de agosto de 1881. A historiadora ressalta esta hipótese uma vez que no canto direito do documento podemos reconhecer a o escrito (G. Lobo).

Agostinho supõe que tanto João como Quintino, poderiam conhecer o trabalho de Lobo em defesa da libertação dos escravizados e talvez por isso, tenham-no enxergado como um aliado na devolução dos objetos. Ou ainda que, a carta tenha chegado a Lobo pela subordinação do MN ao ministério do qual ele era diretor, ou pelo simples fato de serem companheiros de luta na SBCE. Isto posto, concluiremos que tal carta obtinha facilidade de tráfego entre seus destinatários.

A respeito de Ladislau e da súplica em favor de Pacheco, devemos levar em consideração o que já foi exposto nesta tese. Iremos sublinhar que em uma de muitas das suas versões Ladislau Netto era um colecionador. Com base nos estudos etnográficos e nas teorias raciais e de branqueamento, o alagoano se viu interessado pela cultura negra. Esta cultura material deveria também ser guardada se fizesse parte da história abolicionista brasileira, da qual ele também fazia parte. Entretanto, partindo da postulação de que ele colocava a ciência acima de tudo, provavelmente os objetos de Quintino Pacheco não foram devolvidos.

Retomando a relação de Ladislau Netto e de Pedro II, podemos sugerir que a versão abolicionista do diretor do Museu Nacional não divergia dos almejos de seu mecenas. Deste modo, iremos supor que Netto se assumia como “inimigo da escravidão” sem temor algum à

---

<sup>752</sup> Cf. *Gazeta de Notícias* (1880-1887).

<sup>753</sup> *Gazeta de Notícias*, 13 de janeiro de 1880.

perda de um dos seus maiores aliados. Para ele, que sempre contou com a ajuda do imperador no desenvolvimento de seus projetos, se mostrar publicamente abolicionista lhe parecia confortável.

Cientista renomado, Ladislau fazia questão de evidenciar sua versão abolicionista sem questionar sua crença nas teorias raciais e de branqueamento. Querer a liberdade do povo preto não era sinônimo de acreditar na igualdade racial. Devemos notar que a dissonância no discurso das figuras abolicionistas oitocentistas não era exclusividade de Netto. À exemplo, ainda que numa esfera distinta a de Ladislau, uma vez que jurista, não se atinha ao cientificismo como o alagoano, Antônio Pereira Rebouças<sup>754</sup> também carregava divergências em suas ações.

Segundo Hebe Mattos, enquanto especialista em direito civil e emancipacionista, o Conselheiro Rebouças optou decididamente pelo direito à propriedade de terras do senhor em detrimento ao direito de liberdade do escravizado<sup>755</sup>. Dito isso, iremos concordar com a historiadora quando a mesma evidência que, no Brasil monárquico, as lutas contra a escravidão e a discriminação racial se imbricaram, mas não se confundiram<sup>756</sup>. E dentro dessa lógica hermética, estava Ladislau Netto.

Manifestadas as lutas, devemos notar que foi por meio do protagonismo negro, de sua exacerbada resistência, com o auxílio dos muitos abolicionismos presentes na Corte brasileira que a população negra finalmente adquiriu seu direito à liberdade, apesar da falta de cidadania e equidade social e racial. Para os negros, a conquista reverberou a luta que estaria por vir, para o “inimigo da escravidão”, era esta a vitória de mais uma de suas batalhas.

---

<sup>754</sup> Antônio Pereira Rebouças (1798 - 1880) foi político e advogado brasileiro. Foi conselheiro de Dom Pedro II. Pai dos engenheiros Antônio Pereira Rebouças Filho, José Rebouças e André Rebouças.

<sup>755</sup> Cf. MATTOS, 2004.

<sup>756</sup> Cf. MATTOS, 2004.

### 4.3 Toda luta tem o seu fim

Podemos afirmar que Ladislau Netto era um homem que não fugia à luta. Ao longo de sua vida, travou inúmeras batalhas e o abolicionismo fazia parte delas. Cinco anos depois da abolição dos escravizados, já não havia mais monarquia no Brasil, e seu mecenas, amigo e apoiador já havia descansado<sup>757</sup>. Ladislau alcançava os 55 anos e não tinha mais a força e nem o mesmo prestígio para dar continuidade aos seus projetos. Como visto em capítulos anteriores, em dezembro de 1893, Netto encerrou sua jornada intelectual. Aposentado do Museu Nacional, o alagoano encerrou suas atividades para aproveitar o tempo com sua família. O período que passou longe da direção do MN não foi duradouro.

A esta altura, além da perda de seu poder administrativo, político e social, Ladislau já havia perdido três de seus filhos. De certo a perda familiar foi algo que machucou e perturbou o cientista nos últimos anos de sua vida. Em menos de três meses após sua saída do museu, num domingo, dia 18 de março de 1894, com 56 anos de idade, Ladislau Netto deixou sua família e o mundo da ciência. Em decorrência de uma embolia cerebral<sup>758</sup>, o alagoano veio a óbito. Laurentina, Luiza, Lucília, a ciência, o museu, e todas as causas pelas quais Ladislau lutou, todos perderam um grande homem.

Conforme indicou Abelardo Duarte, um dia após sua morte, o jornalista alagoano Antônio Alves, fundador do periódico alagoano Guttenberg, enviou uma carta ao Dr. Eusébio de Andrade, redator-chefe do jornal à época. Nesta carta Antônio anunciava a morte de Ladislau Netto. O patricio do diretor do Museu Nacional o descreve como “amigo sincero de

---

<sup>757</sup> Dom Pedro II, faleceu em Paris, no dia cinco de dezembro de 1891, em decorrência de uma pneumonia.

<sup>758</sup> "Brasil, Rio de Janeiro, Registro Civil, 1829-2012," database with images, *FamilySearch* (<https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:WYN3-Z2N2 : 9 April 2020>), Ladisláo de Souza Mello Netto; citing Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; Corregedor Geral da Justicia (Inspector General of Justice Offices), Rio de Janeiro.

todos os moços alagoanos, a quem abria os braços com solicitude verdadeiramente paternal”. O jornalista contava a respeito da feição abatida de Netto e retratou um pequeno diálogo ocorrido em sua última visita ao nosso personagem:

(...) A 11 deste mês, visitei-o em sua residência, em Todos os Santos, rua Goiás, e achei-o mais alquebrado do que antes de sua viagem à Chicago, sendo certo que o clima daquela cidade e os trabalhos, a que se entregou lhe foram muito prejudiciais.

- Eu só sinto, dizia-me, não poder agora produzir, produzir muito, na esfera de meus desejos e da minha antiga atividade.

- V. exc. precisa antes de abandonar os estudos, descansar por algum tempo, podendo mesmo dar um passeio às Alagoas e ali procurar um clima vantajoso à restituição de suas forças perdidas.

E ele, com sua voz grave e pausada, respondia-me que sim, que era necessário; que se recolheria à vida privada, mas não desertaria o campo da ciência, como já o havia comunicado às sociedades literárias e científicas de que fazia parte. (...) <sup>759</sup>.

O amigo de Ladislau relatava seu desejo poucos dias antes de sua morte. O diretor do MN não tinha vontade de largar a Ciência, mesmo sabendo que as condições para fazê-la não eram as mesmas. A monarquia não estava mais lá para apoiá-lo e sua saúde estava debilitada. Assim como já tinha sapiência Netto, o associativismo do qual fazia parte já estava avisado de sua nova situação. Como visto anteriormente, Ladislau não conseguiu cumprir seus anseios e feneceu uma semana após o diálogo com Antônio.

Como notado algumas vezes nesta tese, a vida de Ladislau de Souza Mello Netto foi muito noticiada. Sua vida começou a fazer parte dos periódicos da Corte na década de 1860. Poesias, idas ao beija-mão do Imperador, sua presença em embarcações, sua presença em sessões de inúmeras sociedades e institutos, seus trabalhos, críticas, inúmeras foram as

---

<sup>759</sup> ALVES apud DUARTE, 1950, p. 246.

ocasiões que permitiram o registro do nome de Ladislau Netto na imprensa. Já sua partida, foi digna apenas de uma nota. No dia 25 de março a *Gazeta de Notícias* trazia uma nota onde seus irmãos, sobrinhos, tia e primos, convidando a família e amigos para a missa de sétimo dia do sujeito:

Os Drs. Antônio de Souza Mello e Netto e Francisco de Souza Mello e Netto (ausente), Balbina Netto Simões da Costa, o 2º tenente Daniel Netto Simões da Costa (ausente), o alferes em comissão José Netto Simões da Costa (ausente), Maria Netto e Maia, Maria Balbina Netto e Maia, Maria Teixeira da Rocha, Joanna Teixeira da Rocha, o professor Manuel Teixeira da Rocha, o 1º tenente Dr. Antônio Cavalcanti de Albuquerque e os acadêmicos Luiz Tenório de Albuquerque e Manuel Eugênio Pereira Maia, irmãos, sobrinhos, tia e primos do falecido Dr. Ladislau de Souza Mello e Netto, convidam todos os seus parentes, amigos e a colônia alagoana, para assistirem à missa de sétimo dia que, por alma desse pranteado parente, mandam rezar amanhã, 26 do corrente, às 9 horas, em S. Francisco de Paula; e por esse caridoso obséquio desde já se confessam assaz agradecidos<sup>760</sup>.

A nota explicita bem os nomes dos irmãos, sobrinhos e alguns acadêmicos. E diferente de seus filhos, que tiveram mais de uma nota sobre o falecimento e a missa de sétimo dia, o fim da história de Ladislau Netto na imprensa foi reduzido à imagem acima. De certo, neste período, com o advento da República, o alagoano já havia perdido muito de seu prestígio. E como não era mais diretor do Museu Nacional, sua imagem já estava sendo apagada da sociedade brasileira.

Ainda sobre o periódico, é interessante notar que a esposa e filhas de Ladislau não aparecem na listagem de nomes dos que convidaram para a missa. Segundo o atestado de óbito de Ladislau Netto, além da viúva, ele havia deixado duas filhas. Luiza, com dezenove

---

<sup>760</sup> *Gazeta de Notícias*, 25 de março de 1894.

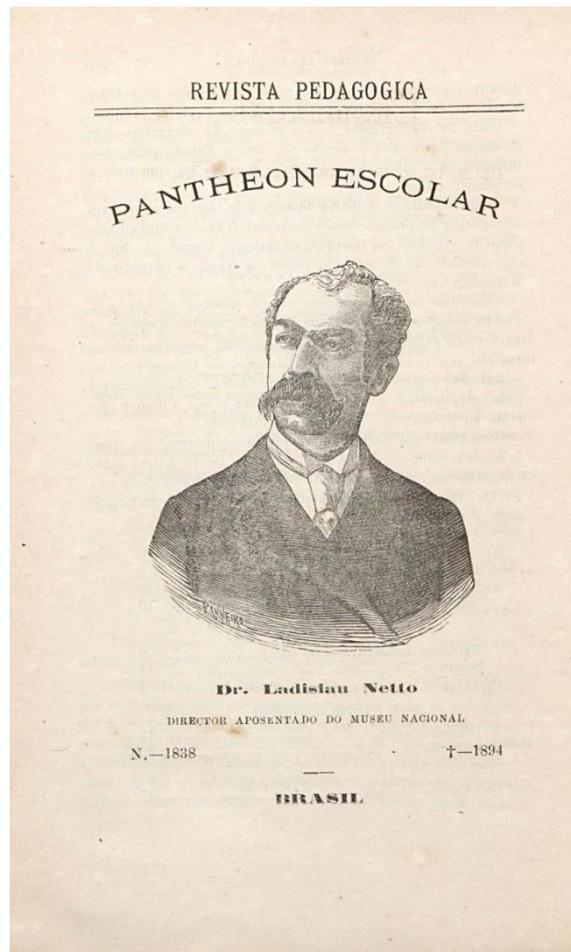
anos e Lucilia de doze. Talvez Laurentina não fosse tão religiosa assim, ou tenha havido uma briga na família, ou estava insatisfeita no casamento e não quis rezar a alma do marido. O motivo real não sabemos. Mas é estranho pensar que sua família nuclear<sup>761</sup> não fez parte desse tradicional ritual de passagem.

Naturalmente, após a reza, as notícias sobre Netto foram diminuindo na imprensa. Suas atividades e batalhas travadas ao longo da vida lhe renderam a participação em movimentos, lugares e momentos importantes na História do Brasil. Entre as muitas preocupações de Ladislau, se encontrava a educação. E foi através dela que recebeu uma das últimas homenagens. O membro do Conselho Diretor do Pedagogium, foi ilustrado no periódico *Revista Pedagógica*. Em 15 de dezembro de 1894, divulgaram Netto como parte do *Pantheon Escolar*.

## Figura 22 - Deus da Educação

---

<sup>761</sup> Entendemos como família nuclear, os parentes diretos que moram na mesma casa. No caso de Ladislau, esposa e filhas.



Fonte: *Revista Pedagógica*, 15 de dezembro de 1894.

O célebre diretor do Museu Nacional, assim como qualquer outro ser humano, deveria ser digno de homenagens póstumas. A missa de sétimo dia e o retrato publicado na *Revista Pedagógica*, foram os únicos encontrados na imprensa brasileira. Quiçá, houve outras para o sujeito, nada obstante, não temos notícias. No mais, colocá-lo num panteão, foi uma maneira de demonstrar a importância de sua participação nos trâmites em prol da educação brasileira.

Ladislau foi um homem um tanto interessante. Homem de muitos adjetivos, o alagoano viveu o suficiente para circular nos mais diversos campos dos saberes. E para obter êxito em muitas de suas jornadas. De filho pródigo à homem da Ciência. De desenhista a inimigo da escravidão. Entre peripécias, perspicácia e inteligência, havia um homem de muitos caracteres, preocupado, um pouco arrogante, mas, sobretudo dedicado àquilo que se

propunha fazer. Assim como fez com o abolicionismo, o diretor do MN assumia a responsabilidade de suas empreitadas. Ciente de suas lutas e glórias, aqui jazia Ladislau de Sousa Mello Netto.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contar sobre a vida de alguém é sempre um desafio. O desafio maior é falar de uma figura tão distinta quanto Ladislau Netto. Em suas muitas versões, Ladislau assumiu muitos papéis. Impossível seria dar conta de todos eles. Nestas versões que escolhemos da história do sujeito, podemos notar que dentro dos espaços onde circulou Netto foi uma figura notável.

Filho de comerciantes, Netto fugiu da responsabilidade de continuar com o legado familiar e deu para a sua vida um novo rumo. Ao sair de sua terra natal, Ladislau iniciou sua vida intelectual, assim como sua vida pública. Enviado pelo imperador para aperfeiçoar seus estudos no Velho Mundo, podemos afirmar que o alagoano soube aproveitar tal oportunidade. Ladislau conseguiu conquistar o respeito e admiração de professores, assim como se dispôs a ocupar espaços de importante desenvolvimento da Ciência e sobretudo da Botânica, na Europa do século XIX.

Para além da figura pública, Ladislau manteve também sua vida na esfera privada. Junto a Laurentina Muniz Freire, Ladislau de Souza Mello Netto construiu uma família com cinco filhos. Apesar de seu grande ativismo na vida pública, o diretor do Museu Nacional aparentou ser um pai zeloso. Contrariando a ordem natural da vida, Netto assistiu à perda de três filhos, dois deles para a tuberculose. Entretanto, os problemas familiares não foram empecilhos para que ele continuasse em sua atuação científica.

Enquanto o marido se dedicava à Ciência, Laurentina cumpria seu papel na vida privada e fazia pequenas aparições na vida pública. Cumprindo seu papel na boa sociedade, Laurentina participou de saraus e eventos filantrópicos. Mesmo dona de casa e esposa, vítima dos moldes de uma sociedade patriarcal, assim como são as mulheres atualmente, dentro de seu privilégio, conseguiu agir em prol de uma educação pública. A exemplo disso, está sua

participação na Polianteia do Imperial Liceu de Artes e Ofícios, ainda que com um discurso pautado numa retórica patriarcal, Laurentina ocupou um espaço ao qual poucas mulheres conseguiram ocupar.

Considerada a primeira instituição museológica e centro de pesquisa do país, o Museu Nacional protagonizou marcos da Ciência e da História do Brasil. Sua segunda casa, o MN foi o espaço em que Ladislau mais atuou em prol do desenvolvimento da Ciência no Brasil. Foi nele e por meio dele que o alagoano mostrou para o Brasil e para o mundo sua versão intelectual. O sétimo diretor da instituição entendeu que os interesses da instituição deveriam ser os seus.

Ladislau Netto se tornou figura chave na história desta instituição, não à toa se falava de seu período de administração como a *idade de ouro* do Museu Nacional. O museu brasileiro de “tristonho e esquecido”<sup>762</sup> se tornou uma das principais instituições científicas do país. Desde mudanças no regulamento a exposições de prestígio internacional, Netto se fez responsável. Ladislau travou inúmeras batalhas, uma delas a da mudança de endereço do museu. Do Centro do Rio de Janeiro para os ares, hoje suburbanos, o Museu Nacional migrou do Campo de Santana para a Quinta da Boa Vista, em uma de suas últimas jogadas enquanto administrador.

Segundo Lilia Moritz Schwarcz, Foucault descreve a prática dos museus no final do século XIX como “um projeto de uma ciência geral da ordem”, cuja meta seria hierarquizar e aproximar, para comparar e isolar<sup>763</sup>. De acordo com o historiador britânico Neil MacGregor, “todos os museus se baseiam na esperança – na crença – de que o estudo das coisas pode levar a uma compreensão mais verdadeira do mundo”<sup>764</sup>. Acreditamos serem estas as

---

<sup>762</sup> REVISTA DA EXPOSIÇÃO ANTROPOLÓGICA DE 1882, 1882, p. 9.

<sup>763</sup> Cf. SCHWARCZ, 1993.

<sup>764</sup> Cf. MacGREGOR, 2013.

intenções de Ladislau quando ele buscou compreender as especificidades, caráter intelectual e moral, hábitos e costumes da população autóctone e negra no Brasil.

Reconhecido na literatura brasileira enquanto colecionador, podemos afirmar que ele foi figura substancial para o aumento do acervo museológico do MN. No período de sua administração o Museu Nacional obteve guarda de inúmeros objetos que hoje contam a História Nacional, e Institucional, a exemplo o meteorito Bendegó, e alguns objetos da coleção apreendida pela Polícia da Corte.

Na sua versão de intelectual e homem da Ciência, Ladislau, seguindo a tendência europeia, e o exemplo de seus professores na França, aderiu ao associativismo. Do Pará à Ratisbona, as mais diversas sociedades, científicas ou não, conseguiram destacar a origem de alguns pensamentos e opiniões que compuseram a imagem do diretor do Museu Nacional. Assim como puderam lhe render uma enorme chacota científica a nível internacional.

Apesar do episódio traquinagem, certamente via nelas o alagoano, um espaço onde podia ouvir ideias dissidentes e coincidentes, edificando com isso o seu conhecimento. Até mesmo ela serviu para mostrar ao mundo científico o foco e empenho de Ladislau em seus estudos e nas tarefas que lhes eram dadas. A participação era também uma oportunidade de mostrar aos seus pares tudo o que o diretor do Museu Nacional estava produzindo. Como uma espécie de vitrine, a ocupação desses espaços permitia a Netto mostrar às sociedades científicas brasileiras ou não, o potencial intelectual dele e da instituição da qual ele administrava. Tais associações nos mostravam sobretudo os lugares onde a Ciência de Netto conseguia chegar, e não eram poucos.

Se tratando de Ciência e da curiosidade humana, basta olharmos para trás, para enxergarmos que a origem humana foi algo que sempre inquietou o homem. Depois dela, a forma como ele se diferencia do outro. Nesse último anseio, também se encontra a vontade de

entender o porquê da diferença na cor da pele, do cabelo, dos hábitos e costumes. Tais inquietações também faziam parte do pensamento científico de intelectuais do Museu Nacional e de Ladislau Netto. Nas suas últimas décadas de vida intelectual ativa, era possível identificar sua aproximação com outras áreas científicas que não aquela de sua formação.

A antropologia e etnologia foram disciplinas nas quais os estudiosos se dedicaram às teorias raciais. A primeira, dando destaque a diferenças e características físicas, morfológicas e a craniologia, pretendia estabelecer uma classificação das “raças” e a última aos costumes e hábitos das distintas “raças”, no Brasil, branca, negra e índia e ainda sobre a miscigenação. Olhando alguns trabalhos<sup>765</sup> que abordam a Etnologia do século XIX no Brasil, é possível encontrar informações afirmando que em meados do século as práticas etnográficas do IHGB eram caracterizadas pelos estudos das línguas e dos costumes dos selvagens, a partir dos anos 1870, no Museu Nacional, elas foram marcadas pelos estudos experimentais e evolucionistas sobre os primitivos habitantes do Brasil.

Ainda se tratando dos anseios da humanidade, é fácil identificar um simples desejo de superioridade, ele deve ser superior a qualquer coisa, de algum jeito. Por isso, as teorias raciais tiveram tanto destaque no século XIX. Dando continuidade a estes pensamentos, acredito que o modo como as ideias evolucionistas e darwinistas foram utilizadas para sustentar o mito das diferenças raciais e destacar uma suposta supremacia da “raça” branca, incentivou intelectuais como Ladislau de Souza Mello e Netto, a investir em seus estudos.

Concomitante ao investimento do alagoano nos povos autóctones e negros no Brasil, aflorava nele sua versão abolicionista. Atrelada aos preceitos da modernidade na Corte, assim como os debates realizados em parte das associações das quais frequentou Netto e as aspirações de seu monarca, estavam as ações abolicionistas de Ladislau.

---

<sup>765</sup> BARCELOS, 2014; TURIM, 2009; VELOSO JUNIOR, 2013;

Em periódico abolicionista, Ladislau Netto se autointitulava sócio fundador da Sociedade Brasileira Contra a Escravidão. Assim como propagandeou seus feitos científicos à imprensa nacional, o alagoano o fazia com aqueles que visavam a abolição da escravidão no Brasil. Uma vez acusado de ser senhor de escravizados em meados da década de 1880, Netto fez questão de ir à público mostrando suas ações em homenagem a Joaquim Nabuco. O diretor do Museu Nacional enviou uma carta à imprensa informando que já havia rompido com as intempéries que um dia o relacionaram à escravização de pessoas negras. Segundo o próprio, era de bom tom que o exemplo viesse de casa. Além disso, Ladislau trazia à luz sua atuação enquanto depositário.

Ainda que “inferiores”, os negros eram dignos da benevolência de Ladislau Netto. A comiseração era transformada na vontade de conhecer e salvaguardar a memória e cultura deles. A coleção de objetos das casas de “dar fortuna”, assim como a aquisição da jangada representavam e contavam a história de uma população da qual Netto se via penalizado. Entretanto, enquanto uma mostrava a repressão e violência sofrida por essa cultura, a outra mostrava um episódio do protagonismo negro dentro de sua própria história.

A guarda e apreensão da Jangada de Chico da Matilde era também uma forma de publicizar a campanha abolicionista na Corte, pelo discurso emitido pelo “inimigo da escravidão”, assim como o cortejo com o objeto e a disposição de Ladislau em preservá-lo. Serviam impecavelmente como propaganda e exemplo do que a versão abolicionista do alagoano almejava para o resto do Brasil, assim como havia ocorrido no Ceará.

Integrante de um abolicionismo racista, Ladislau Netto se preocupava então com o passado e o presente da população negra da Corte. Entretanto, tratava-se de um futuro em que Ladislau se despiu de quaisquer responsabilidades. Sua luta era direcionada à abolição. No presente, os mesmos que eram escravizados há séculos por um regime do qual Ladislau fazia

parte, mereciam o livramento do “vil opróbrio, a insana covardia”. A escravização dos negros incomodava. Mas o futuro dessa população “a deus pertence”. Até mesmo porque para o cientista seu desaparecimento era iminente.

Assim como todo ser humano, por meio de limitações e complexidades, Ladislau Netto construiu e assumiu inúmeras versões de si ao longo dos seus 56 anos. Passeou pelas Artes, Literatura, Botânica, Antropologia, Etnografia, Arqueologia, pela administração, pelo associativismo e ativismo social e político. Com plena dedicação às suas causas, foi protagonista de várias batalhas. E de uma enorme trajetória repleta de erros e acertos.

Se um dia duvidaram que as energias do botânico acorrentadas ao Museu Nacional seriam motivo de pouca glória, hoje podemos dizer que dentro de seus esforços, nosso personagem teve uma trajetória composta por muitos êxitos. Por intermédio de seu trabalho, o alagoano conseguiu contar e nos permitiu escrever histórias. Mediante ao legado do sujeito, deixamos registrado então este fragmento com algumas das nossas versões sobre as tantas histórias de vida de Ladislau de Souza Mello Netto.

## 6 EPÍLOGO

### 6.1 Relato de uma historiadora encantada

Acredito que ao longo da tese eu tenha conseguido mostrar um pouco do que me convenceu a falar sobre essa figura alagoana. Como disse anteriormente, “conheci” Ladislau Netto enquanto fui estagiária da instituição que ele tanto se dedicou. Acho que nesses três anos e meio frequentando a reserva técnica do Setor de Etnologia e Etnografia do Museu Nacional - SEE, consegui compreender, e compartilhar do afeto que tinha o diretor do século XIX.

Aquele lugar tinha um encanto. Era mágico. Veloso<sup>766</sup>, historiador do SEE, sempre dizia que meus olhos brilhavam todas as vezes que mexíamos no acervo. Foi o acervo que me fez escolher o SEE para estagiar. Aqueles objetos me provocavam. E essa provocação me incentivava a conhecê-los e estudá-los cada vez mais.

Uma coisa que eu sempre digo a todos com quem tenho a oportunidade de trocar algumas palavras sobre minha experiência no MN é a seguinte: uma coisa é você ver um objeto numa vitrine de museu e outra completamente diferente é você ter acesso direto a este objeto, poder tocar nele, sentir sua energia. Era fascinante! Posso estar delirando, mas acredito que essa mesma sensação que eu tinha, também tinha Ladislau trabalhando diariamente no museu.

Com objetivos próximos e ao mesmo tempo discrepantes, resgatei a mesma coleção que Netto havia guardado no século XIX. Como pesquisadora, colaboradora do projeto da professora Mariza, tive a oportunidade de encontrar no acervo do Setor de Memória e

---

<sup>766</sup> Crenivaldo Regis Veloso Júnior, mestre e doutor em História. Historiador do Setor de Etnologia, do Departamento de Antropologia do Museu Nacional.

Arquivo do Museu Nacional - SEMEAR os documentos que indicavam a existência da coleção doada pela Polícia da Corte. A importância que as peças tiveram para Ladislau e para o Museu Nacional foram por mim<sup>767</sup> e pela exposição *Kumbukumbu: África, memória e patrimônio*, ressignificada. E foi esta mesma coleção que me fez chegar à figura do diretor. Na introdução desta tese, vocês puderam ver como ficaram alguns desses objetos após a tragédia do MN. E por isso, achei justo mostrar um paralelo entre antes e depois:



Figura 23 - Abebé, objeto ritual de Oxum

Fonte: Coleção Polícia da Corte - Acervo do Setor de Etnologia e Etnografia do Museu Nacional – SEE



Figura 24 - Abebé resgatado

---

<sup>767</sup> Em minha dissertação, CABRAL, 2017.

Fonte: Foto Amadora de uma pesquisadora apaixonada



Figura 25 - Ofá de Oxóssi

Fonte: Coleção Polícia da Corte - Acervo do Setor de Etnologia e Etnografia do Museu Nacional – SEE



Figura 26 - Ofá de Oxóssi resgatado

Fonte: Foto Amadora de uma pesquisadora apaixonada



Figura 27 - Argolas

Fonte: Coleção Polícia da Corte - Acervo do Setor de Etnologia e Etnografia do Museu Nacional – SEE



Figura 28 - Argolas resgatadas

Fonte: Foto Amadora de uma pesquisadora apaixonada

As fotos de melhor qualidade foram tiradas por um profissional em 2014, ano da inauguração da exposição *Kumbukumbu: África, memória e patrimônio*. Fizeram parte do registro das peças que faziam parte da *Africana do Museu Nacional*<sup>768</sup>. E me foram cedidas gentilmente pelo Setor de Etnologia e Etnografia do museu. Já as demais, foram tiradas por

---

<sup>768</sup> Nome dado pela professora Dr<sup>a</sup> Mariza Soares e pela museóloga Ma. Rachel Lima, à coleção africana e afro-brasileira do Setor de Etnologia e Etnografia do Museu Nacional. Deste modo, irei respeitá-lo. Cf. SOARES; LIMA. in AGOSTINI, 2013, pp. 337-360.

mim, com os sentimentos à flor da pele, em uma câmera de celular, por isso peço desculpas pela baixa qualidade das imagens. Estas últimas não foram feitas com a finalidade de serem expostas, mas sim como uma lembrança para meu acervo pessoal.

Da coleção por mim estudada, resistiram apenas os objetos de metal, como esses da foto. Todos eles apreendidos violentamente pela Polícia da Corte e doados ao Museu Nacional. Mesmo com tantas adversidades e tantas tentativas de apagá-los da história da população negra carioca, cá estão eles. Símbolos e objetos de resistência. Foram esses objetos que me encantaram e me fizeram seguir na vida acadêmica, resultando mormente, na conclusão desta tese.

No segundo capítulo desta tese, obtivemos a informação de que o Bendegó foi outro que resistiu às chamas da tragédia ocorrida no MN. O meteorito, maior exemplar da coleção brasileira de mineralogia<sup>769</sup>, formado por massa de ferro e níquel e pesando 5.360kg. Faz parte do acervo do MN há mais de 130 anos.

Ainda no século XIX, além de sua contribuição no desenvolvimento da Ciência Meteorítica<sup>770</sup>. A vinda do corpo celeste para o MN atingiu também outros espaços. O meteorito foi inspiração para o Teatro de Revista, que em no final do século lançou a revista *O Bendegó*<sup>771</sup>.

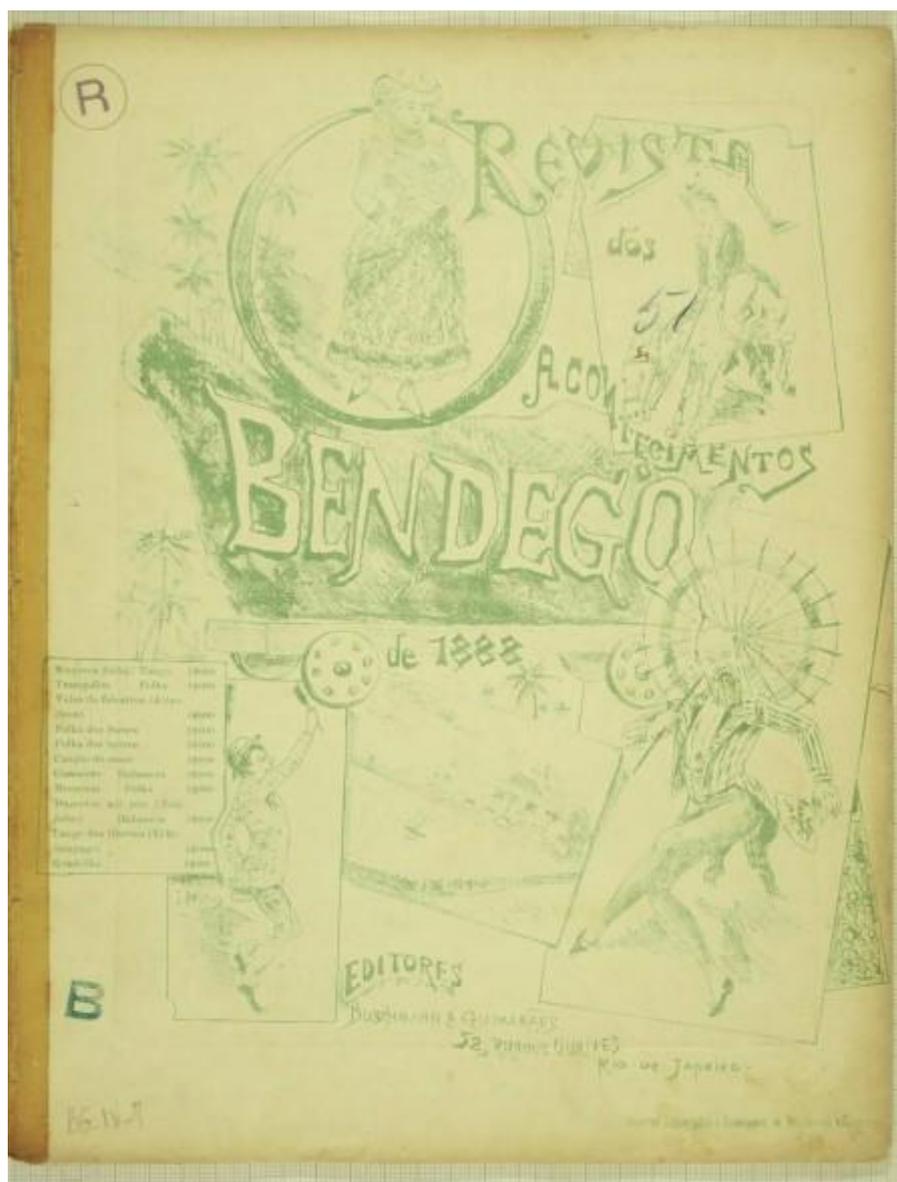
---

<sup>769</sup> Cf. BRAGA, 2018; CARVALHO et al, 2011.

<sup>770</sup> Cf. BRAGA, 2018; CARVALHO et al, 2011.

<sup>771</sup> Sobre o Teatro de Revista, conferir PEREIRA, 2021; SILVA, 2021.

Figura 29 - O Bendegó no Teatro de Revista



Fonte: PINTO, Joao Alves. *O Bendegó: nota de 200*. Rio de Janeiro, RJ: Buschmann & Guimaraes -  
Biblioteca Nacional.

A imagem ilustrada é referente à partitura da revista de Buschmann & Guimarães. Representando os acontecimentos de 1888, a peça tratava assuntos como a Abolição, a chegada da família real ao Brasil, e o futuro da nação. A revista contava com um prólogo, três atos e dez quadros. Com 36 números de música de autores nacionais e estrangeiros, tinha a composição e arranjo de João Alves Pinto<sup>772</sup>.

<sup>772</sup> João Alves Pinto (1866-1895) compositor brasileiro.

Além do Teatro de Revista, o Bendegó invadiu também os espaços de sociabilidades dançantes cariocas. De acordo com Matheus Topine, o nome do meteorito era o mesmo de um “escandaloso maxixe no largo da Sé”<sup>773</sup>. Na visão do historiador, assim como o Bendegó, tal casa de maxixe era um lugar que chamava a atenção e abalava as estruturas do solo onde atingisse<sup>774</sup>.

Seja na Ciência, no Teatro ou no Maxixe, o Bendegó reverberou em território nacional e internacional. E em 2018 ocupava a posição de 16ª entre as maiores massas de ferro-níquel de origem espacial catalogadas em todo mundo<sup>775</sup>. Localizado na entrada do MN, era ele quem dava boas-vindas aos seus visitantes.

Figura 30 - Bendegó entre escombros



Fonte: *EL PAÍS* – LEO CORREA/ AP, 13 de setembro de 2018. Disponível em:

[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/12/politica/1536703355\\_691640.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/12/politica/1536703355_691640.html).

<sup>773</sup> TOPINE, 2018, p. 23.

<sup>774</sup> Topine se refere a casa como escandalosa, pois casas de maxixe poderiam estar na mira das repressões policiais no final do século XIX e início do XX. Sobre as casas de maxixe, conferir TOPINE, 2018; PEREIRA; 2021.

<sup>775</sup> BRAGA, 2018, p. 148.

Nesta imagem impactante e pungente publicada no jornal *El País*, notamos a resistência do Meteorito entre os escombros do supracitado incêndio. Devido ao seu material e sua origem, era de se imaginar que ele seria uma das partes resistentes do acervo do Museu Nacional. É curioso notar, que além do meteorito, seu pedestal e os escritos dele também sobreviveram à tragédia.

Para orgulho de Ladislau Netto, sua casa resistiu. Hoje<sup>776</sup> podemos ver sua fachada e exposições inauguradas e nos orgulhar do trabalho efetivado por todos os colaboradores do MN durante esses quatro anos que se procedem à grande tragédia. Conforme o slogan proclamado pela própria instituição, o *Museu Nacional Vive!* Espero que assim seja por toda a eternidade, ainda que seja muito tempo.

Acredito que assim como esses objetos e a casa de Ladislau, que posteriormente se tornou minha também, é um símbolo de resistência. Do descaso à Ciência e Cultura que vivemos nesse país hodiernamente. Para mim esta tese também é símbolo de resistência. Após tantas intempéries, entre incêndios, grandes traumas, desistências, pandemia mundial, crises de ansiedade. Aqui está ela, resistindo, existindo e louvando à minha saúde mental.

Espero que com ela eu tenha conseguido apresentar-lhes um pouco dessa figura que me fascinou. E que foi tão singular para o MN no século XIX. Se um dia, disseram que no íntimo de seu âmago, ele queria proferir *O Museu sou eu*, terei a audácia de sonhar que hoje ele poderia dizer que *Essa Tese sou eu*.

---

<sup>776</sup> 21 de setembro de 2022.

## 7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Iconografia

NETTO, Ladislau. *Auguste Saint Hilaire*. [S.l.: s.n.], [18--]. 1 desenho, grafite, 53 x 44,7 cm. Disponível em:

[http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_iconografia/icon530220/icon530220.jpg](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon530220/icon530220.jpg). Acesso em: 23 jun. 2021.

NETTO, Ladislau. *Vista da cidade de Sabará na margem do rio das Velhas 25 de Fevereiro de 1852 (Sabará)*. [S.l.: s.n.], [18--]. 1 desenho, grafite e ponta de prata, 14,3 x 23cm; 24,6 x 32,5 cm. Disponível em:

[http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_iconografia/icon309899/icon309899.jpg](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon309899/icon309899.jpg). Acesso em: 23 jun. 2021.

NETTO, Ladislau. *Vista de Sabará*. [S.l.: s.n.], 1862. 1 desenho, grafite, 14,5 x 23cm; 24,6 x 32,4 cm. Disponível em:

[http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_iconografia/icon309898/icon309898.jpg](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon309898/icon309898.jpg). Acesso em: 23 jun. 2021.

### Fontes Impressas

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. v.1. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883-1902. Disponível em:

<https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/221681>. Acesso em: 13 ago. 2021.

\_\_\_\_\_. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. v.2. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883-1902. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/221681>. Acesso em: 13 ago. 2021.

\_\_\_\_\_. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. v.3. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883-1902. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/221681>. Acesso em: 13 ago. 2021.

\_\_\_\_\_. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. v.4. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883-1902. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/221681>. Acesso em: 13 ago. 2021.

\_\_\_\_\_. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. v.5. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883-1902. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/221681>. Acesso em: 13 ago. 2021.

\_\_\_\_\_. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. v.6. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883-1902. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/221681>. Acesso em: 13 ago. 2021.

\_\_\_\_\_. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. v.7. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883-1902. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/221681>. Acesso em: 13 ago. 2021.

CARVALHO, José Carlos de. *Meteorito de Bendegó*. Relatório apresentado ao Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas e à Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro sobre a remoção do Meteorito de Bendegó do sertão da província da Bahia para o Museu Nacional. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1888. Disponível em: <http://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/32>. Acesso em: 27 mai. 2021.

COSTA, Angyone. Ladislau Netto. *Anais do Museu Histórico Nacional*, v. II, Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1941. p.51-60.

DUARTE, Abelardo. *Ladislau Netto (1838-1894)*. Maceió: Imprensa Oficial, 1950.

GUIA DA EXPOSIÇÃO ANTHROPOLÓGICA BRAZILEIRA DO MUSEU NACIONAL DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro: Typographia. de G. Leuzinger & Filhos, 1882.

LACERDA, João Batista. *Fastos do Museu Nacional do Rio de Janeiro: recordações históricas e científicas fundadas em documentos authenticos e informações verídicas*. Imprensa Nacional, 1905. Disponível em: <http://www.museunacional.ufrj.br/obrasraras/0054.html>. Acesso em: 20 jan. 2021.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. *Obras Completas de Rui Barbosa*, vol. XL, de 1884, Tomo I: Discursos Parlamentares. Rio de Janeiro, 1945.

NETTO, Ladislau. *Aperçu sur la théorie de l'évolution: conférence faite à Buenos Ayres dans la séance solennelle, célébrée en son honneur par la Société Scientifique Argentine, le 25 octobre 1882*. Rio de Janeiro: Imprimerie du "Messager du Brésil", 1883. Disponível em: <https://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/463>. Acesso em: 27 mai. 2021.

\_\_\_\_\_. *Apontamentos relativos à botânica applicada no Brasil*. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1871. Disponível em: <http://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/14>. Acesso em: 27 mai. 2021.

\_\_\_\_\_. *Carta a Freire Alemão, fazendo considerações a respeito de juízo que sobre o mesmo Museu, emitira o cientista L. Agassiz*. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], 30 jun. 1868. 4 p. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_manuscritos/mss1424880/mss1424880.pdf](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1424880/mss1424880.pdf). Acesso em: 23 jun. 2021.

\_\_\_\_\_. *Conférence faite au Muséum National en présence de LL. MM. Impériales le 4 novembre 1884*. Rio de Janeiro: Typ. e Lith. de Machado & C. 1885a. Disponível em: <http://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/18>. Acesso em: 27 mai. 2021.

\_\_\_\_\_. *Investigações históricas e científicas sobre o Museu Imperial e Nacional do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Instituto Philomático, 1870. Disponível em: <http://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/27>. Acesso em: 27 mai. 2021.

\_\_\_\_\_. “Investigações sobre a Archeologia Brasileira”. *Revista Arquivos do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, 1885c.

\_\_\_\_\_. *Le Muséum National de Rio de Janeiro et son influence sur les sciences naturelles au Brésil*. Paris: Librairie Ch. Delagrave, 1889. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k9757906n.texteImage>. Acesso em 27 mai. 2021.

\_\_\_\_\_. *Lettre à Monsieur Ernest Renan à propos de L’Inscription Phénicienne Apocriphe soumise en 1872 a L’Institute Historique, Geographique et Ethnographique du Brésil*. Rio de Janeiro: Imprimerie à vapeur Lombaerts & Comp. 1885b. Disponível em: <https://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/20>. Acesso em: 27 mai. 2021.

\_\_\_\_\_. *In: Polyantheia: Álbum de Autographos Offerecido a Sua Majestade o Senhor Don Pedro II Imperador do Brasil por Ocasião de seu Regresso a Patria em Setembro de 1888*. Voiron Typographie et Lithographie A. Mollaret, 1892. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/518765>. Acesso em: 17 jun. 2021.

\_\_\_\_\_. “Resumo do Curso de Botânica do Museu Nacional”. *Revista Arquivos do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, 1878.

OS DIRETORES DO MUSEU NACIONAL. Rio de Janeiro, Sessão de Museologia, 2008.

PINHEIRO, Artidório Augusto Xavier. *Organização das Ordens Honoríficas do Imperio do Brazil*. São Paulo, 1884. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/182896/000015208.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 04 jan 2022.

PINTO, João Alves. *O Bendegó: nota de 200*. Rio de Janeiro, RJ: Buschmann & Guimarães. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_musica/mas233959/mas233959.pdf](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_musica/mas233959/mas233959.pdf). Acesso em: 20 jul. 2022.

RELATÓRIO DO MUSEU NACIONAL apresentado ao Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas pelo Dr. Ladislau Netto. Rio de Janeiro: Tipografia de João Ignácio da Silva, 1877. 25 p.

REVISTA ARQUIVOS DO MUSEU NACIONAL. Rio de Janeiro: Museu Nacional. 1876-1887. Disponível em: <http://obrasraras.museunacional.ufrj.br/periodicos>. Acesso em: 17 out. 2021.

REVISTA DA EXPOSIÇÃO ANTROPOLÓGICA DE 1882. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1882. Disponível em: <http://www.obrasraras.museunacional.ufrj.br/periodicos>. Acesso em: 17 out. 2021.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. Ano 1, n. 1-4 jan/dez 1839. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1839.

ROMERO, Sílvio. *Ethnographia Brasileira: Estudos Críticos sobre Couto de Magalhães, Barbosa Rodrigues, Theóphilo Braga e Ladislau Netto*. Rio de Janeiro: Livraria Clássica de Alves & C., 1888.

SOCIEDADE BRASILEIRA CONTRA A ESCRAVIDÃO. *Manifesto da Sociedade Brasileira Contra a Escravidão*. Rio de Janeiro: G. Leuzinger, 1880. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/174443>. Acesso em: 01 ago. 2021.

SOCIEDADE VELOSIANA. *Trabalhos da Sociedade Vellosiana*. Rio de Janeiro, 1851. Disponível em: <http://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/474>. Acesso em: 28 mai.2021.

### **Leis**

BRASIL. Coleção das Leis do Império do Brasil de 1824, p. 7. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao24.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm). Acesso em: 26 ago. 2022.

BRASIL. de Leis do Império do Brasil - 1888, Página 522 v. 1 pt. II. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-9942-25-abril-1888-542562-publicacaooriginal-51726-pe.html>. Acesso em: 23 abr. 2021.

BRASIL. Coleção de Leis do Brasil - 1890, Página 912 v. 1 fasc. V. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-379-a-8-maio-1890-522952-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 23 abr. 2021.

BRASIL. Lei de 07 de novembro de 1831. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/lim/LIM-7-11-1831.htm#:~:text=LEI%20DE%207%20DE%20NOVEMBRO,aos%20importadores%20dos%20mesmos%20escravos](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM-7-11-1831.htm#:~:text=LEI%20DE%207%20DE%20NOVEMBRO,aos%20importadores%20dos%20mesmos%20escravos). Acesso em: 26 ago. 2022.

BRASIL. Lei nº 2.040, de 28 de setembro de 1871. Disponível em: [http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw\\_Identificacao/lim%202.040-1871?OpenDocument](http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lim%202.040-1871?OpenDocument). Acesso em: 10 jun. 2022.

### **Periódicos/ Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional**

*A Comédia Social Hebdomadario Popular Satirico*

*A Estação*

*A Folha Nova*

*A Nação - Jornal Político, Commercial e Litterario*

*A Notícia*

*A Província - Órgão do Partido Liberal*

*A Reforma - Órgão Democrático*

*A Semana*

*A Vida Fluminense - Folha Joco - Seria Illustrada*  
*Acajá - Jornal de Instrução e Recreio*  
*Almanak Gazeta de Notícias - Pequena Enciclopédia*  
*Almanack Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial*  
*Almanach Litterario Paulista*  
*Almanak do Rio Grande do Sul*  
*Annaes Brasilienses de Medicina*  
*Annaes do Parlamento Brasileiro*  
*Artes e Letras*  
*Balanço da Receita e Despeza do Império*  
*Brazil*  
*Comédia Popular - Hebdomadario Illustrado e Satyrico*  
*Correio da Manhã*  
*Correio do Brasil - Propriedade da Companhia do Correio do Brazil*  
*Correio Mercantil, e Instructivo, Político, Universal*  
*Correio Official de Goyaz*  
*Correio Paulistano*  
*Diário da Manhã*  
*Diário de Notícias*  
*Diário de Pernambuco*  
*Diário do Rio de Janeiro*  
*Gazeta da Tarde*  
*Gazeta de Campinas*  
*Gazeta de Notícias*  
*Gazeta de Sergipe*  
*Gazeta Médica da Bahia*  
*Gazetinha Águia de Ouro*  
*Gutenberg - Orgão da Associação Typographica Alagoana de Socorros Mutuos*  
*Hemerodromo da Juventude: Periódico Literário e Recreativo*  
*Imprensa Industrial - Revista de Literatura, Sciencias, Arte e Industria*  
*Jornal da Tarde*  
*Jornal da Noite*  
*Jornal de Recife*  
*Jornal do Agricultor*  
*Jornal do Brasil*  
*Jornal do Comércio*  
*Jornal do Pará - Órgão Official*  
*Jornal do Pilar*  
*Jornal de Penedo*  
*Komos - Revista Artística, Scientífica e Litteraria*  
*Mephestopheles*  
*Museu Recreativo - Imprensa Industrial*  
*Novidades*  
*O Abolicionista*

*O Auxiliador da Indústria Nacional*  
*O Besouro*  
*O Brazil Contemporaneo*  
*O Cearense*  
*O Conciliador*  
*O Cruzeiro*  
*O Despertador*  
*O Figaro*  
*O Globo*  
*O Liberal do Pará*  
*O Mequetrefe*  
*O Mosquito*  
*O Mundo da Lua*  
*O Novo Mundo - Periódico Illustrado do Progresso da Edade*  
*O Repórter*  
*O Paiz*  
*O Vulgarizador*. Rio de Janeiro, n. 32, p. 250-251, 1879.  
*Pharol*  
*Relatório da Santa Casa de Misericórdia*  
*Relatórios do Ministério da Justiça*  
*Revista Agrícola do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura*  
*Revista de Horticultura*  
*Revista Illustrada*  
*Revista Pedagógica*  
*Semana Illustrada*  
*Vida Fluminense*

### **Fontes Manuscritas**

“Brasil, Minas Gerais, Registros da Igreja Católica, 1706-1999,” database with images, *FamilySearch* (<https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:QP7P-LBMF> : 20 February 2021), Ladislau de Souza Mello Netto in entry for Ladislau Netto, 4 Feb 1891; citing Death, Nossa Senhora da Piedade, Barbacena, Barbacena, Minas Gerais, Brasil, Paróquias Católicas (Catholic Church parishes), Minas Gerais; FHL microfilm 1,252,373. Acesso em 01 de fev. de 2021.

“Brasil, Rio de Janeiro, Registro Civil, 1829-2012”, database with images, *FamilySearch* (<https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:WYN3-Z2N2> : 9 April 2020), Ladisláo de Souza Mello Netto, ; citing Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; Corregedor Geral da Justicia (Inspector General of Justice Offices), Rio de Janeiro. Acesso em 01 de fev. de 2021.

“Brasil, Rio de Janeiro, Registros da Igreja Católica, 1616-1980”, database with images, *FamilySearch* (<https://www.familysearch.org/ark:/61903/1:1:8BF3-DYZM> : 8 November 2020), Ladislau Mello Netto, 1873. Acesso em 01 de fev. de 2021.

“Brasil, Rio de Janeiro, Registros da Igreja Católica, 1616-1980”, database with images, *FamilySearch* (<https://familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-4NSB-2?cc=1719212&wc=M6ZY-MZ9%3A131775101%2C131775602%2C142949501> : 11 March 2022), Rio de Janeiro > São Francisco Xavier > Batismos 1869, Mar-1872, Out > image 7 of 158; Paróquias Católicas (Catholic Church parishes), Rio de Janeiro. Acesso em 01 de fev. de 2021.

“Brasil, Rio de Janeiro, Registros da Igreja Católica, 1616-1980”, database with images, *FamilySearch* (<https://familysearch.org/ark:/61903/3:1:939F-RZST-QR?cc=1719212&wc=M6ZY-42S%3A131775101%2C143382301%2C143382302> : 2 September 2020), Rio de Janeiro > São Joaquim > Batismos 1866, Fev-1873, Ago > image 169 of 177; Paróquias Católicas (Catholic Church parishes), Rio de Janeiro. Acesso em 01 de fev. de 2021.

“Brasil, Rio de Janeiro, Registro Civil, 1829-2012”, database with images, *FamilySearch* (<https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:QGJR-QQJF> : 9 April 2020), Couselheiro Ladeslau de Souza Mallo Netho in entry for Antonio Jose de Azevedo and Luiza Netto Teixeira Garcia, ; citing p. 154, Rio de Janeiro, Brasil, Corregedor Geral da Justicia (Inspector General of Justice Offices), Rio de Janeiro; FHL microfilm 1,286,352. Acesso em 01 de fev. de 2021.

“Brasil, Rio de Janeiro, Registro Civil, 1829-2012”, database with images, *FamilySearch* (<https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:79DS-3GZM> : 9 April 2020), Ladislau Netto in entry for Laurentina Muniz Freire Netto ; citing Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; Corregedor Geral da Justicia (Inspector General of Justice Offices), Rio de Janeiro. Acesso em 01 de fev. de 2021.

“Brasil, Rio de Janeiro, Registro Civil, 1829-2012”, database with images, *FamilySearch* (<https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:797X-RFN2> : 9 April 2020), Lucilia Netto Campos, ; citing Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; Corregedor Geral da Justicia (Inspector General of Justice Offices), Rio de Janeiro. Acesso em 01 de fev. de 2021.

“Brasil, Rio de Janeiro, Registro Civil, 1829-2012”, database with images, *FamilySearch* (<https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:7QGM-NHT2> : 9 April 2020), Luiza Netto de Azevedo, ; citing Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; Corregedor Geral da Justicia (Inspector General of Justice Offices), Rio de Janeiro. Acesso em 01 de fev. de 2021.

CARVALHO, João Antônio Rodrigues de. Ofício sobre o requerimento de Inácio Álvares Pinto de Almeida relativo à criação da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional. Rio de Janeiro, 1825. Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional. Disponível em:

[http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_manuscritos/mss1428066/mss1428066.pdf](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1428066/mss1428066.pdf). Acesso em: 10 jun. 2022.

CORRESPONDÊNCIAS ENVIADAS AO MUSEU NACIONAL. Fundo Museu Nacional. Série Diretoria. Avisos e Ofícios. Pastas 19 docs. 54, 57 e 59; Pasta 20 doc.139; Pasta 21 doc. 61; Pasta 23 doc. 105; Pasta 25 doc. 20; Pasta 26 doc. 27.MN.DR.AO.

NETTO, Ladislau. Carta ao imperador oferecendo o exemplar do 6º volume dos arquivos do Museu Nacional e pedindo sua proteção e auxílio às necessidades orçamentárias daquela repartição. Rio de Janeiro, 1885. Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional. Disponível em:

[http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_manuscritos/mss1427951/mss1427951.pdf](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1427951/mss1427951.pdf). Acesso em: 13 ago de 2021.

OFÍCIOS do diretor do Museu Nacional ao Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas e à Secretaria de Polícia da Corte. Fundo Museu Nacional. Série Diretoria. Avisos e Ofícios. Livro 7, BR.MN.RA.7.D7.

## **Bibliografia**

ABREU, Maurício de Almeida. *A Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. 3. ed. Rio de Janeiro: IPLANRIO, 1997.

AGOSTINHO, Michele de Barcelos. *O Museu em Revista: a produção, a circulação, e a recepção da Revista Arquivos do Museu Nacional (1876-1887)*. 2014. 143 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

\_\_\_\_\_. *O Museu Nacional, o Império e a conquista dos povos indígenas: história, ciência e poder na Exposição Antropológica Brasileira de 1882*. 2020. 296 f. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2020.

ALMEIDA, Argus Vasconcelos de. *A estrutura histórico-conceitual dos programas de pesquisa de Lamarck e Darwin e os processos de conceitualização da biologia evolutiva*. 2007. 277f. Tese (Doutorado em Psicologia Cognitiva) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

ALONSO, Angela. Associativismo avant la lettre: as sociedades pela abolição da escravidão no Brasil oitocentista. *Sociologias*, v. 13, n. 28, set./dez. 2001.

\_\_\_\_\_. *Flores, votos e balas: o movimento abolicionista brasileiro (1868-88)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

\_\_\_\_\_. *Ideias em Movimento: a geração de 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ANDRADE, André Luiz Alípio de. *Variações sobre um tema: a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional e o debate sobre o fim do tráfico de escravos (1845-1850)*. 2002. 172 f.

Dissertação (Mestrado em História Econômica) - Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

ARAÚJO, Carlos Eduardo Moreira de; FARIAS, Juliana Barreto; GOMES, Flávio dos Santos; SOARES, Carlos Eugênio Líbano. *Cidades Negras: africanos, crioulos e espaços urbanos no Brasil escravista do século XIX*. São Paulo: Alameda, 2006.

ASPERTI, Clara Miguel. A vida carioca nos jornais: Gazeta de Notícias e a defesa crônica. *Contemporânea*, Rio de Janeiro, n. 7, p. 45-55, 2006. Disponível em: [http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed\\_07/06CLARA.pdf](http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_07/06CLARA.pdf). Acesso em 07 de jan. de 2021.

AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. *Onda Negra, medo branco: o negro no imaginário das elites – século XIX*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BARBOSA, Felipe da Silva. *Do topos ao trópico: a representação dos grupos étnicos indígenas no IHGAL (1875-1901)*. 2015. 112 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas, Comunicação E Artes, Universidade Federal de Alagoas, Alagoas, 2015.

BARBOSA, Marialva Carlos. “Jornalismo no Brasil: dois séculos de história”. In: SOUSA, Jorge Pedro (org.). *Jornalismo: história, teoria e metodologia. Perspectivas luso-brasileiras*. Porto, Portugal: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2008.

BARBUY, Heloisa. “O Brasil vai a Paris em 1889: um lugar na Exposição Universal”. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v.4, p.211-261, jan./dez.1996.

BARGÈS, Jean Joseph Léandre. *Temple de Baal à Marseille: ou, Grande inscription phénicienne découverte dans cette ville dans le courant de l'année 1845, expliquée et accompagnée d'observations critiques et historiques*. França: J.-B. Herman et cie., 1847.

BARRETO, Patrícia Regina Corrêa. *Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional: o templo carioca de Palas Atena*. 2009. 385 f. Tese (Doutorado em História das Ciências, Técnicas e Epistemologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

BARROS, Francisco Reinaldo Amorim de. *ABC das Alagoas: Dicionário Biobibliográfico, Histórico e Geográfico de Alagoas. Tomo I A-F*. Brasília: Senado Federal, 2005a.

\_\_\_\_\_. *ABC das Alagoas: Dicionário Biobibliográfico, Histórico e Geográfico de Alagoas. Tomo II G-Z*. Brasília: Senado Federal, 2005b.

BASTOS, Maria Helena Camara. Ferdinand Buisson no Brasil - Pistas, vestígios e sinais de suas ideias pedagógicas (1870-1900). *Revista História da Educação - ASPHE*, Pelotas, p. 79-109, set. 2000.

BATALHA, Cláudio; MAC CORD, Marcelo. *Organizar e proteger: trabalhadores, associações e mutualismo no Brasil (séculos XIX e XX)*. São Paulo: Editora Unicamp, 2015.

BEDIAGA, Begonha Eliza Hickman. *Marcado pela própria natureza: o Imperial Instituto Fluminense de Agricultura e as Ciências Agrícolas - 1860 a 1991*. 2011. 265 f. Tese

(Doutorado em História das ciências) - Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2011. Disponível em:  
<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/287026>. Acesso em: 17 jun. 2021.

BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. *Mulheres de Ontem?* Rio de Janeiro, século XIX. São Paulo: T. A. Queiroz, 1988.

BISCARDI, Afrânio. “O Dirigismo Laico: D. Pedro II e o projeto imperial”. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 2., Campinas, 2006. *Atas Eletrônicas*. IFCH / UNICAMP: Campinas, 2006. Disponível em:  
<https://www.ifch.unicamp.br/eha/atas/2006/BISCARDI,%20Afranio%20-%20IIIEHA.pdf>. Acesso em 08 jul. 2021.

BRAGA, Jezulino. “A pedra que veio lá do infinito: o meteorito de Bendegó e o Museu Nacional”. *Concinnitas*, ano 19, n. 34, p. 147-164, dez. 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/download/39892/27957>. Acesso em 10 ago. 2022.

BRASIL, Eric; NASCIMENTO, Leonardo. F. “História digital: reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica”. *Revista Estudos Históricos*, v. 33, n. 69, p. 196–219, 1 jan. 2020. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/79933>. Acesso em 20 ago. 2021.

CABRAL, Carolina. *Da polícia ao museu: a formação da coleção africana do Museu Nacional na última década da escravidão*. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado e Licenciatura em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

\_\_\_\_\_. *Da polícia ao museu: a formação da coleção africana do Museu Nacional na última década da escravidão*. 2017. 205 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017a.

\_\_\_\_\_. “Mulheres Africanas, Mães Brasileiras: o papel da mulher na família escrava e na preservação da cultura africana”. In: *XXIX SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - Contra os Preconceitos: História e Democracia*, 2017, Brasília. *Anais do XXIX Simpósio Nacional de História - contra os preconceitos: história e democracia*, 2017b.

\_\_\_\_\_. “Ode à Coleção Polícia da Corte”. *Temporalidades*, Belo Horizonte, v.10, n.3, p.45-60, set/dez, 2018.

CAPILÉ, Bruno. *A mais santa das causas: a Revista Agrícola do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura (1869-1891)*. 2010. 260 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

CARULA, Karoline. *Darwinismo, raça e gênero: conferências e cursos públicos no Rio de Janeiro (1870-1889)*. 2012. 302 f. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

\_\_\_\_\_. “Intelectuais, Modernidade e Questões Raciais: as análises de Ladislau Netto, no Museu Nacional, sobre os negros (Rio de Janeiro - 1870-1885)”. In: CARULA, Karoline; CORRÊA, Maria Letícia; PRADO, Maria Emilia da Costa. (org.). *Tradição e modernidade no mundo iberoamericano*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2016, v.1, p. 54-72.

CARVALHO et al., Wilton Pinto; O Meteorito Bendegó: história, mineralogia e classificação química. *Revista Brasileira de Geociências*. v. 41, n.1, p. 141-156, mar. 2011. Disponível em: <https://ppegeo.igc.usp.br/index.php/rbg/article/view/7821>. Acesso em 10 ago. 2022.

CASTANHA, André Paulo. *Pedagogia da Moralidade: a ordem civilizatória imperial*. Revista Piquiriguaçu, Cascavel-PR, p. 14 - 15, 20 maio 2007.

CHALHOUB, Sidney. Medo branco de almas negras: escravos, libertos e republicanos na cidade do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de História*, v. 8, n. 16, p. 83-105, mar./ago 1988.

\_\_\_\_\_. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte*: São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CHARTIER, Roger. “O Homem de Letras”. In: VOVELLE, Michel (dir.). *O Homem do Iluminismo*. Lisboa: Editorial Presença, 1997, p. 119-153.

CLAVAL, Paul. A Geografia Francesa. *Espaço Aberto*, PPGG - UFRJ, v. 4, n.1, p. 7-22, 2014.

CÔRTE, Andréa Telo (org.). *Amaral Peixoto: história, memória, política*. Niterói: FUNARJ/Imprensa Oficial, 2012, p. 129-176.

COSTA, Angyone. *Introdução à arqueologia brasileira: etnografia e história*. Rio de Janeiro: Ed. Nacional, 1938. Disponível em: <http://www.museunacional.ufrj.br/obrasraras/documentos.html>. Acesso em: 12 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. *Archeologia Geral: civilizações da América pré-colombiana - Antiguidade Clássica - Civilizações Orientaes*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

COSTA, Emília Viotti da. *A Abolição*. 8. ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

\_\_\_\_\_. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. 9. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

CRESPO, Fernanda N. *O Brasil de Laudelina: uso do biográfico no ensino de história*. 2017. 165 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

CUNHA, Karolina Dias da. “As mulheres brasileiras no século XIX”. In: ENCONTRO NACIONAL DO GRUPO DE TRABALHO DE GÊNERO/ANPUH, 2014, Vitória. *Anais eletrônicos* [...]. Vitória, 2014. Disponível em: [https://legpv.ufes.br/sites/legpv.ufes.br/files/field/anexo/karolina\\_dias\\_da\\_cunha.pdf](https://legpv.ufes.br/sites/legpv.ufes.br/files/field/anexo/karolina_dias_da_cunha.pdf). Acesso em: 23 jul. 2022.

D'ALMEIDA, Claudia Alves; D'ALMEIDA, José Mario. "Importância do Marquês do Lavradio, 3º Vice-Rei, na divulgação da História Natural do Brasil setentista". *Revista Scientiarum História*. v.1, 2018.

DANTAS, Regina Maria Macedo Costa. *A Casa do Imperador: do Paço de São Cristóvão ao Museu Nacional*. Março de 2007. 276 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: [http://www.museusdoriorio.com.br/joomla/index.php?option=com\\_k2&view=item&task=download&id=11](http://www.museusdoriorio.com.br/joomla/index.php?option=com_k2&view=item&task=download&id=11) Acesso em: 23 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. *Casa Inca ou Pavilhão da Amazônia? A participação do Museu Nacional na Exposição Universal Internacional de 1889 em Paris*. 2012. 280 f. Tese (Doutorado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

\_\_\_\_\_.; KUBRUSLY, Ricardo Silva; SILVA, Paulo Vinicius Aprígio. "Os registros de Ladislau Netto impressos na história científica do Museu Nacional". In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal. *Anais eletrônicos* [...]. Natal: ANPUH, 2013. Disponível em: [https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548875180\\_743692f01e0e95da8a771c56dd0128bf.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548875180_743692f01e0e95da8a771c56dd0128bf.pdf). Acesso em 23 jan. 2021.

DANTES, Maria Amélia Mascarenhas. As ciências na história brasileira. *Cienc. Cult.* São Paulo, v.57, n.1, p.26-29, mar. 2005. Disponível em: [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252005000100014&lng=en&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000100014&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 14 jul. 2021.

\_\_\_\_\_. *Espaços da Ciência no Brasil: 1800-1930*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

DARWIN, Charles (1859). *A Origem das Espécies*. Tradução por Carlos Duarte e Anna Duarte. São Paulo: Martin Claret, 2014.

DE OLIVEIRA, Juliana Padilha. "Na escola do povo, entrai, meninas...": A educação das mulheres no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro no século XIX. 2019. 59 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

DIEHL, Astor Antônio. *A Cultura Historiográfica Brasileira: do IHGB aos anos 1930*. Passo Fundo: EDIUPF, 1998.

DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol. "A Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional e as Ciências Naturais no Brasil Império". In: DANTES, Maria Amélia Mascarenhas. *Espaços da Ciência no Brasil: 1800-1930*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001, p. 83-110.

\_\_\_\_\_. O homem, as ciências naturais e o Brasil no século XIX. *Acervo*, v. 22, n. 1, p. 167-178, 28 nov. 2011. Disponível em: <http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/107>. Acesso em: 11 jul. 2021.

\_\_\_\_\_.; SÁ, Magali Romero. O Museu Nacional e o ensino das ciências naturais no Brasil no século XIX. *Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência*, v. 15, p. 79-88, 1996.

\_\_\_\_\_.; SÁ, Magali Romero; GLICK, Thomas (org.). *A Recepção do Darwinismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.

DOURADO, Larissa Bagano. *O Município do Rio de Janeiro e o Tráfico Interno de Pessoas Escravizadas no Império do Brasil (1850-1885)*. 2022. 190 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: escrever uma vida*. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

FERREIRA, Jonatas; HAMLIN, Cynthia. “Mulheres, negros e outros monstros: um ensaio sobre corpos não civilizados”. *Revista de Estudos Feministas*, v. 18, n. 3, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2010000300010>. Acesso em 25 jun. 2022.

FERREIRA, Ligia Fonseca. Luiz Gama: um abolicionista leitor de Renan. *Estudos Avançados* (USP. Impresso) , v. 21, p. 271-288, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142007000200021>. Acesso em: 19 set. 2022.

FERREIRA, Lúcio Menezes. *Território Primitivo: a institucionalização da arqueologia no Brasil (1870-1917)*. 2007. 336 f. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br>. Acesso em: 22 jun. 2021.

FIGUEIRÓ, Raquel Braun. *O médico, a raça e o crime: a apropriação das teorias raciais pelo médico porto-alegrense, Sebastião Leão, no final do século XIX*. 2014. 167 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

FIRMIN, Joseph Auguste Anténor. *De l'Égalité des Races Humaines: Anthropologie Positive*. Paris: Librairie Cotillon, 1885.

GOMES, Angela Maria de Castro; HANSEN, Patrícia Santos (Orgs.). *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GONÇALVES, Marcia de Almeida. “A morte e a morte da biografia”. In: OLIVEIRA, Rodrigo Perez; SILVA, Daniel Pinha. (Orgs.). *Tempos de crise: ensaios de história política*. Rio de Janeiro: Editora Autografia Edição e Comunicação Ltda., 2020.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. “Coleções, museus e teorias antropológicas: reflexões sobre conhecimento etnográfico e visualidade”. *Cadernos de Antropologia e Imagem*. nº 8 acervos de imagens. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Rio de Janeiro: UERJ, 1995.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

GUALTIERI, Regina Cândida Ellero. “O Evolucionismo na Produção Científica do Museu Nacional do Rio de Janeiro (1876-1915)”. In: DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol; SÁ, Magali Romero; GLICK, Thomas (orgs.). *A Recepção do Darwinismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.

GUEDES, Angela. “Museu, documentação e transmissão cultural”. In: BENCHETRIT Sarah Fassa; BEZERRA, Rafael Zamorano; MAGALHÃES, Aline Monteiro (org.). *Museus e Comunicação: exposições como objeto de estudo*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2010.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. “Raça e os estudos de relações raciais no Brasil. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n.54, p. 147-156, 1999.

GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. *Debaixo da Imediata Proteção Imperial: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889)*. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2011.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n. 1, p. 5-27, 1988.

GRINBERG, Keila. *Liberata - a lei da ambiguidade: as ações de liberdade da Corte de Apelação do Rio de Janeiro no século XIX*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

HEIZER, Alda. *Observar o céu e medir a terra: instrumentos científicos e a participação do Império do Brasil na Exposição de Paris de 1889*. 2005. 233 f. Tese (Doutorado em Ciências) - Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

JESUS, Ronaldo. P. de. Associativismo no Brasil do Século XIX: repertório crítico dos registros de sociedades no Conselho de Estado (1860-1889). *Locus: Revista de História*, [S. l.], v. 13, n. 1, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20658>. Acesso em: 15 jun. 2021.

KANT, Immanuel, *Resposta à pergunta: O que é o “esclarecimento”?* (Aufklärung). Petrópolis: Vozes, 1985.

KEULLER, Adriana Tavares do Amaral Martins. *Os estudos físicos de antropologia no Museu Nacional do Rio de Janeiro: cientistas, objetos, ideias e instrumentos (1876-1939)*. São Paulo: Humanitas, 2012.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Cobogó, 2019.

KÖPTCKE, Luciana Sepúlveda; PEREIRA, Marcele. *Guia de Fontes Primárias. O Museu Nacional: seu público no século XIX e no início do XX*. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz - Fiocruz, 2008.

KOUTSOUKOS, Sandra Sofia Machado. *Zoológicos humanos: gente em exibição na era do imperialismo*. Campinas: Unicamp, 2020.

KURY, Lorelai Brilhante.; MUNTEAL FILHO, Oswaldo. Cultura científica e sociabilidade intelectual no Brasil setecentista: um estudo acerca da sociedade literária do Rio de Janeiro. *Acervo - Revista do Arquivo Nacional*, v. 8, n. 1-2, p. 105-122, 1995. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/40277>. Acesso em: 18 mai. 2022.

LANGER, Johnni. *Ruínas e Mitos: A Arqueologia no Brasil Imperial*. 2001. 240f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2001.

LELIS, Francismara de Oliveira. *Discursos e sentidos sobre a educação feminina na Corte, século XIX*. Uma reflexão histórica da “Polyantheia comemorativa de inauguração das aulas para o sexo feminino do Imperial Lycêo de Artes e Offícios”. 2016. 99 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2016.

LEVI, Giovanni. “Usos da biografia”. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de M. (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p.167-182.

LIMA, Fernanda Mirabelli. A Imperial Ordem da Rosa entre as Ordens Honoríficas do Brasil Imperial (1822-1889)”. In: *Pesquisa & Educação a Distância*, América do Norte, dez. 2020. Disponível em: <http://revista.universo.edu.br/index.php?journal=2013EAD1&page=article&op=view&path%5B%5D=8631&path%5B%5D=4239>. Acesso em: 04 jan. 2022.

LIMA, Ivana Stolze. *O Brasil Mestiço: discurso e prática sobre relações raciais na passagem do século XIX para o século XX*. 1994. Dissertação (Mestrado Social da Cultura) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.

LOPES, Maria Margaret. *O Brasil Descobre a Pesquisa Científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

LORDELLO, Josette Magalhães. *Entre o Reino de Deus e dos Homens: a secularização do casamento no Brasil do século XIX*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

LOWANDE, Walter Francisco Figueiredo. As Coleções do Museu Nacional no Século XIX: Patrimônio Cultural e Identidade Nacional pela Perspectiva dos Naturalistas. In: SEMANA NACIONAL DE MUSEUS NA UNIFAL, 6., 2014, Alfenas, MG. Anais [...]. Alfenas, MG: UNIFAL, 2014.

MacGREGOR, Neil. *A História do Mundo em 100 objetos*. Tradução de Ana Beatriz Rodrigues, Berilo Vargas e Cláudio Figueiredo. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. ‘Teremos grandes desastres, se não houver providências enérgicas e imediatas’: a rebeldia dos escravos e a abolição da escravidão. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (org.). *O Brasil Imperial*, volume III: 1870-1889. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

MACHADO, Ricardo Ferreira. *Visões naturalistas sobre os indígenas brasileiros entre 1880 e 1910*. 2020. 239 f. Tese (Doutorado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) - Universidade Federal da Bahia e Universidade Federal de Feira de Santana, 2020.

MAMIGONIAN, Beatriz. *Africanos livres: a abolição do tráfico de escravos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

MARY, Cristina Pessanha. *A Seção da Sociedade de Geografia de Lisboa no Brasil e o Sonho de um Novo Império Africano*. 2006. 274 f. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

\_\_\_\_\_. A geografia no Brasil nos últimos anos do Império. *Revista da SBHC*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 156-171, jul. /dez. 2005a.

\_\_\_\_\_. A Seção da Sociedade de Geografia de Lisboa no Brasil, um projeto de Geografia para o Império Brasileiro. ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 10., 2005. São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005b.

MATTOS, Hebe Maria. *Escravidão e Cidadaniano Brasil Monárquico*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O Tempo Saquarema*. São Paulo: Hucitec, 2004.

MARQUES, Pâmela Marconatto. Narrando Revoluções com os Pés no Haiti: A Revolução haitiana por Michel-Rolph Trouillot e outros intelectuais caribenhos. *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*, Brasília, v. 11, n. 3, p. 137-158, 2017.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: O lado mais escuro da modernidade. *Rev. Bras. Ci. Soc.*, São Paulo, v. 32., n. 94l, 2017.

MIRANDA DE ALCÂNTARA, Mauro Henrique. *D. Pedro II e a Emancipação dos Escravos*. 2013. 165 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Mato Grosso - UFMG, Cuiabá, 2013.

MONTECHIARE, Renata. “Colecionamento, patrimonialização e exibição de corpos humanos em museus – perspectivas contemporâneas”. In: 41º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 2017, Caxambu - Minas Gerais. *Anais [...]*. Minas Gerais: Hotel Glória, Caxambu, 2017.

MORAIS, Rita de Cássia de Jesus. *Nos verdes campos da ciência: a trajetória acadêmica do médico e botânico brasileiro Francisco Freire-Allemão (1797-1874)*. 2005. 109 f. Dissertação (Mestrado) - Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2005.

MOTT, Maria Lucia de Barros. Ser mãe: a escrava em face do aborto e do infanticídio. *Revista História*, São Paulo, 120, jan/jul. 1989, p. 85-96. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/download/18594/20657>. Acesso em 21 jul. 2022.

NEVES, Margarida de Souza. Uma cidade entre os dois mundos – o Rio de Janeiro no final do século XIX. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (org.). *O Brasil Imperial*, volume III: 1870-1889. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

PAES, Mariana Armond Dias. *Escravidão e Direito: o estatuto jurídico dos escravos no Brasil oitocentista (1860-1888)*. São Paulo: Alameda, 2019.

PENTEADO, David Francisco de Moura. O Auxiliador da Indústria Nacional: um periódico a serviço do Estado Brasileiro? (1833-1896). *Revista Eletrônica Trilhas da História*. v. 8 n. 15, 2018. Disponível em: <https://trilhasdahistoria.ufms.br/index.php/RevTH/article/view/5635>. Acesso em 06 jun. 2022.

PEREIRA, Juliana da Conceição. *Da Cidade Nova aos Palcos: uma história social do Maxixe (1870-1930)*. 2021. 310 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.

\_\_\_\_\_. *Clubes Dançantes e Moralidade na Primeira República (1904-1912)*. 2014. 145f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

PEREIRA, Milena da Silveira. O despertar de um espírito associativo. In: \_\_\_\_\_. *A crítica que fez história: as associações literárias no Oitocentos*. São Paulo: Editora UNESP, 2014, p. 21-65.

PEREIRA, Washington Kuklinski. *O Traço e a Pena: A Campanha abolicionista de Ângelo Agostini na Revista Ilustrada (1884-1888)*. 2010. 144f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

PETRY, Marília Gabriela; SILVA, Vera Lucia Gaspar da. Museu Escolar: sentidos, propostas e projetos para a escola primária (séculos 19 e 20). *História da Educação*, Porto Alegre, v. 17, n. 41, p.79-101, set./dez. 2013.

PIMENTEL, António Filipe. A Ordem Militar de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa. In: FERNANDES, Isabel Cristina F; PACHECO, Paulo (coord.). *As Ordens Militares em Portugal e no Sul da Europa*. Palmela: Edições Colibri, 1997.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. *Escritos de liberdade: literatos negros, racismo e cidadania no Brasil oitocentista*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2018.

\_\_\_\_\_. *Imprensa Negra no Brasil do Século XIX*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

PIRES, Débora de Oliveira. *200 anos do Museu Nacional*. Rio de Janeiro: Associação Amigos do Museu Nacional, 2017.

POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. 16. ed. São Paulo: Ática, 1996.

REIS, Isabel Cristina Ferreira dos. *Histórias de vida familiar e afetiva de escravos na Bahia do século XIX*. Salvador: Centro de Estudos Baianos, 2001.

REIS, João José. *Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês em 1835*. ed. rev. e ampl. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_; SILVA, Eduardo. *Negociações e Conflitos: a resistência negra no Brasil escravista*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

RIBEIRO, Berta G. Museu e Memória: reflexões sobre o colecionismo. *Revista de Antropologia*, v. 30-32, p.489-510, 1987-1989.

SÁ, Magali Romero. O botânico e o mecenas: João Barbosa Rodrigues e a ciência no Brasil na segunda metade do século XIX. *História, Ciência, Saúde - Manguinhos*, v. 8 (suplemento), p. 899-924, 2001.

SAID, Edward Wadie. *Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993*. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SALLES, Ricardo. As águas do Niágara. 1871: crise da escravidão e o ocaso saquarema. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (org.). *O Brasil Imperial*, 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. v. 3: 1870-1889.

SANTOS, Almiraci Dantas dos. *Ladislau Netto no Museu Nacional: Memória Institucional (1870-1893)*. 2021. 113 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Joel Rufino. *O que é racismo*. São Paulo: Abril Cultural; Editora Brasiliense, 1984.

SANTOS, Paulo Coelho Mesquita. *O Brasil nas Exposições Universais (1862 a 1911): mineração, negócio e publicações*. 2009. 295 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2009.

SANTOS, Ynaê Lopes dos. *Racismo brasileiro: uma história da formação do país*. São Paulo: Todavia, 2022.

SCHMIDT, Benito Bisso. *Luz e papel, realidade e imaginação: as biografias na história, no jornalismo, na literatura e no cinema*. Comunicação apresentada na sessão “A abordagem biográfica: meios e fins em diferentes campos de expressão e saber” do GT “Biografia e memória social”. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 22., 1998, Caxambu, MG. *Anais [...]*. Caxambu, MG: ANPOCS, 1998. Disponível em: [http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_view&gid=5031&Itemid=359](http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=5031&Itemid=359). Acesso em 06 de abr. 2021.

SCHWÄRCZ, Lillia Moritz. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. Um monarca nos trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a Academia Imperial de Belas-Artes e o Colégio Pedro II. In: \_\_\_\_\_. *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 125-157.

SILVA, Eduardo. “Domingo, dia 13: o underground abolicionista, a tecnologia de ponta e a conquista da liberdade”. In: ABREU, Martha; PEREIRA, Matheus Serva (Orgs.). *Caminhos da Liberdade: histórias da abolição e do pós-abolição no Brasil*. Niterói: PPGHistória - UFF, 2011.

SILVA, Kalina Vanderlei. *Biografias*. Novos temas nas aulas de História. São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, Lissa dos Passo e. *Preto na cor, Branco nas ações: representações raciais no Teatro de Revista. O caso da peça Seccos e Molhados, 1924*. 2021. 115f. Dissertação (Mestrado em História Social), Universidade Federal Fluminense - UFF, Niterói, 2021.

SILVA, Marcelly Pedra Rezende da. *Cartas para que te quero: Francisco Freire Allemão e a comunidade científica dos oitocentos*. 2014. 204 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2014.

SILVA, Nicolau Duarte. “Cabral e os Fenícios”. In: *Revista do Arquivo Municipal CLXXX - Edição Comemorativa do 25º aniversário da morte de Mário de Andrade*. São Paulo: Secretaria de Educação - Departamento de Cultura, 1970, p. 173-192.

SILVA, Paulo Vinícius Aprígio. “Jangada em Mar de Pedra: Ladislau Netto, a Antropologia e o Museu Nacional”. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 14., 2014, Belo Horizonte. *Anais Eletrônicos* [...]. Belo Horizonte: UFMG: SNHCT, 2014. Disponível em: [http://www.14snhct.sbhc.org.br/arquivo/download?ID\\_ARQUIVO=1858](http://www.14snhct.sbhc.org.br/arquivo/download?ID_ARQUIVO=1858). Acesso em: 14 jun. 2021.

\_\_\_\_\_. *No teatro de Marianne: o Museu Nacional, as Ciências e o Império*. 2017. 204 f. Tese (Doutorado em História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia) – Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SILVA, Priscila Velozo da. O Movimento Geográfico Luso e a Criação da Sociedade de Geografia de Lisboa. *Transversos*, Rio de Janeiro, v. 03, n. 03, out./mar. 2014/2015.

SLENES, Robert W. Malungo, ngoma vem! África coberta e descoberta no Brasil, *Revista USP*, n. 12, p. 48-67, dez./jan./fev., 1991-1992.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano; GOMES, Flávio dos Santos; FARIAS, Juliana Barreto. *No Labirinto das Nações: africanos e identidades no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

SOARES, Mariza de Carvalho; LIMA, Rachel Corrêa. “A Africana do Museu Nacional: história e museologia”. In: AGOSTINI, Camilla (org.) *Objetos da Escravidão: abordagens sobre a cultura material da escravidão e seu legado*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013. p. 337-360,

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUTO, Bárbara Figueiredo. “Francisca Senhorinha e a inserção das mulheres no espaço público: imprensa, educação e feminismo no Brasil oitocentista”. In: ASSIS, Maria Elisabete Arruda de; SANTOS, Taís Valente dos (org.) *Memória feminina: mulheres na história, história de mulheres*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Editora Massangana, 2016. p. 99-108.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *Em busca do Brasil: Edgard Roquette-Pinto e o retrato antropológico brasileiro (1905-1935)*. 2011. 382 f. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz, FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2011.

THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em Comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TOSTES, Vera Lúcia Brottel. “Apresentação”. In: BENCHETRIT, Sarah Fassa; BEZERRA, Rafael Zamorano; MAGALHÃES, Aline Montenegro (orgs.). *Museus e Comunicação: exposições como objetos de estudo*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2010. p. 7-8.

TOPINE, Matheus Pimentel da Silva. *Os requebros do maxixe: raça, nacionalidade e disputas culturais no Rio de Janeiro (1880-1915)*. 2018. 138f. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2018.

TROITINHO, Bruna Ribeiro. Raça, colonialidade e poder desde Anténor Firmin. *Tessituras*, Pelotas, v.9, n.1, jan-jun 2021.

VELOSO JÚNIOR, Crenivaldo Regis. *Os “curiosos da natureza”*: Freire-Allemão e as práticas etnográficas no Brasil do século XIX. 2013. 157 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

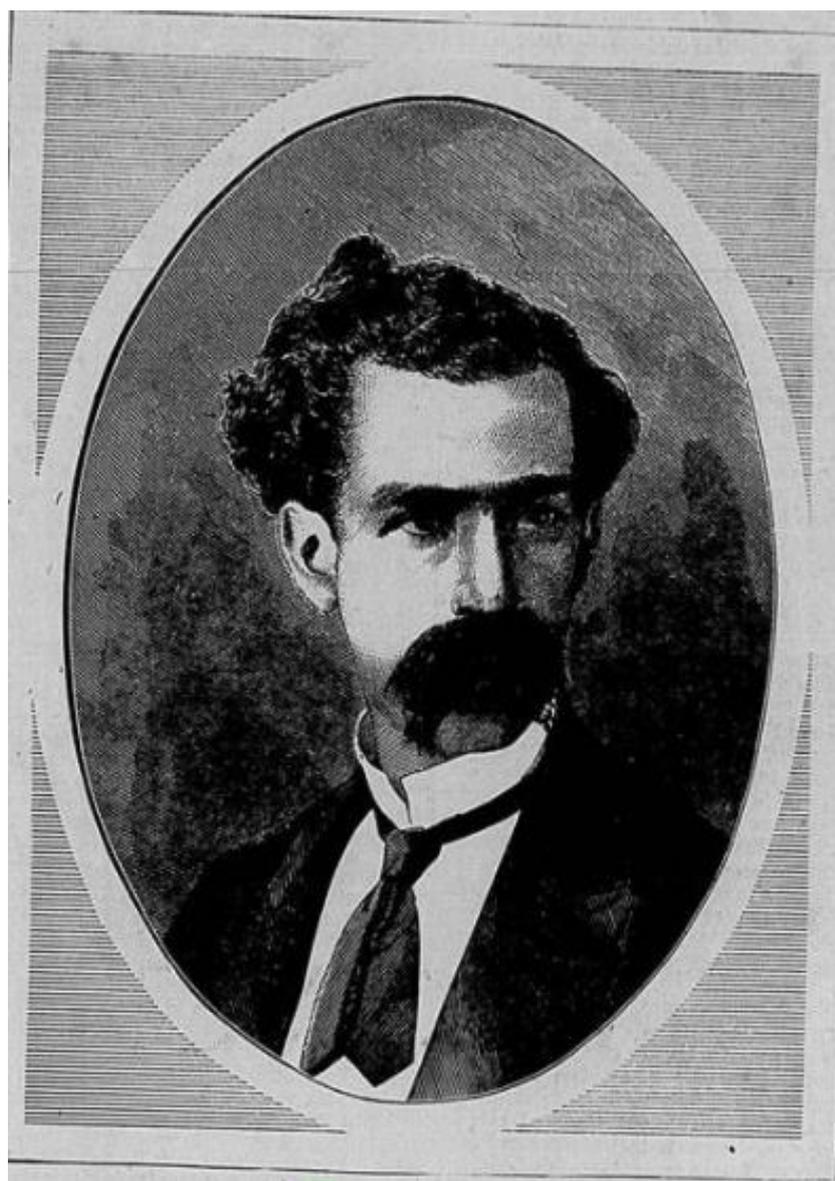
VIANNA, Hélio. *D. PEDRO I e D. PEDRO II: Acréscimos às suas biografias*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966.

XAVIER, Patrícia Pereira. *O Dragão do Mar na “Terra da Luz”*: a construção do herói jangadeiro (1934-1958). 2010. 141 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

## 8 ANEXO

Ao longo deste trabalho, discorreremos sobre algumas visões e versões da vida de Ladislau de Souza Mello Netto. Para compor a tese, escolhemos evidenciar alguns retratos do sujeito. Para os outros, reservamos este espaço.

### Anexo 1 - O Jovem Ladislau Netto



Fonte: Fotografia dos Srs. Christiano Jr. & Pacheco - *O Novo Mundo - Periódico Illustrado do Progresso da*  
*Edade* em 23 de novembro de 1872, p. 33.

Anexo 2 - O Maduro Ladislau



Fonte: LACERDA, 1905, p. 36.

OS HOMENS DO DIA

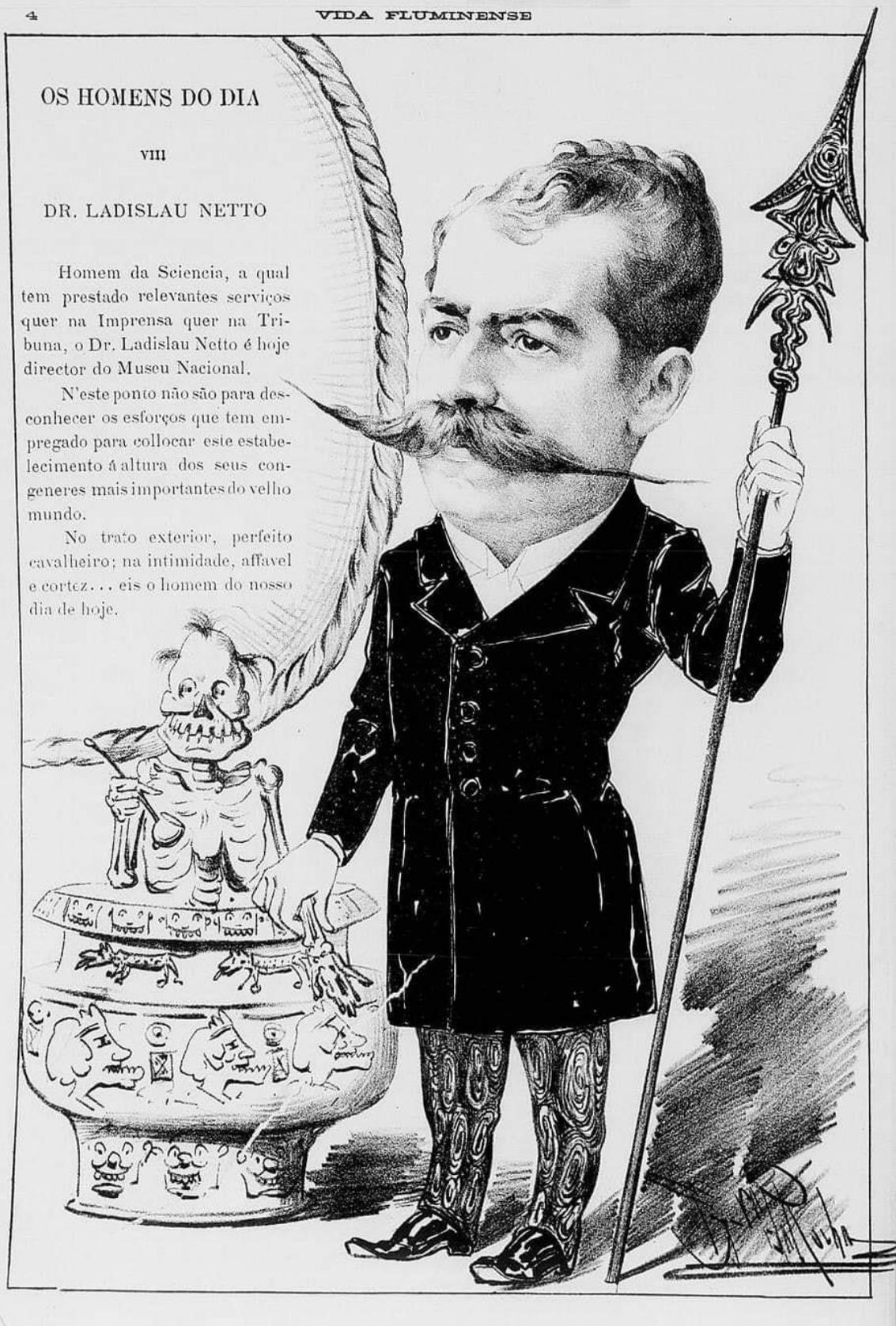
VIII

DR. LADISLAU NETTO

Homem da Sciencia, a qual tem prestado relevantes serviços quer na Imprensa quer na Tribuna, o Dr. Ladislau Netto é hoje director do Museu Nacional.

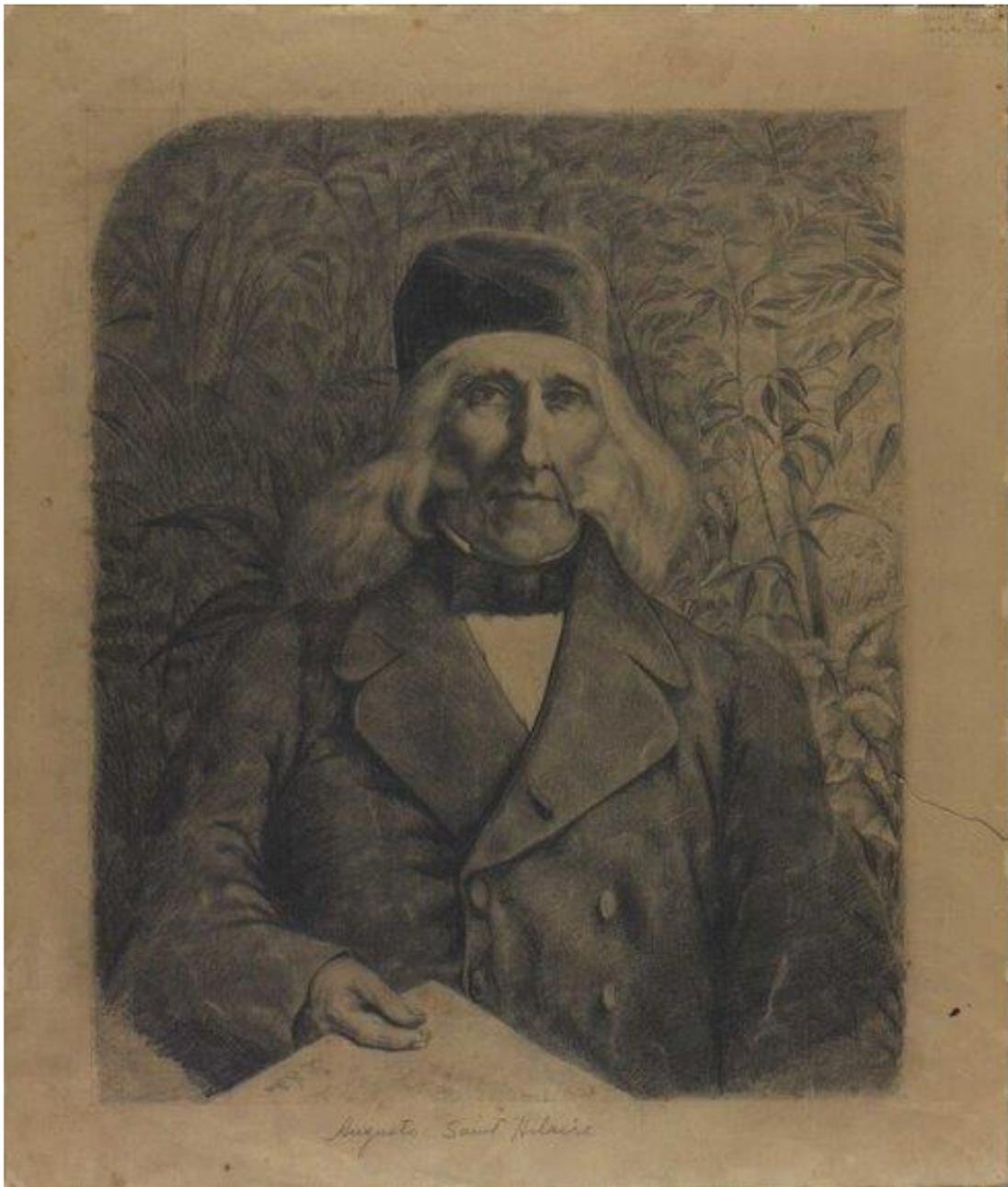
N'este ponto não são para desconhecer os esforços que tem empregado para collocar este estabelecimento á altura dos seus congeneres mais importantes do velho mundo.

No trato exterior, perfeito cavalheiro; na intimidade, affavel e cortez... eis o homem do nosso dia de hoje.



Aproveitamos também esse espaço para incluir neste trabalho mais um dos desenhos criados por Ladislau Netto. Trata-se de um retrato de Augustin François César Prouvençal de Saint-Hilaire (1779-1853), botânico, naturalista e viajante francês.

#### Anexo 4 - Auguste Saint Hilaire

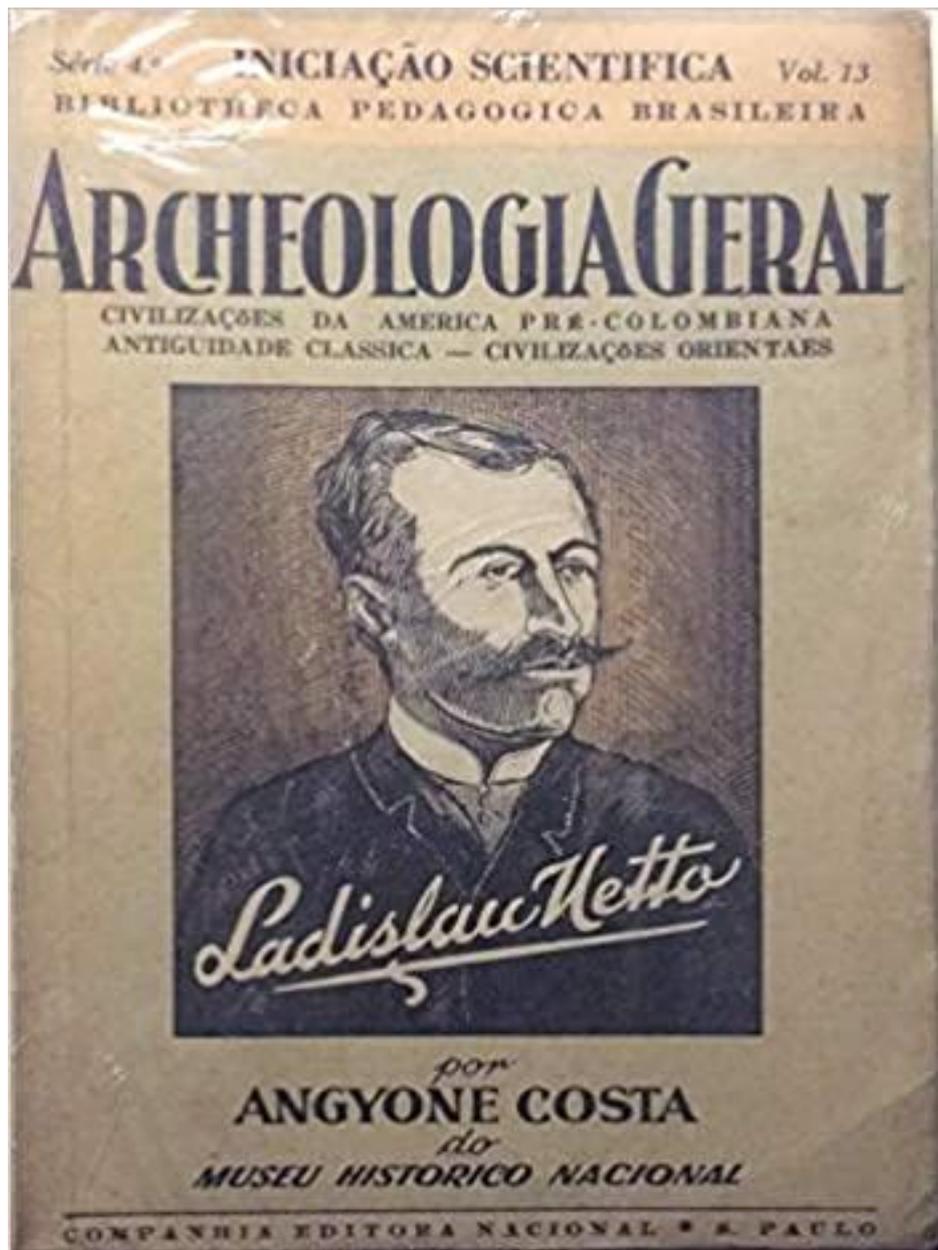


Fonte: NETTO, Ladisláo. **Auguste Saint Hilaire**. [S.l.: s.n.], [18--]. 1 desenho, grafite, 53 x 44,7 cm.  
Disponível em: <[http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_iconografia/icon530220/icon530220.jpg](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon530220/icon530220.jpg)>.

Acesso em: 10 ago. 2021.

No início do século XX Ladislau Netto se tornou capa do livro de Angyone Costa. Vale dizer que num livro sobre Arqueologia em que o sujeito figura a capa, esperávamos que fosse ele a figura principal para tratar da Arqueologia no Brasil. O que não foi o caso. Contudo, imaginamos que este ilustra a capa por ser considerado por alguns o pai da Arqueologia no Brasil.

Anexo 5 - Ladislau virou capa de livro



Fonte: COSTA, 1936.